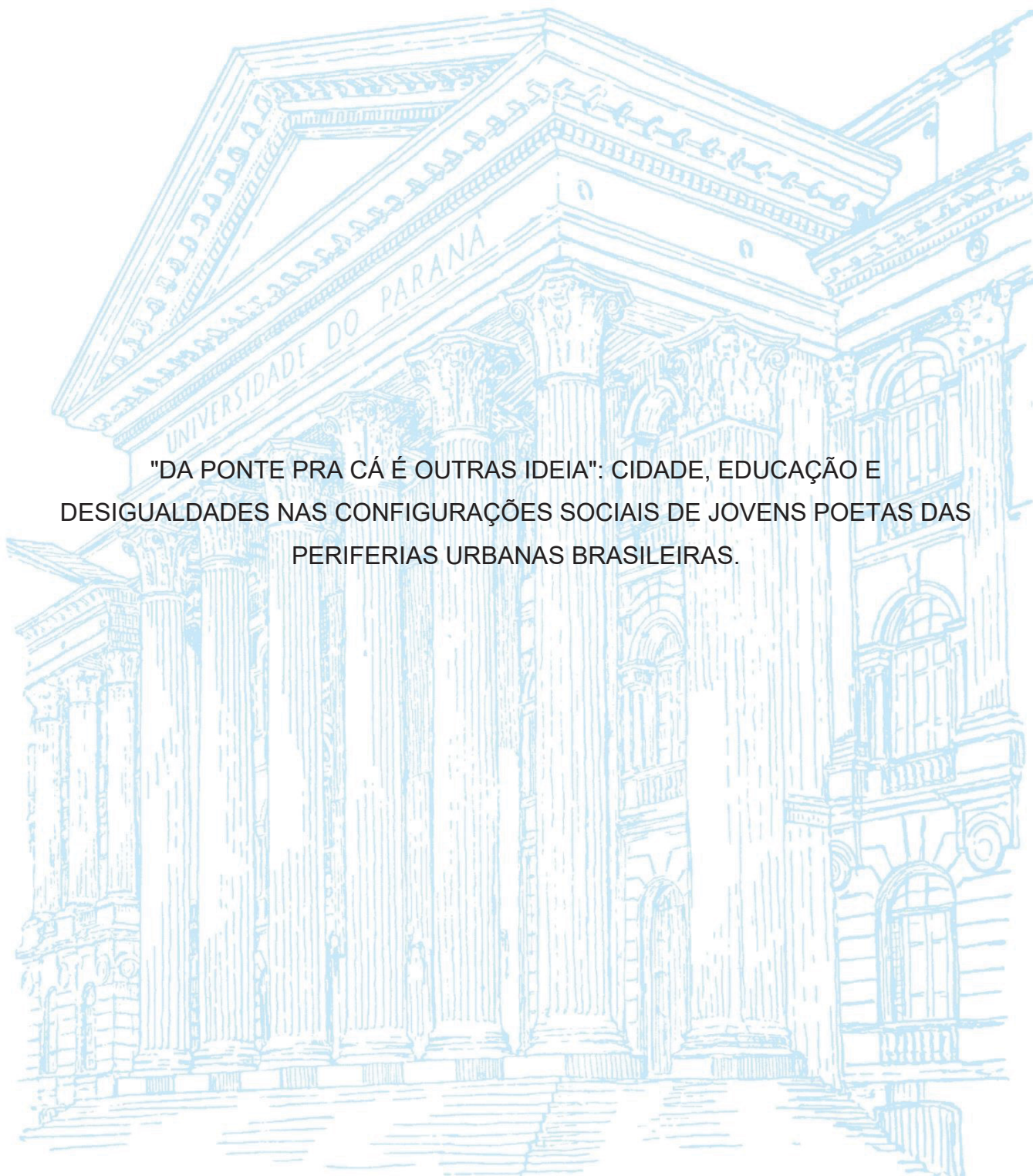


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIA CRISTINA DOS SANTOS



"DA PONTE PRA CÁ É OUTRAS IDEIA": CIDADE, EDUCAÇÃO E  
DESIGUALDADES NAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS POETAS DAS  
PERIFERIAS URBANAS BRASILEIRAS.

CURITIBA

2023

MARCIA CRISTINA DOS SANTOS

"DA PONTE PRA CÁ É OUTRAS IDEIA": CIDADE, EDUCAÇÃO E  
DESIGUALDADES NAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS POETAS DAS  
PERIFERIAS URBANAS BRASILEIRAS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação, Setor de Educação, Universidade  
Federal do Paraná, como requisito parcial à  
obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Milena Rohrich  
Ferreira

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Santos, Marcia Cristina dos.

"Da ponte pra cá é outras ideia : cidade, educação e desigualdades nas configurações sociais de jovens poetas das periferias urbanas brasileiras / Marcia Cristina dos Santos – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

1. Juventude. 2. Educação. 3. Campeonatos de poesia falada. 4. Relações raciais. 5. Periferias. I. Ferreira, Valéria Milena Rohrich. II. Universidade Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **MARCIA CRISTINA DOS SANTOS** intitulada: **"DA PONTE PRA CÁ É OUTRAS IDEIA": CIDADE, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES NAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS POETAS DAS PERIFERIAS URBANAS BRASILEIRAS**, sob orientação da Profa. Dra. VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Junho de 2023.

Assinatura Eletrônica

04/07/2023 10:22:48.0

VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/07/2023 19:20:45.0

LUCIMAR ROSA DIAS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

24/07/2023 17:12:52.0

DANIELA SILVA DE FREITAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS)

Assinatura Eletrônica

14/08/2023 13:40:04.0

DINA MARIA ROSÁRIO DOS SANTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)

Aos meus amados pai e mãe, seu Gentil e dona Lucia; e às crianças que me inspiram e motivam diariamente: Allan, Jean, Ellen, Heitor, Jhonatan, Luiz, Alex, Nina, Maria, Samuel, Elisa, Arthur e Bernardo!

## **AGRADECIMENTOS**

Se cheguei até aqui é porque outras vieram abrindo caminho, por isso, agradeço à minha ancestralidade.

À minha família pelo apoio incondicional. Finalmente posso dizer que a filha do pedreiro, analfabeto e da ex-servente de limpeza de fábrica, alfabetizada, é doutora. Fui a primeira da família a entrar na Universidade pública, mas não fui a única. Hoje minha mãe e meu pai, que tiveram o acesso à educação negado, podem comemorar com as/os filhas/os e netas/os as aprovações e formaturas, mesmo sem saber direito o que a gente faz.

Agradeço especialmente à minha (melhor) orientadora/amiga, Valéria, cuja humanidade fez toda a diferença neste processo árduo, potencializado por uma pandemia e tantas outras situações, vencidas com muita força e apoio mútuo.

Às professoras e professores da Linha de Pesquisa Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade social, principalmente a Lucimar, a Sueli, o Jamil, a Ângela e o Paulo.

Às amigas e colegas, especialmente as do Grupo de estudos em Território, Educação e Cidade (TECI) e da turma Sojo Truth, por todos os compartilhamentos e apoio em momentos importantes.

Ao NEAB, pelo empréstimo do notebook utilizado na pesquisa.

À CAPES, pela concessão de bolsa.

*[...] Quem costuma vir de onde eu sou  
Às vezes não tem motivos pra seguir!  
Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda  
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz  
Coisas que te faz prosseguir!  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
Irmão, você não percebeu  
Que você é o único representante  
Do seu sonho na face da terra  
Se isso não fizer você correr, chapa  
Eu não sei o que vai  
Eu sei (sei!), cansa  
Quem morre ao fim do mês  
Nossa grana ou nossa esperança  
Delírio é, equilíbrio  
Entre nosso martírio e nossa fé  
Foi foda contar migalha nos escombros  
Lona preta esticadas, enxada no ombro  
E nada vim, nada enfim  
Recria sozinho  
Com a alma cheia de mágoa e as panelas vazias  
Sonho imundo, só água na geladeira  
E eu querendo salvar o mundo  
No fundo é tipo David Blaine  
A mãe assume, o pai some de costume  
No máximo, é um sobrenome  
Sou o terror dos clones  
Esses boys conhecem Marx  
Nós conhecem a fome  
Então cerra os punhos, sorria  
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia  
Quem costuma vir de onde eu sou  
Às vezes não tem motivos pra seguir  
Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda  
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz  
Coisas que te faz prosseguir  
Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
Somos maior, nos basta só sonhar, seguir.<sup>1</sup>*

*EMICIDA part. RAEL LIMA. Levanta e anda. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2014. (2:57 min)*

---

<sup>1</sup> Foram inúmeros os dias que me faltaram forças, em vários deles, meu companheiro Wellington me mandava essa música ou a “Vamos acordar” dos Racionais MC’s para me incentivar.

## RESUMO

Nesta tese, analiso aspectos das configurações sociais de jovens poetas/slammers das periferias brasileiras, a partir da sua relação com a cidade e os territórios; e como a educação permeia esses processos. Os materiais produzidos para esta tese contam com um inventário de poesias sobre cidade, vídeos, reportagens, documentários sobre os slams no Brasil e o levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, e está fundamentada, principalmente, na teoria sociológica configuracional de Norbert Elias, com a retomada de aspectos históricos importantes. A partir da análise dos materiais, foi possível perceber a predominância da lógica centro-periferia nas cidades brasileiras e, apesar das peculiaridades de cada região, todas enfrentam problemas com ofertas de bens, serviços e equipamentos públicos nas áreas mais afastadas dos centros, possuem muitos problemas de mobilidade urbana e reproduzem um tipo de estigmatização calcada no racismo, na LGBTQIAPN+fobia, no machismo, na aporofobia e são muito violentas. Em diversos momentos, ficam evidentes configurações do tipo estabelecidos/*outsiders* mutáveis e dinâmicas que sentem a resistência dessa juventude que, em sua maioria são pretas/os, pobres e periféricas/os, e, para quem os slams proporcionam consciência socioeconômica e política; possibilitam a participação ativa da vida da cidade; a frequência a espaços antes negados e mudança nas paisagens; ajudam a alterar suas formas de perceber e lidar com as diferenças e estigmatizações, construindo uma autoestima positiva; e provocando o desequilíbrio nas balanças de poder.

Palavras-chave: 1. Juventudes 2. Educação 3. Poetry Slam 4. Periferia 5. Relações étnico-raciais

## **ABSTRACT**

In this thesis, I analyze aspects of the social configurations of young poets/slammers from the Brazilian peripheries, based on their relationship with the city and territories; and how education permeates these processes. The materials produced for this thesis include an inventory of poems about the city, videos, reports, documentaries about slams in Brazil, and a bibliographic survey in national and international databases, and is mainly based on Norbert Elias's configurational sociological theory, with the resumption of important historical aspects. From the analysis of the materials, it was possible to perceive the predominance of the center-periphery logic in Brazilian cities and, despite the peculiarities of each region, all face problems with offers of goods, services, and public equipment in areas farthest from the centers, have many problems of urban mobility and reproduce a type of stigmatization based on racism, LGBTI+ phobia, sexism, aporophobia, and are very violent. At various times, mutable and dynamic established/outsider configurations become evident. These feel the resistance of this youth who, mostly black, poor, and peripheral, and for whom the slams provide socioeconomic and political awareness; enable active participation in city life; the access to spaces previously denied and change in landscapes; help to change their ways of perceiving and dealing with differences and stigmatizations, building positive self-esteem; and cause imbalance in the scales of power.

Keywords: 1. Youth 2. Education 3. Poetry Slam 4. Periphery 5. Ethnic-racial relations

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de regiões e Slammers selecionados.....	32
Figura 2 – Descrição da página Slam Resistência no Facebook .....	56
Figura 3 – Foto da poeta Amanda Marques A+ .....	101
Figura 4 – Divulgação de Lançamento da Música Cenários .....	102
Figura 5 – Foto do Poeta Kenyt.....	107
Figura 6 – Foto aérea da ocupação cultural Mateus Santos .....	113
Figura 7 – Foto do poeta Velho Banzo .....	114
Figura 8 – Foto da Poeta Bixarte.....	116
Figura 9 – Foto do Poeta Mateus Brito MB do Acre .....	119
Figura 10 – Divulgação Graffiti nas quebradas .....	120
Figura 11 – Trabalhos feitos em Oficinas do Projeto Graffiti na quebrada 2022 .....	120
Figura 12 – Divulgação Projeto Geladeira de livros .....	121
Figura 13 – Média De Deslocamento Casa-Trabalho Nas Capitais Brasileiras.....	137
Figura 14 – Distribuição cor/raça Brasília.....	140
Figura 15 – Concentração da População Negra em São Paulo .....	142
Figura 16 – Notícia sobre a Lavagem da Rua XV de novembro .....	147
Figura 17 – Mapa Distribuição Percentual da População Negra em Curitiba.....	149
Figura 18 – Manchete Do Jornal Folha De São Paulo De 23/09/2016.....	150
Figura 19 – Reportagem sobre Efeitos da Live Realizada pelo Presidente Bolsonaro em junho de 2020 .....	151
Figura 20 – Taxa de Homicídios para cada 100 mil habitantes no Brasil em 2018 .	168
Figura 21 – Taxa de Homicídio de Jovens das Capitais Brasileiras.....	169
Figura 22 – Notícia do Jornal Folha de S. Paulo, 08 de abril De 2019.....	174
Figura 23 – Taxa de homicídios de mulheres.....	181

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista De Participação Em Eventos Virtuais .....	27
Quadro 2 – Vídeos, Reportagens e Documentários sobre <i>Slam</i> .....	28
Quadro 3 – Poesias Por Cidade/Estado/Região (Geral) .....	30
Quadro 4 – Revistas por área agrupada .....	46
Quadro 5 – Teses e dissertações por área .....	55
Quadro 6 – Temas abordados nas poesias por Cidade/Estado/Região (Geral).....	90

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Artigos por ano de publicação .....	45
Gráfico 2 – Teses e dissertações selecionadas por ano de publicação .....	54
Gráfico 3 – Proporção de Pobres por UF .....	163
Gráfico 4 – Mortes Decorrentes de Intervenções Policiais no Brasil (2013-2021)...	171
Gráfico 5 – Taxa de Mortalidade por Intervenção de Policiais Civis e Militares por UF. ....	175
Gráfico 6 – Variação da Taxa de Mortes Violentas Intencionais por Regiões (2020-2021) .....	176

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AJA	– Associação da Juventude Paranaense
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS AD	– Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas
CNJ	– Conselho Nacional de Justiça
ERIC	– Education Resources Information Center
FBSP	– Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FGV	– Fundação Getúlio Vargas
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPR	– Instituto Federal do Paraná
MVI	– Mortes violentas intencionais
NTICs	– Comunicação política e novas tecnologias de informação e comunicação
ONU	– Organização das Nações Unidas
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGE	– Programa de Pós-graduação em Educação
SCIELO	– Scientific Electronic Library Online
SMPIR	– Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial do Município de São Paulo
TEM	– Teatro Experimental do Negro
UFPB	– Universidade Federal da Paraíba
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
USP	– Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA: INVENTARIANDO POESIAS SOBRE CIDADE, PRODUZINDO E ORGANIZANDO MATERIAIS .....	25
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA <i>POETRY SLAM</i></b> .....	<b>34</b>
2.1 DAS PERIFERIAS DE CHICAGO PARA AS QUEBRADAS DO BRASIL .....	34
2.2 “A PERIFERIA UNIDA, NO CENTRO DE TODAS AS COISAS”: <i>SLAM</i> E CIDADE NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS .....	42
2.2.1 Artigos nacionais e internacionais .....	44
2.2.2 Teses e dissertações.....	54
<b>3 CONCEITOS E TEORIAS RELEVANTES PARA A PESQUISA</b> .....	<b>65</b>
3.1 EU, NÓS E OS OUTROS: MARCADORES DE FUNÇÃO E POSIÇÃO NA ESTRUTURA SOCIAL .....	65
3.2 OLHANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE .....	72
3.3 CIDADE, TERRITÓRIO E JUVENTUDES.....	82
<b>4 A VIDA É DIFERENTE DA PONTE PRA CÁ</b> .....	<b>89</b>
4.1 A PERIFERIA É PRETA, POBRE E POÉTICA .....	90
4.2 QUEM SÃO E DE ONDE VÊM AS POETAS E OS POETAS QUE PROTAGONIZAM ESSA PESQUISA? .....	99
4.2.1 Amanda Marques A+.....	101
4.2.2 Kenyt .....	107
4.2.3 Velho Banzo .....	114
4.2.4 Bixarte .....	115
4.2.5 Mateus Brito – MB.....	118
<b>5 A PERIFERIA É POESIA: EMOÇÕES, SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS EM VERSOS</b> .....	<b>122</b>
5.1 DA PONTE PRA CÁ ANTES DE TUDO É UMA ESCOLA.....	122
5.2 A RUA É NÓIS! A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA CONFIGURAÇÃO ESTABELECIDOS E <i>OUTSIDERS</i> .....	134
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>192</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>199</b>
<b>ANEXO 1 QUADROS E TABELAS</b> .....	<b>212</b>
<b>ANEXO 2 – IMAGEM DE NOTÍCIA CITADA</b> .....	<b>221</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para compreendermos de que trata a sociologia, temos que nos distanciar de nós mesmos, temos que nos considerar seres humanos entre os outros. Na verdade, a sociologia trata dos problemas da sociedade e **a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um de seus membros.** (ELIAS, 2008, p. 13, grifos meus).

Esta tese tem a finalidade de contribuir para as discussões da linha de pesquisa *Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação*, vinculada especialmente aos debates sobre Juventudes, cidades e desigualdades<sup>2</sup>. Para tanto, me proponho a analisar a relação entre esses conceitos a partir do *poetry slam* ou *slam*, que são essencialmente batalhas de poesia falada com temas livres que geralmente estão ligados a questões atuais, cuja apresentação conta com uma performance corporal e artística e está na base da construção deste trabalho. Adotarei uma abordagem multidisciplinar, apresentando contribuições das diversas áreas que se aproximam dos temas, mas vou focar especialmente nos referenciais teóricos das Ciências Sociais, base da minha formação acadêmica, e na área de Educação.

Considero importante salientar, já de início, a centralidade da visão de Norbert Elias na constituição desta tese, especialmente no que se refere à relação entre indivíduo e sociedade, explicitada pelo uso dos pronomes eu-nós-outros, destacada na epígrafe. Para este autor, a sociedade é definida como uma sociedade de indivíduos. Ele parte do princípio de que não há a possibilidade de separar o todo das partes, bem como uma parte se sobrepõe à outra de maneira fixa. Ou seja, não dá para pensar o indivíduo descolado da sociedade, nem esta exercendo força de maneira mecânica ou determinista sobre o indivíduo o tempo todo.

Esse debate será aprofundado adiante; por ora essa ideia é importante para que os leitores entendam que, enquanto pesquisadora, eu também sou parte dessa sociedade. Portanto, a escolha do tema não aconteceu de forma aleatória, mas devido a configurações<sup>3</sup> sociais específicas e à posição que ocupo dentro delas.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis,

---

<sup>2</sup> Desigualdades: usei o termo no plural porque vou falar de várias formas de desigualdades (social, econômica, étnico-racial, territorial etc.).

<sup>3</sup> Nas obras de Norbert Elias, configurações e figurações são utilizadas com o mesmo significado, dependendo da tradução, portanto, não pretendo fazer distinção entre as palavras.

sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o verdadeiro problema: em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica. (Elias, 1994, p. 22).

O conceito de rede é explicado pelo autor por meio da analogia com uma rede de tecidos, na qual há uma interligação entre fios que se conectam uns aos outros. A totalidade dessa rede só é compreendida pela maneira como eles se unem numa relação recíproca. Dessa maneira, não é possível entender a completude dessa rede observando um fio ou vários fios isolados. Adoto o conceito de redes de interdependência (ELIAS, 1994) para me referir às relações sociais estabelecidas pelos indivíduos e às configurações que resultam delas. Essas redes são permeadas por relações de poder que não são fixas e que permitem o deslocamento do equilíbrio, com maior ou menor variação, dependendo de cada situação. Ou seja, elas são elásticas e dependem das escolhas feitas em seu interior, que podem variar conforme os sujeitos e contextos de interação.

Contemplando o pensamento de Elias (1994, p. 151-152), ao responder à pergunta “Quem sou eu?” enquanto ser social e individual, poderia dizer meu nome: Marcia Cristina dos Santos ou simplesmente Marcia Cristina, que é como costume me apresentar. Essa primeira parte diz respeito a mim mesma enquanto indivíduo, porém o sobrenome remete à minha família, um grupo de pessoas que faz parte da minha vida desde que nasci e do qual herdei características biológicas e sociais. Essa família faz parte de uma das tantas configurações sociais nas quais estou inserida. Ao utilizar a minha formação e atuação profissional como forma de me identificar: bacharela e licenciada em Ciências Sociais (UFPR), mestra e doutoranda em Educação, Professora de Sociologia na Rede Estadual (de 2014 a 2019), nos cursinhos populares da ONG SuperAção (2019-2020 e 2022) e da Associação da Juventude Araucariense - AJA (2022-2023), subentende-se que, para cada uma dessas referências, houve um processo de formação e relações sociais que envolveram diversas configurações. Trata-se de um processo que perpassa a minha história pessoal e que também possui elos que me ligam a diversas redes de interdependência que proporcionaram a possibilidade de que eu estabelecesse relações sociais diversas e que ajudaram a formar a minha identidade atual. Um processo difícil,

marcado por dificuldades, tensões e desequilíbrios de poder, mas com mudanças significativas ao longo da trajetória.

Para Elias (1994, p. 151-152), o conceito de identidade humana não é estático; ele está vinculado a um processo cuja construção é pautada na relação *eu-nós*, que remete à indissociabilidade da existência dos sujeitos como seres individuais e como seres sociais. A identidade de uma pessoa pode ser alterada ao longo da vida devido às configurações sociais das quais ela participa, ou seja, a construção da identidade é dinâmica nas diversas fases e contextos da vida dos sujeitos. Assim, a minha identidade atual foi construída a partir de configurações sociais que incluem as minhas relações familiares: sou a filha da dona Lucia e do seu Gentil, irmã do Negão, do Lê, da Fá e da Fran, conhecidos por todos na nossa “quebrada”<sup>4</sup>. Uso a minha rede de relações com o propósito de facilitar a compreensão do conceito, bem como expor as configurações que me aproximaram da temática da pesquisa:

Mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte. Mas as diferenças entre os rumos seguidos por diferentes indivíduos, entre as situações e funções por que eles passam no curso de sua vida, são menos numerosas nas sociedades mais simples do que nas complexas. (Elias, 1994, p. 27).

Fui a primeira de cinco filhos. Nasci em Curitiba no ano de 1984. Minha mãe, mulher negra, alfabetizada, trabalhou como empregada doméstica e diarista durante a minha infância, funções que teve que deixar quando meus irmãos mais novos nasceram, voltando ao mercado de trabalho como servente de limpeza em fábricas, somente quando eles estavam maiores. Meu pai, pardo, descendente de indígenas, analfabeto, cresceu trabalhando em fazendas no interior do Paraná. Quando se mudou para Curitiba, passou a trabalhar na construção civil, inicialmente como servente de obras e depois como pedreiro. Moramos em ocupações tidas como irregulares no bairro Pinheirinho, na região sul da cidade de Curitiba, e no bairro Abranches, na região Norte, até meados de 1989, quando mudamos para Araucária, cidade que integra a área metropolitana sul de Curitiba. Nesta cidade moramos numa

---

<sup>4</sup> Optei por este termo porque além de usá-lo no cotidiano, ele vai aparecer com frequência nas poesias e falas dos sujeitos desta pesquisa. Trata-se de uma maneira informal de se referir a lugares, geralmente, da periferia. Ao falar “minha quebrada” as pessoas evidenciam a ideia de pertencimento e uma relação afetiva com o espaço.

casa feita de pau-a-pique, lona e madeiras velhas, sem saneamento, água e luz. Nos primeiros anos, o ponto de ônibus mais próximo ficava a aproximadamente 3,5 Km de distância. Esse contexto me permitia uma gama muito restrita de relações sociais, o que incluía meu núcleo familiar e poucas pessoas da vizinhança. De 1991 a 1997 estudei numa escola municipal a duas quadras da minha casa e minhas relações sociais foram se ampliando, embora ainda estivessem limitadas ao espaço do bairro.

Aos 11 anos, comecei a cuidar de crianças na vizinhança, e aos 13, comecei estudar à noite em outro bairro (aproximadamente a 3 km de distância) até concluir o ensino fundamental. O colégio mais próximo que ofertava Ensino Médio em Araucária ficava no centro, a mais de 6 Km da minha casa. Fui estudar lá em 1999, mas acabei desistindo, entre outras razões, por dificuldade de me relacionar com as pessoas e por orientação das lideranças da igreja que eu frequentava à época, segundo as quais estudar demais comprometia a fé das pessoas e as afastava de Deus. No ano 2000, voltei a estudar durante o dia, mas continuava tendo que andar muito a pé, principalmente no primeiro ano. Algum tempo depois, a Prefeitura permitiu que usássemos o ônibus escolar do município.

Considero pontos importantes do meu contexto social e familiar, marcado pela pobreza e falta de acesso à educação e, também, o meu pertencimento racial que hoje faz parte da minha identidade e que foi construído nessas relações. Sempre tive a pele mais clara que o restante da minha família. Minha mãe sentia “orgulho” de contar que, na gravidez, alguns dos meus parentes paternos diziam que não iam cuidar da “pretinha” dela e que, quando eu nasci, tiveram que engolir o fato de eu ser “branca”. Lembro que ela evitava cortar os meus cabelos e os das minhas irmãs porque, diferente dela, tínhamos cabelos “bons”. Minhas irmãs engravidaram na adolescência, e meus irmãos, à época, não conseguiram lidar com o racismo e o preconceito que sofriam diariamente na escola, deixando de estudar ainda no Ensino Fundamental. Eram taxados como desinteressados e vagabundos. Para algumas pessoas, o destino deles era certo: seriam bandidos. De fato, as limitações impostas pelas redes de interdependência dos jovens negros da periferia oferecem possibilidades muito restritas, especialmente quando a hostilidade do ambiente dificulta sua permanência nos espaços escolares. Vimos e ainda vemos muitos dos nossos morrerem por terem seguido outros caminhos. Por outro lado:

Toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. (Elias, 1994, p. 48).

No caso da minha família, apesar de toda a violência que marcou nossas infâncias, juventudes e percursos escolares, contrariamos as expectativas. Como a maioria dos jovens do nosso meio, meus irmãos e irmã mais nova aprenderam desde cedo o valor do trabalho e concluíram o ensino médio depois de adultos para ampliar suas oportunidades. Somente uma das minhas irmãs fez o Ensino Médio regular ainda adolescente, mesmo tendo que levar o filho para a escola nos últimos dois anos. Mas, logo em seguida, ela teve que trabalhar, voltando a estudar somente após os 30 anos, quando fez o curso Técnico e, atualmente, está cursando bacharelado em Ciências Contábeis no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Cada um construiu a sua trajetória como uma pessoa única e, mesmo partindo de configurações sociais semelhantes, seguimos caminhos diferentes, marcados pelas relações sociais estabelecidas na configuração social familiar e nas diferentes redes de interdependência construídas ao longo das nossas trajetórias. Foi a elasticidade dessas redes que nos permitiu fazer escolhas que alteraram os nossos destinos.

Voltando à questão racial, na época em que eu estava no cursinho, me lembro de ouvir uma vizinha conversando com a minha mãe e dizendo que havia comentado com a família dela o quanto era impressionante a diferença entre meus irmãos e eu. Para ela, a conclusão mais lógica era a de que eu era “melhor e mais esforçada” por ser “mais branca”. Só consegui chorar ao ouvir aquilo. Nós (meus familiares e eu) sabemos muito bem como as nossas relações sociais foram se construindo até ali, e minha vivência no trabalho já tinha me mostrado que eu não era branca e nem queria ser. Tenho uma doença de pele que impede que algumas áreas do rosto produzam pigmentação. Por conta disso, sempre ouvi comentários do tipo: “Você não me engana, eu sei que você é ‘neguinha’”. Uma vez, um colega de trabalho perguntou a origem das manchas e insinuou que seria melhor se elas se espalhassem uniformemente, afinal, nas palavras dele, “ser branca é bem melhor”. Quando questionei o comentário e falei que era racista, ele tentou se justificar, afirmou que não era isso o que quis dizer. No vestibular, fiz inscrição por cotas raciais com muito medo:

eu sabia que não era branca, mas não tinha certeza se podia me definir como negra. Só eu sei o quanto foi tenso passar pela banca de verificação. Após o ingresso na Universidade, no curso de química, em 2005, participei do Programa Brasil Afroatitude, que me ofereceu uma formação sobre a temática racial ampliando minhas perspectivas. Porém, conhecer o *slam* me ajudou a pensar sobre essa e outras questões que tinham mais a ver com o cotidiano do que com os debates empreendidos na academia. Vou apresentar a poesia que me fez refletir melhor sobre isso; depois de anos sem saber quem eu era, descobri que não estava sozinha. A letra abaixo representa um pouco desse meu sentimento:

Eu tenho um problema: meu ascendente é em Áries  
 E eu tenho outro problema  
 é que eu sou a menina que nasceu sem cor  
 Pra alguns eu sou branca  
 para outras eu sou Preta  
 para muitos e muitos eu sou parda  
 Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí  
 que parda é cor de papel  
 e a minha consciência racial  
 quando me chamam de parda  
 fique tão bamba quanto a autodeclaração  
 de artista pop como Anitta  
 quando pratica apropriação cultural  
 Eu sou a menina que nasceu sem cor  
 porque eu nasci num país sem memória, com amnésia,  
 que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra,  
 que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha,  
 que faz da redenção de Caim a sua Monalisa,  
 obra-prima da miscigenação.  
 E ode ao milagre da miscigenação,  
 calcado no estupro das minhas ancestrais,  
 na posse de corpos que nasceram para serem livres,  
 na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos.  
 E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota  
 e não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte  
 melanina pra minha pele ser retinta,  
 que os meus traços não sejam tão marcados.  
 O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado  
 que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai  
 herdado,  
 me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse.  
 Meninas pretas não brincam com bonecas pretas.  
 Mas faço questão de botar no meu texto que  
 pretas e pretos estão se armando, se amando.  
 Porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata,  
 café com leite, marrom bombom...  
 Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor,  
 mas um dia gritaram-me: NEGRA<sup>5</sup>. E eu respondi. (MIDRIA, 2020, transcrição  
 de vídeo).

---

<sup>5</sup> Referência à canção: Me gritaron negra! da poeta Victoria Santa Cruz.

Como mostrei em minha dissertação no mestrado (SANTOS, 2018), ao pesquisar a mobilidade das crianças pela cidade de Curitiba, pude constatar que aquelas que mais circulam pelos espaços da cidade constroem redes mais amplas do que as que não têm essa possibilidade. Da mesma forma, as minhas redes de interdependência foram sendo ampliadas conforme eu me apropriava de outros espaços. Vivendo nas bordas, a ideia de cidade recorrente no meu meio sempre remeteu à região central de Curitiba, tanto que algumas pessoas até hoje falam em “ir para a cidade” quando precisam ir ao centro. Talvez, por isso, a lembrança mais marcante que eu tenho da cidade que conheci na infância é a dos passeios esporádicos que realizava com a minha avó., íamos de ônibus até a Praça 19 de Dezembro, também conhecida como Praça da Mulher Nua , e fazíamos sempre o mesmo itinerário: andar pelo shopping olhando vitrines, passar nas “Lojas Americanas” para comprar uma barra de chocolate, ir caminhando até o Passeio Público e, depois de brincar no balanço, sentar num banco para comer o chocolate e retornar à praça para pegar o ônibus de volta pra casa.

Minha avó faleceu menos de um ano depois que mudamos para Araucária; eu tinha 6 anos. Até aos 18 anos, a “cidade” tornou-se um lugar de passagem, já que morávamos a 38 km de distância do endereço anterior, e para visitar os parentes era preciso atravessá-la. Diante da dificuldade de fazer isso com cinco crianças, minha mãe preferia não sair de casa. Desde então, minhas lembranças remetiam aos prédios, às luzes e ao trânsito, vistos das janelas dos ônibus, sempre em datas próximas ao Natal e ao ano novo. Quando completei 18 anos, comecei a procurar emprego formal pesquisando endereços de agências de emprego na lista telefônica e organizando a entrega de currículos com a ajuda de um mapa para aproveitar bem o tempo e gastar pouco dinheiro. Muitas vezes, passava o dia todo andando sem ter condições de almoçar.

A minha relação com a cidade foi alterada quando ingressei na Universidade Federal do Paraná, em 2005, no curso de química. Andava muito a pé pelo Centro e Centro Cívico para as atividades de formação do Programa Brasil Afroatidade. Realizava oficinas em vários campi da Universidade. O trajeto de casa até o Campus Centro Politécnico, onde eu estudava, era feito de ônibus. Eu saía de casa de madrugada e retornava à noite. Em 2006, fui morar na Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC) e depois em repúblicas na região central até concluir

a graduação, quando retornei para Araucária. A minha vivência em outros espaços me possibilitou novas redes, mudou minha relação e percepção da cidade e ampliou territórios, condições que possibilitaram a construção da minha identidade como mulher negra, periférica, professora e pesquisadora. Sempre estive em contato com a temática das relações raciais, sobretudo quando mudei do curso de química para o de Ciências Sociais em 2007. Também participei de grupos de pesquisa e fiz iniciação científica na área de Ciência Política, com as temáticas de comunicação política e novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Na monografia de graduação, discuti a implementação do sistema de cotas na UFPR e, no mestrado, me aproximei dos debates sobre infância e espaço, construindo uma dissertação na qual pude articular esses conceitos com as relações étnico-raciais.

Como professora de sociologia, convivia intensamente com jovens estudantes de Ensino Médio. A maioria delas/es, assim como eu, vivia na periferia, e as questões sociais, raciais, de classe, gênero e sexualidade estavam presentes tanto no conteúdo da disciplina que eu ministrava como nas relações com as/os estudantes e colegas de trabalho. As redes construídas nesse contexto proporcionaram uma troca muito rica que me trouxe um aprendizado imensurável, mas também tensões e desequilíbrios de poder que, por vezes, eram potencializados pelas diferenças geracionais e pela organização burocrática das escolas. A maioria dessas/es jovens não costumava circular muito pela cidade e não conhecia a capital, situação que restringia suas relações sociais a grupos e espaços específicos, impedindo a ampliação de suas redes e a percepção das diferenças. Com o tempo, percebi que os que mais circulavam e conseguiam expandir suas redes espaciais e sociais tinham um perfil semelhante entre si e participavam de batalhas de rima por toda a região. Eles se dedicavam à literatura, ao debate dos temas sociológicos e filosóficos, estavam sempre pesquisando e tirando dúvidas sobre diversos temas, traziam suas rimas para me mostrar nos intervalos de aula, pediam indicação de leituras e gostavam das aulas debatidas porque ajudavam na construção de argumentos. Geralmente, estudavam no período noturno, faziam estágio e cursos técnicos no Senai durante o dia, faltavam bastante às aulas e chegavam atrasados com frequência, às vezes pelo cansaço, pelo tempo gasto no transporte público ou horário de trabalho e outras razões. Por participar das batalhas em outros bairros de Araucária, Curitiba e outras cidades da região metropolitana, ganhavam troféus, prêmios em dinheiro e sempre voltavam com histórias interessantes e novos

conhecimentos adquiridos, mas eram criticados e malvistas pela maior parte dos professores, tanto pelas faltas e atrasos, quanto pela postura questionadora que adotavam nas aulas. Nitidamente, a experiência construída nos diversos espaços que frequentavam e a ampliação do número de relações sociais proporcionaram uma nova forma de perceber a relação *eu-nós-outros*, além de formas de conhecimento e apropriação de debates que não ocorriam quando participavam de um número mais restrito de configurações sociais.

Portanto, a minha história pessoal, as condições em que ela acontece e as relações sociais estabelecidas no decorrer da minha vida me levaram a prestar atenção e buscar saber mais sobre o *slam*. Desde o primeiro contato, entre 2014 e 2015, por meio das redes sociais, as poesias atraíram a minha atenção pela forma acessível utilizada na abordagem de temas socialmente relevantes e pelas imagens dos grupos de jovens ocupando espaços públicos, ouvindo e sendo ouvidos por seus pares, conseguindo exprimir em gestos e palavras sentimentos e preocupações e denúncias que também me representavam. E, mais do que isso, tinham uma relação direta com o que encarava no exercício da minha profissão, que coincidentemente começou na mesma época. A partir daí, comecei a incluir as poesias nas minhas aulas, usá-las para dar respaldo às questões teóricas já trabalhadas e como forma de acrescentar elementos para os debates. Ouvia e acompanhava vários grupos de todo o Brasil pelas redes sociais. Em dezembro de 2019, tive oportunidade de apresentar um trabalho num evento acadêmico realizado na Universidade de São Paulo (USP) e descobri pelas redes sociais que a final brasileira do *Slam*, o *Slam BR*, ocorreria nas mesmas datas e reservei um dia para assistir o evento, acompanhada pela minha orientadora e uma amiga e colega de doutorado. A citação a seguir, escrita por Roberta Estrela D'alva, *slammer*, atriz, pesquisadora e produtora cultural, formada em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP), Mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – São Paulo) e finalista da Copa do Mundo de Poesia Falada, em 2011, exemplifica muito bem a diferença de presenciar fisicamente uma batalha de *slam*:

De fato, a 'aura' (Benjamin, 1985) do *slam*, o momento presente em que o encontro se dá, não é passível de reprodução, e muito embora existam registros dos campeonatos e até mesmo livros de antologias com os poemas que são recitados, nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, ponto central desse tipo de manifestação. (ESTRELA D'ALVA, 2011, p.121).

Foi a primeira vez que presenciei um desses eventos, tenho dificuldades para exprimir a emoção que senti em palavras. Esse foi o momento que me fez redefinir o meu objeto e reformular a minha pesquisa. O evento contou com a participação majoritária de jovens negras/os de diferentes lugares do país, sendo mulheres e homens cis, trans e não-binários que usavam seus corpos e sua poesia como forma de protesto e resistência. Trouxeram debates extremamente relevantes que articulavam conceitos que me interessavam muito. Falavam de si, de suas vivências na periferia, de questões de gênero, raça e classe de maneira acessível e muito bem articulada. Suas vozes estavam sendo ouvidas num espaço elitizado da maior metrópole da América Latina, mas as/os jovens transcenderam aquele espaço quando, ao fim do evento, formaram uma roda em frente ao SESC e continuaram a compartilhar sua arte na rua: presenciei o espaço público central da cidade sendo, finalmente, ocupado por esses sujeitos que resistem às condições que os empurram para as margens.

Para Elias (1994, p. 30), “a historicidade do indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta é a chave para a compreensão do que é a ‘sociedade’”. Comecei essa introdução temendo falar excessivamente de mim e perder o foco, mas quis evidenciar com o resgate da minha história pessoal, que, enquanto indivíduo, existo porque estou inserida em diversas teias de relações que formam a sociedade e que esta existe porque é formada por indivíduos interdependentes:

Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto, essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele. (ELIAS, 1994, p. 35).

São esses fios da minha história que me ligam às temáticas educação, cidade e desigualdades e ao *slam* por tratarem de temáticas que me são caras. Cada mudança proporcionada pela constituição de uma relação social tem consequências na maneira com a qual passamos a nos relacionar com os outros, porque todas elas

constituem redes marcadas por interdependências (elos/conexões) e o caminho percorrido é possibilitado pela elasticidade e pelas limitações impostas por elas.

Em termos metodológicos, do projeto ao início da pesquisa empírica os rumos foram totalmente alterados. Assistir ao *Slam* BR 2019, no SESC Pinheiros em dezembro de 2019, me fez mudar de direção e, ao invés de estudar as dissonâncias entre jovens periféricos e a cultura no Museu Oscar Niemeyer, como pretendia inicialmente, voltei toda a minha atenção para os *slams*. Finalizei o ano de 2019 com planos de realizar uma pesquisa etnográfica que envolvesse pelo menos alguns *slams* de Curitiba e São Paulo e já conseguia me ver participando dos eventos. Organizei um calendário, fiz alguns planejamentos e pedi para que algumas pessoas da minha família me acompanhassem quando possível para ajudar nos registros fotográficos. Porém, nessa mesma época, foram registrados na China os primeiros casos de contaminação por um vírus altamente contagioso que se espalharia rapidamente pelo mundo e logo mudaria toda a rotina da população mundial, o SARS-CoV-2, causador de uma doença que ficou conhecida como COVID-19.

No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 e, em 06 de março, seguindo recomendações de órgãos internacionais, foi publicado o Decreto Legislativo número 06 de 2020, reconhecendo a situação de calamidade pública e pandemia no país. Dentre as medidas preventivas para evitar a contaminação estavam o isolamento social, o uso de máscara e álcool gel. Os eventos públicos foram suspensos, algumas cidades decretaram *lockdown*, proibindo as pessoas de saírem de casa por tempo determinado, e o número de mortes aumentava diariamente. Lembrar e escrever sobre isso traz uma memória triste de um sofrimento recente que ainda não foi superado e acho que jamais será.

Os anos de 2020 e 2021 foram de instabilidade, isolamento social, aulas, reuniões, eventos, consultas médicas, conversas com amigos e familiares e todas as formas de interação possíveis transferidas para o ambiente virtual - isso para quem tinha o privilégio de poder ficar em casa e ter acesso à internet e equipamentos que possibilitavam essas formas de contato. Nas classes populares, a maioria das pessoas continuou trabalhando, utilizando transporte público e ainda tendo os seus problemas aumentados, por conta do não funcionamento das creches e escolas, desemprego e diversas outras questões. Mas, o pior de tudo, com certeza, foi o medo de não sobreviver, de perder seus entes queridos, pois se assistia diariamente às cenas de corpos enrolados em sacos pretos sendo jogados em buracos, sem

identificação. Mesmo sabendo da existência de cientistas empenhados em saber mais, buscar vacinas, solucionar os problemas mais imediatos, não foi fácil conviver ainda com o negacionismo, a disseminação de *fake news* e a inação de um governo totalmente anticiência e desumano que não fez questão de gerir a situação de maneira eficaz, resultando em mais de 671 mil mortes acumuladas no país.

Assim como tudo e todos, os *slams* também precisaram se adequar à nova realidade imposta pela pandemia e, em agosto de 2020, o *Slam* da Guilhermina deu início a um novo formato, realizando a primeira batalha online, inspirando outros grupos. Em plataformas digitais, salas com acesso restrito ou transmissões ao vivo no Facebook, *Instagram* e/ou *YouTube*, cada grupo aderiu ao formato que melhor atendia às necessidades do coletivo. A maioria abria uma sala ao vivo na qual os participantes e os jurados tinham acesso. Outros contavam com o envio prévio de vídeos nos quais as poetas e os poetas declamavam a poesia exibindo-os conforme a ordem de sorteio. Os eventos virtuais tinham muitas interferências, como queda de internet, vídeo ou áudio travando, poetas dentro do ônibus, andando na rua na volta do trabalho, microfones ligados sem querer, entre outras situações. Mas também, tinham uma vantagem: permitiam que os jovens *slammers* ultrapassassem todas as barreiras territoriais e participassem de *slams* por todo o país e, mais do que isso, vários jovens de países africanos que falam língua portuguesa, como Moçambique, participaram de batalhas no Brasil.

Em vista disso, decidi por selecionar poesias que abordassem questões relacionadas às cidades e as vivências em seus espaços. A partir daí, fui identificando as questões que apareciam nas letras que tratavam desses temas. A seleção se deu dentre as poesias que encontrei disponíveis online nas redes sociais, em postagens antigas ou recentes, em vídeos postados antes da pandemia, nas apresentadas nas batalhas que aconteceram virtualmente entre 2020 e 2021, e nas *lives* que acompanhei ao vivo. Também selecionei postagens, livros, entrevistas e reportagens publicados por/sobre *slammers* de diferentes regiões do país. Assim, como Norbert Elias, mais do que os aspectos culturais ou a própria cultura, me interessam as dinâmicas sociais e as configurações resultantes delas. Todos esses materiais foram mobilizados no sentido de responder ao seguinte problema de pesquisa:

Quais aspectos das configurações sociais das/os poetas e da sua relação com a cidade e o território são evidenciados em suas poesias, e como a educação permeia esses processos na perspectiva dessas/es jovens?

Para responder a essa questão, proponho os seguintes objetivos específicos:

- Levantar a produção bibliográfica em bases digitais nacionais e internacionais a fim de conhecer a produção acadêmica sobre *slam*, cidades e desigualdades, bem como atestar o ineditismo desta pesquisa e a viabilidade de execução;
- Inventariar o maior número possível de poesias que tematizem a cidade, de poetas de diferentes regiões do país, a fim de identificar as percepções dos jovens *slammers* sobre as configurações sociais nas quais estão inseridos quando refletem sobre seus territórios e sua presença na cidade;
- Analisar aspectos das configurações socioespaciais das cidades e as redes que resultam dos processos sociais que ocorrem nestes contextos.
- Investigar o papel da educação nos processos sociais vivenciados pelas/os jovens das periferias de diferentes regiões do país.

Esta pesquisa tem um viés qualitativo e, diante do contexto pandêmico, a seleção de materiais disponíveis na internet se mostrou como um método viável para a produção de dados, ainda que tenha exigido adaptações ao longo de sua execução. Recorri a métodos como observação e registro em caderno de campo durante as batalhas virtuais, além da aquisição de livros publicados por coletivos e atores sociais que considerei importantes. Dentre os materiais selecionados da internet, muitos foram localizados nas redes sociais, em páginas pessoais e de grupos, tais como: vídeos de batalhas, documentários produzidos sobre o tema, imagens, poesias e postagens diversas. O monitoramento das redes sociais me manteve atualizada sobre os mais diversos eventos, me dando a oportunidade de: assistir a reuniões virtuais de coletivos culturais da periferia de São Paulo debatendo a participação em editais; acompanhar grupos discutindo cobranças de políticas e recursos para área cultural durante a pandemia; e participar de oficinas de poesia e de eventos acadêmicos. Dessa maneira, fui construindo uma metodologia e um corpus empírico significativo,

me adequando às condições impostas pela conjuntura social, política e de saúde pública.

Em relação aos cuidados éticos da pesquisa, é importante salientar que os materiais utilizados estão disponíveis nas redes, e seu uso não carece de autorização prévia. Os materiais produzidos, em sua maioria, têm um recorte temporal que se inicia com o surgimento do *slam* no Brasil, no ano de 2008 até o ano de 2021; no entanto, retomarei outros aspectos sócio-históricos importantes desde a colonização. Após seleção das poesias que tratavam de cidade, elas foram analisadas com o propósito de identificar os temas mais recorrentes associados a esse recorte. A metodologia e o detalhamento da construção do objeto de pesquisa serão apresentados no item 1.1, ainda na introdução.

O construto teórico metodológico desta tese é fundamentado nas ciências sociais, mas conta com uma abordagem multidisciplinar. Parto da teoria eliasiana sem intenção de repetir ou reproduzir estudos realizados pelo autor; me interessa sua percepção de sociedade e os aspectos teóricos que atendem ao meu objeto. Em outros casos, mobilizarei diferentes autores das mais diversas áreas para complementarem as discussões e análises.

## 1.1 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA: INVENTARIANDO POESIAS SOBRE CIDADE, PRODUZINDO E ORGANIZANDO MATERIAIS

Aqui, apresentarei os aspectos metodológicos da pesquisa, fundamentais para a compreensão desta tese, com o caminho metodológico para construção e análise dos materiais empíricos.

Após dois anos de produção de dados, me vi diante de uma imensidão de materiais, de vários tipos e da necessidade de realizar escolhas, seleções e começar as análises, tendo em mente também a definição de Eco (2009, p. 5) segundo a qual “fazer uma tese significa, pois, aprender a pôr ordem nas próprias ideias e ordenar os dados: é uma experiência de trabalho metódico; quer dizer, construir um ‘objeto’ que, como princípio, possa também servir aos outros”. Finalmente, percebi que começavam a nascer os frutos do meu trabalho, gestados em um período político, histórico e social extremamente complicado e específico que, inevitavelmente, teria reflexos nas minhas escolhas e nos métodos empregados na construção do meu objeto.

Esta organização da tese não era o que eu pretendia fazer quando vislumbrei esta pesquisa. Os arquivos no computador estavam bagunçados, assim como a minha cabeça e a escrita seguiu o mesmo padrão. Parecia uma infinidade de peças que não se encaixavam, mas aos poucos fui percebendo o quanto isso se relacionava com a pandemia. Eu estava pesquisando algo que tinha me contagiado pela experiência de compartilhar o espaço com pessoas cujas vozes também falavam sobre mim e de onde eu venho. Era um espaço que possibilitava uma troca extremamente rica e prazerosa, um espaço de resistência, de luta contra todas as formas de opressão. Mas, no momento da pandemia, me vi em isolamento social, dominada pelo medo, participando de aulas e reuniões online, falando com a família somente por telefone e vídeo chamada, chorando diariamente com as notícias de mortes e do caos que se instalou na sociedade. Ao mesmo tempo, uma sequência de pessoas próximas foi adoecendo, nem todas por situações que tinham relação direta com a Covid-19, e também ocorreram alguns acidentes com familiares.

Em meio ao caos, consegui produzir muitos materiais (vídeos, anotações, imagens, capturas de redes sociais, registros de participação em reuniões e oficinas, palestras, defesas de trabalhos acadêmicos, debates, entre outros) que, ao fim, pareciam um amontoado de pedras sem forma, impossíveis de se encaixar, assim como o texto inicial, escrito com muita dificuldade - sempre comentava que as coisas que costumava fazer em horas, no período da pandemia, começaram a ser feitas em dias. Por maior que fosse o esforço, minha relação com o tempo mudou completamente, a produtividade não era a mesma e essa condição não se restringia apenas às atividades acadêmicas. Todas as tarefas cotidianas demoravam mais, eram mais cansativas e, apesar de ter respeitado todos os cuidados, em janeiro de 2022, após ter recebido a segunda dose de vacina, testei positivo para a Covid-19. O fato de estar vacinada amenizou os sintomas, mas não foi fácil; as dores de cabeça eram muito fortes e demoraram meses para passar e algumas sequelas ficaram até hoje. Infelizmente, após esse episódio, tive problemas de concentração e esquecimentos que aumentaram as minhas dificuldades com o texto. Mas eu não estava sozinha: a família, as amigas e os amigos, as colegas do PPGE e, principalmente, minha orientadora, mesmo com suas lutas e problemas pessoais de saúde no período, foram fundamentais nessa parte do processo: “é o que nós temos, umas às outras”, então “peguei o que eu tinha e fiz o que pude”, como bem aconselhou o irmão do poeta Kenyt, citado em uma de suas poesias.

A construção de tabelas e organização em pastas foram os recursos mais utilizados; classifiquei os materiais por tipo e data, reorganizando diversas vezes. Sobre as poesias que estavam disponíveis em formato de vídeo na internet, após ouvir as letras diversas vezes, baixei e transcrevi procurando ser o mais fiel possível em relação à forma como as palavras foram usadas, às gírias e expressões específicas, já que são recitadas usando a forma de comunicação cotidiana, o que de certa forma mostra uma resistência, insubmissão à norma padrão, além de ser acessível aos interlocutores. Elegi o conceito “Cidade” como ponto de partida, iniciando por ele as buscas em plataformas de pesquisa, na revisão da bibliografia, na separação de materiais de *lives*, na seleção de vídeos disponíveis nas redes sociais, nas letras e nas anotações dos cadernos de campo dos *slams* realizados online. Na sequência, o Quadro 1 demonstra os eventos online que ocorreram durante o período de isolamento social em que eu tive oportunidade de participar.

Quadro 1 – Lista de participação em eventos virtuais

DATA	DESCRIÇÃO DO EVENTO
15/05/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina v
28/08/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina
10/09/2020	<i>Slam</i> ZN virtual (SP)
18/09/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina
25/09/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina
08/10/2020	Ciclo temático Cultura que margeia (USP – São Carlos)
09/10/2020	ZAP! <i>Slam</i> virtual
10/10/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina
11/10/2020	<i>Slam</i> interescolar SP chaves A e B (manhã e tarde)
11/10/2020	Final minicampeonato de poesia ZAP! <i>Slam</i> (a partir das 17h)
14/10/2020	<i>Slam</i> Rachão Poético
18/10/2020	Final <i>Slam</i> Alferes Poeta Parolin (Curitiba)
08/11/2020	<i>Slam</i> interescolar SP
13/11/2020	<i>Slam</i> interescolar SP
21/11/2020	Final <i>Slam</i> MG
22/11/2020	Final <i>Slam</i> PR
25/11/2020	<i>Slam</i> poesia – A literatura nas ruas (IFF - Macaé)

27/11/2020	<i>Slam</i> da Guilhermina
31/11/2020	Final <i>Slam</i> da Guilhermina
02/12/2020	Final <i>Slam</i> SP
12/12/2020	<i>Slam</i> Dino – O <i>slam</i> da Roça (Franco da Rocha – SP)
18/12/2020	<i>Slam</i> BR
07/05/2021	Reunião do Plano Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo
13,14/ 07/2021	Oficina de poesia com Emerson Alcalde <i>Slam</i> Pé vermelho
03/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Alvares Azevedo (Vila Maria Zona Norte)
05/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Cassiano Ricardo (Tatuapé)
11/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Alceu Amoroso Lima (Pinheiros)
12/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda (Itaquera)
17/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Cora Coralina (Guaianases)
18/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Marcos Rey (Campo Limpo)
23/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Brito Broca (Vila Pirituba)
26/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Camila Cerqueira Amaral César (Butantã)
30/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Amadeu Amaral (Vila da Saúde)
31/08/2022	Sarau Inté aqui - Biblioteca Erico Veríssimo (Cohab Parada de Taipas)

Fonte: elaborado pela Autora (2022).

Durante as batalhas *online*, além de gravar, assistia atentamente, registrando no caderno de campo detalhes dos eventos, chaves, poetas, ordem de apresentação e quais poesias me interessavam para transcrever posteriormente, dado o grande número de gravações. Também aproveitava a oportunidade para anotar o endereço das poetas e dos poetas nas redes sociais, começando a seguir, registrar e salvar tudo o que pudesse ser usado depois. Assisti a vídeos, documentários e reportagens, como os que constam na lista a seguir:

Quadro 2 – Vídeos, reportagens e documentários sobre *Slam*

TIPO	TÍTULO	CANAL	DURAÇÃO	DISPONÍVEL EM
Reportagem	Estado da Arte   Reportagem: <i>Slam</i> das gurias	UFPR TV	0:08:58	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SOtPM6GiORA">https://www.youtube.com/watch?v=SOtPM6GiORA</a>

Reportagem	Estéticas das Periferias 2017: <i>slam!</i>	Ação Educativa	0:05:04	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=GWpgeowYOaM">https://www.youtube.com/watch?v=GWpgeowYOaM</a>
Reportagem	Poesia Marginal no <i>Slam</i> Violeta	Periferia em pauta	0:02:58	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=UuGC2m5cZHE">https://www.youtube.com/watch?v=UuGC2m5cZHE</a>
Reportagem	<i>Slam</i> Resistência: Revolução através da poesia	Carta Capital	0:03:45	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=L4UqTST3Uqk">https://www.youtube.com/watch?v=L4UqTST3Uqk</a>
Lives	Inté aqui	@movimentocultural	*vários eventos não salvos	Instagram do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo
Live	Calibragem Poética bate-papo com poetas formadores	Página <i>Slam</i> da Guilhermina	0:57:02	Indisponível
Evento Acadêmico	Ciclo temático Cultura que margeia	Centro Cultural USP São Carlos	1:23:45	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XyRwJISmPw4">https://www.youtube.com/watch?v=XyRwJISmPw4</a>
Minicurso	Poesia <i>Slam</i>	Aromeiazero	0:37:58	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=yNWHAYfNXb0">https://www.youtube.com/watch?v=yNWHAYfNXb0</a>
Documentário	<i>Slam</i> : Voz de levante	Cinema	1:35:00	Plataformas de streaming
Documentário	<i>Slam</i> Resistência - Documentário - Ágora do Agora	<i>Slam</i> resistência	0:31:51	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9xvclSj-ICo">https://www.youtube.com/watch?v=9xvclSj-ICo</a>

Fonte: elaborado pela Autora (2023).

Realizei buscas nas páginas de *slams* de todo o Brasil, assistindo a vídeos e baixando aqueles cujas poesias tematizaram a cidade. A maioria dos materiais foi localizado no YouTube, no Facebook e no Instagram. Inicialmente, compilei e transcrevi em torno de 75 letras de poesias, sendo mais de 30 de São Paulo. Além disso, selecionei textos de poetas de Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belém, Belo Horizonte, Vitória, Rio Branco, Mossoró, Recife, João Pessoa, Fortaleza, Sobral e Brasília (sempre a partir da temática da cidade).

Seguir as páginas dos *Slams*, dos Movimentos Culturais e dos *Slammers* me manteve informada sobre diversos tipos de eventos. Participei de todos os eventos online que pude, sempre munida do meu caderno de campo e com muita disposição para ouvir e aprender com os registros, as transcrições e produção de materiais.

Sobre a gama de materiais produzidos na pesquisa (letras dos *slams*, acompanhamento dos *slammers* nas redes sociais etc.), vale lembrar que, na

introdução à edição brasileira do livro *Os estabelecidos e os Outsiders*, Frederic Neiburg afirmou:

O tratamento de fontes diversas permite alcançar o conjunto de pontos de vista (e de posições sociais) que formam uma figuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais. (NEIBURG, 2000, p. 9).

Ao invés de inserir os dados em um software de análise qualitativa, considerei que depois de anos lendo, ouvindo e acompanhando *slammers* de várias partes do Brasil, me sentia à vontade para identificar manualmente padrões e categorias de análise para essa parte do trabalho. Para tanto, após ouvir as letras que falavam de cidade incansavelmente, separei aquelas que tinham alguma relação com a área da educação para manter o foco da pesquisa; transcrevi as selecionadas e fui marcando com canetas coloridas os temas que mais se repetiam. Percebi que todas as letras questionavam algum tipo de desigualdade social (racismo, pobreza, questões de gênero, LGBTQIAPN+fobia, transfobia, entre outras).

Depois dessa nova seleção, devido ao grande número de poesias selecionadas, tive que criar critérios que possibilitassem uma quantia de material mais ou menos proporcional entre as regiões do país. Por isso, dentre as poetas e os poetas que atendiam aos critérios anteriores, selecionei uma mulher trans, a única da qual tive acesso às poesias sobre cidade e tive o prazer de ver se apresentando no *Slam BR 2019*. Selecionei mulheres e homens, negros e não negros, das cinco regiões do país. Ainda assim, São Paulo, por todas as suas características de grande metrópole e por ser o berço do *Slam* no Brasil, se destacou, apresentando um número maior de poetas e de poesias. Por fim, foram selecionados 12 poetas e 28 poesias, conforme consta no Quadro 3:

Quadro 3 – Poesias por cidade/estado/região (Geral)

REGIÃO	ESTADO	CIDADE	POETAS	NÚMERO DE POESIAS
Sul	Paraná	Curitiba	Kaio Garcia	1
			Amanda Marques	1
			Gabriela	1
	Rio Grande do Sul	Porto Alegre	Bruno Negrão e Cristal Rocha	1

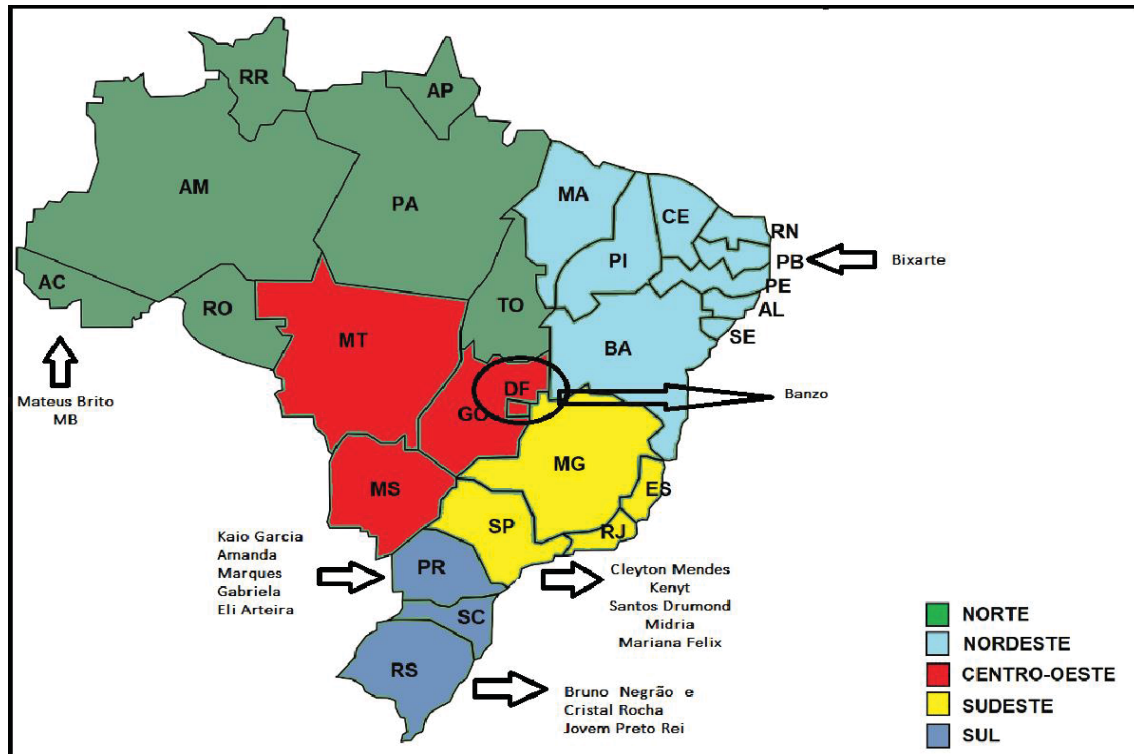
			Jovem Preto Rei	2
Centro-Oeste	Distrito Federal	Brasília	Banzo	2
Nordeste	Paraíba		Bixarte	3
Norte	Acre	Rio Branco	MB	4
Sudeste	São Paulo	São Paulo	Cleyton Mendes	1
			Kenyt	8
			Santos Drumond	1
			Midria	2
			Mariana Felix	1

Fonte: elaborado pela Autora (2021).

É importante destacar que, com exceção do Poeta Kenyt, que teve diversas poesias escolhidas, já que produziu muita coisa relacionada aos temas, a maioria das vezes consegui um, dois ou, no máximo, três poemas de cada poeta. Não houve, porém, a possibilidade de manter a quantidade de poesias entre as regiões: enquanto, por exemplo, temos quatro poesias da região Norte e dois da Região Centro-Oeste, somente do Poeta Kenyt, de São Paulo, foram selecionadas oito e outras cinco de diferentes poetas; por isso, decidi não usar as poesias de outras cidades da Região Sudeste.

Assim, consegui contemplar nem que fosse uma ou duas poesias de cada região do país, expressas no mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa de regiões e Slammers selecionados



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de <https://detonandoquestoes.blogspot.com/>

O mapa (Figura 1) mostra a localização geográfica das/os poetas. O total de poesias das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste foi muito menor do que das regiões Sul e Sudeste, mas manteve ao menos uma pessoa de cada região do país para que seja possível retomar alguns aspectos da realidade vivenciada pelos sujeitos, o contexto da cidade em que reside e compreender um pouco das suas configurações sociais. Apesar de ter ouvido falar da existência de diversos coletivos de *slam* localizados nas regiões que ficam acima do Sudeste no mapa e da sua potência, as divulgações nas redes sociais não foram tão intensas quanto as das outras regiões, exceto por algumas pessoas que se sobressaíram durante a pandemia. Nesses casos, o acesso a vídeos e eventos virtuais foram raridade.

Conhecidos os caminhos metodológicos, finalizo este subitem apresentando a estrutura deste trabalho. A tese está organizada em quatro capítulos, contando com a introdução e as considerações finais. No primeiro, início com a apresentação da pesquisa e com as configurações sociais que me levaram a construí-la, bem como discuto a metodologia utilizada para produção e organização dos dados empíricos.

No segundo capítulo, apresento detalhadamente os *slams*, explicando a organização, as funções e como são chamados os integrantes, entre outros detalhes do “ritual” que ocorre durante as batalhas. Neste mesmo capítulo, resgato um pouco

da história dos *slams* e sua disseminação pelo Brasil, demonstrando a relevância da pesquisa a partir de uma revisão bibliográfica em artigos nacionais e internacionais, bem como em teses e dissertações.

No terceiro capítulo, trabalho com as questões teóricas e conceituais da tese, apresentando debates e conceitos necessários para a compreensão do problema de pesquisa. Discuto o construto teórico-metodológico de Norbert Elias, seguido por um breve resgate histórico sobre a organização socioeconômica e territorial do Brasil, e, por fim, faço uma breve discussão sobre cidade, território e juventudes.

O quarto capítulo trata da análise das poesias a partir de trechos que trazem informações relevantes para a pesquisa. Aqui, é possível conhecer um pouco mais sobre as/os *slammers* e saber o que elas/es têm a dizer sobre as cidades e suas configurações sociais.

O quinto capítulo continua com a análise das letras, mas está centrado na preocupação com o viés educativo dos *slams* e sua influência na construção das identidades das pessoas que participam das batalhas.

Nas considerações finais, encerro este trabalho com uma síntese dos achados e de tudo que foi possível apreender com os materiais produzidos e analisados, destacando suas contribuições para o campo da educação.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA *POETRY SLAM*

Neste capítulo, apresentarei informações mais detalhadas sobre os *slams*, desde o seu surgimento, sua relação com a cidade e as periferias, até um breve histórico dessa prática no Brasil. Levanto ainda a bibliografia sobre o *poetry slam* em artigos, teses e dissertações que tematizam as batalhas no Brasil, a fim de mostrar as pesquisas existentes e analisar em que medida se distanciam ou se aproximam e corroboram a minha proposta.

### 2.1 DAS PERIFERIAS DE CHICAGO PARA AS QUEBRADAS DO BRASIL

O termo “poetry slam” foi criado a partir do vocabulário usado nas competições de baseball e bridge para nomear as noites de “performance poética” e, posteriormente, competições de poesia. Já no seu início, esta modalidade contava com a participação de outros artistas e tinha como objetivo criar um espaço mais democrático que se diferenciava dos “fechados e assépticos círculos acadêmicos” (D'ALVA, 2014, p. 110).

Souza (2011), analisando esse tipo de produção, destaca elementos essencialmente urbanos que representam a relação dos jovens com o dinamismo da cidade. Além disso, retoma a influência de outros elementos que influenciaram no surgimento dessa modalidade, que é também uma manifestação política, cultural e artística. Freitas (2020, p.2) também associa o surgimento do slam à ampla tradição de poesia falada já existente nos Estados Unidos, sublinhando algumas contribuições como: “...*readings* dos poetas *beatniks*; do *spoken words* de poetas negros, como Gil Scott-Heron, que já gravavam seus LPs bem antes da existência dos MC's; da poesia de Langston Hughes com suas emulações dos ritmos do jazz...”. Ainda conforme a autora, inspirados pela “performance art” da década de 1960, em algumas regiões dos Estados Unidos, dentre as quais destaca-se Nova Iorque, houve associação entre o slam poetry e a cultura hip-hop, que ela chama de “prática cultural diaspórica” que foi disseminada mundialmente.

Não é por acaso que o surgimento do slam tenha ocorrido no contexto desses grandes centros urbanos. Atualmente, Chicago é a terceira maior metrópole dos Estados Unidos, contando com aproximadamente 2,7 milhões de pessoas. O crescimento acelerado e a densidade populacional causada pelo processo de

imigração desde o século XIX são características importantes dessa cidade. Segundo Coulon (1995), devido às contribuições positivas de pesquisadores e acadêmicos da Universidade, com a proposta arquitetônica da cidade (Departamento de Arquitetura), conhecidos pela construção dos primeiros arranha-céus do país, assim como do Departamento de Sociologia e Antropologia que inovou com a realização de pesquisas etnográficas no meio urbano, os grupos de pesquisadores destas áreas ficaram conhecidos como a Escola de Chicago. Em 1990, metade da população era formada por pessoas que tinham nascido fora dos Estados Unidos (COULON, 1995). Essa diversidade proporcionou uma troca cultural intensa e mudanças significativas na maneira como as pessoas se relacionam e vivenciam a cidade, e é nessa configuração que surgem os primeiros estudos etnográficos de sociologia urbana.

Apesar de ter iniciado nos Estados Unidos, Souza (2011) mostra que o slam chegou à França na década de 1990 e se alastrou rapidamente e com grande intensidade nos centros urbanos por todo o país e para outros países francófonos. Tanto é que na França é realizado o campeonato mundial “Grand Slam de Paris: Coupe du Monde de Slam de Poésie” (Copa do Mundo de Poesia falada) que acontece anualmente e conta com participantes de todo o mundo. Atualmente, tem sido cada vez mais intensa a participação de representantes de vários países do continente africano e do Brasil.

No Brasil, ele surgiu em 2008, na cidade de São Paulo, quando Roberta Estrela D’alva, ao voltar de um intercâmbio nos Estados Unidos, cria o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), primeiro slam do país. Já o Slam da Guilhermina, realizado na Zona leste da capital paulista, foi o segundo a ser criado no Brasil e surge em 2012, por Emerson Alcalde, poeta, ator, dramaturgo, slammer desde 2008 e finalista da Copa Mundial em 2014. Desde então, os slams foram se espalhando pela capital paulista e, conforme Freitas (2020), em 2017 já contava com cerca de quarenta e quatro grupos por todo o país. Diferentemente dos Estados Unidos, onde as batalhas acontecem em espaços fechados, aqui as batalhas ocorrem em espaços públicos abertos, geralmente em áreas centrais das cidades, para que os poetas tenham fácil

acesso, principalmente via transporte público, e são fortemente associados à cultura hip-hop, literatura marginal<sup>6</sup> e saraus de poesia.

O slam ainda é pouco conhecido, especialmente no espaço acadêmico brasileiro, mas vem ganhando popularidade entre jovens das periferias de todo o mundo, por problematizar, por meio das poesias, suas condições de vida e pautar questões relativas à educação, gênero, raça, classe, violência, homofobia, entre outras. As regras para participar de uma batalha podem variar, mas três delas são fixas: recitar uma poesia de tema livre com duração de até 3 minutos; os poemas devem ser de autoria própria; e não podem ter figurino ou acompanhamento musical. Também faz parte do ritual do slam iniciar cada apresentação com o grito que representa o coletivo e contar com a participação de cinco jurados que dão notas de 1 a 10 para cada poesia, sendo excluídas a menor e maior notas. O resultado é a média das três notas restantes. Normalmente, são três rodadas eliminatórias e em alguns slams a plateia costuma gritar: “Credo”, quando a nota é menor que 10 e “Pow pow pow<sup>7</sup>” quando o poeta atinge a nota máxima ou quando algum verso da poesia conquista o público.

Existe uma configuração com funções básicas para as pessoas que participam das batalhas: as que organizam e conduzem os slams são conhecidas como *slammasters*; as pessoas que recitam suas poesias são poetas *slammers*; as que controlam a contagem de tempo e pontos são os matemáticos; as demais pessoas que assistem compõem o público, de onde são escolhidas as pessoas que serão juradas, minutos antes do início da competição. É, obviamente, possível ocupar a função de *slammer* e público numa mesma batalha ou de jurado e público. Existem slams e competições com regras específicas, como apresentações em dupla, menor poesia possível, poesias com temas preestabelecidos, entre outras possibilidades.

Uma grande metrópole como a de São Paulo apresenta, em diversos aspectos, similaridades e diferenças com a de Chicago, cidade onde nasceu o slam. Desde a criação do Zap! Slam, em 2008, por Roberta Estrela D’alva, o número de comunidades de Slam em São Paulo e por todo o Brasil tem aumentado. No texto de

---

<sup>6</sup> Termo surgido na década de 1970, diz respeito à exposição, no meio literário, de poesias e ideias concebidas por autores que vivem nas periferias, em espaços que durante muito tempo ficaram restritos às elites intelectuais brasileiras.

<sup>7</sup> Referência à onomatopeia usada nos quadrinhos para indicar som de porrada/batida de uma pessoa contra a outra.

divulgação do Slam BR 2020, consta a informação de que já existem mais de 200 slams (Folha de S. Paulo, 2019). Ao menos em São Paulo, a cultura marginal e periférica tem uma grande força, e o slam surge ligado ao movimento Hip Hop e aos Saraus que já faziam parte do cotidiano das comunidades.

O ZAP começa a realizar as batalhas em diferentes espaços da cidade, mas faz o movimento de levar a periferia para o centro e para espaços culturais consolidados, como a SP Escola de Teatro, localizada na Praça Roosevelt, que posteriormente se torna palco do Slam Resistência. Este segue o exemplo do Slam da Guilhermina, o primeiro slam de rua do Brasil, realizando suas batalhas em praça pública. As batalhas desse coletivo acontecem na primeira segunda-feira de cada mês, desde 2014, com interrupção apenas durante a pandemia e foi fundado por Adelson Chaves, mais conhecido como Del Chaves, falecido em 20 de junho de 2020.

O Slam Resistência ocupou o centro de São Paulo e as redes sociais, e muitas pessoas de outros lugares, assim como eu, devem ter descoberto o slam por meio dos vídeos desse grupo. Para mim, eram poesias que tratavam de realidades conhecidas que despertavam os mais diversos tipos de sentimentos e, muitas vezes, me levavam às lágrimas, precedidas pelo grito: "Sem massagem na mensagem! Slam Resistência".

O Slam da Guilhermina também tem um papel importante nessa história por ser o primeiro realizado ao ar livre e na periferia da Zona Leste de São Paulo, ao lado da Estação de metrô Guilhermina – Esperança. Assim, também selecionei diversas poesias de vídeos de suas batalhas. Os encontros acontecem na última sexta-feira de cada mês, na praça ao lado da estação de metrô, e durante a pandemia aconteceram virtualmente pelos canais do YouTube e do Facebook. Em entrevista para o site Portal Aprendiz do UOL, o cofundador do Slam da Guilhermina, Emerson Alcalde, afirma:

Num slam de rua você não precisa de uma grande infraestrutura. São basicamente pessoas reunidas num lugar acessível e gratuito [...]. Isso democratiza o acesso à literatura e à poesia. Muita gente que está de passagem, não vai ao teatro ou a espaços que promovem atividades culturais, pelo preço ou pela dificuldade de acesso. Já o espaço público é de todos. (PORTAL APRENDIZ UOL, 2019).

Os comentários e depoimentos que validam esses argumentos são diversos e nos eventos online essa democratização também é muito comentada, permitindo a participação de pessoas de todo o Brasil e, mais recentemente, de países africanos

de língua portuguesa. Tenho ressalvas em relação a isso, já que para acessar um evento online é preciso ter acesso a equipamentos e redes de internet estáveis, o que ainda não faz parte da realidade de muitas pessoas do nosso país, mas entendo perfeitamente a situação. Por outro lado, sempre há comentários sobre a falta que se sente da emoção de estar fisicamente próximo de outras pessoas, de abraçar, dançar, aplaudir, conversar.

Meu primeiro contato com o slam foi por meio de vídeos<sup>8</sup> do Slam Resistência (o oitavo slam da cidade de São Paulo), realizado na Praça Roosevelt, no centro da cidade. Devido à ampla divulgação dos vídeos produzidos por esse grupo nas redes sociais, essa iniciativa foi importante para o surgimento de vários coletivos em outras regiões do país, como apareceu na revisão da bibliografia que se verá mais adiante, pois inspirou jovens a se mobilizarem e realizarem batalhas em suas cidades, algumas vezes sem terem muita noção de regras e formas de organização, apenas copiando o que conseguiam observar nos vídeos. O formato adotado pelo Slam Resistência chama a atenção de imediato por mostrar nitidamente uma alteração na relação dos jovens da periferia com a cidade, trazendo esses sujeitos das margens para o centro e alterando a paisagem costumeira da região. Dessa maneira, além de problematizar essas questões em suas poesias, o próprio ato de ocupar o espaço público de forma diferente da prevista se constitui como uma forma de resistência às imposições sociais e de questionar as desigualdades. Isso também é educação!

Assim, ao se estenderem as fronteiras da educação e das escolas, ao se ampliarem as telas de cinema, ao se alargarem as portas dos museus, e dos teatros, **na busca de vozes lúcidas que narrem e mostrem suas próprias experiências, talvez se reavive o diálogo entre as diferentes culturas que habitaram e habitam as cidades. Seja nos espaços fechados ou na oratória das ruas, importa o verbo que dá força à vida.** Tudo bem se o diálogo estiver mais próximo do agonístico que da harmonia, **importa que a cidade se entregue a uma conversa séria, pautada pelas marcas da cultura e pelo encontro com seus cidadãos.** (DIETZSCH, 2006, p.737, grifos meus).

Meyer (2012) vê a educação como processo de formação e transformação de indivíduos em sujeitos de uma cultura, sendo, portanto, construídos em suas vivências cotidianas. Nesse sentido, é inquestionável a relação entre o *slam* e a educação. Transcendendo os limites institucionais, o *slam* amplia o contato e o diálogo entre

---

<sup>8</sup> Canal do Slam Resistência no YouTube link: <https://www.youtube.com/c/SlamResist%C3%A4ncia>

culturas distintas, enriquecendo os processos educativos e as trocas culturais, oportunizando experiências diversas que podem ampliar/modificar as redes de interdependência dos sujeitos e alterar a maneira como concebem o mundo. De acordo com Foerste et al. (2018), as cidades são espaços de pertencimento onde são elaboradas identidades, “[...] são territórios plurais nos quais os sujeitos se movem e significam suas existências” (FOERSTE et al., 2018, p.16).

Esse processo fica evidente na poesia de Mariana Félix:

**Bem-vindos todos à aula de rua!**

Respeita a luta!

**E a poesia marginal explica:**

Foi o Hip Hop,

E não os decassílabos dos lusíadas,

Que fez muito moleque que hoje escreve,

Enfim parar de cheirar cocaína. (MARIANA FÉLIX, 2016, grifos meus).

Pautada na valorização dos saberes populares e da poesia marginal, Mariana mostra que existem outras formas de aprender. É importante perceber que uma coisa não exclui a outra, afinal, é possível trabalhar com os conhecimentos do cotidiano dos estudantes e, ao mesmo tempo, construir o aprendizado previsto nos currículos. A educação é uma reivindicação praticamente de todos os movimentos sociais e, também, está no horizonte dos slammers, como fica explícito na poesia de Lucas Koka Penteadado:

Boa noite “pa” geral

Era uma vez...

Não! Pára! Que isso aqui não é conto de fada!

E a história que vai ser relatada é só realidade

Conta as memórias de uma vida pacata

Que esmagou a maldade

1996, quatro horas da manhã

Dilatação de quatro dedos

Mas não tinha parceiros

A saúde onde eu moro

Me dá nos nervos.

Nome da mãe?

Andréia

Preta

Nesse mundo é treta

Quando madura

Via que a vida era dura

Parecia que Deus olhava e dizia

– Poucas “ideia”

Prazer! Sou sim o desgraçado

Como o engravatado tinha me falado

É, mas ele ficou impressionado

**Porque além de negro drama, sou negro estudado**

**E eu sei**  
**E eu sei que tenho muito a estudar,**  
**Porém na academia da hipocrisia**  
**a matéria que eu não entendia eles querem tirar**  
 Mas um dia  
**Um dia eu chego na universidade**  
**Eles nem tão ligado que a vida serviu de faculdade**  
 Tinha apenas três matérias: miséria, escravatura e infelicidade  
 Pois é, Brasil, eu nunca tive um “boot”<sup>9</sup> de mil  
 Mas no sistema eu vou tentar dar uma bota  
**Porque eu quero ver, meu bem,**  
**Quando no ENEM eu tirar 100**  
**Eles falarem que foi cota.** (LUCAS PENTEADO, 2019, grifos meus).

Contando a própria história a partir de uma releitura da música “Negro drama”, dos Racionais MC’s, Lucas consegue falar de desigualdades raciais e de renda, demonstra apreço pela educação, vendo-a como um caminho, mas também faz referência ao conhecimento acumulado no decorrer da vida.

A relação dos slams com a educação, a cidade e as desigualdades é tão intensa que as competições adentraram os espaços das escolas públicas de São Paulo por meio do Edital da 3ª Edição do Fomento à Cultura da Periferia, do Governo do Estado de São Paulo, com um projeto idealizado por Emerson Alcalde (do Slam da Guilhermina) e Cristina Adelina de Assunção, bacharela e licenciada em História pelo Centro Universitário Fundação Santo André e Mestre em História pelo Programa de História Social da PUC – SP, quando retornaram da Copa Mundial de Poesia falada em 2014. De acordo com Cristina, a ideia surgiu após presenciar oficinas de slam com estudantes de escola pública em Paris e considerar a possibilidade de realizar as atividades aqui. O Slam interescolar começou a ser realizado em 2015, contando com a participação de estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Inicialmente, os poetas formadores, que já são slammers experientes, oferecem oficinas de poesia nas escolas e posteriormente é realizada uma competição entre as instituições. O Slam Interescolar 2020 aconteceu de forma online; portanto, tive oportunidade de acompanhar e registrar esse evento tanto no meu caderno de campo quanto utilizando recursos de gravação de áudio e vídeo. Sobre esse projeto, em entrevista para Neves (2017), Emerson afirmou:

O objetivo final dos slams não é ganhar a fama midiática nem dinheiro com seus eventos, mas, paradoxalmente, de se fazerem ouvir, conclui Alcalde. Promover a poesia oral, falar poesias (spoken word), ler, escrever, declamar,

---

<sup>9</sup> Tênis (gíria).

divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os slams em linguagem, em educação – eis os desafios dos slammers ao/no mundo contemporâneo. (NEVES, 2017, p. 97).

Achei relevante transcrever uma poesia do *Slam* interescolar cujo grito tem muito a nos dizer: Das ruas para a escola, das escolas para as ruas!

... Aí GOG poeta, o Brasil até hoje é com p  
**Povo, pobre, periférico, país perdido politicamente**  
 Mas o black<sup>10</sup> já mandou o papo, a gente entende  
 É cantar para que os menor da área entenda  
 Que nossos pulsos foram feitos para relógios,  
 Pulseiras e não algemas  
**E eles nem mexe com os menor da quebrada**  
 Porque sabe que eles são embaçados.  
 Sempre no passinho, às vezes anda no foot<sup>11</sup>  
 A gente não se cala nem que nos mute<sup>12</sup>  
 Ninguém mais vai impedir que a gente lute  
 Preste atenção no que eu digo  
**O rap não é crime e favelado não é bandido**  
**Conheço muitos que falam de favela**  
**Mas nem sequer param pra olhar quando passam por ela**  
**...A Rua é tipo uma escola e a resposta está nos livros e não na glock.**<sup>13</sup>  
 (LUCAS DEALIS, 2020, grifos meus).

Na poesia, o jovem estudante do ensino fundamental II, Lucas Dealis, referencia os rappers brasileiros, como GOG (Genival Oliveira Gonçalves, conhecido como um dos pioneiros do rap brasiliense) e Black (cantor da geração atual), questiona as desigualdades e a violência que atingem as periferias, mas também aborda a educação, tanto institucionalizada quanto não institucionalizada. É possível perceber que estão sendo tratadas questões que fazem parte do dia a dia do estudante, entretanto, sua participação no slam e a construção de suas poesias resultam de suas relações sociais e da atuação dos poetas formadores nas escolas. O slam interescolar tem uma característica diferente do slam que acontece na rua, pois, nitidamente, é consequência do movimento contrário, ou seja, acontece no espaço institucionalizado da escola. O movimento migra dos espaços públicos abertos para o espaço institucional, mostrando, na prática, que é possível construir outras formas de conhecimento e valorizar outros saberes. Os resultados são evidenciados na poesia de cada estudante, entretanto, é importante evitar generalizações e

---

<sup>10</sup> Referência à Letra de Black MC em Poetas No Topo 3.3 - Parte 2.

<sup>11</sup> Às vezes joga futebol.

<sup>12</sup> Tirar o som

<sup>13</sup> Tipo de arma de fogo

romantização dessa relação, afinal, o espaço escolar nem sempre é receptivo e esse processo provavelmente é marcado por diversas tensões.

Por outro lado, a imagem de jovens de periferia ocupando os centros das cidades para declamar suas poesias interfere na vida desse espaço e das pessoas que circulam por ele. Além da infinidade de redes de interdependência trazidas por cada um e daquelas que são construídas quando o evento ocorre, há muitos fios invisíveis que integram o processo histórico de cada um deles:

Também isso, esse passado, está diretamente presente em cada uma das pessoas que se movem apressadamente no bulício da cidade. É possível que o indivíduo não conheça ninguém nesse burburinho; mas, em algum lugar, ele tem pessoas a quem conhece, amigos de confiança e inimigos, uma família, um círculo de relações a que pertence, ou, caso agora esteja só, tem conhecidos perdidos ou mortos que vivem apenas em sua memória. (ELIAS, 1994, p. 21).

Ao que parece, numa primeira leitura sobre as letras, temas como a inclusão e a diversidade são importantes para os poetas, são discutidos nas poesias, mas também ficam evidentes em suas formações, como é o caso, dentre outros, dos Slams: Resistência Surda (Curitiba – participação de surdos e ouvintes com a presença de intérpretes); Das Minas (em diversas cidades brasileiras) e Das Gurias (Curitiba) – esses dois últimos com apresentação de mulheres cis e trans -; e o Slam Marginália (São Paulo – não binários – Queer). Esses corpos marginalizados ocupam a cidade, trazendo consigo processos históricos de formação que ficam explícitos em suas poesias e nas relações construídas a partir desse espaço, o que reflete não apenas em suas experiências, redes de interdependência e configurações sociais, mas também nas dos diversos sujeitos que têm algum fio que se ligue a essas redes.

## 2.2 “A PERIFERIA UNIDA, NO CENTRO DE TODAS AS COISAS”: SLAM E CIDADE NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

[...] O Tal poema, que desfilava pela academia, de terno e gravata, proferindo palavras de alto calão para plateias desanimadas, hoje, anda sem camisa, feito moleque pelos terreiros, comendo miudinho na mão da mulherada. Vocês, por acaso, já ouviram falar do tal poema concreto? Pois é, os trabalhadores e desempregados estão construindo bibliotecas com eles, nas favelas. E o lobo mau pode assoprar que não derruba. Apesar da pouca roupa que lhe deram, está se sentindo todo importante com sua nova utilidade. A periferia nunca esteve tão violenta, pelas manhãs é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até 400 páginas. Jovens traficando

contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana.

A criançada está muito louca de história infantil. Umas já estão tão viciadas, que, apesar de tudo e de todos, querem ir para as universidades. Viu, quem mandou esconder a literatura da gente, agora nós queremos tudo de uma vez!

Dizem por aí que alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia. Mas neste país de pele e osso, quem é o sábio? Quem é o feio? E olha que a gente nem queria o café da manhã, só um pedaço de pão. Que comam brioches!

Não, não é Alice no país da maravilha, mas também não é o inferno de Dante. É só o milagre da poesia. (VAZ, 2011, p. 46-47).

Assim como a epígrafe que abre esta seção, o excerto destacado no início do título pertence ao poeta Sérgio Vaz e foi escolhido para evidenciar a importância de localizar uma produção crescente sobre o tema dentro do espaço acadêmico, especialmente quando uma parte significativa dela é fruto do trabalho de pessoas que vieram da margem. Além de produzir a sua própria cultura, a periferia tem conseguido disseminá-la amplamente, e o levantamento bibliográfico apresentado neste capítulo evidencia isso.

Um dos passos mais importantes desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico que, de acordo com Galvão (2010), é fundamental para a realização de uma pesquisa científica, pois permite o conhecimento da produção acadêmica com a qual está relacionada. Além disso, nos dá condições de evitar repetições de estudos, reaproveitar ou replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos. Eu acrescentaria que ele permite uma visão geral do que a área produziu para evitar lançar perguntas de pesquisa que já foram respondidas e ficar insistindo num mesmo problema. Ainda de acordo com essa autora, a pesquisa inovadora e diferenciada necessita de um levantamento de qualidade, que esteja intimamente relacionado ao tema da pesquisa, facilite uma visão bibliográfica ampla e que ajude a fomentá-lo. Dessa forma, auxilia na delimitação do tema com o intuito de facilitar a junção de materiais relevantes, com recorte adequado e em quantidade possível de ser lida e analisada no tempo disponível para realização da pesquisa.

Assim, procuro tomar o cuidado necessário para a produção de uma pesquisa científica bem fundamentada, com dados e resultados significativos que possam contribuir para o avanço da ciência no Brasil e a ampliação de uma educação pública de qualidade. Ao mesmo tempo, busco visibilizar as culturas trazidas pelas vivências sociais das infâncias e das juventudes, favorecendo a inclusão de temas e

manifestações culturais que façam parte das realidades cotidianas dos sujeitos e tornando a educação mais atrativa para todas/os. Em contrapartida, consegui aprender muito mais do que a minha periferia me ensinou. Percebi que a academia já está sendo agraciada com muita história contada por outras perspectivas, certamente fruto das lutas dos movimentos sociais, das políticas de ação afirmativa como as cotas raciais e sociais nas universidades, dos programas de bolsas, como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), e outras políticas que permitiram o acesso e a permanência de pessoas como eu na educação superior.

### 2.2.1 Artigos nacionais e internacionais

O levantamento bibliográfico foi realizado desde que estabeleci o objeto de pesquisa, por meio de buscas em plataformas nacionais e internacionais, como a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Scientific Electronic Library Online (SCIELO), o Google Acadêmico e o Education Resources Information Center (ERIC). Algumas leituras também foram possíveis via divulgação de pesquisadoras e pesquisadores em redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*) e acadêmicas (*Academia.com* e *ResearchGate*, por exemplo). A primeira seleção foi feita pelos títulos, seguida pela leitura dos resumos. Na última etapa, realizei a leitura e fichamento dos textos que decidi utilizar na tese. Inicialmente, salvei trabalhos publicados em português, espanhol, francês e inglês. No decorrer da pesquisa, decidi trabalhar apenas com os que falavam dos *slams* brasileiros, ainda que em outra língua. Portanto, deste primeiro recorte, fiquei com a maioria dos materiais em português e um em espanhol. No entanto, achei importante buscar informações internacionais para ter uma noção mínima do que tem sido discutido nos estudos realizados em outros países. Por isso, também utilizei o ERIC, selecionado por ser uma plataforma internacional que fornece amplo acesso à literatura da área de educação com possibilidade de adicionar filtros que garantem a qualidade do material. Utilizei apenas o termo “poetry *slam*”, tendo como resultado inicial um total de vinte documentos internacionais publicados em língua inglesa entre 2002 e 2022. Como não era um número muito grande, optei por ler todos os títulos e resumos. Por fim, selecionei nove deles para incluir no levantamento bibliográfico.

Na minha experiência como pesquisadora, sempre fui instigada a buscar algo novo e, durante a leitura dos textos selecionados, via no *slam* uma fonte inesgotável

de possibilidades. Embora não tenha encontrado um número imenso de trabalhos, foi possível perceber que o interesse acadêmico pelas batalhas tem aumentado significativamente.

As buscas só trouxeram textos relevantes quando, junto com os outros termos selecionados, usei: “*slam poetry*” ou “*poetry slam*”, já que só *slam* trazia como resultado artigos das mais diversas áreas e temas que não possuíam nenhuma relação com o que eu estava procurando. Assim, a expressão “*slam poetry*” sozinha e acompanhada das palavras “cidade”, “periferia”, “jovens”, “educação” e “desigualdades” foi sendo testada nas plataformas já citadas, resultando em um número bem limitado de artigos, teses e dissertações que tivessem alguma proximidade com esta pesquisa quando abordam os *slams* brasileiros.

O primeiro artigo publicado sobre o tema ‘o *slam* no Brasil’ em ordem cronológica, foi escrito por Roberta Estrela D’alva, em 2011. Ele é citado por todos os pesquisadores que escrevem sobre o tema. Respeitando a importância da autora nesse contexto, é impossível iniciar por qualquer outro ponto. Dessa maneira, os artigos escolhidos foram publicados entre os anos de 2011 e 2021. O Gráfico 1 mostra o crescimento considerável nas publicações a partir de 2018:



A seleção por título resultou num total de 41 artigos, a maioria publicada em revistas acadêmicas e poucos em anais de eventos científicos. Após a leitura dos resumos, cinco foram eliminados por não falar de *slam* ou não tratar do *slam* na

relação com as cidades brasileiras, restando 36 artigos, que podem ser consultados no Quadro 1 (Anexo 1) desta tese.

Dentre os artigos eleitos para este estudo, sete trabalham com os seguintes coletivos: *Slam Resistência*, *Slam da Guilhermina*, *Slam do Corpo*, *Slam Marginália*, e *Slam das Minas (São Paulo)*, *Slam das Minas e Slam das Mulé (Salvador)*, *Slam Lage*, *Slam das Minas (Rio de Janeiro)*, *Slam das Gurias (Curitiba)* e um trabalho sobre o *Slam* interescolar<sup>14</sup> (Espírito Santo). Os outros abordam questões históricas ou temas transversais que tratam o movimento como um todo ou fazem recortes que não têm como foco um grupo ou coletivo específico.

Para compreender melhor o perfil dos pesquisadores e das pesquisas que vêm sendo realizadas sobre o *slam*, agrupei as revistas por áreas semelhantes, conforme tabela a seguir:

Quadro 4 – Revistas por área agrupada

ÁREA DA REVISTA (AGRUPADA)	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES
Letras, língua portuguesa, literatura e cultura, linguística	15
Antropologia urbana, ciências sociais e sociologia	8
Educação	5
Comunicação	2
Artes cênicas, artes visuais, arte educação	1
Psicologia	1

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Fica evidente, portanto, que o *slam* tem sido estudado por diversas áreas. Entretanto, esse levantamento apresenta uma diversidade imensa de focos, perspectivas e recortes. A maioria das revistas selecionadas é das áreas de letras, língua portuguesa, literatura e linguística – quinze no total. Afinal, estamos falando de poesia, e, como texto literário, é uma área com forte relação. Porém, a riqueza de ideias, cultura, relações sociais, conhecimento, resistência e luta presentes nos slams

---

<sup>14</sup> Lembrando que esse é o nome dado ao campeonato que acontece entre escolas públicas e particulares de determinada região, normalmente organizada por algum coletivo que faz batalhas nas ruas ou locais específicos com apoio de professoras e professores, o que a maioria dos trabalhos, como o aqui selecionado, chamam de transposição para o espaço escolar.

vão além da poesia e da performance, que são de uma riqueza singular. É muito mais que nossos textos acadêmicos ou transcrições são capazes de captar; por isso, se constitui num objeto tão atraente e que pode ser observado a partir de diversos prismas. Na categoria de ciências sociais, antropologia urbana e sociologia, há oito do total de artigos selecionados, e boa parte deles é fruto de estudos etnográficos realizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Salvador. Cinco artigos estão classificados na área de educação, dois na comunicação, um na de arte e um na psicologia.

Destacando a importância da relação entre *slam* e educação, campo desta tese, Gama e Fernandes (2020) apresentam uma perspectiva muito semelhante à minha proposta. A autora e o autor observam os *slams* como espaços de Educação não-formal, educação extraescolar ou educação popular. Todavia, no meu caso, ao invés desses conceitos, considere mais apropriado pensar o *slam* promovendo educação fora do espaço institucionalizado. Em um primeiro momento, é possível perceber nitidamente que, assim como eu, a autora e o autor estão dispostos a analisar o processo educativo que ocorre no *slam* sem o intermédio da instituição escolar. Isso faz desse texto especialmente interessante para esta revisão.

Ainda de acordo com Gama e Fernandes (2020), o protagonismo de jovens, em sua maioria da periferia, mulheres, negras ou negros e/ou integrantes da comunidade LGBTQ+<sup>15</sup>, que participam desde as etapas de organização dos eventos ou que formam sua audiência, traz debates necessários para a roda. Esses debates problematizam suas próprias existências, num espaço de aprendizado constante por meio da fala, da escuta e da vivência relacional entre esses sujeitos, contribuindo para sua formação social e humana. Considerando os limites e possibilidades da educação escolar, a autora e o autor consideram que o conhecimento adquirido pelas/os poetas com a inserção no *slam* soma-se ao que é recebido no meio institucionalizado. Esse processo contribui para a formação social, política e cultural, promovendo um processo duradouro de construção de sujeitos sociais críticos.

Nesse sentido, é importante destacar que o potencial educativo do Slam Poetry também já havia sido apontado pela literatura internacional:

---

<sup>15</sup> Usei a mesma sigla que a autora e o autor usaram no texto citado.

Como um espaço de possibilidade os *slams* de poesia também fornecem uma via educativa onde jovens estão tanto ensinando uns aos outros sobre seus mundos da vida como aprendendo sobre a palavra falada como uma forma de poesia. Eles falam uns com os outros, através de sua poesia, sobre como experienciam suas vidas e como vivem suas vidas. Eles falam livremente sobre suas diferenças e o que significa recusar-se a desistir de quem eles são<sup>16</sup>. (SPARKS; GROCHOWSKI, 2002, p. 13).

Ao estudar um grupo de Spoken Word formado por jovens moradores das periferias de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos, Sparks e Grochowski (2002) perceberam a criação de um espaço educativo crítico e criativo que nasceu da abordagem de temas identitários, políticos, de gênero e das relações de poder em suas performances. Nessas apresentações, os jovens falam das suas realidades e formam suas identidades por meio de suas performances. Para a autora e o autor, ao permitir que os educadores tomem conhecimento dessa prática e a incluam em suas aulas, os jovens contribuem com a criação de novas possibilidades pedagógicas.

A transposição do *slam* para o espaço institucional apareceu com frequência no levantamento realizado no ERIC, como, no trabalho de Scott (2010), que compartilha a experiência de um professor de uma escola de Ensino Médio em Texarkana, Arkansas, no ano de 2001. O resultado do uso do *slam* nas aulas foi o desenvolvimento de habilidades criativas e a produção de poesias pelos alunos. Por sua vez, as professoras canadenses HONEYFORD e WATT (2018) veem o *slam* como uma ferramenta significativa para superar a ruptura entre a prática pedagógica e as experiências vivenciadas pelos estudantes.

Ainda no espaço institucionalizado, Rudd (2012), que realiza sua pesquisa em Ohio, nos Estados Unidos, ressalta a importância do *slam* na construção de identidades. Muhammad e Gonzalez (2016), de Chicago, adensam a questão discutindo como essa prática estrutura os valores e a visão de mundo dos jovens. Eles destacam que *slam* é uma forma de letramento que acontece fora da escola, mas pode ser trazida para dentro dela. Boudreau (2006), professora da Middle Tennessee State University, em Murfreesboro, afirma que, para as crianças, a oportunidade vai além de recitar ou memorizar uma poesia. O *slam* proporciona a partilha de

---

<sup>16</sup> No original: As a space of possibility poetry slams also provide an educative venue where young people are both teaching each other about their life worlds and learning about spoken word as a form of poetry. They talk with each other, through their poetry, about how they experience their lives and how they live their lives. They talk freely about their differences and what it means to refuse to give up who they are.

experiências e valores culturais e pessoais entre as/os alunas/os e pode ser usado para apresentar e ensinar a respeitar diferenças étnicas e culturais.

A pesquisa de Jones e Curwood (2020), realizada em Sydney, na Austrália, destaca o *slam* como um fenômeno global. Segundo as autoras, o *slam* tem mobilizado jovens de todo o mundo por meio de oficinas comunitárias, escolares ou vídeos online, proporcionando uma plataforma para que grupos marginalizados sejam ouvidos. Por meio da análise de casos diversos, elas analisam como as oficinas de poesia utilizam uma pedagogia culturalmente sustentável e tornam-se um espaço de amplificação da educação/alfabetização. Ademais, destacam o importante papel dos poetas mentores nesse processo.

Analisando o crescimento do Movimento *Slam* em Houston, nos Estados Unidos, e sua importância na alfabetização e autoexpressão criativa, Bean e Brennan (2014) acreditam que ele se constitui numa ferramenta que intensifica a educação. Além disso, estimula a criatividade e as habilidades de comunicação dos jovens, incentivando-os a tornarem-se líderes cívicos e sociais.

Nesse mesmo sentido, para Jones e Curwood (2022), a poesia de *slam* proporciona aos jovens australianos uma forma de resistência, permitindo-lhes construir identidades e contranarrativas. Ao participarem de oficinas escolares, slams online e comunitários, esses jovens amadurecem e participam de forma mais ativa na sociedade.

Dentre os artigos publicados no Brasil, apenas um está diretamente vinculado ao espaço institucional: Silva e Losekann (2020) discutem o *Slam* Interescolar em uma escola do estado do Espírito Santo. Esse texto em particular faz uma discussão interessante, já que se preocupa em fazer a crítica em relação ao que acontece com o potencial político do *slam* no processo de transposição para o espaço institucional. Essa preocupação é pertinente e já estava presente no rol de questões que eu levantava ao desenhar o problema de pesquisa, e que pode ter elementos a acrescentar na discussão que pretendo fazer. O autor e a autora conseguem identificar o incômodo causado pela prática do *slam* na escola que, de certa forma, interfere na organização disciplinar da instituição. Isso é evidenciado pela fala de uma professora que acha que ela “desarranja” os horários. No entanto, de outro ponto de vista, esse contexto permite aos estudantes uma “liberdade criativa” que dispensa assistência constante de professores, diretores ou gestores escolares:

Em contraponto direto ao poder disciplinar, o *slam* não apresenta compromisso com a utilidade econômica dos corpos: liberta-os de uma ergonomia planejada e atíça seu potencial político, retirando-os de um estágio de submissão e docilidade. De modo geral, o *slam* dentro da escola desafia o controle e a hierarquia e, talvez por isso, possa ser visto como desordeiro por parte de alguns diretores e coordenadores. (SILVA; LOSEKANN, 2020, p. 10).

Quando se trata de educação, este é um ponto importante, já que a manutenção dos modelos tradicionais e a resistência às novas possibilidades de facilitar o processo educacional podem se constituir em barreiras para que este processo melhore. A tensão é parte de todas as redes de relações, e essa situação demonstra nitidamente algumas das disputas e desequilíbrios de poder que ocorrem dentro do espaço institucional da escola. Nesse caso, apesar da resistência de alguns, professores e estudantes que consideravam o *slam* como algo positivo conseguiram mantê-lo. Conforme Silva e Losekann (2020), os temas e performances se mantiveram semelhantes aos dos *slams* de rua, mesmo passando por mudanças em decorrência do contexto e das tensões. Assim, há uma manutenção do potencial político e da ideia de democratização na transposição do *slam* para o ambiente escolar.

O que realmente importa é que:

A educação, dentro e fora dos muros das escolas, pode e deve ser transformadora, e os *slams*, promovendo debates de pautas sociais, podem contribuir para esse trabalho. A própria educação, de um modo mais amplo, necessita estar em constante transformação, pois a formação humana é uma relação social em constante construção. Ou seja, é necessário aprender a ensinar e ensinar a aprender de forma dialética, com o outro, para que os próprios indivíduos envolvidos se identifiquem com o processo de aprendizagem. (GAMA; FERNANDES, 2020, p. 117).

No geral, a pesquisa bibliográfica atendeu à demanda das palavras-chave utilizadas nas buscas. Os artigos selecionados trouxeram alguns temas comuns como raça e gênero, diversas vezes discutidos juntos no mesmo trabalho. Os artigos que não se encaixam nessas categorias, no geral, estão relacionados a resistências e territorialidades das juventudes nas cidades. Mesmo os artigos voltados para o debate racial e de gênero acabavam abordando questões relacionadas às juventudes e territórios. Isso mostra que para analisar o *slam*, é necessário olhar para todos os aspectos que formam essa configuração, entendendo que, na maioria das vezes, eles são interdependentes.

Para D'Alva (2011), nos últimos anos, os *slams* têm se destacado como uma das formas mais democráticas de poesia falada no mundo, contribuindo com questões sociais, políticas, artísticas e culturais de maneira significativa. A propósito, resistências e/ou reexistências são as palavras mais repetidas nos textos selecionados e não podem passar despercebidas nesta revisão. Afinal, o Poetry Slam se tornou um mecanismo para que sujeitos com histórico de silenciamento e exclusão social fossem finalmente ouvidos.

Dentre os temas trazidos pela seleção de artigos, houve destaque para questões de gênero que aparecem em oito artigos, e raciais, que aparecem em três, de forma interseccionalizada em alguns casos. Também aparecem temas que tratam da inclusão de outros grupos, como é o caso do Slam do Corpo, o primeiro a incluir poetas surdos e ouvintes no mesmo grupo. Essa iniciativa promove a interação entre os dois grupos com o intuito de fomentar o debate sociopolítico de temas relacionados à surdez (SANTOS, N. J., 2018).

Alguns pesquisadores partem da análise de poesias ou performances de poetas específicos, como Felix et. al. (2020), que após análise do poema "Século XXI", de Wesley Jesus, slammer do Rio de Janeiro mais conhecido como WJ, entende o *slam* como gênero discursivo de resistência de vozes excluídas e subalternizadas sócio historicamente, principalmente jovens, negras e periféricas. Silva e Moraes (2020) analisam os poemas de Roberta Estrela D'Alva e Bell Puã, publicados no livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), concluindo que as obras mostram um movimento de reexistência das autoras e da própria poesia, que estimula um processo de ressignificação da poesia brasileira no contexto do poetry slam relacionado às ruas e periferias urbanas. Marcílio et. al (2020) analisam o poema "Na ponta do abismo", de Carol Dall Farra, publicado no mesmo livro. Usando o conceito de interseccionalidade, de Kimberlé Crenshaw (1991), as autoras discutem a condição social de gênero, raça e classe que perpassa a vida das mulheres negras periféricas e sua ausência na literatura, mostrando que o slam se constitui como um espaço de construção de narrativas e resistências para essas mulheres. Jesus e Souza (2019) também seguem por esse caminho do debate interseccional para questionar a condição de silenciamento e apagamento das mulheres negras na literatura brasileira:

Assim, as batalhas de poesia são um espaço onde jovens poetas negras têm ousado se tornar autoras, apropriando-se do discurso, que historicamente lhes foi negado, e se colocando contra o discurso hegemônico para falar de si e por si mesmas, a partir de sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira. (JESUS; SOUZA, 2019, s/p.).

No *poetry slam*, às margens do cânone e do mercado editorial, através do corpo e da voz, as mulheres negras criam e se fazem escutar. As batalhas de poesia são, portanto, um espaço onde jovens poetas negras têm ousado se tornar autoras, a partir de sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira. Com a poesia feita nas ruas, elas têm tensionado o fazer poético em um jogo discursivo e estético que se dá com e, ao mesmo tempo, contra a literatura brasileira. Uma poesia que, em busca da auto representação das mulheres negras, desafia e rasura imagens estereotipadas. É a poesia que se vive com o próprio corpo, que exige não só outras representações das mulheres negras, mas também a tomada do lugar de escrita. (JESUS; SOUZA, 2019, s/p.).

Ainda nesse debate sobre o slam e o feminismo negro, D’Alva (2019) escreve sobre a experiência de acompanhar Luz Ribeiro como representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam em Paris, no ano de 2017. Além de debater questões sobre a condição da mulher negra na sociedade, falando especialmente da condição da mulher preta de pele retinta, como é o caso de Luz, a autora apresenta uma fala da poeta que ilustra como ela percebe a oportunidade proporcionada pela sua participação neste evento:

Acho que eu aproveitei muito bem cada um dos três minutos que me foi dado, sabe? Acho que eu consegui... ser menos invisível; meu sonho na vida sempre foi ser menos invisível assim... Sempre fui muito invisível. Então, cada vez que eu subo e falo três minutos e alguém me ouve – e geralmente é mais de uma pessoa, porque *slam* consegue concentrar bastante gente – eu me sinto menos invisível. E eu gosto de ser menos invisível; não é só tipo porque... Sei lá, pra aparecer, mas... Porque eu acho que eu carrego... Acho que eu carrego muita coisa que não é só minha, sabe? E veio... muitas outras antes de mim, que carregavam muitas coisas que são minhas também, e ninguém nunca ouviu. Então, eu me sinto muito privilegiada por cada um desses três minutos que eu tenho e eu posso falar por mim. Eu não preciso esperar que alguém fale por mim. (SLAM..., 2017) (D’ALVA, 2019, p. 283).

Silva e Klein (2020) analisam três poemas da poeta/*slammer* Mel Duarte, publicados no livro: *Negra Nua Crua*, pensando a poesia falada/escrita nesse contexto considerado marginal/periférico como forma de resistência e reexistência.

Para as autoras, o *slam* é uma ferramenta que oportuniza o protagonismo das juventudes pretas e pobres por meio das batalhas:

Essas trovadoras da contemporaneidade, mulheres negras, transformam narrativas invisibilizadas em arte-sujeito, formando um quilombo urbano de

oralidade e oralitura poética, griôs na escrevivência de suas/nossas reexistências. (SILVA; KLEIN, 2020, p. 263).

Em consonância com esse ponto de vista, Soares et al. (2021) apontam o *slam* como espaço de democratização da escrita feminina, favorecendo a divulgação da literatura afrofeminina como manifestação artística e literária comprometida com causas sociais. O *slam* acolhe as vozes de mulheres negras e de outros grupos minoritários.

A partir da teoria de Michel de Certeau, Fernandes e Herschmann (2020) miram a Batalha das musas e o *Slam* das Minas, que acontecem na cidade do Rio de Janeiro, a fim de observar as “astúcias e táticas” de resistência utilizadas por esses grupos femininos de rima para continuarem ocupando as ruas e espaços públicos, mesmo diante de um contexto político e social menos democrático:

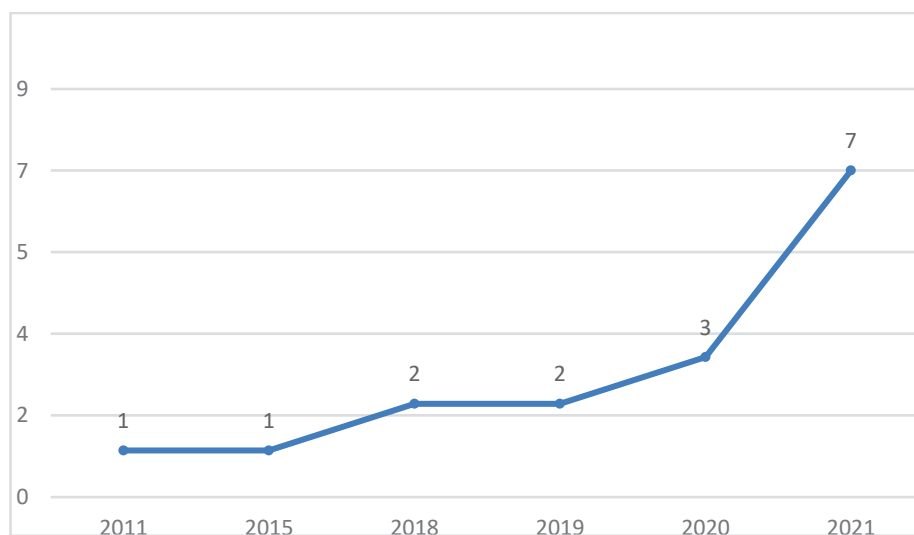
Primeiramente, pode-se dizer que tanto a Batalha das Musas quanto o *Slam* das Minas acabam se constituindo em refúgios, em focos de resistência, os quais tentam ressignificar o mundo de dentro para fora, por meio da arte. São territorialidades sônico-musicais que projetam mundos possíveis (Herschmann & Fernandes, 2014) ... Em segundo lugar, é possível chamar atenção para a relevância dos dissensos (Rancière, 2009) produzidos nestas rodas, que produzem lampejos relevantes no espaço urbano muitas vezes sombrios (Didi-Huberman, 2011). Se as dinâmicas moleculares dessas rodas partilham um tipo de sensibilidade do que é “comum”, torna também evidente o que fica de fora dessas “dinâmicas de partilha, aquilo que é da ordem do político e não do policialesco” (Rancière, 1996, p. 72). Assim, nas fronteiras desta *partilha do sensível* (Rancière, 2009), criam-se cenas alternativas dissensuais (e políticas) que se confrontam com o que está sendo estabelecido como comum, demonstrando a existência de rupturas, fissuras de sentido no que é percebido como imutável ou naturalizado. Esta perspectiva nos é válida para compreender a potência política da experiência da cultura sonora de rima de rua feminina carioca: essas expressões artísticas vêm evidenciando fragmentações na ideia do corpo social dessa metrópole, isto é, vêm indicando a existência de controvérsias e desacordos nas formas de inserção (ou exclusão) e dos processos de significação dos corpos na cidade. (FERNANDES; HERSCHMANN, 2020, p. 176-177).

Em seu artigo, Brizola e Lourenso (2019) também procuram pensar na participação das mulheres nos *slams* com base em entrevistas realizadas com poetas *slammers* curitibanas e participação em uma edição do *Slam* das Gúrias, que acontece num espaço aberto da área central da capital paranaense. Concluem que o *slam* permite a exposição de narrativas que ressignificam as ideias equivocadas que são disseminadas sobre as culturas das periferias, além de conceder às mulheres um espaço no qual elas podem falar por si e resistir às opressões impostas pela sociedade.

### 2.2.2 Teses e dissertações

As teses e dissertações foram localizadas predominantemente no Catálogo de teses e dissertações da CAPES por meio das mesmas palavras chaves utilizadas na busca de artigos: “cidade”, “periferia”, “jovens”, “educação” e “desigualdades”, resultando na seleção de 17 documentos publicados entre 2011 e 2021. É importante comentar que houve defesas de trabalhos sobre o tema em 2022, porém estes ainda não estavam disponíveis nas plataformas digitais na data da última busca em maio de 2022.

Gráfico 2 – Teses e dissertações selecionadas por ano de publicação



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O Gráfico 2 mostra um aumento significativo nas produções no período da pandemia, mas talvez esses números fossem até maiores se o convívio social não tivesse sido interrompido de forma tão abrupta. Os trabalhos selecionados para esta etapa da pesquisa podem ser consultados na Tabela 2 do Anexo 1 desta tese.

Em relação às teses e dissertações, é importante mencionar que a maioria das pesquisas tem como foco as mulheres. Na maioria dos casos, essas pesquisas trabalham com a junção de marcadores sociais de raça, gênero e classe de forma interdependente, colocando as mulheres negras e periféricas no centro das investigações. Dentre as autoras, também temos uma maioria de mulheres, com apenas duas pesquisas realizadas por pessoas do gênero masculino.

Em relação às áreas de publicação, a seleção de teses e dissertações resultou num padrão semelhante ao encontrado nos artigos:

Quadro 5 – Teses e dissertações por área

ÁREA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES
Letras, literatura	10
Antropologia social, ciências sociais e sociologia	4
Educação	2
Psicologia	1

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com 10 trabalhos produzidos em Programas de Pós-graduação em Letras ou Literatura, essa área teve destaque na quantidade de trabalhos, sendo seguida pela sociologia com quatro e pela educação com dois.

A maioria das pesquisas foi realizada em programas de pós-graduação da região sudeste, totalizando nove trabalhos em universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santos e uma em Uberlândia. As regiões Sul e Nordeste tiveram quatro trabalhos selecionados cada uma. Entre as pesquisas, a precursora foi a dissertação de Souza (2011), produzida a partir da observação dos *slams* franceses e da comparação com o repente nordestino. Foi apresentada na Universidade Federal de Fortaleza na época em que o *slam* ainda era recente no Brasil, um ano antes da criação do *Slam* da Guilhermina, em que o ZAP! era o único *slam* existente no país.

A leitura dessas pesquisas evidenciou a relevância do movimento hip hop a partir da década de 1990 e dos saraus a partir dos anos 2000 nas periferias de São Paulo. Isso mostra como esses movimentos culturais adubaram o solo para que o *slam* criasse raízes tão profundas a ponto de crescer e se ramificar por todas as regiões do país:

Ao falarmos de *slam*, é imprescindível tratarmos daquele que é o cenário essencial de sua performance: o território da cidade. Cidade que se constitui de ruas, passeios, edificações, sinais de orientação, mas também de gentes, seus percursos e permanências. Aliás, a cidade acaba por fazer parte da performance do *slam*, nas temáticas, que falam dos enfrentamentos cotidianos dos cidadãos em seu meio; como palco, pois os eventos muitas vezes acontecem em equipamentos da paisagem urbana – quadras, praças, associações comunitárias; e como cenário, em que se confundem o artista que se apresenta e o público que se movimenta no plano mesmo em que a performance se desenvolve. Uma cidade configurada e reconfigurada pelo trânsito cotidiano de seus cidadãos, mais ou menos conscientes de sua ação,

pela intervenção dos governantes e pelas dinâmicas de suas atividades. (GAMA, 2019, p. 50).

Ao retomar a história e mostrar as transformações ocorridas no cenário do hip hop entre 1997 e 2017, Freitas (2018) descreve mudanças ocorridas no decorrer dos anos, levando em consideração a disponibilidade de tecnologias e equipamentos disponíveis, assim como as estratégias de luta contra o racismo e pela promoção da identidade negra. A autora estudou diferentes produções culturais da cidade de São Paulo interligadas pela valorização do quinto elemento da cultura hip hop, o conhecimento, e os princípios empregados a partir dele para a constituição dos valores de cidadania e comunidade.

Ao voltar seu olhar para o *Slam Resistência*, a pesquisadora destaca o posicionamento político assertivo desse coletivo, explicitado em sua página do *Facebook*, como mostra a figura 2, abaixo:

Figura 2 – Descrição da página Slam Resistência no Facebook

O SLAM RESISTÊNCIA VEM NA SINTONIA  
 DOS PROTESTOS, DOS MOVIMENTOS  
 SOCIAIS E DO ENFRENTAMENTO  
 POLÍTICO ATIVO EM DEFESAS  
 CULTURAIS/SOCIAIS, SÓCIO-AMBIENTAIS  
 E CONTRA TRUCULÊNCIA DO ESTADO  
 PARA COM OS MANIFESTANTES!  
  
 Parara além das Poesias vamos discutir  
 formas de Intervenções Socio-culturais no  
 meio da babylônia de concreto, o Slam  
 Resistência antes na Roosevelt ao lado do  
 nosso querido Parque Augusta o qual  
 queremos usufruir! !  
 CHEGUEM MSM SOMOS MÍDIA(detalhe  
 importante)  
  
 In memoria: Del Chaves(Del PsychO) e  
 B.Boy Banks

Fonte: Facebook Slam Resistência 04/07/2022

O grupo se coloca numa posição que ultrapassa os limites da poesia, se configurando como um “fórum de discussão”. Além disso, relembra da participação ativa que tiveram na ocupação de uma escola estadual na capital paulista e que depois

do *slam* promovido num evento realizado nessa escola, é que Lucas Koka<sup>17</sup>, na época estudante e liderança estudantil, ficou conhecido como “terror do Governador”<sup>18</sup> após declamar uma poesia questionando a gestão pública da educação.

Em seu texto, a autora também escreve a respeito dos episódios de repressão policial sofridos no ano de 2017 que, coagidos pela polícia, foram obrigados a desocupar a praça diversas vezes, situação que tem relação direta com a gestão do prefeito João Dória, que estava na liderança da prefeitura durante a realização de sua pesquisa. Em um cenário de constante disputa, onde mesmo tendo esse direito, os artistas de rua são impedidos de ocupar os espaços da cidade de forma truculenta, e quando resistem aos desmandos da prefeitura, precisam arcar com as consequências:

O centro da cidade se torna palco de dramas que são, ao mesmo tempo, pessoais e coletivos. A prática da cidadania insurgente acontece, então, no centro da *pólis*, na *ágora*, no fórum, e toma a praça, quebrando a lógica de funcionamento da cidade neoliberal, reclamando o espaço da cidade enquanto espaço de festa e manifestação, como apontava Lefebvre, apropriando, ocupando e ressignificando o espaço público. Em oposição aos enclaves fortificados, típicos da cidade de São Paulo pós anos 1990, à autossegregação das elites e classes médias, que abriram mão de conviver com a diversidade que é necessariamente a cidade, o *slam* ocupa a praça. (FREITAS, 2018, p. 113 – 114).

Usando uma citação de Raquel Rolnik, a autora destaca que a presença de sujeitos da periferia no centro da capital paulista, assim como suas marcas por meio dos grafites e pichações, não era comum e mostra que estão acontecendo mudanças na “cara da cidade”. Ela conclui que são essas mudanças que causam incômodo na administração do prefeito, e que ele tenta apagá-las. Entretanto, essa não é uma situação que ocorre apenas em São Paulo: Soares (2021) também percebe que a inserção das jovens *slammers* pesquisadas no espaço público, realizando performances que retratam suas existências, causa incômodo aos que não reconhecem seu protagonismo. Nas duas situações, é como se os sujeitos estivessem “fora do lugar”:

---

<sup>17</sup> Lucas Koka Penteadó, após ficar conhecido nos *slams*, participou da novela *Malhação* na Rede Globo e do reality show *Big Brother Brasil 2021*; atualmente é contratado da emissora.

<sup>18</sup> As ocupações ocorreram entre 2015 e 2016, o governador em exercício era Geraldo Alckmin, que ocupou esse cargo de 2001 a 2006 e de 2011 a 2018, no Estado de São Paulo.

De forma ousada, as *slammers* apropriam-se dos espaços de onde seus antepassados foram retirados, quando jogados nas áreas periféricas das cidades pelo processo de urbanização (ou limpeza étnica). Agora retornam às áreas centrais para entoarem seus poemas/desabafos. Opondo-se ao silêncio daqueles que os observam atentamente durante as apresentações, seu tom vocálico é alto, tendo em vista que estão acostumados com a poluição auditiva das ruas. Mas esse grito também parece ser a necessidade de libertar uma voz secularmente abafada – ou várias vozes –, uma vez que em seus discursos é constante a ligação com sua ancestralidade. Emitem, portanto, a voz de uma coletividade negra. (SOARES, 2021, p. 117).

De acordo com Miranda (2015), durante muito tempo, a periferia teve sua identidade contada por vozes que nada tinham a ver com a sua realidade ou território, vozes externas. Eu diria que boa parte delas saídas de espaços acadêmicos em busca da observação do “exótico”, da interpretação da cultura dos “outros”. Apenas no final do século XX, os movimentos culturais ganharam espaço e conseguiram subverter a cultura dominante, produzindo, por meio dos saraus, narrativas próprias que contemplavam seus imaginários sobre a cidade:

O vocábulo “periferia” se reveste de um significado que vai além daquele que a relaciona a uma distância geográfica tendo como referência um centro. A periferia comporta uma convergência de representações simbólicas atreladas à classe, à etnia e ao espaço geográfico onde identidades se cruzam e os grupos se identificam, conforme afirma Sérgio Vaz em seus versos: “a periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor”. (VAZ, 2011, p. 50) (PAZZINATO, 2021, p. 103-104).

A distinção centro-margem é evidenciada nas temáticas, nas performances e na abordagem das poetas e dos poetas das periferias. Inspirados em suas vivências, como afirma Gonçalves (2021, p.60), “porque eles próprios pertencem a esse lugar de fala da margem” e encontram nos saraus e *slams* espaços abertos de compartilhamento. Ao comentar essa concepção de *slam* como “espaço democrático” comum a diversas autoras e autores, Gama (2019) afirma que essa capacidade impulsionou o crescimento dos *slams* tanto nas periferias geográficas quanto entre pessoas que possuem identidades que são socialmente marginalizadas.

O termo marginal identifica sua expressão poética, mas, na minha percepção, também pode ser uma estratégia, no sentido de ressignificar a conotação negativa associada à marginalidade, que automaticamente é relacionada à periferia, uma forma de mostrar as coisas boas que podem aflorar nas margens. Para Gonçalves (2021), a literatura marginal tem preservado o seu lugar, reafirmando suas origens e convicções, mas não se limita, buscando outros espaços na indústria cultural.

A esse respeito, vale destacar que o *slam* da Guilhermina recebeu em 2021 o prêmio Jabuti<sup>19</sup>, na categoria Inovação – Fomento à literatura com o Projeto *Slam* Interescolar e, em 2022, participou da 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, juntamente com outros três coletivos de *Slam* da cidade de São Paulo, o *Slam* Oz, de Osasco; o *Slam* Grajaú, da Zona Sul; e o *Slam* das Minas, que é itinerante. Nesse mesmo evento, houve divulgação intensa da obra do poeta Sérgio Vaz, e o estande da Editora Global promoveu na Bienal, no dia 09 de julho de 2022, uma tarde de autógrafos com o autor. A presença e participação de poetas marginais em eventos artísticos, literários e acadêmicos tem sido cada vez mais frequente.

Ainda considerando a ideia de periferia e a frase de Sérgio Vaz, destacada por Pazzinato (2021), é impossível deixar de lado a identidade étnico racial. Afinal, como disse o poeta, dentre outras coisas “a periferia nos une... pela cor!”. Talvez, por isso, tanto nos artigos, quanto nas teses e dissertações, o recorte étnico-racial foi tão presente, em grande medida, associado ao gênero.

Essa configuração é tão nítida para Nascimento (2020), que compõe o seu problema de pesquisa. A autora questiona o motivo para o *slam*, no Brasil, ter se configurado como um movimento de pessoas negras e periféricas e se propõe a responder a partir da observação do *Slam* da Quentura de Sobral, no Ceará, e do *Slam* Laje, que é realizado no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Parte da conclusão está no fato de o *slam* ter sofrido influência de outros movimentos culturais de origem negra e periférica como o hip hop e por permitir contar a “história que a História não conta”, o que a autora considera como forma de descolonização.

São espaços nos quais os jovens podem falar e aprender sobre temas negligenciados em outros espaços como a mídia e a escola, por exemplo. Esses atores sociais saem de um lugar de silenciamento para produzir e legitimar seu próprio conhecimento. Dessa forma, o *slam* torna-se um espaço de visibilidade, torna as existências possíveis e se configura como um movimento de pessoas negras e periféricas não apenas por permitir que essas pessoas construam narrativas de representação, mas por encontrarem ali um lugar onde é possível construir um mundo que considere as suas existências. Trata-se de um espaço democrático ocupado por pessoas negras cujas vidas e corpos são considerados politicamente:

---

<sup>19</sup> Organizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Jabuti é o mais tradicional prêmio literário brasileiro.

É fundamental compreender, portanto, o privilégio branco de acesso à condição de humano dentro dos processos da necropolítica. Voltando a dizer que a racionalidade da morte é lançada sobre corpos e territórios racializados, se faz necessário entender que pessoas negras se tornam, dentro de uma lógica racista e colonial, o antônimo de humanidade. Portanto, mesmo ocupando territórios como favelas e periferias, pessoas brancas atravessadas pelo marcador de classe, ainda detêm, dentro da mesma lógica colonial, o status de humano. O que para a necropolítica faz toda diferença. (NASCIMENTO, 2020, p. 61).

Assim, conforme a autora, em um cotidiano tomado pelo racismo, as poesias das poetisas negras da periferia são uma forma de gritar por socorro e lutar contra o extermínio de seus corpos, sua língua, sua cultura, seus conhecimentos, seus intelectuais.

Nesse mesmo sentido, Jesus (2021), que realiza sua pesquisa no *Slam* das Minas, em Salvador, vê o poetry *slam* como espaço de resistência, inventividade e insubmissão para as poetisas negras. No *slam*, há circulação e construção de representações de si por meio de produções que possuem características tanto estéticas quanto políticas, voltadas para o questionamento das opressões vivenciadas no cotidiano, do poder hegemônico, do silenciamento, do racismo, entre outras. Para a autora, é uma forma de reivindicar outras possibilidades de vida.

Em concordância com as perspectivas apresentadas, Pazzinato (2021) interpreta os *slams* como espaços políticos e estéticos que, no Brasil, têm o desenvolvimento vinculado às periferias. Para a autora, as poesias são “produções discursivas” que ganham força enquanto prática política e de resistência cultural de mulheres negras. O *slam* é concebido pelas poetisas como espaço de insubordinação, no qual elas podem assumir o espaço que lhes foi negado historicamente, rompendo silêncios e construindo identidades. As identidades e resistências produzidas nesse processo também remetem à ancestralidade. Sobre isso, Prates (2021) afirma que “escrever” e recitar sobre a afrodescendência, é um processo de retomada de elementos que intensificam suas experiências na matriz africana.

A discussão empreendida neste capítulo mostrou que as pesquisas estão voltadas, em sua maioria, para as mulheres negras e que o *slam* tem se mostrado um espaço democrático onde essas poetisas conseguem resistir, reexistir, protestar, ouvir e serem ouvidas. Entretanto, é importante comentar que mesmo nesse espaço ainda não existe igualdade de gênero, como comenta Pazzinato (2021), que evidencia a exclusão sofrida pelas mulheres negras mesmo no contexto de produção da chamada

“poesia marginal”, mostrando que a maioria dos livros publicados são escritos por homens, enquanto as mulheres, precisam produzir fanzines para divulgar seu trabalho.

O protagonismo dos jovens é assunto recorrente nas pesquisas selecionadas: Barbosa (2019), Soares (2021), Melo (2021) e Tatiane Pereira dos Santos (2020) destacam essa característica dos *slams*, assim como fazem Gama e Fernandes (2020) e Silva e Klein (2020) nos artigos apresentados anteriormente. Entretanto, para a perspectiva eliasiana, na minha percepção, a ideia de protagonismo pode passar a impressão de um foco mais acentuado no indivíduo. Respeito a perspectiva que foi adotada em cada pesquisa, mas, para discutir aqui, usarei termos como engajamento, envolvimento ou comprometimento dos jovens. Barbosa (2019) destaca o comprometimento dos jovens que se organizam em batalhas de poesia, ocupando as ruas das cidades. Percebe no *slam* a produção de um espaço de fala, mas, sobretudo, um espaço de escuta das vozes de autores e autoras das periferias. A voz dos jovens e das jovens poetisas, para a autora, externalizam suas realidades vivenciadas em forma de denúncia, protesto e revolta. Soares (2021) concebe a literatura como espaço de existência e reexistência, onde os jovens, com suas vozes marginais, conseguem exercer seu direito de livre manifestação e questionar as hegemonias. A autora se propõe a compreender como esse movimento contribui positivamente com a construção de identidade das mulheres negras, constatando que, em oposição à lógica social dominante, que as colocou em um lugar de silenciamento e invisibilidade, a produção poética das *slammers* negras vitimadas por opressões que se interseccionam se constitui em uma possibilidade de “conscientização e resgate da cidadania”.

Além de frisar a participação juvenil, Melo (2021), também fez um levantamento bibliográfico no qual constatou que a maioria dos trabalhos que abordam os *slams* no Brasil está ligada a temáticas da literatura, performance e hip hop, o que a levou a concluir que faltam análises que considerem a importância histórica que as movimentações culturais negras tiveram na conquista desses espaços. A fim de preencher essa lacuna, a autora faz uma análise sociológica dos contextos globais de inserção dessas movimentações, assim como das lutas históricas da população negra. A conclusão da autora reforça a interdependência entre os temas abordados: para ela, mesmo que os *slams* não sejam diretamente uma

manifestação cultural e política desse grupo étnico-racial, eles colhem os frutos das conquistas resultantes das mobilizações por eles promovidas.

O potencial educativo dos *slams* é reconhecido pela maioria das pessoas que o pesquisam. A exemplo disso, Barbosa (2019) afirma que apesar de não ter sido o enfoque da sua pesquisa, indiretamente o *slam* está presente nas práticas e processos dos sistemas culturais, bem como nos incentivos diretos, como a valorização da educação, dos livros e da escola. Segundo Soares (2021), é possível notar uma preocupação com o crescimento cultural e intelectual comum entre as pessoas que se envolvem no *slam*, tanto como poetas/organizadores quanto como público, demonstrando que a participação induz as pessoas a buscarem conhecimento.

Com vistas a compreender os significados atribuídos pelos jovens às experiências educativas e estéticas proporcionadas pelo coletivo, Tatiane Pereira dos Santos (2020) pesquisou o sarau da onça, em Salvador e concluiu que o coletivo pode ser classificado como exemplo de educação popular. Além de incentivar a promoção, transformação e empoderamento, o sarau evidencia o engajamento dos jovens da periferia na construção de suas trajetórias.

Ao abordar a transposição do *slam* para a escola, Caio Ruano da Silva (2020) conclui que, no caso estudado, ao ser levado para as escolas do Espírito Santo, há uma expectativa da Secretaria de Educação em utilizá-lo como propaganda, interferindo em sua característica principal, que é o “potencial democratizante”. Para o autor:

Nas ruas os *slammers* estão habituados a se apresentar para um público específico, que escolheu estar ali e, portanto, provavelmente compartilha das lutas que são normalmente levantadas por essa comunidade emocional. Na escola o público se torna mais diverso, com maiores possibilidades de discordância. Assim, os poetas se tornam mais cautelosos no ambiente institucional. É possível dizer que o potencial agonístico do *slam* se expande a partir da sua transposição para o ambiente escolar, visto que faz com que novos públicos (mais diversos) sejam alcançados e passam a ter possibilidade de participar. (SILVA, 2020, p. 92).

Portanto, mesmo diante da intenção de usar o *slam* em favor da Secretaria de Educação, sua transposição para a escola permite que haja um deslocamento na balança de poder e resistência, mantendo seu caráter democrático e questionador, sem a higienização esperada pelas instituições.

Nesse sentido, a dissertação de Viana (2018) contribui para a percepção de situações que podem ocorrer na transposição do *slam* para o espaço institucionalizado, apesar de não ser esse o nosso objetivo principal. A autora destaca que no interior da escola existe uma disputa de discursos: os que estão respaldados na tradição, que representam a ideologia dominante; e os discursos de resistência, que geralmente vem dos estudantes e encontram pouco ou nenhum espaço de manifestação, sendo comum o silenciamento da voz do estudante e a predominância da voz sistêmica que se manifesta por meio dos profissionais que ocupam posições de poder no espaço escolar. Entretanto, a autora percebe que apesar dessa relação desigual, há a possibilidade de construir espaços que privilegiem a voz do estudante com a colaboração da escola e o *slam* pode contribuir com isso. Em outras palavras, mesmo no espaço institucional, o *slam* consegue provocar desequilíbrio nas relações de poder.

Dessa forma, a revisão da bibliografia mostra, para além das críticas teóricas de estudos que questionam a existência do padrão centro-periferia, ele ainda é vivenciado no cotidiano das cidades brasileiras que convivem diariamente com a segregação espacial potencializada por marcadores de desigualdades sociais tais como raça, renda, gênero, orientação sexual.

Em geral, tanto os artigos quanto as teses e dissertações tiveram como objeto principal a mulher negra e periférica, apontando para uma interdependência entre as desigualdades que atingem as pessoas que participam das batalhas. A partir dos textos, é possível perceber que as rodas de *slam* se configuram como espaços ritualísticos, abertos para que todas e todos possam falar e, mais importante, ser ouvidos, pois há pessoas aguardando ansiosas por isso.

É a oportunidade de vozes silenciadas pela sociedade gritarem e insistirem em se fazer ouvidas. Afinal, que credibilidade a sociedade dá para as jovens e os jovens, para as mulheres, para as pessoas pobres que vivem nas periferias, para as pessoas LGBTQIAPN+, para as crianças, as pessoas com deficiência ou qualquer outra que personifique a diferença de estar fora do padrão branco heteronormativo imposto pela sociedade?

Quanto maior o número de desigualdades acumuladas nas configurações sociais dos sujeitos, mais restritas e menos elásticas são as suas redes, limitando, portanto, suas posições e funções. Nesse sentido, o *slam* se constitui numa oportunidade para que o indivíduo possa ampliar suas redes de relações, mudar

posições e funções e interferir nas balanças de poder, à medida que as batalhas e as/os poetas estão ganhando cada vez mais popularidade, conquistando novos espaços com suas poesias e atingindo um público maior, transcendendo os limites das periferias e atingindo um público cada vez mais heterogêneo. As jovens mulheres negras da periferia se destacam na ocupação desse espaço, no qual é possível expor seus problemas, debater com pares e chamar a atenção da sociedade para os problemas que as afligem. Esse é um dos poucos espaços que se abre para que possam ocupar esse lugar na sociedade, da mesma forma que os jovens negros da periferia, as pessoas trans e outros sujeitos que trarei para o debate.

Além da forma de olhar e da perspectiva teórica, minha pesquisa tem como diferencial mostrar como jovens vivenciam as cidades partindo de suas poesias e mostrando que os deslocamentos que essas/esses poetas conseguem fazer no interior de suas redes de interdependência são resultados de processos sociais maiores. Apesar das possibilidades de mobilidade limitadas por suas redes, esses jovens conseguem questionar, ocupar espaços negados e ampliar suas relações, construindo histórias individuais únicas.

### 3 CONCEITOS E TEORIAS RELEVANTES PARA A PESQUISA

Para este capítulo, reservei algumas discussões teóricas com intuito de aprofundar alguns conceitos de Norbert Elias necessários para a compreensão das análises que virão a seguir e, inspirada no mesmo autor, resgatar alguns fatos históricos que ilustram processos sociais de construção da sociedade brasileira. Além disso, faço uma breve retomada dos conceitos de cidade, território e juventude, que são pertinentes para a pesquisa.

#### 3.1 EU, NÓS E OS OUTROS: MARCADORES DE FUNÇÃO E POSIÇÃO NA ESTRUTURA SOCIAL

A função que o pronome 'eu' desempenha na comunicação humana só pode ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente às quais se referem os outros termos da série. As seis outras proposições são absolutamente inseparáveis pois não conseguimos IMAGINAR UM 'EU' SEM UM 'TU', SEM UM 'ELE' OU UMA 'ELA', SEM NÓS, VÓS OU ELES (ELIAS, 2008, p. 134).

Para compreender a sociedade a partir da perspectiva de Norbert Elias, é necessário perceber a centralidade dada à relação entre “sociedade” e “indivíduo”. Conforme Elias (1994), é comum perceber a sociedade como um amontoado de pessoas ou tentar compreender sujeitos singulares somente a partir de suas funções psicológicas ou de maneira isolada. Essas visões equivocadas coexistem nas teorias sociológicas e psicológicas, fundamentando-se na separação entre indivíduo e sociedade, como se houvesse um abismo entre eles. A importância dessa relação fica evidente nas pesquisas do autor quando este discute os conceitos aprofundadamente, partindo da relação de interdependência que existe entre eles, expressa na máxima: “a sociedade dos indivíduos”.

A obra desse sociólogo é construída num diálogo constante com diversos outros, dentre os quais destaco Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, considerados ainda hoje os maiores autores da sociologia e que são utilizados por Elias (1994, 2008) de maneira crítica. Elias apresenta uma nova perspectiva por meio da reelaboração ou releitura de alguns dos conceitos desses pensadores, Durkheim (2007), por exemplo, criou um método de estudo para compreender a sociedade

delimitando como objeto o que ele denominou de fato social<sup>20</sup>, que seria consequência da coerção exercida pela sociedade sobre o indivíduo. Além de analisar os conceitos como independentes, sua teoria funcionalista parte do pressuposto que a sociedade exerce pressão constante sobre o indivíduo, por meio das instituições, influenciando diretamente em seus comportamentos e relações sociais e desempenhando a função para a qual foram criadas:

Pode, com efeito, sem desvirtuar o sentido desta expressão, chamar-se *instituição* a todas as crenças e todos os modos de comportamento instituídos pela coletividade; a sociologia então pode ser definida como: a ciência das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento. (DURKHEIM, 2007, p. 32).

Com uma visão oposta, a sociologia compreensiva de Max Weber estabelece a ação social<sup>21</sup> como objeto de estudo, definindo a sociologia como “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos” (WEBER, 1999, p. 3). Nesta perspectiva, a ação social acontece devido às escolhas feitas pelos indivíduos dentre as opções que estão disponíveis.

Assim, Max Weber foi no seu trabalho teórico um dos grandes representantes do nominalismo sociológico; para aqueles que se inclinavam por este modo de pensar, a sociedade humana surge como sendo um mero *flatus vocis*. Emile Durkheim (1858-1917) perfilhou a concepção oposta. Também ele se esforçou por encontrar uma solução para o beco sem saída em que sempre se caiu, quando, tal como foi dito, contrapomos o conceito de indivíduo ao de sociedade como se fossem dois fenômenos estáticos. (ELIAS, 2008, p. 128).

Considero importante ressaltar que, apesar das críticas, Elias (2008) não ignora a grandeza das teorias desses autores; contudo, propõe uma perspectiva analítica que tenta sanar as lacunas deixadas por eles. No caso da citação acima, mostra que, ao enfatizar o indivíduo, Max Weber tratava a sociedade como se tivesse apenas a função de predicado, enquanto, ao enfatizá-la, Durkheim apresentava um

---

<sup>20</sup> Para Durkheim: “É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais”. (DURKHEIM, 2007, p. 12-13).

<sup>21</sup> Sobre a ação social, assim o autor explica: “quanto a seu sentido visado pelo agente ou agentes se refere o comportamento de outros, orientando-se por este seu curso”. (WEBER, 1999, p. 3). As ações individuais podem ser puramente individuais ou “sociais”, conforme o sentido da ação.

indivíduo sem autonomia e possibilidade de escolha, que age apenas em função daquilo que é determinado pelas instituições das quais participa. E, ainda:

A concepção subjacente a todas essas ideias, a antítese entre o 'eu puro' – objeto da psicologia –, que estabelece relações com as outras pessoas como que vindo de fora, e a sociedade – objeto da sociologia –, que se opõe ao indivíduo como algo que existe fora dele, essa concepção sem dúvida tem certo valor como expressão de determinado estágio histórico da rede humana e da forma correspondente de autoconsciência humana. Mas revela-se insuficiente quando o campo de investigação é ampliado, quando o indivíduo não parte diretamente de si e de seus sentimentos ao refletir sobre a sociedade, mas vê a si mesmo e a sua autoconsciência no contexto mais amplo da evolução histórica. (ELIAS, 1994, p. 34).

Assim, a sociologia processual de Norbert Elias se fundamenta na percepção do indivíduo como parte de um processo histórico que resulta de sua experiência social, desde o nascimento numa família que se responsabiliza pela sua educação e cuidados, passando, aos poucos, a cuidar de si mesmo, mas vivendo sempre na relação com outros indivíduos até a sua morte:

Assim, um indivíduo pode definir-se justificadamente como uma pessoa que se automodifica, que, tal como muitas vezes se diz, **atravessa um processo** – um tipo de afirmação semelhante à de 'o rio corre' e 'o vento sopra', como já mencionamos. Embora vá contra os nossos hábitos de discurso e pensamento, **seria muito mais adequado dizer que uma pessoa está em constante movimento; ela não só atravessa um processo, ela é um processo.** (ELIAS, 2008, p. 129, grifos meus).

A sociologia processual apresenta um modelo dinâmico para os estudos sociológicos que tem seu cerne na indissociabilidade dos conceitos: sociedade e indivíduos. Afinal, não é possível estudar uma pessoa isolando-a das relações sociais, nem estudar a sociedade desconsiderando os indivíduos que fazem parte dela. Por outro lado, é preciso levar em consideração também que o poder de influência ou decisão não está sempre centrado em um ou no outro. Por vezes, tomamos decisões e aderimos a comportamentos socialmente impostos; já em outros momentos, conseguimos analisar a situação e tomar decisões, fazendo escolhas que são disponibilizadas pelas nossas redes/teias de interdependência. Dessa maneira, para Elias (2008), as concepções tradicionais precisam ser substituídas por uma visão mais pragmática das pessoas, que perceba a forma como elas estão unidas por meio de arranjos que as mantêm voltadas umas para as outras de diferentes formas:

Estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante. Entre essas pessoas colocamo-nos nós próprios. 'Tal como já foi dito, para compreender de que trata a sociologia temos que estar conscientes de nós próprios como seres humanos entre outros seres humanos. À primeira vista isto parece um lugar comum. Cidades e aldeias, universidades e fábricas, estados e classes, famílias e grupos operacionais, todos eles constituem uma rede de indivíduos. Cada um de nós pertence a esses indivíduos – é isso que significam as expressões 'a *minha*, aldeia, a *minha* universidade, a *minha* classe, o *meu* país'. (ELIAS, 2008, p. 15).

Portanto, como já citado, o autor constrói sua teoria fazendo analogia da sociedade com uma rede de tecidos para evidenciar as configurações sociais e a impossibilidade de separar os conceitos de sociedade e indivíduo. Para ele, os indivíduos em sociedade criam “fenômenos reticulares” por meio de suas interações e relações sociais, que não são apenas somatórias como ocorre com as substâncias físicas, mas envolvem uma complexidade maior, que é explicada a seguir:

As idéias de cada um dos parceiros podem mudar ao longo da conversa. É possível, por exemplo, que eles cheguem a um certo acordo no correr da conversação. Talvez um convença o outro. Nesse caso, alguma coisa passa de um para o outro. É assimilada na estrutura individual das idéias deste. Modifica sua estrutura e, por sua vez, é modificada, ao ser incorporada num sistema diferente. O mesmo se aplica ao surgimento de uma discordância durante a conversa. Nesse caso, as ideias de um interlocutor penetram no diálogo interno do outro como um adversário, assim impulsionando seus pensamentos. A característica especial desse tipo de processo, que podemos chamar de imagem reticular, é que, no decorrer dele, cada um dos interlocutores forma ideias que não existiam antes ou leva adiante ideias que já estavam presentes. Mas a direção e a ordem seguidas por essa formação e transformação das ideias não são explicáveis unicamente pela estrutura de um ou outro parceiro, e sim pela relação entre os dois. E é justamente esse fato de as pessoas mudarem em relação umas às outras e através de sua relação mútua, de se estarem continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras, que caracteriza o fenômeno reticular em geral. (ELIAS, 1994, p. 29).

Esse modelo é marcado pela tensão e pelo poder que permeiam as redes, pendendo ora para um lado, e para outro, dependendo da elasticidade e da função que cada um exerce em seu interior. Aqui é importante comentar que, conforme Elias (2008), o conceito de função, que tem origem nos estudos estruturalistas e funcionalistas, não é adequado para a sua teoria. Para ele, o uso do conceito como juízo de valor, que diz respeito à realização de tarefas por parte da sociedade – e que carrega consigo a ideia de que podem ser consideradas “boas” para o todo se contribuem para a manutenção do sistema social –, é inadequado, justamente por

considerar como disfuncionais toda tarefa humana que não atenda às expectativas sociais e que, portanto, alterariam o “equilíbrio” do sistema. Também é importante reforçar que, para Elias (2008), o conceito de “função” assim como o de “poder” devem ser compreendidos como “conceito[s] de relação” (ELIAS, 2008, p. 84):

De um modo mais simples, poderíamos dizer: quando a alguém (ou a um grupo de pessoas) falta algo que outro alguém ou grupo de pessoas possui, o último desempenha uma função relativamente ao primeiro. Assim, os homens têm uma função para com as mulheres e as mulheres para com os homens, os pais para com os filhos e os filhos para com os pais. Os inimigos desempenham uma função recíproca, pois uma vez que se tornaram interdependentes têm o poder de possuir reciprocamente necessidades elementares, como por exemplo a de conservação da sua integridade física e social e, em última instância, a da sua sobrevivência. (ELIAS, 2008, p. 85).

Essa forma de compreensão abre espaço para a percepção de que, assim como outros conceitos mobilizados pelo autor, eles não são fixos. Por exemplo, duas pessoas ou grupos que possuem funções recíprocas podem exercer o poder mutuamente, porém mudanças de ordem política, econômica, ou social em diversos níveis podem promover tensões que levem um desses grupos ou pessoas a questionar o poder do outro. Para o autor, uma solução mais adequada para os problemas relacionados ao poder seria considerar este:

[...] como sendo uma característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente; como característica estrutural que é, não é boa nem má. Pode mesmo ser boa e má. Dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, em que somos mais dirigidos pelos outros do que eles são por nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizeram da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo. (ELIAS, 2008, p. 101).

Como parte da estrutura das relações humanas, o poder se apresenta como conceito fundamental para a compreensão das configurações sociais. Uma discussão inicial já foi feita na introdução desta tese, mas o conceito de figuração pode ser mais bem compreendido a partir do modelo didático em que Elias (2008) o explica, a partir do exemplo de uma mesa com jogadores:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que

formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (ELIAS, 2008, p. 142).

Portanto, as configurações são formadas por pessoas interdependentes e pelo conjunto de funções que exercem uns nas relações entre si; elas são maleáveis, atravessadas por tensões e podem ser mais ou menos complexas, dependendo do número de interdependências que as formam. Conforme o autor, esse conceito pode ser aplicado tanto a grupos pequenos quanto a uma sociedade com muitas pessoas interdependentes. No caso de grupos maiores, como uma cidade ou nação, a identificação direta das configurações torna-se mais difícil de ser analisada devido ao maior número de interdependências e especialização das funções: “Configurações tão complexas terão de ser abordadas indirectamente e compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência” (ELIAS, 2008, p. 143).

É por isso que, conforme esse autor, a sociologia não deve lançar mão de uma investigação pautada em instrumentos e conceitos estáticos e desumanizados, incapazes de representar uma configuração formada por pessoas, como por exemplo os conceitos de estrutura, papel, organização ou mesmo o de função, que é ressignificado por ele. Nesse sentido, é impossível estudar a sociedade olhando para seus indivíduos isoladamente, porque, até mesmo quando observamos o comportamento de pessoas separadas, podemos enxergar as estruturas que se entrelaçam para construir uma configuração. Todo adulto já foi criança e passou por um processo civilizador, internalizando o controle dos instintos e ajustando-se às normas do grupo social ao qual pertence por meio do convívio com outras pessoas, tornando-se fruto das relações sociais construídas no decorrer de sua vida e participando de redes mais ou menos elásticas:

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indirectamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos ‘sociedade’. (ELIAS, 1994, p. 23).

Essa definição de sociedade sustenta a perspectiva defendida desde o início deste texto, cujo foco está voltado para a relação entre os pronomes pessoais e a

necessidade de estudá-los um em relação ao outro. Elias e Scotson (2000) trazem um exercício prático de análise de figurações. Como dizem os próprios autores:

Estudar os aspectos de uma figuração universal no âmbito de uma pequena comunidade impõe à investigação algumas limitações óbvias. Mas também tem suas vantagens. O uso de uma pequena unidade social como foco da investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável – microscopicamente, por assim dizer. Pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal – um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala. Nesse sentido, o modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders que resulta da investigação de uma comunidade pequena, como a de Winston Parva, pode funcionar como uma espécie de “paradigma empírico”. Aplicando-o como gabarito a outras configurações mais complexas desse tipo, pode-se compreender melhor as características estruturais que elas têm em comum e as razões por que, em condições diferentes, elas funcionam e se desenvolvem segundo diferentes linhas. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20-21).

Os autores falam das limitações e das inúmeras possibilidades de estudar uma figuração do tipo estabelecidos-*outsiders*, e aqui, nesta tese, longe de reproduzir fielmente o modelo – até porque os próprios autores afirmam que o estudo foi realizado durante anos, sem cobranças burocráticas e que estava aberto a novas interpretações –, observo que as configurações sociais descritas nas poesias se aproximam muito de uma figuração do tipo estabelecidos-*outsiders*. Isso ocorre uma vez que os jovens *slammers* usam suas poesias para denunciar as condições desiguais que lhes são impostas pela estrutura social, expressando assim, o jogo de tensões e relações de poder próprio de uma configuração como essa.

Winston Parva foi o nome fictício escolhido por Elias e Scotson (2000) para denominar a comunidade localizada nos arredores de Leicester na Inglaterra, onde a pesquisa foi realizada no final dos anos 1950, com duração de aproximadamente três anos. Ao observar as diferenças nos índices de delinquência juvenil entre diferentes áreas da região, os autores perceberam diferenças significativas que não podiam ser explicadas pelo viés socioeconômico, já que esses dados não eram significativos. Todavia, mesmo com as inúmeras semelhanças entre “o eu e o outro”, havia a ideia de superioridade de um grupo em detrimento do outro, mantida por uma configuração social específica.

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23).

Ainda que não houvesse índices significativos de desigualdades que envolvessem categorias como renda, educação, ocupação ou situação de moradia havia um grupo que se considerava superior (*establishment*), apenas por morar há mais tempo na região e atender às expectativas em relação a tradições e valores da “boa sociedade”.

Para Elias e Scotson (2000), estudar o rótulo de inferioridade que um grupo lança sobre o outro é diferente de observar preconceitos no nível individual considerando apenas as questões morais dos sujeitos. Um grupo só consegue fixar a ideia de que os outros (no caso, integrantes de outro grupo) são inferiores devido à figuração específica que os dois formam entre si. A estigmatização não acontece por conta das qualidades individuais das pessoas, mas por serem identificadas como pertencentes a determinado grupo. O grupo *outsider* é tido como não observante das normas sociais, anômico, incapaz de se encaixar nos padrões de comportamento e controle dos afetos e pulsões.

### 3.2 OLHANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

Neste item, pretendo apresentar alguns aspectos importantes da construção histórica do Brasil e das cidades. Essas informações são relevantes tanto para a interpretação das poesias quanto para assimilar as redes de relações e interdependência dos *slammers*, compreendendo seus movimentos nas configurações sociais como resultantes de um processo histórico e social.

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos. Eles independem do fato de o respectivo observador os considerar bons ou ruins. Exemplos disso são: a diferenciação crescente e decrescente de funções sociais, o aumento ou a diminuição do capital social ou do patrimônio social do saber, do nível de controle humano sobre a natureza não-humana ou da compaixão por outros homens,

pertençam eles ao grupo que for. Logo, é inerente às peculiaridades dos processos sociais que eles sejam bipolares. (ELIAS, 2006, p. 27-28).

Analisar a sociedade sob a perspectiva de Norbert Elias demanda conhecimento acerca dos processos sociais tanto de longa quanto de curta duração, ou seja, para compreender o presente é necessário considerar também o passado, não como algo estático, mas compreendendo as mudanças que ocorrem no período observado. Se hoje, jovens poetisas periféricas, em sua maioria mulheres e negras, podem adentrar uma roda em um espaço público da cidade e expor suas dores, cobrar mais espaço e lutar contra as formas de opressão que ainda as atingem, é porque as configurações sociais e relações de poder da sociedade resultaram nessa possibilidade – não sem intensa luta –, de exigirem ser ouvidas e de ocuparem um espaço de denúncia, condição que, inclusive, é retratada nas suas produções literárias.

Assim, para pensar a configuração do Brasil, resgatarei elementos importantes da história do país, especialmente pelas particularidades que o fazem ser tão único. Construído sob uma lógica colonialista, escravista e patriarcal, a perspectiva histórica predominante, na maior parte do tempo – que obviamente representava o olhar daqueles que conseguiam ter mais vantagens na balança de poder – retrata um Brasil que não correspondia à realidade da maioria de sua população. Isso tem início a partir da ideia de “descobrimento do Brasil”, que, embora possa ser ensinada ainda hoje em algumas escolas do país, tem sido duramente questionada. Atualmente, considera-se que, ao se produzir a história do país, é preciso pensá-la a partir das lutas travadas por atores, grupos e movimentos sociais que vieram desestabilizando a todo o momento as balanças de poder de grupos dominantes.

Essa falácia do descobrimento já não se sustenta. Na história da chegada dos portugueses no país em 1500, embora os dados não sejam precisos, Fausto (1996) estima uma variação que vai desde um total de 2 milhões de indígenas entre o Brasil e o Paraguai até 5 milhões só na Amazônia brasileira. Estes grupos que ocupavam a terra eram formados por povos diversos e dispersos, condição que permitiu aos portugueses estabelecer alianças e promover conflitos entre eles. Aqueles que foram obrigados a se submeter aos invasores (se aliando ou não) sofreram violência

cultural<sup>22</sup>, em muitos casos foram mortos e/ou vítimas de epidemias, escravizados e alguns sobreviviam somente porque conseguiam se isolar, adentrando cada vez mais nas florestas.

Houve várias tentativas de exploração, ocorrendo, a princípio, um sistema de feitorias que durou até 1505, no qual o Brasil foi arrendado para um consórcio de comerciantes de Lisboa e posteriormente foi retomado pela corte portuguesa. Nesse período inicial até meados de 1535, o foco estava na comercialização de pau-brasil disponibilizado pelos indígenas: “Os índios forneciam a madeira e, em menor escala, farinha de mandioca, trocadas por peças de tecido, facas, canivetes e quinquilharias, objetos de pouco valor para os portugueses” (FAUSTO, 1996, p. 23).

A colonização do Brasil é iniciada na década de 1530 com a criação das capitanias hereditárias, em que parte da terra do país foi dividida em 15 quinhões e entregue a capitães donatários, dentre os quais estavam pessoas que pertenciam à nobreza e outras que, mesmo não tendo origem nobre, tinham acumulado riqueza graças ao sistema mercantil. Os comerciantes mais importantes estavam envolvidos em negócios mais lucrativos em outras regiões, mas possuíam algum tipo de relação com a coroa. Os capitães possuíam, mas não eram donos da terra; não havia permissão para venda ou sua divisão, porém tinham autonomia econômica e administrativa sobre ela, desde que pagassem os devidos tributos à coroa.

Dentre as possibilidades que lhes eram concedidas, a doação de sesmarias é um período importante de ser mencionado, já que graças às doações de terra feitas nesse momento histórico, começam a surgir os grandes latifúndios. Foi também no século XVI que os Jesuítas vieram para o Brasil com o objetivo de catequizar os indígenas e corrigir o comportamento tido como inadequado dos representantes do clero que já viviam aqui. Quanto às capitanias, com exceção de São Vicente e Pernambuco, elas não foram bem-sucedidas e, entre 1752 e 1754, retornaram para o domínio público (FAUSTO, 1996, p. 25).

Estabelecido como colônia, a função do Brasil era oferecer produtos alimentícios e minérios de valor para Portugal e outros países da Europa. Fausto (1996) explica que com a grande disponibilidade de terra resultante das sesmarias,

---

<sup>22</sup> Aqui, acho extremamente relevante comentar que além de impor a sua cultura e reprimir os costumes existentes, não podemos esquecer do processo de evangelização a que esses povos foram submetidos.

houve tentativa de escravização dos indígenas, sendo uma primeira tentativa direta e uma segunda por meio das ordens missionárias que tentaram transformá-los em “bons cristãos”. Porém, devido à sua cultura, eles não atendiam às demandas de trabalho dos portugueses e resistiram, se rebelando, guerreando e fugindo para o interior das florestas. Essa situação se somou às epidemias causadas pelo contato com os portugueses, que trouxeram doenças para as quais eles não tinham defesa, reduzindo significativamente a população.

Conforme Fausto (1996), para os portugueses que já traficavam pessoas da África e conheciam suas habilidades laborais, essa foi a alternativa encontrada para resolver o problema. Apesar de determinar a “libertação” dos indígenas apenas em 1758, a partir de 1570 houve a intensificação do tráfico de africanos. A impossibilidade dessas pessoas voltarem para casa, já que, para isso, seria necessário atravessar o oceano, era vista como uma das maiores vantagens. Além disso, havia o fato de já possuírem resistência às doenças que estavam matando os indígenas, bem como já praticarem a agricultura e estarem adaptados a uma rotina de trabalho parecida com a que era exigida.

Segundo Moura (1992), os primeiros grupos de pessoas escravizadas trazidas da África aportaram no Brasil em 1549 e, a partir daí, o limite estabelecido por D. João III era o de que cada colono podia possuir até 120 escravizados, condição esta que não agradou a todos. A população negra passou a representar uma grande parcela da população brasileira, mas não há informações seguras sobre a quantidade de africanos trazidos para o país. Apesar de existirem estimativas, as variações são significativas. Moura (1992) exemplifica essa afirmação com a comparação entre os números de Rocha Pombo, que afirma terem entrado 10 milhões de africanos no Brasil, e os dados de Renato Mendonça, cuja estimativa estava em torno de 4,83 milhões. Tais diferenças numéricas podem se dar, segundo o pesquisador, principalmente pelo fato de alguns historiadores alterarem os números a fim de branquear a história da população brasileira. A única certeza é que, das pessoas que foram capturadas da África, mais de 40% foram trazidas para o Brasil:

O negro nessa fase é o grande povoador, aquele que chega em ondas sucessivas para preencher os vastos espaços geográficos desocupados. Enquanto o Reino vinha para a aventura da colonização pensando em um breve regresso, deixando, muitas vezes, a família em Portugal, o negro africano sabia que sua viagem era definitiva e que as possibilidades de voltar não existiam. (MOURA, 1992, p. 8).

Essas pessoas se espalharam por todo o território nacional e, segundo Moura (1992), embora relegadas a condições sociais e econômicas subalternizadas, foram as responsáveis por povoar e criar pequenas propriedades rurais em todo o território brasileiro, algumas que existem até hoje. Assim, toda a produção que gerava lucro para os senhores de engenho e para o país era resultante da exploração do trabalho negro, sendo que estes sujeitos não recebiam nada em troca, tendo, conforme o autor, o mesmo tratamento que animais. Nessa configuração, a média de vida útil dos africanos traficados era de apenas 7 a 10 anos:

Mesmo assim, a sua influência povoadora em toda a extensão geográfica do Brasil se fez e se faz sentir, conforme demonstram todos os recenseamentos que foram feitos, incluindo o último, de 1980. O negro foi o grande povoador da nação brasileira durante sua evolução social e histórica. Por isto salientamos, aqui, o seu papel como semeador de cidades através da formação de núcleos quilombolas no âmbito nacional, tendo-se notícias desses aglomerados rebeldes desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. (MOURA, 1992, p. 14).

A população negra permaneceu na condição de escravizada por mais de 300 anos, tendo seu auge quando o país atingiu o ápice da exportação de açúcar para o mercado internacional, entre os séculos XVI e XVII.

Mas o certo é que o negro (quer escravo 'sic'), quer livre foi o grande povoador do nosso território, empregando o seu trabalho desde as charqueadas do Rio Grande do Sul aos ervais do Paraná, engenhos e plantações do Nordeste, pecuária da Paraíba, atividades extrativas da região amazônica e na mineração de Goiás e Minas Gerais. O negro não apenas povoou, mas ocupou os espaços sociais e econômicos que, através do seu trabalho, dinamizavam o Brasil. (MOURA, 1992, p. 12).

Ao fazer uma análise processual da história do Brasil iniciando pela Sociedade de Corte, que surge junto com o Estado Nacional brasileiro, no século XIX, Passiani (2012) evidencia as mudanças sociais ocorridas nesse período (1808 - 1889), em que uma corte falida sobrevive e sustenta o estilo de vida aristocrático por meio da concessão de títulos de nobreza em troca de favores financeiros a quem puder pagar. Situação que resulta numa numerosa nobreza civil que não possui linhagem, nem tradição, mas que serve aos interesses do Estado. O aspecto positivo dessa relação era que essa nova nobreza acabava trazendo um retorno financeiro e apoio político, aproximando do rei todas as pessoas que se sentiam beneficiadas por suas ações.

Todavia, os “[...] recursos simbólicos para a vida na corte” (PASSIANI, 2012, p. 576), dos comportamentos e costumes que produzem a distinção social, que Elias (1994) verificou no modelo europeu, estavam ausentes do cotidiano da corte brasileira, inclusive porque, de acordo com esse autor, na Europa eles iam sendo aprendidos e internalizados na convivência e no contato com diferentes grupos, o que não costumava acontecer no Brasil. Para Passiani (2012), diferente do que Elias encontrou em seus estudos na Europa, sem distinção entre oligarquia rural e burguesia, a dominação e o controle exercido pelas elites centralizaram o processo civilizador durante muito tempo, impedindo que ele fosse disseminado para as outras classes.

Quando se refere à mudança social ocorrida após a chegada de Dom João VI, Passiani (2012) mostra como diferentes culturas e conhecimentos podem influenciar na vida das pessoas, afinal, após 300 anos de proibição da litografia e fiscalização sobre a circulação de livros, a corte trouxe para o Brasil as suas instituições culturais que promoveram mudanças: o Museu Real, a Biblioteca Real e a Imprensa Régia. Dentre outras mudanças ocorridas, houve aumento na circulação de livros e a criação de hábitos de leitura, que também contribuíram com o que se chamou de um processo civilizador ao longo dos séculos:

Não podemos esquecer que as apropriações dos objetos da cultura, como o livro, participam do processo de civilização do indivíduo, ou seja, um dos efeitos da leitura é a interiorização dos constrangimentos necessários para a vida social. (PASSIANI, 2012, p. 579-580).

Ou seja, a capacidade de se submeter às normas sociais e de exercer o autocontrole depende de um processo de interiorização dos constrangimentos que podem vir pela leitura, como era o caso dos leitores dos manuais de boas maneiras estudados por Elias. No Brasil, conforme Passiani (2012), *O código do bom-tom* ou *Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*, de autoria do cónego português J. I. Roquete, publicado em 1845 e que fez sucesso na corte portuguesa, assim como romances morais que ensinavam formas de conduta para as jovens da época, fizeram esse papel. Para o autor, as novelas e romances mais lidos exerciam influência na “educação dos sentidos e das sensibilidades”, além de incentivarem um comportamento tido como virtuoso, que colaborava com a constituição de hábitos e costumes que garantiam o acesso e a permanência em determinados grupos da elite

do Rio de Janeiro do século XIX. Para Leão (2007), a literatura infantil também favorece a internalização de normas sociais.

Por outro lado, o colonialismo e a escravização também tiveram influência sobre a forma como o controle social e a contenção das emoções foram moldados. A população negra, escravizada ou não, pertencia à parcela da população que não tinha acesso aos manuais e culturalmente lidava com as emoções de maneira muito diferente do padrão europeu que se espalhava pelas elites. No entanto, não podiam se deixar serem dominadas pelas emoções e instintos. A esse respeito, Souza (2010) se propõe a pensar a história do Brasil a partir do imaginário construído sobre o corpo negro e do longo processo de controle social imposto a ele. Afinal, trata-se de uma história que não pode ser explicada apenas pelo viés da luta de classes, mas, quando vista dessa perspectiva, evidencia uma relação tênue com a imposição de controle das emoções imposta às classes mais populares, especialmente aos corpos negros.

O estudo de Souza (2010) é um ótimo exemplo para compreender os mecanismos de controle emocional relacionados à população negra. Ele demonstra que a proibição de práticas lúdicas e religiosas tinha como justificativa o fato de interferir no desenvolvimento da sociedade; ou seja, a proibição de batuques e da livre circulação de pessoas negras acaba evidenciando as particularidades do processo civilizatório ocorrido no Brasil e em outros países colonizados por europeus. A partir deste exemplo, podemos resgatar outros mecanismos legais, como a Lei da vadiagem, criada em 1890, com intuito de controlar a população negra recém-liberta e sem perspectivas que se amontoava nos centros urbanos devido à ausência de políticas reparatórias e vagas de trabalho remunerado. Neste cenário, a população negra precisou criar estratégias para tensionar e resistir às imposições, preservando sua cultura, como ainda faz, sem se submeter passivamente.

Durante a escravidão, o negro transformou não apenas a sua religião, mas todos os padrões das suas culturas em uma cultura de resistência social. Essa cultura de resistência, que parece amalgamar-se no seio da cultura dominante, no entanto, desempenhou durante a escravidão um papel de resistência social, o qual perdura até hoje, que muitas vezes escapa aos seus próprios agentes – uma função de resguardo contra a cultura dos opressores. (MOURA, 1992, p. 34-35).

Conforme Campos (2007), o Estado determinou as diversas formas de utilização do espaço urbano, respaldado no interesse das classes dominantes e mobilizando seu aparato de repressão para excluir uma parcela importante da

população, principalmente a mais empobrecida, formada em sua maioria por negros libertos ou fugidos da escravização. Para manter a ordem, a população negra e os brancos pobres tinham acesso restrito a alguns espaços da cidade por não representarem o ideal de cidade europeizada defendido pelas classes dominantes. O autor fala sobre a formação das favelas no Rio de Janeiro, mas mostra nitidamente a construção de um pensamento social que foi comum no processo de formação das cidades brasileiras. Dessa maneira, para esse autor, as pessoas mais pobres foram marginalizadas de forma planejada e sistemática pela ação do Estado, fundamentado em bases econômicas e espaciais, com ação iniciada no século XIX, mas planejada a partir do início do século XX.

Neste contexto pós-abolição, a quantidade de pessoas negras no país era vista como “problema” a ser resolvido. Entre os séculos XIX e XX, foram tomadas diversas providências no sentido de promover o “branqueamento” da população, como descreve Jaccoud (2008), principalmente o incentivo à entrada de imigrantes europeus no país, que tiveram prioridade na aquisição de terras e postos de trabalho, enquanto a população negra era relegada à própria sorte. As políticas de branqueamento estavam assentadas em teses eugenistas que incentivavam a miscigenação racial e previam prazos para que deixassem de existir pessoas negras no país. A partir da década de 1930, houve tentativa constante de construir uma imagem que denotava ausência de racismo e convivência pacífica entre diferentes raças, com destaque a publicação do livro “Casa grande e Senzala”, lançado em 1933, no qual Gilberto Freyre discute a formação da sociedade brasileira reforçando essa ótica da “democracia racial”.

Dessa maneira, apesar de todas as evidências, tornou-se comum negar a existência de racismo no Brasil. Com isso, houve demora na criação de mecanismos de combate e também conquistas de direitos, ainda que houvesse, entre as pessoas escravizadas, resistência explícita, como as formações de quilombos e o surgimento de movimentos sociais negros no início do século XX, como o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado em 1944 no Rio de Janeiro e liderado por Abdias do Nascimento. Segundo Moura (1992), o TEN obteve êxito em divulgar a ideologia da negritude, sobretudo entre a classe média carioca. O autor também destaca clubes, mesmo pequenos, associações, escolas de samba e terreiros de candomblé, umbanda e outras religiões africanas e afro-brasileiras dispersas por todo o país, que unem a população negra e proporcionam condições de preservação da cultura e resistência.

A partir da década de 1960, a democracia racial começa a ser questionada no meio acadêmico e ganha o status de mito. A essa altura, já eram conhecidos os resultados das pesquisas do “Projeto Unesco” realizado nos anos 1950, que evidenciavam as desigualdades raciais no Brasil. Sobre esse documento, no final da década de 1980, Moura (1988) já alertava para os possíveis desdobramentos:

Esta situação concreta irá criar nódulos de resistência, tensão ou conflitos sócio-racistas, agudizando-se, especialmente, o preconceito de cor à medida que certos setores urbanos da comunidade negra começam a analisar criticamente essa realidade na qual estão engastados e reagem contra ela. Desse momento de reflexão surgem várias entidades negras de reivindicação, não apenas pesquisando dentro de simples parâmetros acadêmicos, mas complementando-os com uma práxis atuante, levantando questões, analisando fatos, expondo e questionando problemas, e, finalmente, organizando o negro, através dessa reflexão crítica, para que os problemas étnicos sejam solucionados.

É uma convergência tentada entre as categorias científicas e a práxis que vem caracterizar a última fase dos estudos sobre o negro. O negro como ser pensante e intelectual atuante articula uma ideologia na qual unem-se a ciência e a consciência.

Evidentemente que não se pode falar, ainda, em uma consciência plenamente elaborada, mas de uma posição crítica em processo de radicalização epistemológica a tudo, ou quase tudo, o que foi feito antes, quando se via o negro apenas como objeto de estudo e nunca como sujeito ativo no processo de elaboração do conhecimento científico.

Em face da emergência dessa nova realidade, muitos cientistas sociais acadêmicos não aceitam, ainda, esta posição como válida cientificamente, mas somente mensurável como ideologia, *bandeira de luta*, ponta de lança de ação e de combate. A unidade entre teoria e prática repugna a esses cientistas que ainda não querem permitir à *intelligentsia* negra participar do processo dialético do conhecimento. (MOURA, 1988, p. 34).

A previsão do autor estava correta, sobre os “nódulos de resistência, tensões e conflitos”, alguns elencados aqui. Todos são importantes para a promoção de mudanças, mas infelizmente ainda há objeções a mudanças, principalmente por parte de áreas e pesquisadores mais ortodoxos. Mais de trinta anos se passaram e ainda há questionamentos sobre a nossa presença nos espaços acadêmicos e sobre as nossas formas de fazer pesquisa e epistemologias, assim como acontece com a poesia e qualquer outro tipo de conhecimento, arte e/ou cultura que vem de “outros”. Entretanto, é fundamental compreender que, além de ser capazes de interpretar as nossas próprias realidades e construir conhecimentos, ainda o fazemos como forma de resistência. A academia precisa ser mais dinâmica e acompanhar os processos

sociais; para além da criação de políticas afirmativas e inclusão de novos sujeitos, é necessário cuidado para que essas existências não sejam rejeitadas..

Por fim, foram as manifestações sociais e pesquisas que deram respaldo para as mudanças ocorridas nos últimos anos. Por exemplo, a Marcha Zumbi dos Palmares, ocorrida em 1995 em Brasília em comemoração aos 300 anos da morte de Zumbi, mostrou a força dos movimentos negros. Outro exemplo é a *III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância*, promovida pela ONU e realizada em Durban, na África do Sul, entre 31 de agosto e 8 de setembro de 2001. Essa conferência teve um papel importante tanto pelas mobilizações internas que resultaram no levantamento de dados quanto pelos resultados apresentados, que expuseram as desigualdades étnico-raciais do país aos outros países. Isso fez com que houvesse muitas cobranças no sentido de solucionar os problemas apresentados. A partir daí, começaram a aparecer os primeiros sistemas de cotas nas universidades, ainda que com iniciativas isoladas. Em 2003, foi promulgada a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas instituições educacionais em todos os níveis, e posteriormente foi alterada pela Lei 10.645/08, que inclui a cultura indígena no texto. Em 2012, a Lei 12.711, conhecida como Lei de cotas, determinou a reserva de 50% das vagas das universidades e de cursos técnicos e tecnológicos de nível federal para estudantes de escolas públicas e cotistas raciais.

Dessa maneira, é possível perceber que as mudanças que contribuem com a delimitação de funções e posições de indivíduos e grupos sociais são constituídas na relação indissociável entre sociedade e indivíduo. Elas possuem uma estrutura móvel que pode ser alterada de acordo com a elasticidade de cada rede e com as teias construídas por cada sujeito, devendo ser observada de diferentes níveis e perspectivas.

Há também diferenças entre os níveis de observação – comparáveis às existentes entre a visão que se tem das pessoas na rua quando se está entre elas e a visão diferente que elas oferecem quando vistas do primeiro andar de uma casa, de um quinto andar ou até de um avião. De tempos em tempos – por exemplo, no fim da “Idade Média” ou, em nossa própria época, a partir do fim do século XVIII, ou ainda, analogamente, nas sociedades africanas ou asiáticas contemporâneas –, pode-se observar, acompanhando a acumulação sistemática dos conhecimentos sociais e uma transformação específica da vida social, o atingimento dessa perspectiva mais ampla e mais alta, perspectiva que é característica de um novo nível de consciência. A dificuldade especial criada por esse estado de coisas para a compreensão e a descrição reside no fato de que a nova perspectiva não abole, pura e

simplesmente, as de outros níveis de consciência. A comparação com os pontos de vista do pedestre e do piloto de avião é capenga. As pessoas são constituídas de tal modo que, dando prosseguimento à metáfora, podem experimentar a si mesmas e às outras diretamente como pedestres e, ao mesmo tempo, observar a si e a outrem, andando de um lado para outro na rua, de um andar superior de um prédio. E talvez, ao mesmo tempo, possam até discernir suas próprias imagens do ponto de vista do piloto, tanto ao andarem pela rua quanto ao olharem do prédio para baixo. (ELIAS, 1994, p. 86-87).

Por isso, é importante esse olhar mais afastado (macro) que considera acontecimentos e mudanças socioterritoriais e históricas. Ao mesmo tempo, é relevante o olhar direto para o sujeito e sua realidade mais próxima (micro), percebendo as consequências de todos esses processos em suas configurações sociais. De qualquer forma, no nível micro ou macro, são sempre os mesmos sujeitos vistos em suas relações.

### 3.3 CIDADE, TERRITÓRIO E JUVENTUDES

Todo pesquisador sabe que escolher um tema de pesquisa é se colocar diante de inúmeras possibilidades de caminhos a serem percorridos, e que a cada etapa é preciso fazer escolhas. Geralmente, selecionar um caminho elimina a possibilidade de seguir outro. Nesse caso, decidi começar pela geografia, mas se trata de uma área muito ampla. A única coisa que eu sabia era que a geografia tradicional não atendia minhas expectativas. Entretanto, em minhas leituras, tomei conhecimento da geografia cultural. Para Souza (2000, p. 78), o território pode ser descrito como: “[...] fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Haesbaert (2004) afirma que o território possui dupla conotação, material e simbólica. Independentemente da forma como seja interpretado, sempre está relacionado com poder, seja no sentido de dominação (forma de poder que, para o autor, está relacionada com o material) ou de apropriação, que tem mais relação com o simbólico. O autor explica tais situações a partir do debate sobre relações de troca no espaço e na ideia de espaço-tempo vivido de Henry Lefebvre. Perspectivas como estas me pareceram atrativas, tendo em vista que o poder é um dos principais conceitos estudados pelas diversas teorias sociológicas e indispensável também para Norbert Elias.

Para Souza (2000)<sup>23</sup>, a geografia tradicional atua de forma reducionista ao aproximar o conceito de território ao de “território nacional”, o que remete à ideia de Estado. Para o autor, os territórios não se restringem a essa proporção; eles “existem e podem ser construídos e reconstruídos” de maneiras diversas (ruas, aglomerados de países, em escalas temporais diferentes etc.). O autor destaca a contribuição da Antropologia Urbana na ampliação dos debates teóricos e conceituais acerca das questões territoriais, porém também tece algumas críticas ao campo. Para ele, mesmo apresentando uma abordagem mais contemporânea, voltada para grupos sociais diversos, esse campo tem dificuldades para interpretar estrategicamente os problemas das sociedades complexas. Deste modo, aponta a geografia e a ciência política como disciplinas que também muito podem contribuir com o conceito de território: a primeira por ter como objeto o espaço social e a segunda pela relação epistemológica com o conceito de poder. Aqui, ousou acrescentar que a sociologia tem tanto potencial quanto a ciência política para debater este conceito, em especial a sociologia urbana.

Assim, a crítica maior à visão das vertentes tradicionais (da geografia urbana e da geografia política) é que a noção de território está associada a um grupo social ocupando um espaço físico concreto, com limites imutáveis e uma identidade socioespacial que estaria diretamente ligada a essa condição (mais ligada ao conceito de Estado-nação). De acordo com o autor, é necessário abordar a territorialidade de modo mais crítico, mantendo as dimensões políticas e culturais da sociedade, mas em uma concepção mais flexível de território:

Aqui, o território será um campo de forças, **uma teia ou rede de relações sociais** que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: **a diferença entre ‘nós’** (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) **e os ‘outros’** (os de fora, os estranhos, os outsiders). Vários tipos de organização espaço-temporal, de redes de relações, podem surgir diante de nossos olhos, sem que haja uma superposição tão absoluta entre espaço concreto com seus atributos materiais e o território enquanto campo de forças. (SOUZA, 2000, p. 86, grifos meus).

---

<sup>23</sup> professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que entre outras qualificações possui doutorado em Geografia (área complementar: Ciência Política) pela Universität Tübingen (Alemanha) e especialização em Sociologia Urbana pela UFRJ.

De fato, teias/redes de relações remetem quase imediatamente ao conceito de Elias, embora não cite o autor em seu texto. As questões relativas a poder estão fundamentadas em Hannah Arendt e Michel Foucault. Remy (2015) afirma que o espaço é socializado pelas pessoas, mas também tem a função de socializar. Uma vez que são produzidas pelas relações sociais, as territorialidades, segundo Souza (2000), tornam-se flexíveis já que elas estão em constante mutação e não dependem de séculos ou décadas para serem alteradas; em algumas situações, as mudanças ocorrem em meses, dias ou horas. Para exemplificar seu ponto de vista, o autor fala de territórios de prostituição que possuem ocupação com uma paisagem humana que se altera de acordo com os horários (territórios cíclicos) ou que podem ter seus limites alterados de acordo com as áreas de influência (territórios móveis ou flutuantes) (SOUZA, 2000, p. 88); de certa forma, a ocupação dos espaços pelas batalhas entre slammers em determinados dias e horários tem um papel semelhante.

[...] o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos — nós — conectados entre si por segmentos — arcos — que correspondem aos fluxos que interligam, 'costuram' os nós — fluxos de bens, pessoas ou informações —, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infra estruturais presentes no substrato espacial — (p. ex., estradas, que viabilizam fisicamente o deslocamento dos fluxos). A esse território em rede ou território-rede propõe o autor do presente artigo chamar de território descontínuo. Trata-se, essa ponte conceitual, ao mesmo tempo de uma ponte entre escalas ou níveis de análise: o território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos dimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada. (SOUZA, 2000, p. 93).

Dessa maneira, o território descontínuo é resultado da articulação entre várias escalas espaciais nas quais existe poder e delineamento de fronteiras que definem as posições *insider* e *outsider*. Na mesma direção, Ornat (2010, p. 80) comenta que:

[...] o território é constituído na delimitação e apropriação do espaço. Uma ação possibilitada pela intermediação de relações de poder, a instituição de um campo de força, a projeção espacial de relações sociais, delimitando os de dentro e os de fora, restringindo e excluindo pessoas e comportamentos. A partir da leitura dos autores, este território demanda constante manutenção, pois além de fruto das relações de poder, é base para elas. Estas demarcações não necessariamente devem ser formais, podendo existir de forma rarefeita e/ou simbólica. Mesmo divergindo em algumas questões, o território é aceito como pressupondo a existência de espaço-fronteira-poder. (ORNAT, 2010, p. 80).

Assim, o fato de existir troca e circulação entre pessoas que pertencem a diferentes grupos localizados em bairros, cidades, estados ou países diferentes mostra a constituição desse território descontínuo por onde os *slammers* conseguem circular livremente, indo da Guilhermina para a Praça Roosevelt, de Curitiba para São Paulo ou do Brasil para a França, da mesma forma que, conforme vão crescendo e ampliando seus espaços de atuação, realizando batalhas em outros lugares, ou indo “das ruas para as escolas, das escolas para as ruas”, estão expandindo as suas fronteiras. Portanto, na minha percepção, os *slams* podem ser considerados territórios descontínuos e dentro da minha proposta de estudo, há necessidade de uma forma de observação que permita distanciamento e alienação na medida certa ou a articulação entre perspectiva mais aproximada ou mais distante de acordo com as necessidades do objeto.

Conforme Magnani (2002), boa parte das pesquisas sobre cidade tende a retratar um olhar afastado que não chega aos atores sociais, ignorando parte significativa da vida nas metrópoles. Aqui, é importante dizer que a etnografia era minha primeira opção, mas por conta da pandemia, tentei assimilar a visão dos atores sociais por meio de suas falas, postagens e poesias.

Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe. (MAGNANI, 2002, p. 17).

Esse olhar mais próximo também pode ser justificado pelas diferenças que existem entre as diversas cidades e suas formas de organização. Pensando nisso, Wirth (1938), Professor da Escola de Chicago e um dos precursores do método, propôs uma definição sociológica de cidade considerando todas as diferenças, geográficas, econômicas e territoriais que podem interferir na forma como se observa a questão: “Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1938, p. 50). Na época em que escreveu, a definição apresentada pelo autor evidenciava a preocupação com a dimensão humana da cidade, afinal nem sempre é possível presumir que existe algum tipo de heterogeneidade entre qualquer grupo de sujeitos observando somente “de fora e de longe” (MAGNANI, 2002, p. 17).

O sociólogo contemporâneo Guy Tapie considera a formação das cidades modernas como um processo indispensável para a conscientização sobre a magnitude do espaço e do território; portanto, a define como:

A cidade é, assim, um mosaico de territórios no qual a identidade de cada elemento é marcada por um grupo social ou étnico dominante e por uma vida de bairro que muitas vezes é original. Um mosaico que, visto do alto, reflete uma imagem de unidade global que vai além da singularidade. A cidade é mais do que a agregação física de indivíduos ou de territórios, ela é um estado de espírito; estado este cujos traços principais são a tendência ao individualismo, à impessoalidade das relações, à competição entre indivíduos e grupos, aos compromissos coletivos selecionados, à alienação e ao desvio. (TAPIE, 2018, p. 375).

A definição desse autor se diferencia do viés marxista por não limitar a concepção de cidade à lógica da produção capitalista. Nesse sentido, a cidade é vista como um espaço da coletividade, onde é possível produzir identidades comuns (nós) e conviver com as diversidades (outros), o que complementa a perspectiva apresentada anteriormente. Talvez em algum momento as teorias de Tapie e Elias interajam, mas, por hora, a ideia de mosaico de territórios e a descontinuidade que ela traz me parecem muito atrativas, assim como a percepção da cidade como texto que permite diferentes leituras apresentada na definição a seguir:

Mais do que simplesmente uma paisagem geográfica, a cidade se apresenta como um símbolo inesgotável da existência humana, como o lugar que deveria e deverá ser o do cidadão: daquele que habita a cidade. Para muito além de um mapa, a cidade tem o sentido de uma rede a permitir o traçado de múltiplos fios que se emaranham em vozes e significações, e é como um texto, a sugerir muitas leituras que a cidade pode oferecer suas imagens e sentidos em dispersão. (DIETZSCH, 2006, p.728).

Dessa maneira que analiso a trajetória individual da/do jovem em sua configuração, como age sob pressão de sua própria rede, assim como as configurações sociais e o contexto histórico nos quais ela/ele está inserido:

Mas, uma vez alcançada uma visão mais clara dos aspectos da vida social que se destacam com mais nitidez do fluxo histórico quando contemplados do alto e numa longa extensão, convém retornar à outra perspectiva, a que se tem de dentro do fluxo. Cada uma dessas perspectivas, se isolada da outra, apresenta riscos específicos. Ambas – a visão aérea e a do nadador – mostram o quadro com certa simplificação. Ambas nos inclinam a depositar uma ênfase unilateral. Somente em conjunto elas proporcionam um panorama mais equilibrado. (ELIAS, 1994, p. 46).

Nesse sentido, volto o olhar para a cidade de maneira ampla, de cima, na perspectiva do aviador, trazendo informações históricas, geográficas e estatísticas. Ao mesmo tempo, trago a perspectiva de quem está dentro do fluxo, contando, por meio da poesia, como a cidade se apresenta no seu cotidiano.

Como disse Elias (1994b, p. 45): “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” que possuem identidades e passam por experiências únicas, mas estão inseridos nessa grande teia de relações e nas diversas configurações sociais que é a cidade, num processo constante de transformação e ressignificação de suas vivências. Portanto, a cidade é parte das figurações que existem numa relação de interdependência com os sujeitos que a habitam.

As cadeias de interdependência que compõem as tramas das cidades são formadas por sujeitos com diversas origens e características, além das origens étnico-raciais, socioeconômicas e territoriais. Essas pessoas compartilham uma condição que pode ser vista por diferentes vieses: a juventude. Mais do que uma questão geracional marcada por idade ou transição de uma fase para outra, olhar para a condição dos jovens, considerando a complexidade dos contextos em que estão inseridos, tornou-se um problema sociológico que não pode ser simplificado.

Santos (2012) retoma argumentos de Sposito (1997) ao lembrar que não há padrão para definição do que é a juventude nos diversos estudos realizados sobre o tema. Há variação nos significados, na duração e nas características do que é “ser jovem”, evidenciando uma falta de consenso. Como exemplo, o autor mostra duas perspectivas diferentes sobre a juventude discutidas por Dayrell (2005). Em uma, a condição da juventude pode estar ligada a questões biológicas ou geracionais, e na outra, à questão de classe e outras desigualdades sociais, tema que aparece constantemente nas poesias de *slam*.

Portanto, alguns jovens são vistos como pessoas que pertencem a grupos de determinadas idades, que possuem características que os colocam numa condição de transição para a adultez, uma fase, vista de forma generalizada e sem observar as características específicas dos sujeitos. Por outro lado, o viés que toma como aspecto central a questão econômica é insuficiente em outros aspectos, como raça e gênero, por exemplo. A maior crítica a esses pontos de vista está no fato de a juventude ser vista como fase única e estática, quando, na verdade, está inserida na dinâmica social

e pode mudar constantemente (SANTOS, 2012). Questões de raça e gênero influenciam no ser jovem, em sua identidade e nas desigualdades vivenciadas.

O crescimento de um jovem em figurações humanas, como processo e experiência, assim como o aprendizado de um determinado esquema de auto-regulação na relação com os seres humanos, é condição indispensável do desenvolvimento rumo à humanidade. Socialização e individualização de um ser humano são, portanto, nomes diferentes para o mesmo processo. Cada ser humano assemelha-se aos outros e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros. (ELIAS, 2006, p. 25-26).

A discussão trazida por Santos (2012) demonstra que essas visões limitantes não permitem que o a/o jovem apareça como sujeito (real) nas pesquisas, construindo uma espécie de “tipo ideal” que se distancia da realidade, principalmente no que se refere aos jovens pobres, como diz Dayrell (2005). Desta maneira, a noção de juventude ensejada nesta tese estará calcada na perspectiva da diversidade e, apesar de representar um determinado momento da vida das pessoas, acontece de forma diferente para cada uma, de acordo com classe, raça, gênero, territórios de vida, e não deve ser vista apenas como uma passagem ou como preparação para a vida adulta.

Em vista disso, pelo corpus teórico que orienta os estudos sobre a diversidade, é possível captar as especificidades das juventudes (no plural) como bem observa Dayrell (2003; 2005), com suas especificidades e diferenças (sociais, territoriais, étnico-raciais, geracionais, de gênero e orientação sexual), considerando as distintas formas de ser e viver essa condição, especialmente numa conjuntura em que estes detalhes definem posições e funções que situam os jovens em suas redes de interdependências. Essas e outras características funcionam como marcadores de função e posição e possuem relação direta com a construção das identidades “eu-nós” e na relação com os outros.

#### 4 A VIDA É DIFERENTE DA PONTE PRA CÁ<sup>24</sup>

Me encontrei numa encruzilhada quando iniciei a análise dos dados, pois ao falar de cidade, as/os poetas *slammers* trouxeram uma série de problemas que se sobrepõem e atravessam suas configurações sociais de maneira tão complexa que seria impossível tratar de cada um separadamente, pois cada poesia ressalta um tipo de intersecção ou foca nas desigualdades sociais que mais tensionam as redes de vida do poeta.

Em seu livro “Sociologia do Negro brasileiro”, Clóvis Moura (1988) já falava sobre a condição das pessoas negras nas cidades brasileiras:

O negro urbano brasileiro, especialmente do Sudeste e Sul do Brasil, tem uma trajetória que bem demonstra os mecanismos de barragem étnica que foram estabelecidos historicamente contra ele na sociedade branca. Nele estão reproduzidas as estratégias de seleção estabelecidas para opor-se a que ele tivesse acesso a patamares privilegiados ou compensadores socialmente, para que as camadas brancas (étnica e/ou socialmente brancas) mantivessem no passado e mantenham no presente o direito de ocupá-los. Bloqueios estratégicos que começam no próprio grupo familiar, passam pela educação primária, a escola de grau médio até a universidade; passam pela restrição no mercado de trabalho, na seleção de empregos, no nível de salários em cada profissão, na discriminação velada (ou manifesta) em certos espaços profissionais; passam também nos contatos entre sexos opostos, nas barreiras aos casamentos interétnicos e também pelas restrições múltiplas durante todos os dias, meses e anos que representam a vida de um negro”. (MOURA, 1988, p. 8).

Tais condições ainda estão presentes nas letras das/os jovens *slammers* que transformam suas vivências em poesias e mostram suas perspectivas sobre ser jovens, negras/os, pobres, periféricos etc., nas diferentes regiões do país, mais de 30 anos após a publicação do autor. Elas/es tratam de desigualdades: econômicas, sociais, étnico-raciais, da ação ou omissão do Estado frente aos problemas do cotidiano, da educação formal, da educação não-formal e da violência. Inauguro o capítulo com uma síntese dos principais temas que aparecem nas letras, sigo apresentando os sujeitos e discutindo os conteúdos. Ao longo da análise, percebi que em diversos momentos as poesias evidenciavam condições que remetiam a

---

<sup>24</sup> Trecho do verso: Não adianta querer, tem que ser, tem que pá  
O mundo é diferente da ponte pra cá  
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar  
O mundo é diferente da ponte pra cá (Música: Da ponte pra Cá - Racionais MC's)

configurações estabelecidos e *outsiders*, e, em diversos momentos, fica subentendido “quem” são os estabelecidos. Quando for necessário, vou apontar para que seja possível perceber que a maior parte das análises está fundamentada nas disputas e relações de poder entre diferentes grupos sociais. Partindo do ponto de vista do *outsider*, este representa o eu-nós que ocupam o centro da análise, já o estabelecido, aqui vai ser o outro ou os outros.

#### 4.1 A PERIFERIA É PRETA, POBRE E POÉTICA

A Polícia acadêmica quando enquadra,  
 não sabe ou esqueceu,  
 que as ruas gritam livres  
 ainda que durma na calçada.  
 A Poesia é sem sobrenome  
 pede um real pra comprar pão  
 dois reais pra comprar pinga  
 e um cobertor para cobrir a fome.  
 Dança roda com as crianças  
 beija a mão do trabalhador  
 bate ponto na esquina  
 no boteco  
 nas escolas  
 e anda de chinelo  
 pra não deixar rastros  
 ao perseguidor. (SÉRGIO VAZ, 2016)<sup>25</sup>

A seleção das letras se deu a partir das que falavam de cidade/território, e é importante evidenciar as palavras e expressões que considerei por fazerem referência a essa categoria: quebrada/quebra, Periférico/Periferia, Centro da cidade, Rua/Ruas, Leste, Centro, Vila, Selva de pedra, Da ponte pra cá, Cidade, Espaços negados, bairro, favela, viela, beco, borda, orda, várzea, “terra dos boy”, buraco, terra, lugares, fundão, entre outras. Ao falar desses locais, as/os *slammers* demarcam territorialidades, vivências e experiências, como mostra o Quadro 7, a seguir:

Quadro 6 – Temas abordados nas poesias por Cidade/Estado/Região (Geral)

REGIÃO	ESTADO	CIDADE	POETAS	NÚMERO DE POESIAS	PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS

<sup>25</sup> A obra de Sérgio Vaz tem muita representatividade na cultura marginal e periférica brasileira, por isso, trouxe alguns versos para o meu texto. Neste trecho, destaco a sensação de liberdade que a poesia traz ao não se prender aos padrões acadêmicos, especialmente porque a academia é apontada como o estabelecido.

Sul	Paraná	Curitiba	Kaio Garcia	1	Cidade, pobreza, racismo, machismo, violência policial, homofobia, segregação
			Amanda Marques	1	Cidade, pobreza, educação, violência, violência policial, racismo, crítica ao ativismo virtual
			Gabriela	1	Cidade, periferia, pobreza, educação, machismo, violência, crítica ao ativismo virtual e acadêmico
	Rio Grande do Sul	Porto Alegre	Bruno Negrão e Cristal Rocha	1	Segregação, racismo, pobreza, violência
		Porto Alegre	Jovem Preto Rei	2	Cidade, relações sociais, educação, pobreza, racismo
Centro-Oeste	Distrito Federal	Brasília	Velho Banzo	2	Cidade, pobreza, racismo, violência policial, machismo, religião, política
Nordeste	Paraíba	João Pessoa	Bixarte	3	Favela, gênero, geracional, orientação sexual, falta de acesso à educação, transfobia e racismo, crítica ao ativismo virtual, machismo, pobreza
Norte	Acre	Rio Branco	MB	4	Periferia, favela, religião, pobreza, fogo na floresta, educação, política, racismo, violência policial
Sudeste	São Paulo	São Paulo	Cleyton Mendes	1	Cidade, pobreza, Ancestralidade, violência policial, racismo, educação, redes de interdependência
			Kenyt	8	Cidade, periferia, pobreza, racismo, machismo, geração
			Santos Drumond	1	Cidade, educação, resistência, racismo, identidade, pobreza, relações sociais
			Midria	2	Cidade, pobreza, educação, violência, segregação
			Mariana Felix	1	Cidade, pobreza, racismo, machismo, relações sociais, violência policial

Fonte: elaborado pela autora (2021).

A identificação dos temas foi feita de forma subjetiva, pois os poetas nem sempre usaram os termos exatos do quadro. Assim, classifiquei de acordo com a minha interpretação, mesmo quando o faziam de forma indireta. Todas as poesias falam de cidade ou algum termo relacionado, mas, além disso, foi possível perceber outros padrões: todas as poesias questionavam a pobreza; entre 13 poetas, 11

falaram de racismo em algum momento e o tema esteve presente em todas as regiões; 8 abordaram questões relativas à educação; 8 poetas falam de violência ou violência policial; e 6 falam de questões relacionadas a questões de gênero como machismo, homofobia e transfobia. É indispensável explicitar que, ainda que tenha enfatizado a recorrência desses temas como forma de organização dos dados, não pretendo observá-los individualmente, pois todos emergem do debate sobre cidade e aparecem entrelaçados.

Assim, como na poesia de Kenit a seguir, é comum que os temas sejam tratados juntos e que falem da realidade vivenciada pela pessoa que a compôs e de suas configurações sociais.

Malcolm<sup>26</sup> deixou de herança para nossa mudança uma trinca  
 O povo preto tem que ter dinheiro, educação e auto estima  
 ser patrão de nós mesmos  
 Dá trabalho, gerar emprego  
 sei que podemos pensar que isso é obrigação do governo,  
 mas sabemos que depender desses cara...  
 é o mesmo que esperar que a PM proteja os negros  
 [...]  
 Eu vou no meu corre usando as “armas” que eu tenho,  
 fazendo ARTE espalhando cultura,  
 vou fazer a minha parte  
 e mostrar para o Datena  
 que meu lugar  
 NÃO é dentro das viaturas.  
 Atura!  
 estamos acessando os lugares  
 Os cartões de acesso estão sendo a literatura. (MESSIAS, 2022, p. 83-84).

A poesia de Kenyt (MESSIAS, 2020) trata dos problemas que o atingem enquanto jovem negro, pobre e periférico, características compartilhadas pelos sujeitos dessa pesquisa, embora sejam de diferentes cidades (capitais e regiões) do país. Nesta poesia, o eu-nós é o povo preto enquanto os outros são: a Polícia Militar, o Governo e o Datena, se referindo ao jornalista José Luiz Datena, que apresenta um programa sensacionalista de notícias policiais.

Inicialmente, tentei separar em categorias individuais, mas um assunto sempre está “costurado” ao outro de forma direta ou indireta e, principalmente, com a identidade da/do poeta e de sua configuração social. O trecho da poesia de Kenit começa trazendo a perspectiva de um personagem importante do ativismo afro-

---

<sup>26</sup> Malcom X: ativista afro-americano.

americano que se destacou na luta por direitos humanos nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960, que talvez nem esteja incluído nos currículos escolares, mas tem sua autobiografia comentada e recomendada entre os jovens do hip-hop, desde os Racionais MC's<sup>27</sup> como fonte de inspiração.

Mesmo 58 anos após o assassinato do ativista, seu livro inspira jovens negras/os das periferias brasileiras e Kenyt reforça a visão de Malcom X enfatizando o “dinheiro, educação e autoestima” como metas para quem convive com a pobreza, a precariedade da educação e outros serviços públicos e com o racismo. Também fica nítida a postura de não ficar esperando a ação do Estado. O poeta mostra que faz da arte e da cultura suas armas para lutar e que a literatura abre as portas para que outros lugares sejam acessados, driblando mecanismos de exclusão. Assim, por meio de suas poesias, essas/es jovens falam um pouco de si (do eu e do nós, que representam sua identidade comum e da relação com os outros), dos lugares de onde vêm e de suas configurações sociais.

No primeiro “*Slam* da Guilhermina online”, impressionada com o número de participantes de fora de São Paulo, a *Slammaster* Cristina Assunção repetiu em vários momentos a frase: “o que nos une é a periferia”<sup>28</sup> e, dentre outras, essa é uma característica comum das pessoas que participam de *slams*. Considerando, portanto, as características dos lugares citados, inegavelmente há um destaque para uma parte muito específica das cidades: a periferia.

Nos últimos anos, a periferia tornou-se algo importante. Pouco a pouco a palavra foi adquirindo novos sentidos e hoje é moeda corrente em conversas de políticos, programas de partidos, nos planos de governo, em discursos, em discursos de militantes de base e, como não poderia deixar de ser, nas análises de cientistas sociais. De tão usada, transformou-se em uma espécie de moda. E como talvez aconteça com toda moda, a difusão acabou por lhe retirar conteúdo: 'periferia' quer dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, não serve para explicar quase nada. (CALDEIRA, 1984, p. 7).

Para essa autora, a palavra periferia é sinônimo de precariedade, carência e falta de infraestrutura urbana principalmente pelo seu posicionamento geográfico estar próximo aos limites, bordas ou franjas das cidades. Apesar de já existir antes, em São

---

<sup>27</sup> Isso é uma referência minha (de ouvir o Mano Brown comentar e de ouvir jovens que leram porque ele leu, ou por causa do movimento hip-hop).

<sup>28</sup> Referência à poesia: Manifesto da antropofagia periférica, do poeta Sérgio Vaz, cujos versos iniciais dizem: “A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune”.

Paulo, conforme Caldeira (1984), a periferia ficou conhecida na década de 1970 devido à postura de seus moradores que se organizaram para protestar e lutar por direitos em frente à Prefeitura, ou seja, ela passou a ser vista quando as pessoas que nela viviam se manifestaram em busca de direitos. Dessa maneira, a definição criada na década de 1980 ainda encontra correspondências na atualidade, apesar das mudanças sociais, políticas e territoriais ocorridas nesses quase quarenta anos que se passaram desde a pesquisa da autora.

Sobre a urbanização das cidades brasileiras, Milton Santos diz que, em sua maioria, foram ocupadas de maneira espraiada e fragmentada, com grandes espaços vazios entre os centros urbanos e as áreas de ocupação mais recente.

As cidades, e sobretudo as grandes, ocupam, de modo geral, vastas superfícies, entremeadas de vazios. Nessas cidades espraiadas, características de uma urbanização corporativa, há interdependência do que podemos chamar de categorias espaciais relevantes desta época: tamanho urbano, modelo rodoviário, carência de infraestruturas, especulação fundiária e imobiliária, problemas de transporte, extroversão e periferização da população, gerando, graças às dimensões da pobreza e seu componente geográfico, um modelo específico de centro-periferia. Cada qual dessas realidades sustenta e alimenta as demais e o crescimento urbano, é, também, o crescimento sistêmico dessas características. As cidades são grandes porque há especulação e vice-versa; há especulação porque há vazios e vice-versa; porque há vazios e as cidades são grandes. (SANTOS, 1996, p. 95-96).

Ainda que exista variações nas escalas de segregação socioespacial no Brasil, o padrão de organização territorial mais comum ainda é o de centro x periferia, sendo que, conforme Andrade e Silveira (2020, p. 383), a distância física neutraliza a distância social, reduzindo a possibilidade de conflitos e delimitando um lugar específico para cada grupo. Campos (2007) contribui enormemente para o debate, mostrando o uso de dispositivos jurídicos que vieram favorecendo essa separação desde o século XIX.

Economicamente a exclusão foi produzida através das leis que impediam a propriedade de parcela do solo, principalmente agrícola, através da lei de terras, de 1850, e de outros estatutos legais que tornaram impossível a formação de uma classe média e de alto e médio status pertencente a etnia considerada *não branca*, construindo-se a longo prazo uma das mais perversas estratificações sociais em função da grande diferença de renda percebida por esse segmento social, comparando-se com a população de alto e médio estratos de renda. (CAMPOS, 2007, p. 87).

A exclusão não era apenas econômica, mas espacial, com facilitação do acesso à terra para um grupo em detrimento do outro, com respaldo legal e de discursos que permeavam a sociedade. Além de não poder adquirir propriedades, a população negra também não teve acesso a empregos urbanos remunerados, sendo alvo de pedidos de deportação dos africanos e afro-brasileiros, mesmo que estes representassem a maioria da população do país. Nessa conjuntura, os quilombos que abrigavam negros alforriados e legalmente livres e brancos pobres eram tidos como ilegais, assim como também qualquer apropriação de terra feita por negros a partir de 1850 era vista como desrespeito à legislação (CAMPOS, 2007).

Embora o desenho mais comum herdado deste período seja o de centro-periferia, Andrade e Silveira (2020) sublinham que pode-se encontrar na atualidade também outros, como condomínios ricos e de classe média na periferia urbana e favelas nas áreas centrais, por exemplo, ou ainda, a convivência de dois grupos num mesmo espaço, situação que a autora e o autor denominam como proximidade espacial e distância social, provavelmente inspirados na discussão francesa sobre *Mixité Sociale* (Mistura social). Nesses casos, embora estando próximos espacialmente, a distância social é reforçada por marcadores que podem ser físicos, como muros; sociais, como a aparência física das pessoas, ou suas posses; ou ainda culturais, por meios de práticas diferenciadas do uso do bairro, da rua, da comunidade. As fronteiras entre o bairro e as favelas podem até ser, quase imperceptíveis, mas são reconhecidas pelos moradores, podendo ser uma rua, um comércio, um equipamento público. A arquitetura das casas e a urbanização das ruas também evidenciam os locais onde cada grupo vive (ANDRADE e SILVEIRA, 2020).

Também em pesquisa realizada na década de 1980, Magnani (1992) se preocupou em estudar o lazer nas periferias, mostrando que o afastamento das regiões centrais impossibilitava o acesso aos “espaços consolidados”<sup>29</sup>; porém, identificou na periferia diversas modalidades de lazer e uma produção cultural própria. Acredito que os saraus, que antecederam os *slams*, sejam resultado dessas formas de lazer e manifestações culturais da periferia de São Paulo que o autor percebeu naquela época e que foi se ampliando com o passar do tempo.

---

<sup>29</sup> Estou chamando de espaços consolidados, espaços legitimados e reconhecidos por grande parte da população. Exemplos: parques, praças, museus etc.

De acordo com Caldeira (1984), até a década de 1940, na cidade de São Paulo, por exemplo, a população reduzida ocupava um espaço limitado de forma desordenada, situação que começou a mudar com a criação das vilas operárias em regiões mais distantes. No entanto, essas vilas ainda eram acessíveis apenas aos trabalhadores mais especializados, que possuíam maiores rendas. Os demais trabalhadores eram obrigados a viver nos cortiços. A partir dos anos 1940, os loteamentos começaram a ser mais acessíveis e, entre 1940 e 1960, a população começou a avançar para regiões mais distantes, situação que a autora atribuiu aos avanços na urbanização e à criação de novas linhas de ônibus.

São Paulo deixou de ser uma cidade concentrada e onde os trabalhadores viviam no centro e perto das elites, pagando aluguel em cortiços e casas de cômodos para se transformar em uma cidade dispersa e segregada, na qual os trabalhadores vivem em casas próprias autoconstruídas nos loteamentos periféricos. Ou seja, ocorreu um processo de expulsão dos trabalhadores de baixa renda para os bairros distantes que só eram acessíveis porque não contavam com infraestrutura adequada e nem com uma rede de serviços básicos. Em outras palavras, com o crescimento populacional e a queda da oferta de moradia, aos trabalhadores de baixa renda só restava 'ir morar no mato'. (CALDEIRA, 1984, p. 17).

A autora afirma que a periferia foi sendo ocupada de forma desorganizada, tendo como prioridade uma responsabilidade atribuída à iniciativa privada. Somente depois é que começaram a surgir preocupações com a infraestrutura e a cobrar a parte que cabe ao poder público. Portanto, a forma como a cidade foi se organizando determinou o lugar que seria ocupado por cada parcela da população, empurrando a população mais pobre para as bordas e concentrando aqueles que têm maior poder aquisitivo nas áreas mais centrais. Este padrão centro-periferia se repete em algumas capitais brasileiras, como Curitiba, Porto Alegre e João Pessoa, e fica evidente a partir de algumas letras que aqui serão apresentadas. A expansão da cidade, feita com base nesse processo segregador, é caótica do ponto de vista social e, do ponto de vista urbano, resultou na criação de um espaço nitidamente diferenciado, exacerbando as marcas sociais (CALDEIRA, 1984, p. 23).

Em resumo, não há nada que caracterize melhor o processo de apropriação do espaço e de resolução do problema habitacional para as camadas de baixa renda em São Paulo do que o binômio loteamentos-autoconstrução. É através dessa associação que se pode compreender o fenômeno 'periferia' e descrever a uniformidade da paisagem dos bairros que a formam. As ruas irregulares e esburacadas que foram abertas sem um plano prévio são preenchidas por essas casas que são construídas por um processo de

*bricolage* que lhes confere um aspecto sempre precário. Elas compõem junto com as marcas da ausência de serviços – falta de iluminação pública e asfalto, esgoto correndo a céu aberto, um cenário imediatamente identificável: trata-se do local de moradia das camadas mais pobres da população. (CALDEIRA, 1984, p. 26).

A citação contempla, em grande medida, o que se vê ainda hoje em algumas cidades do Brasil. De fato, as periferias ainda têm essas paisagens características e suas carências, algumas das quais serão tratadas mais detidamente aqui. Contudo, é importante dizer também que existe uma relação afetiva das pessoas com esse território vivido, que não é percebido como algo estático, mas que vai além da paisagem e do espaço geográfico físico. Assim, ao falar sobre esse território, é preciso compreender também essa dimensão simbólica muito forte que remete ao campo das emoções. Essa relação de identidade e pertencimento fica nítida no Manifesto do *slam* da Guilhermina:

GuilherManos e GuilherMinas  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 Guilhermanos e Guilherminas  
 Quem vencer essa noite será nomeado  
**Slampião ou Slampiã**  
**Porém não levará para casa**  
**A Maria Bonita**  
 Vem  
 Pode chegar  
 Sob a luz da **lamparina**  
 Celebrando a poesia  
 No *slam* mais roots da América Latina  
 Ocupando a praça muito além da fumaça  
 Não duvide da fé  
 Porque Guilhermina é  
 Esperança  
 Somos o bando do **Lampião**  
**E o nosso cangaço?**  
**É Cangaíba nosso pedaço**  
 Ermelino Matarazzo  
 Da Guilhermina a São Bento é só uma questão de tempo  
 Somos o Bando do Lampião  
 Praticando *slam* como num rachão de domingo  
 Só que pra gente também é balada  
 É resistência. É celebração. É convívio.  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)  
 (ALCALDE, 2014, p. 25 apud STELLA, 2015, p. 10).

O Manifesto é recitado pelos *slammasters* na abertura das batalhas. Ele inicia com o grito do *Slam* da Guilhermina, que faz referência tanto ao território quanto à

géria utilizada para se referir aos jovens das periferias, os ‘manos’ e as ‘minas’. Cita a praça da Guilhermina onde o *Slam* acontece, as regiões próximas (Esperança, Ermelino Matarazzo, Cangaíba) e o metrô como ligação entre um ponto e outro da cidade. Enfatizam referências nordestinas (e *outsiders*) Lampião e Maria Bonita<sup>30</sup> e o cangaço, que remete à história da região formada, em grande parte, por migrantes nordestinos<sup>31</sup>. Além disso, destaca a força, resistência e insubmissão, convívio e celebração como características comuns com o bando.

Em sua pesquisa sobre cultura e lazer na cidade de São Paulo, Magnani (2003) afirma que a imersão no campo, requereu a criação de categorias que explicassem as redes de relações observadas. Não pretendo me aprofundar nem fazer uso de todos os conceitos propostos pelo autor, até porque estamos falando de tempos e espaços diferentes. No entanto, alguns deles podem ser úteis para explicar as configurações sociais atuais. Nesse caso, como o manifesto citado fala de “pedaço”, entre muitas outras coisas, achei relevante abordar esse conceito, especialmente pela forma como vincula território e identidade.

O “pedaço” se apresentou como categoria tão importante que compôs parte do título do livro “Festa no pedaço”, deste autor. Para Magnani (2003), era uma categoria “nativa”, cujo significado tinha a ver tanto com a delimitação de um espaço físico quanto com as redes de relações sociais que se desenvolvem neles. O território literal, possui, assim, uma demarcação: um ponto de ônibus ou uma linha específica, um telefone público, um bar ou uma praça, por exemplo. Mas também pode se tratar de uma prática coletiva. Contudo, para pertencer ao “pedaço”, além de frequentar o território fronteiriço que podia ser um lugar de passagem ou de encontro, era necessário estar ligado a uma rede de relações que, dependendo da configuração, era permeada por vínculos familiares, de vizinhança, comunitários, como, por exemplo, fazer parte de um grupo específico que pratica esportes.

Portanto, mesmo que eu tenha apresentado uma explicação simplificada do conceito de “pedaço” de Magnani (1992), é importante que ele seja percebido como parte da identidade dos sujeitos. No caso do *Slam* da Guilhermina, o Manifesto reafirma o pertencimento a esse “pedaço” - o distrito de Cangaíba, Ermelino

---

<sup>30</sup> Virgulino Ferreira da Silva, cangaceiro que junto com sua companheira Maria bonita liderou um bando contra a ditadura de coronéis.

<sup>31</sup> Uma referência de ancestralidade, mais recente que a africana.

Matarazzo, a Estação da Guilhermina e toda a região - e ainda relativiza a distância desta região em relação ao centro. No texto, se afirma que da Estação de metrô São Bento, que fica no centro, até a Guilhermina é só uma questão de tempo, mostrando que também podem ocupar outros lugares e receber pessoas que não são dali.

#### 4.2 QUEM SÃO E DE ONDE VÊM AS POETAS E OS POETAS QUE PROTAGONIZAM ESSA PESQUISA?

Para analisar as poesias da perspectiva do eu-nós, é preciso saber que é/são essa/s pessoa/s para, a partir daí, compreender suas posições e funções no interior das configurações sociais que fazem parte, pois é a partir das vivências nestas redes que elas constroem suas identidades. Por isso, nesta seção, trarei informações sobre algumas/ns poetas que aparecem na pesquisa, um/a de cada região do país<sup>32</sup>.

Processos sociais e seres humanos singulares, logo também suas ações, são absolutamente inseparáveis. Mas nenhum ser humano é um começo. Assim como o falar individual provém de uma língua já dada e específica de uma sociedade, assim também todas as outras ações individuais brotam de processos sociais já em andamento. Os próprios processos sociais possuem sem dúvida maior ou menor autonomia relativa frente a determinadas ações de seres humanos singulares, seus planos e ações (por exemplo, o surto atual de integração da humanidade). Mas não são absolutamente independentes dos seres humanos e das ações humanas. Se os seres humanos parassem de planejar e de agir, então não haveria mais nenhum processo social. Afinal de contas, essa autonomia relativa dos processos baseia-se na vida em comum de uma pluralidade de seres humanos mais ou menos dependentes uns dos outros e que agem uns com os outros ou uns contra os outros – de seres humanos que estão imersos em uma natureza não-humana. A autonomia relativa dos processos sociais baseia-se, em outras palavras, no contínuo entrelaçamento de sensações, pensamentos e ações de diversos seres humanos singulares e de grupos humanos, assim como no curso da natureza não humana. Dessa interdependência contínua resultam permanentemente transformações de longa duração na convivência social, que nenhum ser humano planejou e que decerto também ninguém antes previu. (ELIAS, 2006, p. 29).

Para complementar o olhar vinculado a essa relação interdependente, além dos processos sociais, também é preciso voltar a atenção para os indivíduos.

Carrano (2008), por exemplo, destaca que cada sujeito se apropria da cidade, tanto do ponto de vista físico quanto simbólico, influenciando na construção de sua

---

<sup>32</sup> Limitei o número de poetas e trabalhei apenas com as/os que consegui mais informações. Isso foi feito como forma de exemplificar um olhar mais aproximado, sem estender muito a tese.

identidade social. Mas, nessa apropriação, é preciso considerar que as cidades também oferecem restrições simbólicas e geográficas que impedem a livre circulação das identidades em seus diferentes territórios. Assim, é necessário relacionar as tensões existentes na cidade e os processos de apropriação, sem isolar o sujeito, pensando que ele está inserido e produz as tramas desse mundo urbano. Portanto, para pensar nas poesias no sentido configuracional, é preciso desvendar as teias que ele constrói ao longo de sua história.

Como boa parte da pesquisa foi realizada em momento pandêmico, não pude realizar entrevistas. Por outro lado, obtive muitas informações sobre os *slammers* a partir de dados que consegui localizar em redes sociais e livros. Escolhi analisar mais detidamente um *slammer* de cada região do país para que seja possível relacionar as poesias com suas trajetórias e configurações. Trarei informações sobre outros *slammers* para que se compreenda a teia envolvida no *slam*. Sobre essa trama que constitui o sujeito, Elias já comentava:

Também por esse prisma, vemos o quanto a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social. Já assinalei, em muitas ocasiões, que a palavra 'eu' careceria de sentido se, ao proferi-la, não tivéssemos em mente os pronomes pessoais referentes também às outras pessoas. A forma dupla do nome próprio explicita o que, por sinal, é óbvio: que cada pessoa emerge de um grupo de outras cujo sobrenome ela carrega, em combinação com o prenome individualizante. Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós. (ELIAS, 1994, p. 151-152).

Assim, as histórias individuais precisam ser consideradas do ponto de vista das redes de interdependência e das conexões realizadas, pois são tecidas na convivência social e são frutos de um processo que forma suas identidades "eu", mas também suas identidades "nós", quando se veem como grupos: juventudes periféricas, pessoas negras, mulheres cis e trans, LGBTQIAPN+, poetas/*slammers*, ou seja, sempre ocupando posições *outsiders* em suas configurações. A esse respeito, Elias e Scotson (1994) dizem que a instabilidade no equilíbrio de poder e as tensões produzidas estão no centro da figuração. Dessa maneira, por ocupar posições mais constantes de poder, o grupo estabelecido consegue produzir e validar o estigma negativo colocado sobre os *outsiders*.

Com isso, minha expectativa foi a de apreender o máximo sobre suas configurações sociais, a partir dos materiais produzidos. Para isso, busquei

compreender suas vivências, experiências e relações construídas nas cidades, e aquelas que foram proporcionadas pela inserção no *slam*.

#### 4.2.1 Amanda Marques A+ (AM AIS)

Figura 3 – Foto da poeta Amanda Marques A+



Fonte: *Facebook* Amanda Marques

Nascida em Curitiba no ano de 2003, Amanda Betina Marques Schenberg<sup>33</sup>, vulgo A+, tem 19 anos, morou na região do Bairro Boqueirão, próximo ao terminal do Carmo e, atualmente, mora no Canal Belém, região que pertence ao bairro Uberaba, mas que também fica próximo ao Boqueirão. Segundo Amanda, Boqueirão, Iguape, Canal Belém e Carmo são a sua área, a sua quebrada. Começou a gostar de rap e da cultura hip-hop na infância, mais ou menos aos 8 anos de idade, porque o irmão

---

<sup>33</sup> É importante informar que a maior parte das informações que constam neste texto estavam disponíveis em um vídeo de inscrição para o Edital Prêmio Memorial Vivências realizado pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em fevereiro de 2022, tendo como objetivo criar um museu virtual sobre a produção cultural paranaense e premiar trabalhadores e trabalhadoras da cultura pela produção desses materiais, que foram juntadas com as informações conseguidas por meio das redes sociais e de suas letras de músicas e poesias.

da melhor amiga ouvia alguns cantores que lhe chamaram a atenção. Mesmo não tendo aparelhos nem autonomia para escolher as próprias músicas, acabava ouvindo o que eles selecionavam. Assim, ainda que já tivesse contato com o rap e outros ritmos na rua, e o funk, o pagode e o brega, em casa, aos poucos foi se identificando com a cultura hip-hop e buscando mais conhecimento, ouvindo *rappers* como Rashid e Projota e participando de batalhas de rima. No entanto, mesmo tendo uma incursão por todo esse universo musical, nunca se viu como *rapper* e cantora, principalmente pela insegurança que ela acredita ter origem na construção social, racista e machista da sociedade que a impede de ter o mínimo de autoestima<sup>34</sup>. Para Amanda, a percepção de que a sua falta de autoconfiança era resultado do racismo só foi possível por causa do rap. Foram justamente as letras dos Racionais MC's, da Negra Li e da Dina Di, por exemplo, que fizeram com que ela fosse entendendo que não era apenas um problema individual, mas das tensões em sua configuração social, estigmas internalizados pela sua condição de *outsider* (mulher, preta, pobre).

A mãe, negra retinta, como define a própria A+, perdeu contato com a família aos 17 anos e só voltou a encontrá-los em 2019. O pai, descendente de alemães, também não tem muito contato com a maior parte dos seus familiares. A história da família é contada no seu trabalho *Cenários*, lançado em 25 de julho de 2022. Na divulgação, aparecem Amanda, a mãe e as duas irmãs, que também participam do clipe<sup>35</sup>.

Figura 4 – Divulgação de Lançamento da Música Cenários



Fonte: Facebook Amanda Marques (2022).

<sup>34</sup> Memorial Vivências UNESPAR (2022).

<sup>35</sup> Disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=-6LuQd4dNO4>>.

Em 1991, grávida e com uma filha no colo, a mãe da poeta veio de São Paulo para Curitiba, fugindo de uma situação de violência doméstica, mas foi assaltada quando chegou e perdeu o papel em que tinha anotado o endereço da família, não tendo mais contato com o pai e recuperando o contato com os irmãos só 30 anos depois. Em sua música, ela também fala da tia que morreu, vítima de feminicídio, antes do reencontro da mãe com os familiares. A partir do exemplo da mãe, a cantora/poeta agradece ao pai, que, mesmo não sendo perfeito, agiu de maneira diferente e permaneceu com a família. Nessa música, ela também questiona o machismo no *rap*.

Amanda, com uma família não tão grande no que diz respeito aos parentes, tem vivido grande parte da sua vida somente com a mãe, o pai e as duas irmãs mais velhas. Ela diz que as irmãs praticamente a criaram, provavelmente devido à necessidade de trabalho da mãe. Segundo ela, nesse contexto de convivência limitada com poucas pessoas, a música serviu para abrir a sua mente e ensinar sobre as diversas coisas que ela não tinha acesso. O primeiro contato com o *slam* foi em 2019, na primeira edição do *Slam* das meninas, quando foi assistir a uma batalha no vão do pátio da reitoria da UFPR, a convite de uma amiga de sua irmã. Isso proporcionou a ela conhecimento sobre a arte da poesia marginal:

Você vê as mulheres citando, falando sobre abuso, agressão ou inseguranças, enfim, diversas coisas e aquilo ali é poesia também. Aquilo ali é arte, sabe?! Eu não conhecia poesia marginal, o que eu conhecia de poesia era... No colégio, sabe?!  
É aula de português, e eu nunca gostei, tipo... é foda falar isso, mas eu nunca gostei de ler, de escrever e essas coisas de português que a gente aprendia no colégio. Nunca tive afinidade com isso. Eu nunca ia imaginar que eu fosse virar poeta e rapper, né?! Principalmente. Mas, então, foi o *slam* e a poesia marginal é que me fez aprender sobre isso. Depois que eu conheci o *slam* de gurias, eu conheci outros *slams* aqui em Curitiba. (AMAI, 2022, transcrição de vídeo).

Quando pensa nos coletivos de *slam* que teve oportunidade de conhecer, Amanda cita o Slam das Gurias; o Slam Contrataque, que é realizado no Largo da Ordem, região central da cidade; e o Alferes Poeta, que acontece no bairro Parolin. Este último, ela teve a oportunidade de assistir pessoalmente e declamar no microfone aberto, antes do início das batalhas. Também conheceu diversos outros grupos pelas redes sociais, principalmente no período da pandemia, quando finalmente começou a se libertar das inseguranças, participando efetivamente das batalhas virtuais. Atualmente, também tem feito apresentações de *rap* e gravou clipe de uma de suas

músicas. As batalhas de rima entraram na sua vida em 2017, quando começou a frequentar a Batalha da Menô, uma das batalhas de MCs mais famosas da cidade, realizada na Praça da Colonização Menonita, no Bairro Boqueirão, em Curitiba.

Toda essa aprendizagem permitiu-lhe ver que este movimento questionava vários problemas que afetavam a vida das pessoas na sociedade, da mesma forma que o *rap* fazia. Mas, para ela, naquele momento, o *slam* pareceu mais fácil, pois ela conseguia refletir antes de escrever, transferir o sentimento para o papel antes de recitar e não precisava improvisar como nas batalhas de *rap*. A primeira poesia foi feita numa oficina realizada *pelo Slam das Gurias e Contrataque*, no colégio em que ela estudava, o Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba (IFPR). Como já conhecia a dinâmica dos *slams*, se animou em aprender as técnicas para escrever e recitar. Com auxílio das Poetas Gabriela e Jaquelivre e do Poeta Beduíno, ela venceu os medos “de errar”, “de fazer feio”, “medo de ser tirada”, “medo de tentar”. Essa oficina foi o único saber formal adquirido pela poeta. Todo o complemento foi construído, conforme seu relato, em sua vivência nas ruas, com pessoas que já faziam *rap* e poesia antes, senhores e senhoras da periferia, pessoas negras, pobres, mulheres, enfim, cada história ouvida trouxe um aprendizado infinito. Além disso, ela se inspira em quem veio antes e cita exemplos: Racionais MC’s; Projota; Haikaiss; a poeta Cristal Rocha do Rio Grande do Sul, que foi para o *Slam Brasil* e agora faz *rap*; Negra Li; Negra Gisa, que conheceu pelo *YouTube* e ficou impressionada com as letras e o tanto que pôde aprender; Dina Di; RZO; Sant. Para Amanda, é possível aprender muito com as experiências de outras pessoas:

Ele [Rick]<sup>36</sup> é uma das minhas maiores inspirações e cada pessoa me trouxe tanta coisa, sabe?! Eu aprendi tanto com tanta gente que eu ouvi, aprendi tanto, mas tanto... E eu acho que isso é o que eu mais levo no peito assim. OP Caos, que é um cara aqui de Curitiba também. Ele é incrível, ele é um *rapper* foda e ele sempre fala, não é?! ‘meus irmãos foram meus mentores’. Eu Acredito que é isso. As pessoas que estão à minha volta, meus amigos, as pessoas ali da roda de poesia, do rap que faz isso, que cresceu com você. São os maiores mentores que alguém pode ter, a família, né, mãe?! Tudo. Com as histórias. E é da hora. Ao mesmo tempo, também, como eu sempre fui muito tímida, essas coisas no colégio ali, ao meu círculo de amigos, não era, tipo assim, meu círculo de amigos. Não, não escrevia. Não gostava de *rap*, sabe? Não, não estava envolvido nesse meio, não foi tipo, até gostava de rap, mas não ia em nenhuma Batalha de Curitiba. Então era outro rolê totalmente diferente. Assim, às vezes eu me sentia deslocada, é, de estar com eles e quando eu estava na Batalha, me sentia totalmente ali. É o meu lugar, sabe? Então é muito louco. Assim, as experiências que a

---

<sup>36</sup> Videomaker integrante do Laboratório de produção musical criado em 2022 do qual A+ faz parte.

gente tem, que a gente adquire, a gente vai se conhecendo. (AMAI, 2022, transcrição de vídeo).

O fato de estudar em uma instituição localizada no centro da cidade de Curitiba, cujo ingresso se dá por meio de processo seletivo e recebe estudantes de todos os bairros e da região metropolitana, colabora com essa dificuldade de construir relações mais próximas.

Para a jovem, escrever a ajudou a ter mais autoconhecimento, lidar melhor com seus próprios sentimentos e transferir para as poesias sua indignação e descontentamento com a pobreza da família, o desemprego da mãe, a política, os altos índices de morte de pessoas negras e trans, dentre outras situações que lhe causam incômodo. Durante a pandemia, ela fez vídeos declamando suas poesias e os postou em sua página do Instagram. As reações positivas contribuíram para que ela, finalmente, tivesse coragem de participar das batalhas que estavam acontecendo virtualmente. Assim, começou a se sentir poeta e, com o tempo, aprendeu a escrever mais sobre si mesma, percebendo que as pessoas se identificavam com ela, o que lhe trazia muita satisfação. Antes da pandemia, só tinha conseguido recitar no microfone aberto nos *slams* e uma vez na Batalha da Menô.

Durante a pandemia, como a maioria das pessoas, a jovem teve que lidar com diversos problemas psicológicos e de convivência familiar, como a ausência de contatos sociais provocadas pelo isolamento e o convívio intenso com a família pequena. Essas questões produziam conflitos que eram despejados no papel. Amanda considerou esse período como importante para chegar onde está e pensa que ainda tem muito caminho a trilhar. Ela conta que, em 2020, foi convidada pelo Kenni Rogers, organizador da Mostra de Literatura do Paraná, para participar do evento *online*, que contou com uma produção de vídeo que foi transmitida pelo *Youtube* e ela recebeu uma bolsa. Pela primeira vez, ela se sentiu uma artista recebendo pela sua arte. Ainda no mesmo ano, foi convidada por Beduíno para participar da Batalha das Casinhas pelo Grupo Conexão UFPR, também online.

Em 2019, fez parte do Coletivo Manifesto Preto do IFPR e exaltou a liberdade dada pela instituição no sentido de permitir que os estudantes se organizem e se envolvam em eventos culturais e artísticos, algo que não acontecia no Colégio Estadual em que ela estudava antes. Além disso, ela destacou um ponto de vista positivo da mistura promovida pela diversidade de jovens de diferentes origens e pontos da cidade, o que possibilita uma troca abundante. A participação no Coletivo

rendeu muitas experiências importantes, dentre as quais a jovem destaca a organização de um Sarau na Semana da Consciência Negra, no qual foram convidadas poetisas negras e que atraiu muita atenção no Instituto.

Com a diminuição dos casos de covid e a retomada das atividades presenciais, surgiu a oportunidade de Amanda participar de batalhas presenciais, de se inserir no rap gravando clipes e fazendo shows em diversos espaços de Curitiba. Em janeiro de 2022, o grupo do qual ela faz parte atualmente - um Laboratório que conta com protagonismo negro, feminino e homossexual - foi convidado a abrir o Show do Major RD, um cantor carioca que tem feito sucesso nacionalmente:

Então eu acho que isso é incrível, é maravilhoso, é de Curitiba, uma cidade do sul, racista. Então, a gente passa por muita coisa, e que quer mostrar isso para o mundo, né? Curitiba também tem uma cena muito forte, tem muitas pessoas incríveis, alguns nomes que eu falei aqui, mas tem muito mais. Gente que faz de tudo, então acho que uma das metas é botar a nossa cidade no mapa, sabe? É juntar as pessoas, é levar para fora, isso tem oportunidade de ser visto por mais gente. Porque eu acho que todo mundo merece, com certeza. E também, é participar de mais projetos comunitários, a gente se organizar [para fazer] projetos comunitários para ajudar nossa quebrada, em escolas, porque, que nem eu, comecei a escrever porque o movimento foi lá na minha escola fazer uma oficina de poesia. Se eu tiver oportunidade, eu conseguir planejar algo em escolas para mostrar esse movimento para os alunos, eu acho que vai ser uma realização incrível para mim, sabe?! (AMAIS, 2022, transcrição de vídeo).

Observando os pontos que Amanda destaca em sua história de vida, é possível perceber como suas redes de relações vão se construindo e ampliando. Isso começa desde o ouvir *rap* na infância, porque o irmão mais velho da amiga escutava, passando pela sua frequência nas batalhas de rima da Praça Menonitas, até que a amiga da irmã a convida pela primeira vez para o *slam* das Minas no Pátio da Reitoria da UFPR. Além disso, o movimento de sair da escola estadual do seu bairro para estudar em um Instituto Federal faz com que ela conheça mais pessoas, se insira em novos grupos e fortaleça seu elo com o *slam*.

As relações estabelecidas nessas configurações sociais levaram a jovem a questionar as desigualdades, entender e problematizar o lugar que ocupa na sociedade, e construir uma identidade como mulher, negra, periférica, resistindo à opressão de gênero. Afinal, se não tivesse fugido, assim como sua tia Leninha, sua mãe também poderia não ter sobrevivido.

A partir da história dessa poeta, foi possível identificar vários fios de suas redes de relações: suas amigas e das irmãs, vizinhos, família, cantores, poetisas,

entre outras pessoas que fazem parte de suas configurações sociais, suas funções como filha, irmã, amiga, estudante, poeta, rapper, trabalhadora etc. Olhando para essa configuração, é possível perceber sua inclinação para discutir as temáticas étnico-raciais e de gênero, por exemplo.

#### 4.2.2 Kenyt

Figura 5 – Foto do Poeta Kenyt



Fonte: *Facebook* Humberto Marques (Kenynt) (2021).

Kenynt “inté aqui”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Referência ao Livro publicado pelo poeta que tem como título: Inté aqui pode me chamar de Kenyt. O título do livro e as falas do autor nos eventos de lançamento que pude acompanhar vem ao encontro da perspectiva da sociologia processual no sentido de perceber que as identidades, as relações sociais vão sendo construídas num processo no qual as escolhas vão definindo a configuração final e que tem a mutabilidade como característica importante. Só podemos falar do que estamos vivendo até aqui; não há possibilidade de prever o que vai acontecer depois; uma única escolha pode alterar toda uma rede.

Integrante do *Slam* da Guilhermina e do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, Poeta Formador do *Slam* interescolar de São Paulo, Humberto Marques de Messias, jovem negro que atualmente adotou o “vulgo” Kenyt e antes o “vulgo” Poeta Beká, nasceu em São Paulo em 21 de setembro de 1992. Em seu livro (MESSIAS, 2022)<sup>38</sup>, o jovem explica que o vulgo BK é abreviação de Beto Kenyt, que já era seu apelido. No entanto, o Beká, mesmo com a escrita diferente, tinha a pronúncia igual ao usado pelo *rapper* Abebe Bikila (BK). Apesar de já ter sido alertado sobre isso pelo amigo e parceiro de arte, também *slammer*, Renato Kolla, só sentiu que precisava mudar de nome quando se apresentou para o rapper Helião<sup>39</sup>. Ali, viu que precisava de um nome tão original quanto o trabalho que estava fazendo (MESSIAS, 2022, p. 123).

Quando comecei a segui-lo em sua página de trabalho no *Facebook*, ele usava a descrição: “Poeta Beká é também mestre de cerimônia e transita em dois mundos”. Essa condição também aparece em algumas de suas poesias, nas quais também se apresenta como funkeiro e critica a marginalização do funk pela sociedade.

O site Z Matérias (2019) descreve Kenyt destacando seu estilo e origem: “Usa Juliet, camiseta de time, bermuda<sup>40</sup> da Nike, tênis de marca e vem das favelas do Jardim Nélia, Itaim Paulista” (Z MATÉRIAS, 2019, s/p.). Seu estilo une duas de suas paixões: o funk e o futebol. Isso fica explícito no texto que aparece como legenda na foto dele com a mãe, em publicação de seu perfil do Instagram de 17 de dezembro de 2019, assim como em sua poesia e letras de músicas:

**O meu sonho era ser jogador de futebol, entrar em campo com a torcida gritando meu nome**, isso não aconteceu no campo de futebol, mas aconteceu no *slam* br. E na boa? Foi mais dahora assim 🤔 Família Sem Palavras! MUITÍSSIMO obrigado! ♡ Cês são combustível pra que a gente siga caminhando, e que de alguma forma eu possa servir pra vcs de igual. Meu troféu desta vez foi ter minha coroa presente, ela que nunca tinha me visto recitar foi lá e pqp, slc. 😊 Dona Maria, sem palavras, a senhora é uma rainha. 👑 **DO ITAIM PAULISTA PARA O MUNDO. - já disse, não se trata de ganhar, ou de perder, trata se de estar vivo!** Sonhar, acreditar e ação! [@slam\\_br](https://www.instagram.com/slambrazil) vai ficar guardado.

<sup>38</sup> Essa é a referência do livro. Vou usá-la todas as vezes que trazer o seu conteúdo como forma de valorizar e divulgar o trabalho do poeta Humberto Marques de Messias, vulgo Kenyt.

<sup>39</sup> Um dos grandes nomes do rap nacional, integrante do Grupo RZO, da zona oeste de São Paulo que fez sucesso na década de 1990.

<sup>40</sup> Gíria: bermuda.

Parabéns @kimani\_sp tu é monstronaa e tlg né. Bonjú 🤔 🤔.  
(INSTAGRAM @poetaBeká, 17/12/2019, grifos meus).

Sobre a forma de falar e escrever, quando adquirei o livro do poeta Kenyt, (MESSIAS, 2022), me deparei com a explicação a seguir:

A literatura é livre e de todos (na teoria)  
O livro 'Inté aqui' surgiu com a intenção de alcançar os pobre loko da perifa, que estão distantes da poesia por acreditar que ela está somente em Machado de Assis ou Manoel Bandeira. A ideia é mostrar que a poesia também está em Carolina Maria de Jesus, Sérgio Vaz, Racionais e em todos e todas presentes nos *slams*, saraus, palcos, praças e vagões desse mundo. E foi na intenção de criar essa identificação que eu procurei escrever de forma simples e objetiva, usando nossas gírias e dialetos. A nossa correção não foi obedecendo às normas impostas pela Academia de Letras, mas sim de acordo com o dialeto das ruas. Então, lembre-se: Não considere erros ortográficos! Isso é comunicação direta com os nossos. (MESSIAS, 2020, p. 20).

O aviso sobre a escrita é importante, afinal, o livro é voltado para um público específico para quem ele fala diretamente<sup>41</sup>. A primeira vez que eu o vi e ouvi, foi no Sesc Pinheiros, na final do *Slam* BR 2019. Espero que até o fim desta tese, eu consiga traduzir em palavras todas as emoções que senti ao participar desse evento. A primeira coisa que me chamou a atenção nesse poeta foi a semelhança com o meu irmão mais novo, Alexandre, cujo hobby é escrever e gravar suas letras de rap. Contudo, depois, consegui reconhecer também muitos aspectos do meu cotidiano na periferia, sendo expressos de uma maneira que eu jamais conseguiria.

Kenynt conta da infância ao lado da mãe e do irmão mais velho, Raphael, “vulgo” Diop Kmt, que cantava RAP e foi sua primeira inspiração, em Itaquaquetuba, fundão da Zona Leste de São Paulo. A convivência com o irmão o levou a escrever sua primeira letra, mas demorou um pouco para que tivesse coragem de mostrá-la. Quando o fez, aprendeu uma lição que fica explícita em suas poesias: o irmão elogia, mas sugere que não tenha palavrões para que as crianças e senhoras também possam ouvir. Essa preocupação com as diferenças geracionais ainda é percebida em seu trabalho. Kenyt demonstra preocupação com as crianças e orgulho de ver a

---

<sup>41</sup> Quando entrei na universidade, comecei a falar de maneira mais “difícil” e formal até que um dia meu pai disse que não conseguia mais conversar comigo, que não falávamos mais a mesma língua. Hoje cuido para não usar palavras difíceis e falar do jeitinho que aprendi em casa; é parte da minha identidade e preserva o elo com a minha família e com as pessoas próximas.

poesia fazendo diferença na vida de algumas delas. Isso fica evidente não só em suas poesias, mas também em suas falas nos eventos e em seu livro.

Por volta dos 12, 13 anos, começou a ter contato com o *funk* e, por meio dos colegas de escola, conheceu *Furacão 2000 Twister: só pra esculachar*, álbum de *funk* com CD lançado em 2005 e DVD em 2006, que vendeu mais de 150.000 cópias. Foi aí que, segundo Messias (2022), o *funk* se apresentou como um caminho. O surgimento de músicas que falavam de quebradas geograficamente próximas fez com que ele tivesse esperanças.

Essas referências próximas da minha localização, me fizeram acreditar mais que era possível, pois se o mano que morava perto de mim conseguiu, era possível que eu ali do Itaim Paulista também conseguisse. E foi ouvindo MCs como Daleste, Backdi e Bio G3, Dede, Belet e Oreia, Galo SP e também MCs da baixada santista como Felipe Boladão, Careca, Duda do Marapé, Neguinho do Kaxeta, que me fizeram crer e acreditar até os dias de hoje. Às vezes eu fico pensando o quão louco são nossos sonhos, mas que bom que sonhamos pois é isso que nos mantém vivos. (MESSIAS, 2022, p. 32.).

Essa variedade de estilos, origens sociais e culturais colocadas nas letras de músicas trouxeram conhecimento para o *slammer* e o ajudaram a construir um arcabouço cultural que faz toda a diferença na elaboração de suas poesias e na sua interpretação do mundo.

A inserção cultural desde a infância está presente em suas redes na convivência com o irmão, na forma de aproveitar o tempo livre na escola batucando e cantando com os colegas, e na escrita de suas letras e poesias. Porém, para um jovem negro e periférico em um país desigual como o Brasil, viver de arte e cultura é quase impossível.

De volta a São Paulo, após mais ou menos três anos morando no interior, foi convidado pela prima para assistir à final do *Slam* BR 2016, em um teatro localizado na Avenida Paulista, viu um vídeo, se interessou, porém não conseguiu ingressos para entrar. Evelyn, a prima que constituía mais um elo em sua rede, proporcionou o primeiro contato com o *Slam* e o primeiro passeio pela área central da cidade de São Paulo, pois, apesar de ter vivido anos ali, era a primeira vez que ele ia à Avenida Paulista.

Mesmo não conseguindo ingressos, tiveram oportunidade de ver as/os poetas batalhando em frente ao teatro antes do início do evento:

Eu fui chegando, me aproximando e quando me vi, eu já estava balançando a cabeça concordando com muitas das coisas que ali eram ditas por pessoas que eu nunca nem tinha visto, porém as vivências eram como se fossem as minhas. Era como se cada palavra fosse um míssil teleguiado e o alvo era eu. (MESSIAS, 2020, p. 70).

A narrativa desse evento diz muito sobre as mudanças possíveis nas redes a partir de uma única escolha. Passear pela paulista mostrou um “mundo novo” para Kenyt, que logo percebeu a diversidade. Não sei se todas as pessoas que têm contato com a área central da cidade de São Paulo têm a mesma percepção, mas, no meu primeiro contato, a diversidade foi muito perceptível. Inclusive, achei que tivesse sentido um choque cultural por ser curitibana e quase nunca ter saído da minha cidade. No entanto, o relato do autor me faz pensar que realmente existe uma aura diferente no centro dessa grande metrópole.

Observar o que acontece ao nosso redor também faz muita diferença e, para o autor, foi este dia que iniciou o seu “processo de libertação”. Sobre a festa pós-final do *Slam* BR 2016, ele diz:

Diferentemente dos ‘rolês’ que eu frequentava nas quebradas, onde 80% das pessoas alisavam o cabelo, ali todos mantinham seus cabelos blacks armados, suas tranças nagô. Todos e todas se firmavam e se orgulhavam de ser preto, era como se cada um e cada uma carregasse no peito a frase ‘somos o que somos’[...] Quando eu li a biografia de Malcom X, dentre tantas reflexões e ensinamentos que tive, a questão do alisamento dos cabelos foi uma das coisas que mais me chamou a atenção, pois por mais que eu não tivesse o cabelo crespo, passei a minha adolescência toda alisando o meu cabelo e isso é uma coisa natural dentro das quebradas. O problema não é deixar o cabelo liso, mas sim os reais motivos que te fazem alisar. Talvez nem percebamos que a BELEZA reside naquilo que está mais próximo da branquitude. Por essas e por outras, é de extrema importância que tenhamos consciência de quem somos e de onde viemos. Precisamos (re)conhecer a nossa história, mas não a história que nos contaram durante a vida, que pessoas como eu descendem de escravos, pelo contrário, descendemos de um povo rico, inteligente e que em suas raízes eram reis e rainhas que a branquitude escravizou [...]. (MESSIAS, 2022, p. 74-75).

Segundo ele, essa experiência marca um novo começo, como se agora pudesse ver as coisas sob uma nova perspectiva ou enxergasse um outro lado da história, e mudou sua forma de olhar para si mesmo. As poesias evidenciam a influência do *slam* na vida do autor, mostrando um processo de desconstrução e construção de uma nova identidade produzida a partir das suas relações sociais. Da mesma forma que o irmão o ensinou a respeitar as diferenças geracionais, o *slam* o

ajudou com a construção da autoestima, a valorização da ancestralidade e conhecimento de sua história.

Além disso, ao reafirmar o aprendizado da infância, ele fala de uma solidariedade, de um espírito de coletividade que parece uma regra internalizada. Como diria o rapper Emicida, “Tudo que nós tem é nós”<sup>42</sup>. Ser preto, pobre e periférico são condições que permeiam as estruturas sociais como marcadores de função e posição dos sujeitos. Eles estão diretamente relacionados com o desequilíbrio de poder nas redes e, aqui, também chamaremos de desigualdades múltiplas. Há na fala de Kenyt uma preocupação geracional, uma solidariedade que é compreendida por quem convive com as diversidades, dispondo do mínimo de empatia.

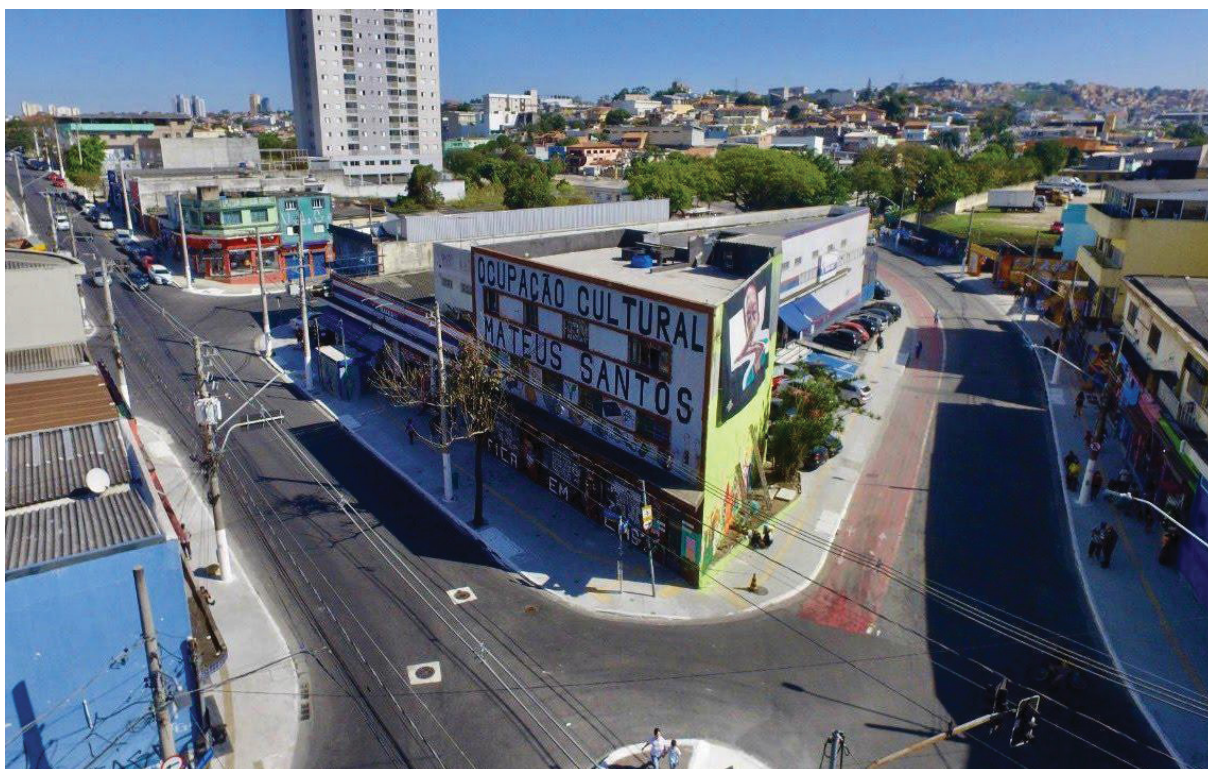
Conhecendo a vida nas quebradas, ele escreve sobre as coisas que interessam para a maioria dos jovens, usa a arte que eles entendem para apresentar essas novidades, e demonstra uma preocupação que nem sempre existe nas pessoas e instituições que assumem a responsabilidade de ensinar. Ele se esforça para tornar a informação acessível, utilizando a linguagem e cultura do cotidiano. O jovem também conta detalhes da sua atuação como o personagem Bixiga, na segunda temporada da série *Irmandade*, produzida pela Netflix em 2019 e lançada em 2022. Além disso, menciona suas músicas e clipes disponíveis em plataformas de streaming, destacando que tem alcançado um público cada vez maior.

A Ocupação Cultural Mateus Santos (imagem a seguir), na qual Kenyt também atua e que faz parte do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, trabalha com a oferta de atividades culturais e educativas para crianças e jovens da periferia, além de shows e oficinas. Kenyt trabalha nos projetos e faz propaganda do Movimento nas redes sociais.

---

<sup>42</sup> Parte da letra da música: Principia do Álbum: AmarElo (lançado em 2019).

Figura 6 – Foto aérea da ocupação cultural Mateus Santos



Fonte: Facebook Ocupação Cultural Mateus Santos.

A ocupação possui espaço para exposições, uma biblioteca comunitária onde os livros podem ser emprestados sem cadastro e sem devolução obrigatória, funcionando de terça a domingo (localizada na Rua Paranaguá, no bairro Ermelino Matarazzo).

Aqui, conseguimos perceber a magnitude das redes de interdependência de um único indivíduo e algumas configurações sociais possibilitadas por suas escolhas no interior dessas redes, suas funções (poeta, escritor, ator, amigo, formador, oficinairo, filho, irmão etc.), suas posições (pobre, preto, periférico etc.), bem como a indissociabilidade da relação indivíduo x sociedade em todos os contextos de história de vida antes, durante e depois de nossas existências.

São diversos os momentos em que ele narra situações que nos permitem captar as posições e funções que ele foi ocupando nas suas configurações sociais, as influências, a mutabilidade e as alternâncias na balança de poder que permeiam suas redes. E, por outro lado, ele narra uma rede tecida com muitos fios de solidariedade que, apesar de ser perpassada por tensões e desigualdades sociais, se estabelecem com o fortalecimento dos elos entre aqueles que a compõem, tornando-se uma arma potente de sobrevivência.

### 4.2.3 Velho Banzo

Figura 7 – Foto do poeta Velho Banzo



Fonte: Facebook SLAM BR (2019)

Nas redes sociais, Werick, de 23 anos, usa o vulgo Banzo ou Velho Banzo e se apresenta como artista marginal, cantor, poeta, estudante universitário e “muitas outras coisas”. No texto de apresentação enviado para a página do *Slam* 2019, em que foi representante de sua cidade, o jovem brasileiro diz que reside no entorno do Distrito Federal e, desde os 17 anos, está envolvido com a cultura hip-hop. Atribui seu gosto pela arte à influência da mãe, que lhe apresentou Tim Maia e Raul Seixas. Posteriormente, na adolescência, conta que teve contato com o rap, identificando-se com as letras e passando a buscar mais conhecimento. Começou a produzir e, assim, foi seguindo nesse caminho musical.

Muito ativo nas redes sociais, tem o hábito de postar vídeos, fotos, músicas e poesias, fazer *lives*, compartilhar leituras e até mesmo falar sobre temas atuais como economia e política. Além dos trabalhos e leituras, costuma compartilhar em suas redes sua rotina de treinos, bastidores dos trabalhos realizados, entre outras coisas. Na publicação a seguir, é possível perceber o poeta falando sobre o dia a dia e lembrando de pessoas que o inspiram, como os rappers Emicida e Djonga.

Primeiramente gostaria de agradecer meu mano Joao Victor Rocha e sua loja yourworldshopp por terem me patrocinado essa camisa foda pra Carai. Passando aqui pra avisar que estou desde às 04:00 da manhã trabalhando nos meus novos projetos juntamente com minha irmã Mariana Alves que passou a semana inteira aturando minha encheção de saco, eu te amo minha irmã.

Tem uma frase do Emicida que eu levo cmg sempre "Deus ajuda quem cedo madruga pro turno, imagina o que ele vai fazer por mim quando ganhar que eu nem durmo". Nessa uma semana não consegui dormir direito e foquei na minha música e hoje refletindo sobre tudo percebi que muita coisa mudou de lá pra cá, hoje eu sou mais maduro em comparação há uns dois anos atrás mas ainda é pouco e todo dia preciso evoluir e por isso me comprometo a entregar meu melhor pra vocês como diz o Djonga "O que é dos outro num é meus mas o que é meu tá aí pró outro" só sei que a convicção que eu tenho é que eu posso morrer sorrindo depois de concluir meus projetos mas até lá nada vai me impedir de ocupar um espaço que é meu por direito. (Publicação *Facebook* É o Banzo, 27/06/2019).

Na publicação seguinte, ele mostra que mesmo quando tem algo para comemorar, aparecem outras questões para se preocupar. Nesse caso, foi o racismo religioso. Contudo, seus *posts* costumam contar detalhes de suas lutas diárias.

No mesmo dia que fui campeão do *Slam* Déf e consegui uma vaga pra, representar o povo por quem luto, na seletiva distrital. Horas antes de tudo isso sofri um ato de intolerância religiosa. Eu fui do inferno ao céu da lama ao caos em menos de 10 horas. Com tudo isso tive um aprendizado de que a minha poesia não é MINHA, ela é uma arma que dá forças pro meu povo preto, pobre, macumbeiro, periférico e todos aqueles que acordam cedo em busca de um sonho. Essa edição foi muito especial pra mim pois meu pai Ricardo o melhor pai que meu pai Oxóssi poderia me dá e Martin um grande amigo, ser humano e professor por quem tenho uma Admiração estavam lá cmg me passando todo axé e energias positivas possíveis. Acho que gratidão é a palavra e espero que o Distrital seja muito divertido, lírico e poético. (Publicação do *Facebook*: É o Banzo 11/10/2019).

Após um tempo afastado das redes e das batalhas, o jovem retomou seus projetos em meados de 2022. Atualmente, é estudante de Artes na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), vive na cidade de Santo Amaro, na Bahia, e trabalha com produções de áudio e vídeo.

#### 4.2.4 Bixarte

Figura 8 – Foto da Poeta Bixarte



Fonte: Facebook bi\_xarte (2022)

Poeta, atriz, rapper e cantora, Bianca Manicongo, também conhecida como Bixarte, é nordestina, tem 22 anos, nasceu na Paraíba em 20 de novembro de 2000 e, em entrevista ao Blog Alma preta, é descrita como “filha da dona Ana, travesti, preta e paraibana”. Entrevistada em 2022 pelo site Brasil de Fato de Pernambuco, a jovem compartilhou seus temores em relação à violência contra mulheres no Brasil e falou da importância que a arte tem em sua vida.

Então, eu encontro na arte a possibilidade de ser, a possibilidade de estar, de fazer o agora, mas sem medo. Eu encontro na arte a possibilidade, inclusive, de falar para os meus pais que eles podem ter outra filha travesti, que isso jamais vai ser um problema, porque nós não somos um problema. Encontrar na arte a possibilidade de se expressar é ter um cano de escape para poder ficar viva, é ter um fôlego reserva, porque a gente não consegue só ficar militando, militando. Dizendo por que isso é machismo, dizendo por que isso é racismo. A gente cansa, a gente, às vezes, só quer ouvir uma Linn da Quebrada e tomar um bom vinho, porque a gente tem artista na música,

artistas trans na música. Então, às vezes é só isso que a gente quer, sabe? (DIAS, 2022, s/p.).

A fala de Bixarte deixa explícito que a arte lhe dá forças para ser quem é, para assumir sua identidade. Ela mostra que há momentos em que, como qualquer ser humano, ela só quer exercer o seu direito de existir. Porém, mesmo com tanta informação e já tendo representatividade em diversos espaços, como o exemplo de Linn da Quebrada citada por ela, ela sente a cobrança da sociedade por não performar os padrões de gênero, orientação sexual e raça. Imagino que, na época que respondeu a essa entrevista, a artista não tinha ideia que se tornaria companheira de trabalho de Linn, atuando no elenco da série *Cine Hólliúdy*, na Rede Globo.

Na entrevista, a poeta que representou a Paraíba no *Slam BR* em 2018 e 2019, fala com orgulho do primeiro projeto que teve auxílio financeiro e que todas as pessoas que participaram foram travestis. Trata-se de uma série com quatro clipes chamada “Nova era”<sup>43</sup>, que teve muitos acessos nas redes sociais.

O rap e o hip-hop não saem da minha vida nunca, porque se eu estou viva hoje é por causa do rap. A diferença é que eu gosto muito de ritmos, eu sempre fui uma mulher que amei ritmos latinos, eu amo ritmos. Batuques, eu gosto muito de dançar, gosto de ir para a festa para dançar e a minha música, por mais que seja dançante, ela fala muito da religião. Ela fala muito da fé, do estar tentando ficar viva. (DIAS, 2022, s/p.).

Ao falar da sua música, assim como outras/os artistas marginais, ela reforça a importância do rap em sua vida e da sua arte, que tem a ver com as coisas de que ela gosta, acredita e vive. Em dezembro de 2022, a artista foi entrevistada pela página *A União* antes de iniciar um show na “Usina Cultural Energisa”, em João Pessoa e contou sobre a experiência de se apresentar na maior premiação de música para mulheres da América Latina, o Women’s Music Event, em São Paulo, contando com a ativista indígena Kaê Gajajara.

Eu entrei em um lugar que ainda não tinha entrado na minha carreira, que é de realização muito mais que profissional. Sempre sonhei em fazer uma performance em uma premiação. (Bixarte, 2022, s/p.).

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://l1nq.com/k9mWN>

Com o desenvolvimento de sua carreira, Bixarte mudou-se para o sudeste e, desde então, segundo a reportagem, está ampliando sua rede de contatos artísticos e políticos. O evento rendeu boas oportunidades, como tietar algumas famosas, como Karol Conká e Gabi Amarantos, e conversar com a Ministra da Cultura, Margareth Menezes. Ela também contou sobre os projetos e parcerias programadas.

O ano de 2022 foi de muito trabalho e marcou uma significativa transição musical. Ela tirou o nome MC de sua assinatura artística e o rap abriu espaço para assumir uma linguagem mais pop. “No início, eu fiquei com medo de as pessoas pensarem que não fosse cantar o que eu já canto. Mas eu quis mostrar que, por ser uma artista paraibana, a gente é muito versátil. Conseguimos cantar música de axé, rap e pop, fazendo uma ‘farofona’.” Maior símbolo dessa mudança, a música ‘Bibi Perigosa’ foi lançada com sucesso no mês passado em formato de single, que antecipa o álbum *Traviarcado*, patrocinado pela Natura com previsão de sair até o próximo mês de março, depois de dois anos em produção. “‘Bibi Perigosa’ fala sobre a liberdade da mulher, de ela estar em qualquer lugar. E é isso que eu trago em uma versão mais sensual e sexy”, afirma ela sobre a música que tem videoclipe gravado no Centro Histórico de João Pessoa. (CAVALCANTI, 2022, In: A União, s/p.).

Bianca está conquistando espaços e mostrando seus múltiplos talentos. Sua poesia, que tem a sobrevivência como tema constante, fala sobre si mesma, questões socioeconômicas, políticas, de gênero e étnico-raciais. Apesar da pouca idade, tem uma infinidade de trabalhos disponíveis.

#### 4.2.5 Mateus Brito – MB

“A poesia é marginal,  
mas o poeta não.”<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Trecho de uma poesia do MB que também aparece na página inicial de suas redes sociais.

Figura 9 – Foto do Poeta Mateus Brito MB do Acre



Fonte: Instagram @mateusbrittomb (2022).

Nas redes sociais Mateus Britto, também conhecido como MB, se apresenta como “Poeta, MC, Técnico em audiovisual, Grafiteiro, Campeão do *Slam* Nacional em Dupla - Etapa Norte, Tricampeão Estadual *Slam* e 5º Lugar *Slam* BR2020” e é também influenciador de consórcios de uma grande marca nacional. É integrante dos coletivos Poetas Vivos e Bruxos do Norte. Nasceu em 03 de março de 2002, na periferia de Rio Branco, no Acre. MB é MC desde 2016, começou a escrever poesia em 2017, após a morte de seu pai e recitou pela primeira vez no *Slam* Acre (segunda Edição).

Continuou nesse caminho, realizando apresentações em Universidades, escolas e outros espaços públicos e privados. Suas postagens sempre estão relacionadas aos coletivos e projetos vinculados aos *slams* e à cultura hip-hop, com a participação constante e ativa da namorada e companheira nos eventos, a poeta *slammer* e estudante da Universidade Federal do Acre (UFAC), Natyelle Castro, conhecida como Naty de poesia.

Os cartazes de divulgação dos eventos organizados pelas/os jovens que aparecem nas figuras a seguir foram publicados na página do *Instagram* @graffitinasquebradas, contemplado por edital do Fundo de Cultura da Cidade de Rio Branco, e são exemplos dos trabalhos realizados:

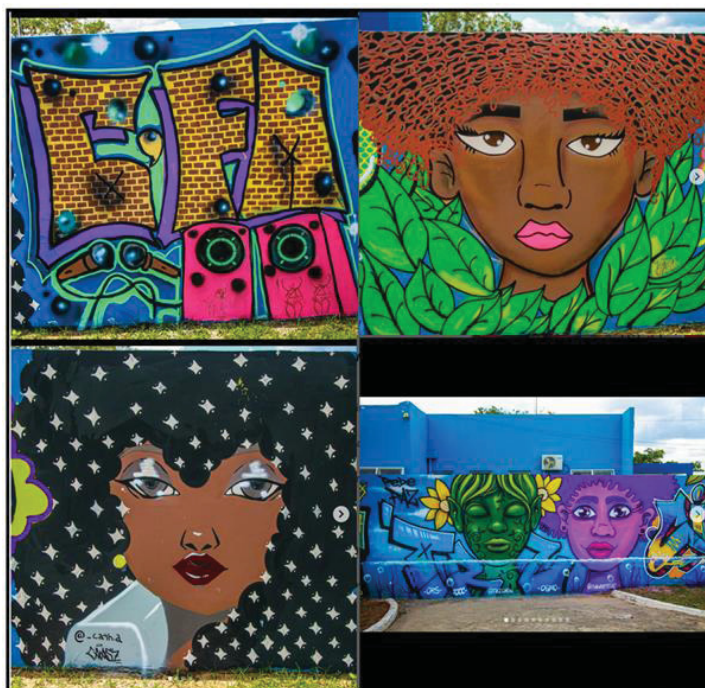
Figura 10 – Divulgação Graffiti nas quebradas



Fonte: @graffitinasquebradas 24/05/2023.

Como pode ser lido na legenda da publicação, com objetivo de proporcionar acesso à arte e a literatura urbana, o Projeto une a poesia, a comunicação alternativa e o Graffiti e os dissemina por meio de oficinas. MB usa tanto a sua página pessoal quanto as dos projetos para divulgar os resultados, que são muitos. Por isso, selecionei algumas imagens aleatórias dos graffitis feitos em uma das oficinas realizadas em 2022 para ilustrar o trabalho dessas/es jovens.

Figura 11 – Trabalhos feitos em Oficinas do Projeto Graffiti na quebrada 2022



Fonte: @graffitinasquebradas 24/05/2023.

A arte proposta nessas oficinas propõe refletir sobre a vida na periferia, sobre a construção da identidade e a impressão dessa identidade na paisagem da cidade. Completando 4 anos, o Projeto Geladeira de livros também é um bom exemplo.

Figura 12 – Divulgação Projeto Geladeira de livros



Fonte: @graffitinasquebradas 24/05/2023

Além do propósito educativo, cultural e do incentivo à leitura, o projeto tem um viés ecológico e, como o anterior, apresenta logotipos de patrocinadores que reforçam a importância do investimento público e privado em iniciativas como estas.

## 5 A PERIFERIA É POESIA: EMOÇÕES, SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS EM VERSOS

O Capítulo 5 une toda a discussão realizada até aqui com a análise das poesias selecionadas, lembrando que me proponho a trabalhar com inspiração na sociologia processual de Norbert Elias. Não tenho como organizar uma discussão de cada vez, nem tentar separar o material coletado em “caixinhas”. Por conta disso, não me comprometo com uma análise linear. No decorrer do capítulo, farei vários movimentos de idas e vindas em relação aos temas e ao espaço-tempo pesquisados, buscando os recursos que forem necessários para respaldar a argumentação das/dos poetisas. Mesmo assim, vou deixar explícitos os passos dados no sentido de organizar e analisar os materiais, buscando trabalhar sempre de maneira relacional.

### 5.1 DA PONTE PRA CÁ ANTES DE TUDO É UMA ESCOLA<sup>45</sup>

No campo dos estudos educacionais, o trabalho de Norbert Elias abre caminhos para a compreensão da **formação do indivíduo e suas implicações com as apropriações dos objetos da cultura, como os modos de ler e as relações com os livros. Também propicia a análise dos efeitos produzidos pelos bens simbólicos no espaço social e dos processos de interiorização dos constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo.** (LEÃO, 2007, p. 10, grifos meus).

Os *slams* se configuram como espaços culturais que possuem um viés educativo. Eles promovem debates e reflexões acerca de determinados temas que incentivam um posicionamento político e social de resistência e ainda têm relação direta com a literatura, a poesia e a produção de um conhecimento contra-hegemônico, que está relacionado à identidade de seus participantes.

Para Elias (1998), é o conhecimento produzido no convívio social que nos torna humanos, uma vez que, diferente dos animais, não nascemos com a capacidade de nos orientar instintivamente. Ou seja, ao longo das nossas vidas, há um processo de aprendizagem constante desses símbolos sociais que são comuns aos grupos aos quais pertencemos. Como exemplo desse processo, é possível citar a relação espaço-tempo, que pode ser diferente de um grupo social para outro, ou ainda a língua, que é variável de um grupo para outro. Ambos ocorrem previamente à existência dos

---

<sup>45</sup> O título toma emprestado outro trecho da Música: “Da ponte pra cá”, dos Racionais MC's.

sujeitos individuais e só podem ser aprendidos nas relações sociais, em grupos específicos, já que variam de uma sociedade para a outra.

Em vista disso, os processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos não estão restritos a um ambiente específico.

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (BRANDÃO, 2017).

A educação existe antes da escola, do currículo e de toda a burocracia que envolve os processos formais e institucionalizados. Essa distinção fica explícita no trecho a seguir, que diferencia educação formal, educação informal e educação não formal. Decidi usar tal trecho para discutir o potencial educativo do *slam*, desconsiderando análises que problematizam esse termo.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GOHN, 2006, p. 28).

No levantamento bibliográfico, foi possível perceber que, aos poucos, o *slam* está conseguindo adentrar os espaços formais das escolas. Em alguns lugares, como São Paulo, por exemplo, os coletivos têm se mobilizado para concorrer a editais de apoio à Cultura, entre outros projetos do município. Já em outros lugares, ainda não se conseguiu chegar, embora haja forte potencial para isso. Como estou trabalhando com as letras, enfatizei mais a educação não formal, embora traga também destaques sobre a importância do movimento do *Slam* nas escolas. Mais do que isso, analiso a importância da educação formal nas configurações sociais das/dos poetas.

Como manifestações culturais de jovens das periferias, as configurações sociais possibilitadas pelos *slams* promovem uma diversidade de relações e trocas sociais que favorecem o processo educativo. Logo, a educação está associada a essa prática desde a elaboração das poesias até a sua apresentação nas batalhas.

A poeta A+, por exemplo, fala de educação formal e das relações étnico-raciais, lamentando que as pessoas não tenham podido aprender sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de história.

E de pensar que até uns anos atrás,  
a gente não aprendia cultura Afro-Brasileira  
nas aulas de história, me pergunta se eles passarão  
e eu respondo: Nunca mais! (AMANDA MARQUES, 2021, transcrição de vídeo).

Sobre isso, é bom lembrar que a Lei 10.639/03 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96 – instituindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as disciplinas. Essa lei é complementada pela Lei 10.645/08, que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena, afro-brasileira e africana nos ensinos fundamental e médio. Às vésperas de completar 20 anos, a aprovação da Lei 10.639 representou um grande avanço, porém, como qualquer outra lei do nosso país, existe uma distância entre teoria e prática e, infelizmente, há muitos impasses que impedem sua efetividade.

A poesia de Amanda destaca o papel da cultura na construção do conhecimento, afinal, o que foi negado “pela escola”, mesmo existindo leis que asseguram esse direito, a poeta conseguiu compensar ouvindo rap.

Existe muita coisa que não me disseram na escola,  
que eu tive que aprender na marra,  
sendo calada, excluída e motivo de piada,  
para só depois de muito tempo  
escutando Rap de preto  
entender esse preconceito.  
E como aqui as coisa rola,  
hoje porto conhecimento,  
Minha caneta é o armamento. (AMANDA MARQUES, 2021, transcrição de vídeo).

O poeta Jovem Preto Rei também destaca essa influência na sua vida:

Andava desmotivado, pronto para largar tudo  
aí ouvi o MV Bill dizer: menor não larga o estudo.  
Eu fiz isso de escudo e não tem nada a ver com cocaína,  
mas eu vou voltar para casa com um canudo.  
E se hoje eu posso tirar onda de universitário  
é por cada escravo que lutou por alforria.  
Faço questão de estudar o que o professor não vai passar  
porque essa sua história não está nos livros da academia. (JOVEM PRETO REI, 2020, transcrição de vídeo).

Para esse poeta, ouvir o Rapper MV Bill falar sobre a importância de estudar fez toda a diferença em sua vida e, apesar das dificuldades, tornou-se universitário, estudante de psicologia na UFRGS. Nessa mesma perspectiva, a poeta Mídrria, que se formou recentemente em Ciências Sociais na USP, reivindica em suas poesias a popularização do acesso à cultura, de maneira não apenas a facilitar a mobilidade das pessoas da periferia para o centro, mas também, no sentido de trazer para quem mora longe as mesmas referências encontradas nas áreas centrais.

Eu quero que as distâncias das cidades sejam encurtadas, que a mobilidade não restrinja mais os caminhos de vida, mas isso não significa só que eu quero chegar mais rápido até o centro, Eu quero fila para a cultura e para todas as vias de desenvolvimento, bem ali perto de mim, na quebrada, na ZL, na ZS, na ZO, na ZN<sup>46</sup>. (MÍDRRIA, 2018, transcrição de vídeo).

Em algumas situações, a música, a poesia e outras formas de manifestação cultural incentivam mais a leitura e a busca de conhecimento do que a própria escola. Ou ainda, como no caso a seguir, podem ajudar a encontrar um sentido para a própria vida:

Se antes na escola eu não tinha incentivo para ler  
 hoje minha poesia é um incentivo de sobra  
 seria minha obra prima que veio para calar a boca de quem achava  
 que só servia para mão de obra  
 Isso é pra quebrar, bancar quem me ama,  
 quebrar quem não soma, realizar um sonho e fazer barulho.  
 Pra mim que não sabia se me matava ou se matava meu pai  
 Estou bem só matando minha mãe de orgulho! (JOVEM PRETO REI, 2019,  
 transcrição de vídeo).

O poeta Santos Drummond também exalta a literatura em sua poesia, atribuindo heroísmo aos livros, como no trecho: “Os meus heróis usam capa e além de capa, eles têm várias páginas” e citando a contribuição de diversos autores para sua formação (que também é política e social).

Quando fala da expectativa de levar poesia para a sua vila, Gabriela também vislumbra um processo educativo por meio de poesias, livros e oficinas. No entanto, o fato de não estar conseguindo realizar seu objetivo faz com que soe como um lamento.

---

<sup>46</sup> ZL - Zona Leste, ZS - Zona Sul, ZO - Zona Oeste, ZN - Zona Norte.

Eu queria ser mais otimista, eu tô numa correria para fazer girar a porra dessa poesia, levar uns livros para minha vila, aplicar umas oficinas eu queria ser muito mais otimista  
 Quem sabe, um dia eu consiga!  
 (POETA GABRIELA, 2019, transcrição de vídeo).

Na condição de jovem de periferia que teve acesso à universidade pública, a *slammer* sabe o valor da educação na vida de quem está “do lado de cá”. Sobre isso, pode-se lembrar que Elias (1994a) relacionava conhecimento e poder, mostrando que o acesso ao conhecimento aumenta o potencial de poder de um grupo.

Para o autor, as tendências de aumento no acesso à educação, à mídia e a outras formas de informação foram responsáveis por democratizar o conhecimento e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de acesso ao poder:

Livros baratos, imprensa relativamente acessível, juntamente com rádio e televisão, contribuíram para quebrar algumas barreiras que dificultavam a disseminação do conhecimento, barreiras que eram muito mais fortes no século XIX e que, em séculos anteriores, eram praticamente intransponíveis para as massas. Esta é uma das tendências da explosão de conhecimento característica do século XX que faz parte de um processo fundamental de democratização de um crescente poder potencial das massas.<sup>47</sup> (ELIAS, 1994a, p. 56, traduzido pela autora).

A industrialização na Europa influenciou o campo da educação, rompendo com diversas barreiras que impediam alguns grupos de acessá-la e mudando a forma como os governos lidavam com a população. Ou seja, as mudanças na educação acompanharam os processos políticos e sociais, seguindo o movimento que aconteceu na Europa.

As massas urbanas educadas dos estados-nação industriais não podem ser governadas da mesma forma que as massas agrárias, em sua maior parte não escolarizadas que constituíam maioria da população dos países em qualquer lugar do mundo durante os séculos XIX e XX. O acesso a um conhecimento mais amplo, a maiores e mais expressivos meios de comunicação e orientação aumentam o poder potencial dos grupos humanos. Um crescimento acentuado nos níveis de conhecimento, juntamente com outros fatores, podem ajudar a aumentar o poder potencial da população de uma nação – tais como a capacidade efetiva de organizar-se por si mesma - tem sido uma das principais alavancas do processo de democratização funcional a que me referi anteriormente. Com o aumento dos níveis de

---

<sup>47</sup> Libros baratos, prensa relativamente accesible, junto con la radio y la televisión, han contribuido a derribar algunas barreras que dificultaban la difusión del conocimiento, barreras que eran mucho más fuertes en el siglo XIX y que, en siglos anteriores, resultaban prácticamente infranqueables para las masas. Es esta una de las tendencias de la eclosión del conocimiento característica del siglo XX que forma parte de un proceso de democratización funcional, de un creciente poder potencial de las masas.

conhecimento de uma população, seu poder potencial não apenas pode ser desenvolvido dentro de instituições formalmente democráticas ou em estados multipartidários, mas também dentro das instituições ditatoriais, em estados de partido único. Os níveis de conhecimento de uma população são muito ligados ao desenvolvimento econômico do país, de tal forma que um país com níveis educacionais relativamente altos, governado por uma força militar contrária aos desejos da sua população, pode estagnar ou sofrer um declínio. O processo de desenvolvimento industrial tende a perder o ímpeto, se o apoio de quem trabalha para alcançá-lo não pode ser assumido pelo regime político existente no país.<sup>48</sup> (ELIAS, 1994 b, p. 56-57, traduzido pela autora).

No Brasil, a educação formal surge no contexto da colonização. Fornecida pelos jesuítas, tinha o objetivo humanístico voltado para a formação espiritual. Como afirma Ribeiro (1993), foi inicialmente voltada para os indígenas e, depois, incluiu os filhos dos colonos. A educação média era acessível apenas às classes superiores, excluindo os primogênitos e as mulheres. Os primeiros, porque seriam responsáveis por gerir os negócios da família, e as segundas, pelo simples fato de serem mulheres. De modo geral, somente os filhos da aristocracia tinham acesso à educação superior, por meio do ingresso na classe sacerdotal ou realizando seus estudos na Europa, geralmente na Universidade de Coimbra. Desse grupo, saíram os futuros letrados que retornaram para ocupar os cargos de liderança no país (RIBEIRO, 1993).

Diferentemente da Europa, o processo de industrialização brasileiro ocorreu tardiamente. O Brasil foi o último país das Américas a assinar a abolição da escravização e o fez unicamente por pressão externa, para não comprometer as parcerias comerciais com outros países.

Nesse contexto, a participação da população negra na educação no Brasil ainda possui registros muito recentes. Vale lembrar que as pessoas escravizadas eram tidas pelos demais como seres humanos inferiores, situação que, por si só,

---

<sup>48</sup> Las instruidas masas urbanas de las naciones-Estado industriales no pueden ser gobernadas del mismo modo que las masas agrarias, masas en su mayor parte no escolarizadas que constituían, a lo largo de los siglos XIX y XX, la mayor parte de la población de los países en cualquier lugar del mundo. El acceso a un conocimiento más amplio, a mayores y más comprensivos medios de orientación, incrementa el poder potencial de los grupos humanos. Un acentuado crecimiento en los niveles de conocimiento, junto con otros factores que pueden ayudar a incrementar el poder potencial de la población de una nación - tales como la capacidad efectiva para organizarse por sí misma - ha sido una de las principales palancas del proceso de democratización funcional al que me he referido con anterioridad. Con el incremento de los niveles de conocimiento de una población, su poder potencial no sólo puede desarrollarse en el interior de instituciones formalmente democráticas o en Estados multipartidistas, sino también en el interior de instituciones de carácter dictatorial, en Estados de partido único. Los niveles de conocimiento de una población están muy ligados al desarrollo económico del país, de tal forma que un país con niveles educativos relativamente altos, gobernado por una fuerza militar contraria a los deseos de su población, puede estancarse o sufrir una decadencia económica. El proceso de desarrollo industrial tiende a perder su ímpetu si el apoyo de aquellos que trabajan para conseguirlo no puede ser asumido por el régimen político existente en el país.

justificava a ausência de oferta de educação formal para esse grupo étnico-racial. Em relação à população negra, a exclusão da educação formal persistiu durante muito tempo, com poucas experiências registradas no início do século XIX e uma recorrência maior a partir da segunda metade desse mesmo século. Contudo, ainda se tratava de situações isoladas, como é o exemplo da cidade de Campinas, que contava com escolas para crianças negras logo após a promulgação da Lei do Ventre Livre. Dessa forma, numa perspectiva mais generalizada:

A escola como um não lugar para os negros constituiu-se pela invisibilidade, pelo esquecimento. E também pelas políticas de negação do reconhecimento do direito às diferenças. A história da educação do negro traz para o nosso convívio determinações históricas de exclusão. Mas, também, traz possibilidades pelas identidades que revela, pelas formas de resistência cultural, pela tradição da história resguardada pelas práticas educativas populares, pelos valores ancestrais perpetuados pela memória dos mais velhos. Que não falam só do passado, uma vez que têm instruído gerações a partir de suas idéias e experiências de um passado que vive e se perpetua em nosso presente. E que propõem refletir sobre o currículo da vida, sobre as relações da educação das pessoas para com elas, para com outros e para a preservação de seu legado. (ROMÃO, 2005, p. 17).

A inclusão no processo de educação formal sempre foi uma reivindicação da população negra, que, mesmo relegada à margem da cidadania, lutou por esse direito (CRUZ, 2005). Para a autora, contrariando o que era dito a respeito dos negros, desde o período republicano, há registro do progresso intelectual de pessoas negras por meio do domínio da escrita. Isso permitiu a esses sujeitos acessar os mesmos espaços que os pessoas brancas.

No capitalismo nem todo mundo tem vez  
e quando o assunto é educação,  
a coisa não é diferente.  
Prestar vestibular é como jogar xadrez  
e é por isso que as peças brancas  
sempre saem na frente. (SANTOS DRUMOND, 2020, transcrição de vídeo).

Os mecanismos de exclusão foram mantidos com sucesso, porém, não sem resistência. Após um longo histórico de luta dos movimentos sociais negros para reverter a situação, tendo como marco a 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância correlata, ocorrida em Durban, na África do Sul, no ano de 2001, os problemas relativos às desigualdades raciais no Brasil passaram a ganhar mais visibilidade. Começaram a ser adotadas políticas de ação afirmativa nas universidades públicas pelo país, com a iniciativa das próprias

instituições que, em geral, contavam com professores, servidores e ativistas que lutavam por esse propósito e faziam suas políticas com características próprias, definidas em seus Conselhos Universitários. Sobre essa questão, em 2012, entrou em vigor a Lei 12.711 que instituiu cotas sociais e raciais em todas as instituições públicas do país.

O trecho da poesia de Santos Drumond fala sobre essa tensão vivida nas redes de interdependência das pessoas, posicionando-as conforme sua condição econômica e pertencimento étnico-racial, negando a algumas delas educação, conhecimento e poder. No entanto, essa tese e os próprios *slammers* mostram que há resistência e que a autonomia relativa é usada para pressionar e provocar desequilíbrio de poder sempre que possível. O poeta Cleyton Mendes confirma isso:

Eu sou a contraindicação, favelado com livro na mão  
 [...]
   
E o sistema geeeeela!
   
Quando vê um livro na mão do pretinho da favela,
   
Tentam nos ludibriar com novela
   
Mentira na tela, propagam mazela
   
Mas eu não dou goela, fecho com Marighella, sou formado em viela
   
Meu professor: Mandela!!! (Poeta Cleyton Mendes In: ALCALDE, 2016, p. 66).

Famoso nas batalhas, o poeta demonstra saber que conhecimento é poder. Muitas pessoas afirmam ter se inspirado nele para começar a fazer poesia, especialmente a partir desse poema. A condição econômica também conta bastante. As escolas públicas só começaram a propagar a existência e a possibilidade de acesso ao ensino superior após a criação de políticas afirmativas e, ainda assim, existem muitas barreiras, situações que contribuem com o distanciamento entre as pessoas jovens, periféricas, de baixa renda e as universidades.

não me venha com esse discurso de meritocracia.
   
Falando que esforço e estudo salva,
   
abandonado pelo pai, de barriga vazia.
   
Como os neguinho vai aprender alguma coisa na sala de aula? (VELHO BANZO).

O trecho do poeta Velho Banzo evidencia alguns dos problemas que não vão ser resolvidos somente com políticas afirmativas nas universidades (ainda que se tenham outras políticas em consonância, como políticas de permanência por exemplo). A pobreza, a fome, e o abandono familiar na infância não podem ser

compensados com essas medidas. Não é possível ingressar em uma universidade sem concluir a educação básica e, para isso, também são necessárias estratégias para proporcionar condições minimamente favoráveis para a permanência digna de todas as crianças na escola. A poeta paraibana fala sobre essa condição das crianças da sua cidade.

É que vestir farda<sup>49</sup>, arrumar bolsa, é sinal que na escola vai comer  
Uma lavagem  
biscoito com suco não dá sustagem<sup>50</sup>.  
Queria ver o filho do governador estudando numa escola  
que não pega um ventilador. (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

Mesmo tendo a esperança de matar a fome na escola, as crianças não encontram uma alimentação adequada naquela que, talvez, seja a única refeição do dia. A administração pública é responsável pela manutenção das escolas e pela garantia do direito à educação, mas é muito comum encontrar situações como essa relatadas pelas/os poetas em escolas públicas, principalmente nas periferias. O excerto de Velho Banzo protesta contra a falta de responsabilidade do Estado, que negligencia a população pobre e negra, o racismo e como isso é divulgado pela mídia.

Destroem a escola e te incentivam a traficar  
O traficante aqui é preso. Suspeito cursa medicina.  
Engenharia é filho de juiz ou filho de militar.  
Tá duvidando? Abre o G1 que você vai confirmar,  
está vendo porque eu não posso me calar? (VELHO BANZO, 2019,  
transcrição de vídeo).

Para Messias (2022), também conhecido como Kenyt, negar informação e acesso à educação é uma estratégia para a manutenção das desigualdades.

Eles têm medo e sabe que vai dar problema  
se nós tiver dinheiro e incentivar a literatura ...  
Chupa! Traficando informação sem canhão,  
só usando caneta. (MESSIAS, 2022, P. 108).

Esse poeta também deixa evidente como as redes de relações, mesmo aquelas que acontecem de forma indireta, como a influência de artistas, ativistas e

---

<sup>49</sup> Uniforme escolar

<sup>50</sup> Não alimenta

outras pessoas que eles não conhecem pessoalmente, são fundamentais na construção de suas identidades.

Um parasita hoje, um coitado amanhã!  
 Corrida, hoje Vitória amanhã, nunca se esqueça disso...  
 Eu nunca me esqueci!  
 Peguei essas palavras do Ed Rock e escrevi na parede  
 do meu quarto  
 E toda vez que eu lia eu me sentia mais forte  
 fisicamente e mentalmente preparado,  
 tô me cuidando e tomando cuidado  
 me adiantando, pois eu já nasci atrasado  
 não é culpa da minha mãe, muito menos sou culpado  
 A resposta é do estado que fez preto, que era Rei  
 ser descendente de escravo. (MESSIAS, 2022, p. 106).

Discutindo políticas afirmativas de ingresso a carreiras públicas, Campos (2007) pactua com os argumentos dos *slammers*, responsabilizando o Estado (que aqui exerce o papel do estabelecido) pelo aprofundamento das desigualdades, principalmente por não garantir a universalização do acesso à educação.

Apesar de uma grande democratização operada quanto ao ingresso nas carreiras públicas, há de se deparar com uma terrível dificuldade: A educação. Ela se transforma em um elemento socialmente segregador, pois a estrutura social do país favorece àqueles que acumulam, ao longo de sua vida escolar, grande conhecimento. Como o acesso à educação na sociedade brasileira não foi igual para todos, os grupos mais pobres não são impedidos legalmente de competir pelas novas oportunidades de trabalho, mas o são pelo menor conhecimento acumulado durante a vida. Nesse caso, queiramos ou não, apesar da modernidade que atravessa, o Estado, ele é um dos maiores agentes formadores da classe média, e isso por meio das inúmeras oportunidades criadas em seu interior. (Campos, 2007, p.158-159).

Além das desigualdades produzidas ou projetadas pelo sistema, o poeta Velho Banzo descreve, a seguir, uma situação de racismo no cotidiano, envolvendo colegas e professor. Não faltam trabalhos sobre essa temática, e a minha própria dissertação de mestrado, por exemplo, mostra casos de crianças curitibanas que vivenciam na pele o racismo, a pobreza, a segregação espacial, a ausência em determinados bairros da cidade, de políticas e equipamentos públicos de lazer, saúde, segurança e educação (SANTOS, 2018). A distância entre os jovens e a universidade só será reduzida quando problemas como esses, que se repetem em todo o país, forem solucionados.

Oh, mãe! Oh, mãe! Mãe! é que eu estava na escola ontem

e já é difícil lidar para aquele bando de cu o tempo inteiro  
 é que ontem eles vieram rindo, rindo, rindo...  
 falando que o professor disse que viu uma ratazana passando no meu cabelo.  
 (VELHO BANZO, 2019, transcrição de vídeo).

O Jovem Preto Rei também fala do racismo na escola. A construção da autoestima é um processo que cada pessoa vivencia de uma forma única, mas que depende totalmente do meio social em que está inserida.

Mas na escola ninguém vê que  
 quanto mais altos os black power,  
 mais alta a autoestima e isso contamina  
 não toque no meu cabelo  
 se você não tem autorização nem melanina. (JOVEM PRETO REI, 2019,  
 transcrição de vídeo).

Elias e Scotson (2000) chamam a atenção para o poder do estigma negativo quando afeta a autoimagem do grupo *outsider*.

Afixar o rótulo de "valor humano inferior" a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24).

Neste caso, os racistas são os estabelecidos e podem ser facilmente identificados no contexto histórico e social brasileiro.

O ato de assumir os cabelos naturais é muito significativo, representa empoderamento, a construção de uma identidade mais forte e superação da autoimagem negativa, que ocorre na relação indivíduo e sociedade e não de forma individualizada.

O fragmento a seguir mostra que parte desse processo de construção de uma autoimagem positiva passa pela infância. No caso de Jovem Preto Rei, sua vida foi mergulhada na pobreza e na violência. Ele viu a escrita como única forma de lidar com as emoções, a partir do momento que alguém reconheceu nele capacidade de fazer alguma coisa e o incentivou a escrever.

Vivendo entre as grades do portão, a rua me levava para as grades da prisão  
 Minha casa com drogas, ratos e agressão e a escola  
 onde eu ganhei o concurso de redação.  
 Você entendeu, mano? Todo jovem preto  
 só precisa ter uma oportunidade de ascensão

me perguntam como eu fiz para me destacar na escrita eu respondo: experimenta não ter outra opção. (JOVEM PRETO REI, 2019, transcrição de vídeo).

Em seguida, é possível perceber que mesmo em condições desfavoráveis e com opções limitadas por suas redes, ele conseguiu escolher a educação como caminho, ao invés do tráfico.

São vinte e um anos de idade, preto de quebrada, poeta e com a grande responsabilidade de dizer que quando o tráfico bateu na minha porta eu peguei minha 'bike' e fui... para a faculdade. É que eu nunca fui daqueles pulou de série sem antes absorver cada episódio. Ouvi as vozes dizerem preto não pode, calei as vozes e disse: Pretos no Podium! (JOVEM PRETO REI, 2019, transcrição de vídeo).

Sem intenção de reforçar a ideia de meritocracia, pois sabemos que ainda há muitas dificuldades de acesso ao ensino superior, especialmente para jovens negros, pobres e periféricos, uma grande maioria, senão todas/os essas/es jovens, assim como eu, são frutos das políticas de ação afirmativa que permitiram ingresso e permanência (que ainda precisa melhorar muito) nas universidades públicas e privadas, com bolsa integral. Mas também é importante retomar a ideia de conhecimento e poder, pois, muitas vezes, a educação ainda é a única possibilidade de melhorar as condições financeiras (a luz no fim do túnel) que se apresenta para uma/um jovem periférico. Sobre isso Kenyt diz:

O foda é que se eu vencer esses mesmos aí vão dizer:  
 'Alá, não existe racismo no Brasil! Se ele conseguiu o resto tá de mimimi'  
 Errado quem pensa assim.  
 Se eu tô correndo, se eu tô chegando é porque me deram os acesso  
 O Douglinhas mostrou o caminho, a Jimim me lançou os projetos  
 Os amigos diz: Cachorro, você não está sozinho!  
 e quando eu mais precisei de fato eles estavam perto  
 Mano! Nem a garoto, vive só de Talento  
 Nesse momento, eu paro, penso e analiso  
 e reconheço que só de chegar em casa e abraçar minha coroa  
 eu tô na frente de vários muleque que cresceu junto comigo  
 Eu já quis ser bandido, mas me faltou disposição,  
 então fui vender livro pra ser livre,  
 eu adquiri meu passe livre no mundão  
 Aí carrego tatuado no meu braço a palavra abençoado,  
 pois, de fato, eu sou  
 Amo o que faço e faço disso o meu trabalho,  
 hoje quando tomo enquadro  
 eles perguntam minha função e eu respondo: Sou escritor!  
 (MESSIAS, 2022, p.106).

Além de mostrar que se um vence, não significa que todos conseguem, essa poesia coloca a conquista do poeta como coletiva, resultado das suas redes de interdependência construídas a partir das relações sociais, do *slam* e da família. Da mesma maneira que o Poeta Jovem Preto Rei, Kenyt mostra que o crime também se apresentou como opção, mas que preferiu ser escritor. Também é disso que essas/es jovens falam quando dizem que foram salvas/os pelo rap ou pela poesia.

## 5.2 A RUA É NÓIS! A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA CONFIGURAÇÃO ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS*

Dificuldades de acesso, pobreza, ausência de equipamentos públicos de saúde, educação, segurança e lazer são exemplos de restrições impostas para algumas partes da cidade. No entanto, não podemos esquecer que a segregação promovida por elas não diz respeito apenas ao território, mas também aos percursos e estratégias que permitem driblar essas limitações, principalmente na forma como as identidades são construídas em todas essas configurações.

No poema a seguir, é possível perceber o papel da segregação espacial nesse processo.

Uma vez um garoto de 10 anos foi até o Museu da Língua Portuguesa,  
na entrada pediram: **Escreva nome, e-mail e cidade.**  
**cidade (?) cidade (?) cidade (?)... cidade Tiradentes!**  
O garoto de 10 anos era paulistano e nem sabia,  
mas eu indago  
Afinal de contas, o que é ser paulistano?  
O que é paulistana? O que é São Paulo?  
É Ou Não é uma cidade?  
mas independentemente da idade,  
**o que dá para se ver é que tem muita gente que se sente**  
**como se não pertencesse a essa paulicéia desvairada**  
**cidade linda, para quem?**  
**Porque enquanto cartão postal continuar sendo**  
**a Avenida Burguesa Paulista,**  
**o resto da cidade vai continuar sendo sempre o resto,**  
**relegado, deixado de lado, a borda, o orda, a várzea, a periferia...**  
E não tem problema nenhum ser da periferia,  
inclusive amo minha quebrada  
Salve São Mateus, salve o Recanto! (MIDRIA, 2018, transcrição de vídeo).

A situação narrada na poesia é comum nas cidades brasileiras, especialmente no que se refere a crianças. O bairro Cidade Tiradentes fica localizado a 35 Km do marco zero da cidade de São Paulo, mas a queixa da poeta vai além da distância

física: ela questiona também a distância social. Os pontos que dão significado à cidade, estão sempre nas áreas centrais, recebem mais atenção dos governos e são frequentados por grupos específicos. Enquanto isso, as áreas mais distantes recebem menos atenção do poder público e não dispõem de mecanismos que facilitem a interação com o resto da cidade. Isso faz com que boa parte da população não se sinta pertencente a ela; é como se fosse outra cidade.

A poesia mostra nitidamente como a falta de acesso a determinados espaços interfere, inclusive, na identidade da criança que não se percebe como paulistana. Também é possível perceber como a atenção desproporcional dada pelo poder público às regiões do centro e da periferia faz com que as pessoas se sintam segregadas, mesmo tendo uma relação de afeto com o lugar em que vivem.

Essa segregação também aparece no próximo trecho, que pertence à mesma autora:

Mas o que eu quero dizer nesse canto é que:  
 ‘Alguma coisa acontece no meu coração’:  
 Assim que pega 3739 10 em direção ao metrô Itaquera  
 No metrô Itaquera pegar a linha vermelha,  
 da linha vermelha voltar a República,  
 da República fazer conexão com a Linha amarela,  
 da linha amarela vou até o Butantã,  
 do Butantã pego 8210 circular.  
 Fazendo esse caminho todo maldito santo dia  
 para ir para universidade estudar,  
 às vezes mesmo com medo de que passe livre  
 até o final do mês não vai durar.  
 E, mãos para o alto  
 quatro conto um assalto! (MIDRIA, 2018, transcrição de vídeo).

A forma como ela recita essa poesia faz toda a diferença. Ela inicia cantando o breve trecho da canção de Caetano Veloso<sup>51</sup> e continua falando muito rápido, como se estivesse cansada, sobre o seu trajeto da Zona Norte até a USP, onde cursou Ciências Sociais e atualmente faz mestrado em Antropologia. A sensação de não pertencer à cidade também está relacionada ao tempo que se perde no deslocamento entre a casa e o trabalho, a casa e a faculdade, o trabalho e a faculdade etc. Isso se deve ao fato de ter ou não condições de arcar com o custo do transporte público e à falta de tempo para o lazer, já que a classe trabalhadora passa a maior parte do seu tempo no trabalho ou no deslocamento para chegar até ele. O pouco tempo que resta

---

<sup>51</sup> Música: Sampa (1978).

é utilizado para outras tarefas ou, em raras ocasiões, para o descanso que costuma se restringir a ficar em casa.

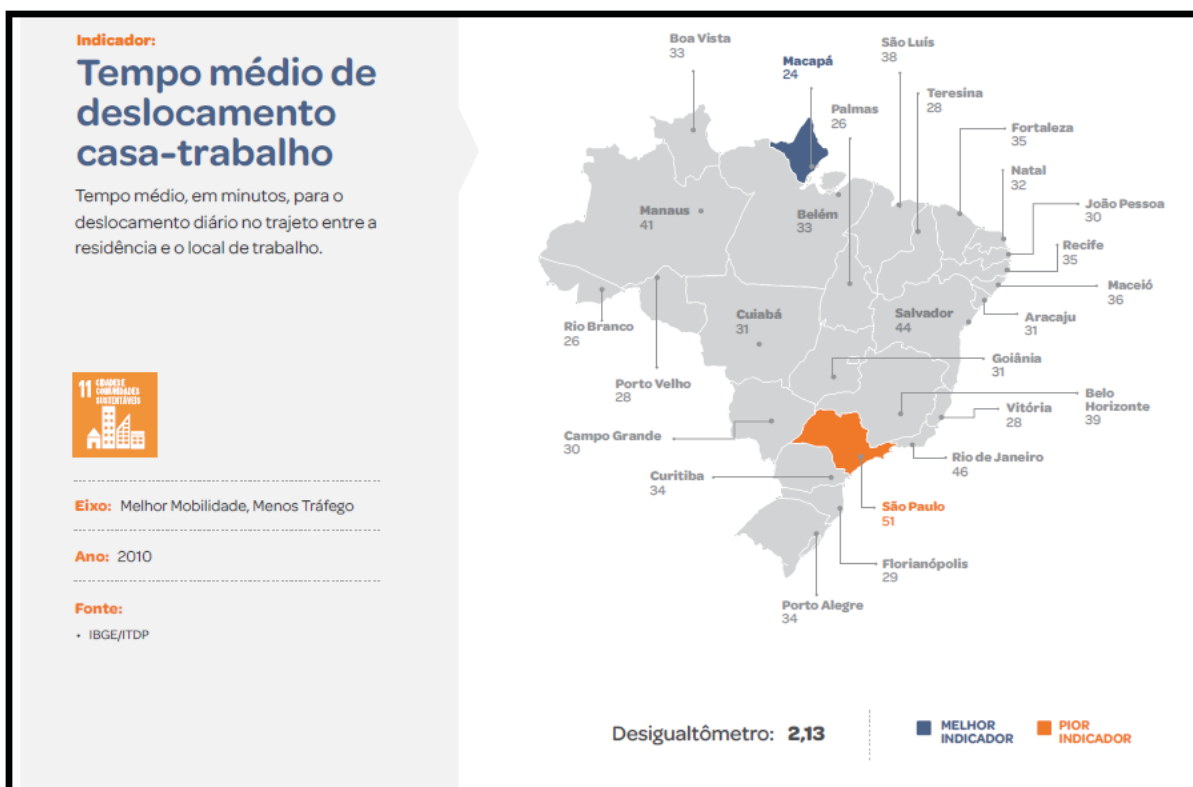
Em outra poesia, ela diz o que espera da cidade.

São Paulo é aquariana  
E todo dia 25 de janeiro eu lhe  
Amo um pouco mais  
Mas, eu peço, eu imploro pra que  
A relação do povo com essa cidade  
Mude, se remolde e deixe de cair  
Na mesmice do molde de  
Trabalho no centro, não vivo o centro,  
Moro na periferia, não vivo a periferia, não vivo...  
Revolucionária em boa medida como  
Uma boa aquariana  
Eu peço a essa cidade: eu quero que  
O meu bairro não seja mais  
Um bairro dormitório  
Eu quero que ali tenha vida,  
Seja noite ou seja dia  
Porque eu quero viver São Paulo  
Dar a nossa cara a ela.  
(MIDRIA, 2019).

As letras da poeta se complementam, uma vez que, na primeira poesia, ela traz a distância do bairro até o centro, os problemas com transporte público e a ausência de equipamentos de lazer e cultura no bairro e, na segunda, faz um apelo para garantir o direito à cidade, mostrando que mais do que morar e transitar por ela, é preciso ter condições para viver a cidade e se ver representada/o nela.

Sobre essa questão de tempo médio de deslocamento casa-trabalho, São Paulo se destaca como a capital com o pior índice do país, como mostra o mapa a seguir:

Figura 13 – Média De Deslocamento Casa-Trabalho Nas Capitais Brasileiras



FONTE: Cidades Sustentáveis (2020).

Infelizmente, essa é uma realidade comum nas periferias das cidades brasileiras. O poeta MB do Acre, integrante de um grupo que costuma recitar poesias, entre outros lugares, nos terminais e transportes públicos da cidade de Rio Branco, traz para a sua poesia os problemas enfrentados no transporte público da sua cidade. Apesar de apresentar uma média baixa no tempo de deslocamento quando comparado a outras capitais, também tem muitas dificuldades:

O busão<sup>52</sup> tava lotado, gente no teto e no chão  
 Um empurra empurra se fazia, se vacilar leva pisão  
 A tia do lado tava com medo, fez até uma oração  
 do outro lado alguém cantava uma desafinada canção era um (inaudível)  
 danado  
 Tinha choro e esperneio, mas não tinha o que fazer, o busão já tava cheio  
 O busão da minha cidade onde só vai trabalhador  
 e toda vez que se atrasa é porque o busão atrasou  
 Quem não é acostumado grita  
 Ai, meu Deus! Que calor  
 Se chover fica molhado, porque a janela não fechou.  
 Entra mais um, entra mais dois, afasta, por favor  
 O estudante atrasado se fudeu porque lotou,  
 Mais fodido é o motorista que dirige e é cobrador

<sup>52</sup> Gíria: ônibus.

E eu ouço o barulho chato no baco balacobaco  
 Lá se vai mais um busão desviando dos buracos.  
 Olha o buraco! Se pá desviou  
 Bateu no buraco estudante acordou  
 Puxei a cordinha e ela quebrou  
 E a nossa tarifa que só aumentou  
 Vivemos no Acre, não temos metrô.  
 (POETA MB, 2019, transcrição de vídeo).

As falas e movimentos rápidos, o ritmo e entonação da voz do jovem dão a sensação de transportar o espectador para dentro da realidade recitada. Dentre os problemas expostos na poesia, estão a lotação do ônibus que não atende a demanda da população (trabalhadores) e ainda atrasa, o calor excessivo que resulta do excesso de passageiros somado ao clima da região, as péssimas condições de conservação do veículo e das estradas, o alto valor da tarifa, a condição do motorista que exerce duas funções (motorista e cobrador) e o fato de não haver metrô. Mesmo tendo um tempo médio de deslocamento menor que o de São Paulo, como mostra a Figura 6 vista anteriormente, existem muitos problemas que precisam ser solucionados. O poeta Velho Banzo do Distrito Federal também traz esse debate para a sua poesia:

Quatro da manhã, levanta!  
 É você que sustenta o mundo  
 e o mundo não quer te ver de pé  
 Não dá para se alimentar direito,  
 na barriga pão, revolta e café  
 Ô, patrão, desculpa o atraso!  
 É que estava tendo engarrafamento lá na BR  
 Ontem o baú<sup>53</sup> não parou,  
 roubaram o bagulho,  
 O homem lá na tv falou que não tem ônibus suficiente para atender as demandas da população.  
 Já sei vou ter que fazer hora extra de novo,  
 senão sou demitido e de vez fode com a minha condição.  
 VELHO BANZO, 2019, transcrição de vídeo).

O excerto acima descreve os problemas enfrentados por quem vive nas periferias distantes das cidades, o que envolve a relação entre tempo e espaço, sendo potencializada pela falta de recursos e políticas públicas. O poeta fala da condição da/o trabalhador/a que acorda muito cedo e mal toma café, depende do transporte público, mas tem que lidar com uma quantidade insuficiente desse tipo de transporte para atender a população. Fala ainda da falta de segurança. Quando diz que, depois

---

<sup>53</sup> Gíria: ônibus.

de ser roubado, o ônibus não parou e ainda enfrentou os engarrafamentos, expõe condições que causam atrasos e fazem com que a jornada de trabalho se estenda.

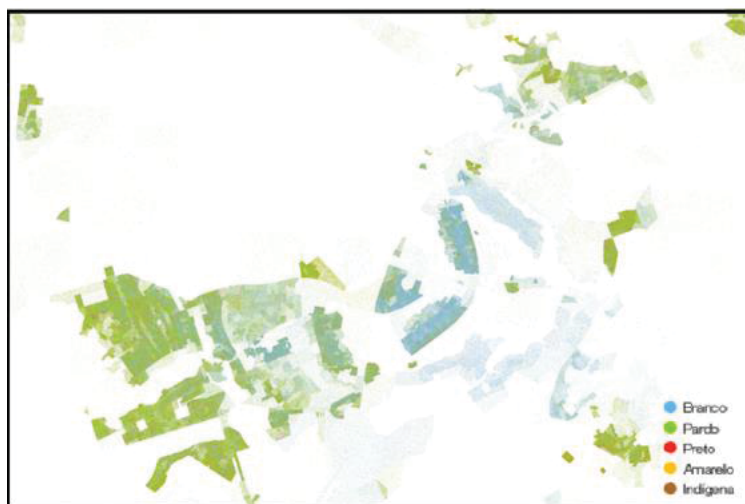
A cidade de Brasília, diferente das que abordamos até agora, foi uma cidade planejada para ser a capital do Brasil e a sede do Governo Federal. Possui, portanto, uma arquitetura moderna, planejada, cuja autoria principal é atribuída a Oscar Niemeyer. Conforme Sabóia e Sandoval (2012), em Brasília a segregação ocorreu de forma diferente do resto do país. Antes de sua construção em 1960, a população pobre que habitava a região foi deslocada para regiões mais distantes, onde foram construídas as “cidades satélites”. Essas seguiram as mesmas concepções modernistas da construção da capital, no entanto, a remoção violenta e a falta de estrutura geraram conflitos nessas regiões que ficavam mais de 30 Km distantes da capital e não havia certeza se pertenciam ou não a ela. Já Silva et. al. (2021) afirmam que o projeto “utópico” de cidade perfeita não contava com a presença de grupos indígenas, trabalhadores e trabalhadoras de outros estados, pessoas mais pobres e de outros grupos étnico-raciais. Assim, remover essas pessoas fazia parte dos planos, todavia, não houve planejamento suficiente para garantir que as cidades satélites atendessem a demanda dessa população que já estava ali e daquela que se formou a partir da ida de trabalhadores para atuar na construção da cidade. Sem investimentos, infraestrutura, transporte e condições adequadas de sobrevivência, as cidades satélites transformaram-se em periferias desorganizadas, que mais uma vez, reproduzem a lógica centro-periferia denunciada por Velho Banzo em sua poesia que mostra eu/nós e eles, exemplificando as condições desiguais entre estabelecidos e *outsiders*.

É que a justiça deste país é seletiva,  
quanto mais clara for a sua pele  
mais longe do presídio.  
**Para nós**, quem diria,  
a ferida ainda está aberta  
e nós tá amarrado no tronco todo dia.  
**Para eles** educação de qualidade,  
melhor moradia da cidade,  
sensação de impunidade,  
maconha à vontade,  
não esqueçam plano de saúde  
daqueles mais caros que inclui psicólogo para  
prevenir a depressão e o suicídio.  
**A mim** nada além de uma ajuda  
para facilitar o plano de genocídio.  
Está vendo esse rosto suado?  
É de tanto correr.

Tá vendo esse braço arranhado,  
cortado, ensanguentado, inchado?  
Não é muito, mas é tudo que eu tenho para me defender. (VELHO BANZO,  
2019, transcrição de vídeo).

A figura abaixo mostra a distribuição por cor/raça em Brasília com base em dados do Censo (IBGE, 2010). Exprime uma configuração espacial segregada na qual as pessoas brancas moram em espaços que estão mais próximos dos lugares considerados centros de poder; quando não, são eles próprios os detentores desse poder. Enquanto isso, nas cidades satélites, a população é preponderantemente parda.

Figura 14 – Distribuição cor/raça Brasília



Fonte: Adaptado de Burgierman (2015).

Outro ponto grave trazido pelo poeta, por exemplo, é o encarceramento em massa, visto que o país ocupa o terceiro lugar entre os que mais encarceram no mundo. Segundo levantamento realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2022, a população carcerária é formada por um total de 909.061 pessoas, sendo que 44,5% desse total são presos provisórios, mantidos em instituições superlotadas, com pouca verba e sem infraestrutura. Além disso, informações do INFOPEN (2017), denunciam que 60% das pessoas encarceradas são negras, pobres e não possuem escolaridade (POLITIZE!, 2022).

As desigualdades étnico-raciais, econômicas e a falta de acesso à educação são, assim, alguns dos problemas das cidades, estando presentes nos versos das/dos poetisas que, dentre outras condições, denunciam o quanto tais problemas limitam as

suas possibilidades de escolhas em suas redes. Tal configuração instrumentaliza a estigmatização de um grupo estabelecido sobre o outro. O resultado é a construção de um espaço hierarquizante, que produz expectativas e determinadas condutas, fortalecendo a identidade do grupo estabelecido que age como se tivesse qualidade superior e pudesse utilizá-la como forma de assegurar o seu poder, promovendo a exclusão e a estigmatização do outro (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 22).

Por esse viés, Campos (2007) sugere que, diante da impossibilidade de explicar um fato social a partir dele mesmo, sem o risco de incorrer numa análise reducionista, tanto a favela quanto a criminalização da pobreza e a criminalização do espaço sejam “contextualizadas na história socioespacial da cidade, não podendo ser percebidas como fatos atomizados” (CAMPOS, 2007, p.157-158). Continuando o exercício realizado até aqui, sigo, quando necessário, mobilizando informações que facilitem a compreensão dos processos sociais que produziram as condições desiguais denunciadas nas poesias.

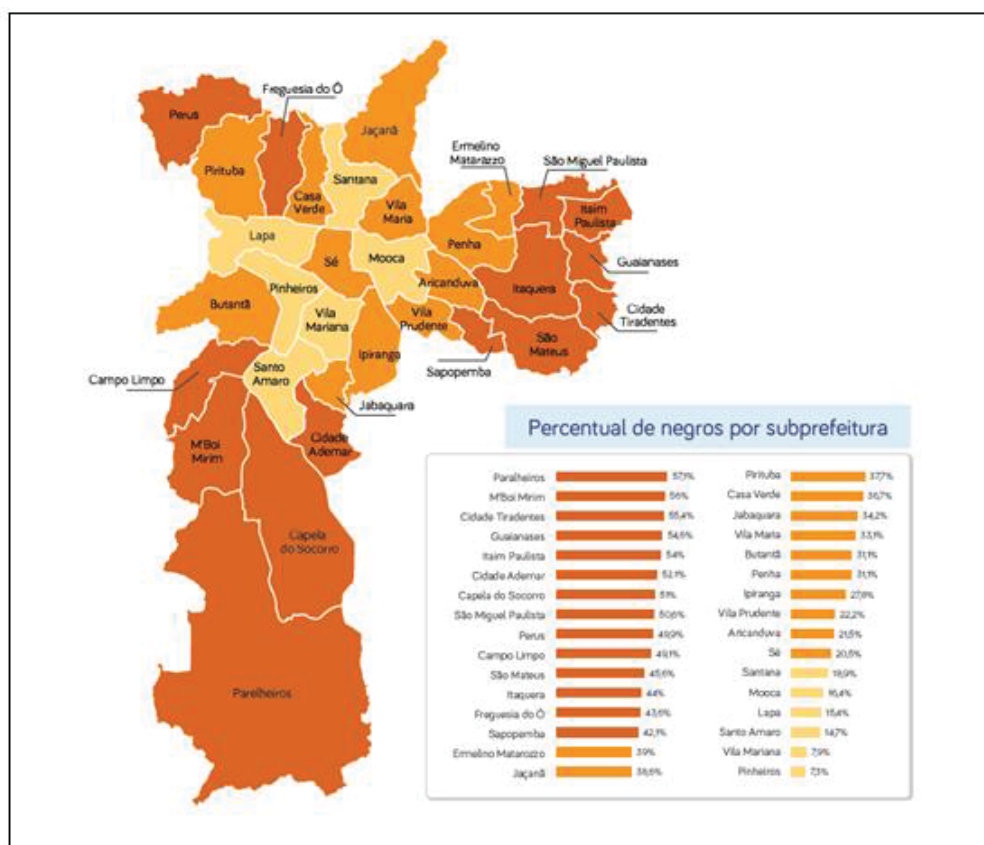
Assim, olhando para a história socioespacial das capitais que emergiram da minha seleção de materiais, a segregação racial não é uma exclusividade de Brasília. Voltando a São Paulo, os dados do IBGE (2010) mostraram que a capital contava com 11.253.503 habitantes<sup>54</sup> e uma densidade demográfica de 7.398,26 hab./km<sup>2</sup>, sendo a cidade mais populosa do Brasil. Nela, 99% da população é urbana, 51,3% do total é formada por mulheres e 26% por jovens na faixa etária dos 15 aos 29 anos. O recorte cor/raça do município mostra que a maioria da população se autodeclara branca, 60,6%, seguido por 30,6% pardas, 6,4% pretas e 2,2% amarelas. Acompanhando o padrão do IBGE, trataremos a soma de pessoas autodeclaradas pretas e pardas como negras, assim, esse grupo representa aproximadamente 37% da população. Ao analisar os dados do IBGE (2010), Proni et. al (2014) afirmam que entre os jovens de 15 a 29 anos que vivem em São Paulo, 46,6% se autodeclararam negros. A maioria vive em distritos localizados nas periferias da Zona Sul e Zona Leste da capital (62,4% no Jardim Ângela, 59,6% em Parelheiros e 58,8% em Lajeado), enquanto os distritos que abrigam menor número de jovens negros estão localizados em áreas nobres da cidade (6,5% em Moema, 7,4% no Jardim Paulista, 7,6% no Alto Pinheiros e 7,7% no Itaim Bibi).

---

<sup>54</sup> Em 2020, a população estimada era de 12.325.232 pessoas (IBGE, 2020).

O relatório *Igualdade racial em São Paulo: Avanços e desafios da Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial do Município de São Paulo (SMPIR)*, publicado em 2014, traz contribuições relevantes para analisar essa conjuntura. Fundamentado em dados do IBGE (2010), mostra que a maioria da população negra vive nos bairros periféricos com possibilidades de emprego escassas e baixa renda. Apenas 32,5% das pessoas empregadas eram negras com salários equivalentes às faixas de renda mais baixas. Ainda de acordo com o relatório, apenas 2% das pessoas negras possuíam salários que ultrapassavam a faixa de 10 salários mínimos. Isso ocorre mesmo quando a comparação considera os mesmos níveis de escolaridade e grupos de ocupação, existindo, portanto, uma defasagem entre os salários de pessoas negras e brancas. Um exemplo trazido pelo relatório mostra que, no caso de pessoas com nível médio de escolaridade que exercem funções semelhantes no comércio ou serviços, os homens negros recebem, em média, 13,1% a menos que os homens brancos. As mulheres negras, por sua vez, recebem, em média, 14,5% a menos que as mulheres brancas. O mapa a seguir mostra a distribuição da população negra nos distritos:

Figura 15 – Concentração da População Negra em São Paulo



Fonte: SMPiR – extraído do relatório Igualdade racial em São Paulo: Avanços e desafios da Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial do Município de São Paulo.

É impossível falar de cidade e desigualdade sem falar de violência. Conforme o Relatório da SMPiR (2014), entre os anos de 2000 e 2013, houve redução de 80% no número de homicídios de jovens do sexo masculino entre 18 e 29 anos. Esse percentual foi de -85% entre jovens brancos e -75% entre jovens negros. As desigualdades raciais presentes nesses índices ficam mais evidentes quando consideramos o total de homicídios. Dentro desse mesmo grupo, no decorrer de 2013, 61,5% das vítimas eram jovens negros.

Assim, considerar o quilombo (espaço transmutado), o cortiço e a favela como formas espaciais de resistência ao poder constituído é reestabelecer a lógica das classes populares, tornando os ocupantes desses espaços como sujeitos responsáveis pela história socioespacial das cidades. Para contraporem tal situação, as classes dominantes percebem os grupos pobres como indivíduos que vivem no limite da marginalidade, passíveis de serem tratados como uma questão de polícia e nunca como uma questão social. (CAMPOS, 2007, p. 66).

Da região Sul, selecionei poesias de duas capitais: Curitiba e Porto Alegre. Nas duas cidades, periferia, pobreza e racismo são temas comuns, especialmente o racismo, já que elas têm algumas características semelhantes que são contadas nas letras que falam da vivência de jovens negras/os em cidades de maioria branca que supervalorizam as culturas e tradições de um grupo em detrimento de outro. Dialogam com a exaltação da imigração europeia, com o orgulho do clima frio sempre comparado ao europeu, e com os signos e significados produzidos por uma população de maioria branca.

A menor região do país em extensão territorial (576.774,3 km<sup>2</sup>) – formada por 3 estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – é conhecida pelo clima frio e, também por isso, foi a região que abrigou a maior parte dos imigrantes europeus entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Conforme o IBGE (2010), o percentual de pessoas brancas nessa região é de aproximadamente 78,4%, enquanto o de pessoas pretas é de 4%; pessoas pardas, 16,7%; pessoas amarelas, 0,7% e pessoas indígenas, 0,3%. A estimativa da população, em 2019, era de 29,96 milhões, a densidade demográfica de 51,45 habitantes/km<sup>2</sup> (estimativa), PIB: R\$ 1,100 trilhão (estimativa 2019) e o PIB per capita R\$ 36.300,00 (estimativa 2019) (IBGE, 2019). O índice de analfabetismo era 3,5% para pessoas com 15 anos ou mais, de

acordo com PNAD (IBGE, 2017) e a mortalidade infantil é 15,1% para cada grupo de mil nascidos vivos, a menor taxa do país.

Em Porto Alegre, conforme o censo 2010, as pessoas brancas correspondiam ao total de 79%, enquanto as autodeclaradas pardas eram 14,3% e as pretas 6,2%. Historicamente, é possível localizar a presença dos povos de origem africana e afro-brasileira na cidade, porém, os registros mostram que os territórios negros que ficavam próximos às áreas centrais da cidade passaram por um processo de higienização, perifерizando essa população que ocupava o espaço central, ou seja, deslocando-as para regiões mais distantes da cidade.

Mas quem me olha e vai pensar que eu sou do Sul,  
**porque gaúcho é visto com olho azul,**  
 mas a verdade ninguém vê.  
 E ninguém vê por que **esconderam a Ilhota<sup>55</sup> no fim da cidade,**  
**o bairro Colônia africana hoje se chama Rio Branco**  
**tem preto no sul do paulista, isso causa espanto**  
**omitem nossa relevância na formação da sociedade**  
**O Brasil fala em racismo velado**  
**desculpa ele é explícito no meu estado.**

**vejo paredes com o símbolo do nazismo pichado,**  
**o inimigo mora ao lado, desmerecem turbante**  
**tradição não é somente andar pilchado**  
 isso não é uma carta de ódio,  
 polar para mim sempre vai ser o melhor trago,  
 mas nós engole seco cada coisa que eu já nem acho mais o chimarrão assim  
 tão amargo. (BRUNO NEGRÃO; CRISTAL ROCHA, 2018, grifos meus).

A dissertação de Vieira (2017) mostra as transformações do espaço urbano de Porto Alegre entre os anos de 1800 e 1970 e discute a situação que também foi exposta na poesia de Bruno Negrão e Cristal Rocha. Essa poesia recebeu o título “Tem preto no Sul”, em um tom de protesto que soa como “nós também existimos/estamos aqui”. Demonstrando conhecimento da história de sua cidade e de sua ancestralidade, os *slammers* reivindicam valorização da sua presença nessa narrativa.

As mudanças na cidade foram diversas no período observado pela historiadora (1800 - 1970) e seguiram relacionadas ao contexto histórico, político e social. Para Viera (2017), um dos aspectos importantes de sua pesquisa é mostrar a mudança do bairro “Colônia Africana” para “Rio Branco”, que de território negro,

---

<sup>55</sup> Nome de um bairro periférico com população negra abundante em Porto Alegre.

tornou-se um bairro elitizado. Assim, tanto a autora quanto Bruno e Cristal mostram que a população negra é colocada à margem da sociedade e da história.

gaúchas do padrão branco em beauty vocês veem Gisele Bundchen<sup>56</sup>,  
 melhor escurecer o rumo dessa prosa,  
 beleza preta gaúcha sou mais Gisele Rocha<sup>57</sup>  
**Eles nem disfarça a discriminação e o desprezo que levam na bombacha  
 eu não sou fraca vim para ser franca,  
 rainha de carnaval dez candidatas, nove negras.  
 Adivinha quem ganhou?  
 A branca!  
 não precisa saber muito de matemática para entender a soma dos fatos  
 nos querem apagados até mesmo em nossos atos,  
 eles levam orgulho dos olhos.  
 Destino escroto. (BRUNO NEGRÃO; CRISTAL ROCHA, 2018, grifos meus).**

A poesia também resiste à ideia de racismo velado e o exemplo do concurso de beleza que, mesmo tendo nove candidatas negras e uma branca, é a última que vence, exemplifica a forma explícita como as tensões baseadas no estereótipo e pertencimento racial acontecem nas configurações sociais, assim como nas paredes pichadas com símbolos nazistas. Os exemplos trazidos na própria poesia ilustram a sociodinâmica da estigmatização nas configurações citadas, evidenciando o desequilíbrio na balança de poder entre um grupo e outro. Outro poeta da mesma região fala sobre esse tema.

O racismo é velado e institucionalizado,  
 englobado, estruturado, normalizado  
 e perante isso tudo querem nos ver calados,  
**mas o primeiro que puser a mão na minha boca vai voltar sem braço  
 meu povo luta de fato para resistir no RS racista aonde pela cor eu não  
 me encaixo  
 Se Racionais no sudeste sobrevivia no inferno,  
 imagina como é no Sul que no mapa é ainda mais embaixo  
 Querem meu corpo preto, seja para matar ou para ver se meu pau é maior,  
 mas eu não achei no lixo. (JOVEM PRETO REI, 2019 b, grifos meus).**

Com outra perspectiva, o Poeta Jovem Preto Rei afirma que o racismo é velado, mas também evidencia a existência mais potencializada no Sul. Ele ainda aborda outras facetas do racismo, que são: a criminalização, objetificação e sexualização do corpo negro. O jovem também traz para seus versos uma referência

---

<sup>56</sup> Super modelo brasileira, branca, nascida no Rio Grande do Sul.

<sup>57</sup> Mulher, negra, produtora artística, gaúcha.

do álbum “Sobrevivendo no inferno”, lançado em dezembro de 1997 pelo grupo Racionais MC’s.

A cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, ficou conhecida nacional e internacionalmente por slogans criados, em sua maioria, desde a década de 1970 (FERREIRA, 2008) e propagados pela mídia, principalmente na década de 1990, como “capital social”, “cidade modelo”, “cidade ecológica”, entre outros que refletem uma cidade idealizada e de supervalorização da cultura europeia, a partir de diferentes campos. Ferreira (2008), por exemplo, demonstra como o campo educacional participou de um projeto explícito de cidade, a partir de um currículo oficial, branco, de classe média, europeu em que as desigualdades sociais e raciais não eram discutidas ou ficavam em segundo plano. As desigualdades sociais, econômicas e étnico-raciais que fazem parte do cotidiano da população, especialmente das pessoas que moram nas periferias, foram omitidas ou minimizadas. O currículo que veio sendo ensinado de forma “modelar” a seus cidadãos foi para atrair turismo e investimentos. As pesquisas do grupo de estudos da Professora Valéria Milena Rohrich Ferreira, Território, educação e cidade (TECI), também foram desenvolvendo e ampliando essas análises em projetos posteriores (FERREIRA, 2008, 2010, 2016; FERNANDES, 2016; SANTOS, 2018; CARDOSO, 2018; FIORESE, 2018).

Nesse processo histórico de apagamento da população africana e afro-brasileira e de exaltação de valores, costumes e, até mesmo, do clima frio da cidade por associação com o europeu, construiu-se uma ideia de cidade que, vista de fora ou pelos olhos de quem vive nos bairros mais privilegiados, diverge muito da realidade encontrada nas regiões periféricas (FERREIRA e FERREIRA, 2020). Como na maioria das cidades brasileiras, as áreas que vieram recebendo, ao longo das décadas, maior atenção, estão mais próximas do centro ou de bairros extremamente ricos e valorizados, no caso de Curitiba, também na região norte, mesmo que ainda possuam lugares nessas regiões centrais ou nas proximidades que também fogem desse padrão, como é o caso do bairro Parolin, citado pelo *slammer* Kaio Garcia:

A cidade mais limpa  
eles falaram para mim  
mas eu não achei tão limpa  
quando eu coleí ali no Parolin  
tipo a prefeitura manda gari  
trabalhador lavar a Rua XV na madrugada,  
mas não bota saneamento básico lá atrás da minha quebrada (KAIO GARCIA, 2017, transcrição de áudio).

Localizado a apenas 4 Km do centro, a comunidade do Parolin abriga uma população que vivencia problemas semelhantes aos das periferias mais afastadas. Quanto à crítica de Kaio Garcia sobre a prefeitura lavar uma região central da cidade, a imagem abaixo mostra o próprio prefeito de Curitiba, Rafael Greca de Macedo, jogando água durante a lavagem do calçadão da rua XV de Novembro<sup>58</sup>, em uma política de embelezamento central que ele mesmo fez questão de propor e divulgar.

Figura 16 – Notícia sobre a Lavagem da Rua XV de novembro



Fonte: Jornal *Gazeta do Povo* / Foto: Antônio More (2017).

A principal preocupação das poesias é mostrar que a realidade do cotidiano é bem distante das propagandas ou cartões postais. Falar desses assuntos significa falar de desigualdades e, nesse caso, o racismo aparece como prioridade, junto à pobreza, que é tão central quanto. Apesar de possuir o maior percentual de pessoas negras entre as capitais da região Sul, de acordo com a PNAD contínua (IBGE,

---

<sup>58</sup> Reportagem completa do jornal *Gazeta do Povo*: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/com-auxilio-do-prefeito-calçadão-da-rua-xv-e-lavado-cri60q67j8o5t5tezz6n54g64/>>. Acesso em: 01 mar 2022.

2022)<sup>59</sup>, a expectativa é que, atualmente, aproximadamente 75% da população seja branca, 3,9% preta e 19,5% parda.

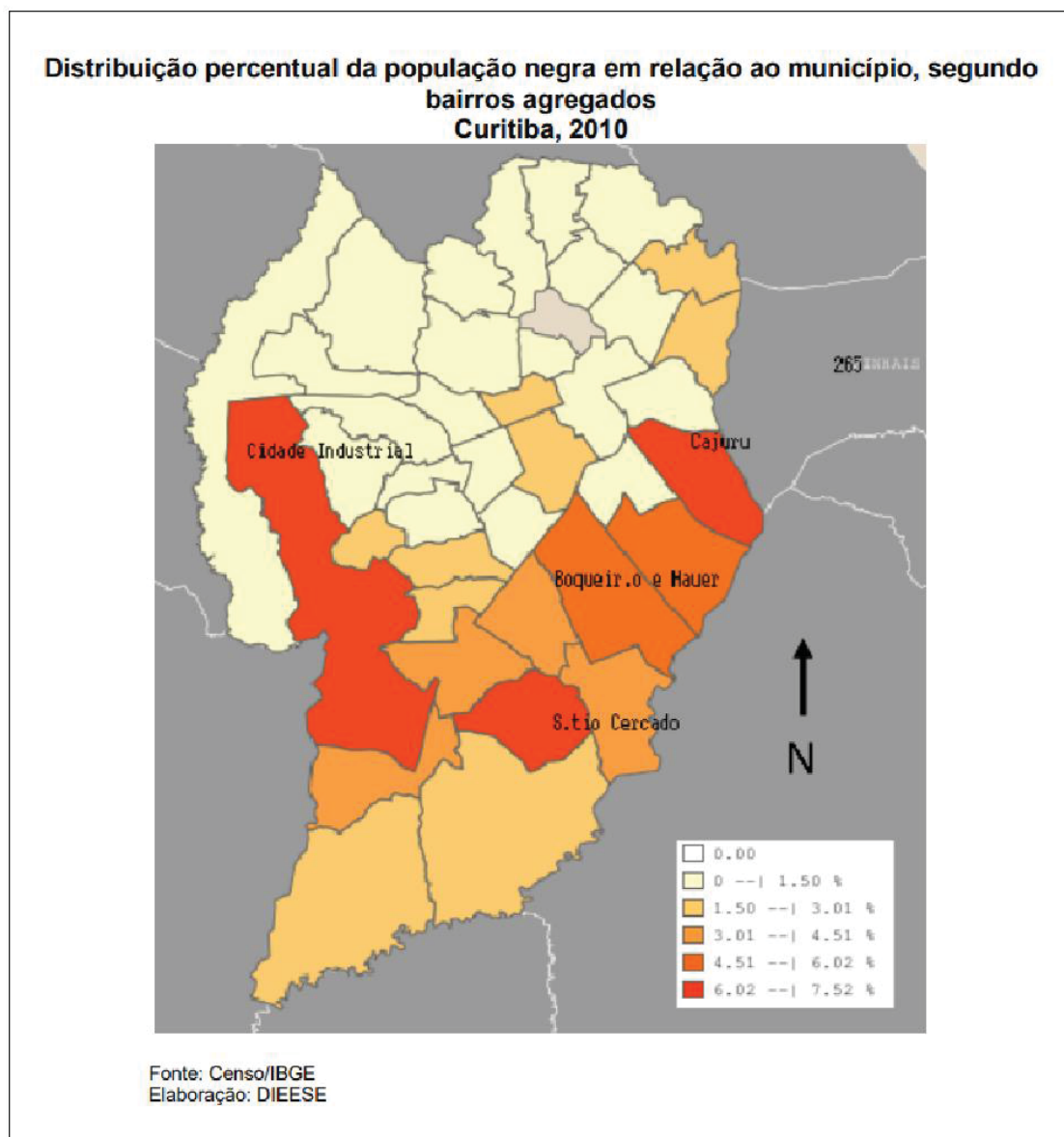
Quem fala essas porras, eu sei  
nunca sentiu o **desespero batendo no peito**  
**de ver o barraco enchendo d'água**  
**Nunca fez corre de trampo na central e no fim só achou mágoa**  
**cidade branca aonde não tem preto, só nobre**  
**Aonde o cuzão do prefeito**  
**vomita sentindo cheiro de pobre.** (KAIO GARCIA, 2017, grifos nossos,  
transcrição de vídeo).

Ainda que algumas pessoas tenham dificuldade para compreender a ironia na poesia de Kaio Garcia, Curitiba é uma cidade de população majoritariamente branca, como mostram os dados estatísticos, sendo que a maioria da população negra está em áreas específicas da cidade. A seguir, apresento dados de fontes seguras e oficiais, como o mapa do DIEESE, que mostra nitidamente essa distribuição:

---

<sup>59</sup> Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>.

Figura 17 – Mapa Distribuição Percentual da População Negra em Curitiba



Fonte: Adaptado de Dieese (2016).

O jovem *slammer* comenta sobre uma fala elitista e preconceituosa do atual prefeito, dita em plena campanha eleitoral, que foi noticiada em todo o país e cuja repercussão fez com que ele se desculpassem logo em seguida para não afetar sua campanha. Em outra reportagem, o prefeito negou o racismo estrutural e fez vários comentários que refletem o pensamento dominante na sociedade e justificam a identificação que ele tem com a população curitibana.

Figura 18 – Manchete Do Jornal Folha De São Paulo De 23/09/2016



Fonte: Folha Uol (16/09/2022).

A Poeta Gabriela é estudante do curso de Educação Física da UFPR e direciona sua poesia para os colegas da Universidade. Ela fala sobre a dificuldade de acreditar que, em um espaço com tanto acesso à informação e debates, as pessoas ainda não saibam respeitar as diversidades e preservem posturas machistas e racistas que são confirmadas no cotidiano:

Essa poesia eu fiz para **os amigos da faculdade**  
 Eu queria ser mais otimista  
 e acreditar que é questão de ponto de vista e que talvez eles não **sejam tão racista e tão machista** quanto eu tenho pensado  
 Minha irmã é o caralho! (POETA GABRIELA, 2019, grifos meus, transcrição de vídeo).

Apesar de todos os estudos, pesquisas e debates, a realidade da periferia é algo muito distante. Inclusive, algumas pessoas que têm origem em regiões periféricas mais bem localizadas e servidas de equipamentos públicos não conseguem ter muita noção da vida em uma favela, em uma ocupação ou área mais precarizada.

Enfim, quando a Poeta Gabriela menciona que isso acontece, confirma que, mesmo após anos de cotas e uma mudança significativa no perfil dos estudantes das universidades públicas, elas ainda são espaços muito elitistas e que reproduzem o racismo e, aqui, talvez, possamos dizer, de maneira mais sutil.

Bixarte questiona as manifestações coletivas que ocorrem após acontecimentos específicos, como se fosse moda:

**Vocês dizem que vidas negras importam**  
**somente quando um preto no caixão vai parar,**  
 mas no dia a dia, quando **a travesti preta** passa na roleta do ônibus,  
 tu esconde logo o celular,  
 não se importe com a nossa vida  
 somente agora por modinha não seja levado  
 o racismo existe há mais de 500 anos,

Uns tomam copo de leite estendem a Bandeira da Ucrânia<sup>60</sup>  
 para tentar nos amedrontar.  
 A gente pega a nossa melhor arma,  
**a poesia marginal, para te derrubar,**  
**maldito seja o homem que se esconde atrás de uma farda** para tentar nos  
 exterminar. (Bixarte, 2019, Transcrição de vídeo).

Para as pessoas que vivenciam as desigualdades e a exclusão, os enfrentamentos são diários. Em algumas situações, são mais explícitos; em outras, menos, mas estão sempre presentes. Não são poucas/os as/os poetas que criticam o uso de *hashtags* (#) somente em casos extremos ou mais distantes. Temos vivido, entretanto, momentos de comoção coletiva motivados, majoritariamente, pelas redes sociais, em que algumas situações específicas geram mobilização geral, mas as formas de exclusão do dia a dia continuam a existir sem causar nenhum incômodo. Isso sem mencionar o comportamento do próprio Presidente da República, que fez apologia ao nazismo em uma de suas *lives* semanais. Fica nítida a gravidade da situação e a necessidade desse debate.

Figura 19 – Reportagem sobre Efeitos da Live Realizada pelo Presidente Bolsonaro em junho de 2020



Fonte: Jornal El País (2020).

Infelizmente, o caso não é uma exceção. De acordo com Paula e Lopes (2020), desde 2019 houve registro de aumento de grupos neonazistas no Brasil, com

<sup>60</sup> Apesar de ter dado uma explicação qualquer após a polêmica, o comportamento do presidente e de seus aliados assemelhou-se ao ritual utilizado pelos grupos supremacistas brancos estadunidenses conhecidos como “alt-right” que tinha um significado relacionado à pureza racial. A bandeira da Ucrânia num contexto em que o país se encontra em guerra contra a Rússia também denota um posicionamento político, que nesse caso, faria alusão ao anticomunismo.

picos relacionados a comportamentos apologéticos do Presidente Jair Bolsonaro ou de seus seguidores, seguidoras, ministros, ministras, assessores etc. Para as autoras, não foi coincidência que o fato tenha ocorrido no dia em que eclodiram protestos nos Estados Unidos por causa da morte de George Floyd<sup>61</sup>, afro-americano morto asfixiado em público por policial em Minneapolis. Dentre as explicações para o ritual de beber o leite puro estão tanto a de senso comum que costuma relacionar o branco com o leite e o negro com o café – sob a ideia neonazista de “tomar branco e se tornar branco” – quanto o ato praticado pelos "alt-right", grupos supremacistas brancos de extrema direita estadunidenses (PAULA; LOPES, 2020, p. 57).

Com a rapidez com que as notícias se disseminam e a facilidade de acesso aos debates, hoje o “mito da democracia racial” não se sustenta mais no Brasil. Na minha pesquisa de mestrado (SANTOS, 2018), analisei a distribuição desigual da população por cor/raça em Curitiba. A maioria da população negra vive na região sul e extremo sul da cidade e em suas áreas menos valorizadas, enquanto os bairros mais privilegiados – com maior número de equipamentos culturais consolidados, de lazer, de segurança e tendo famílias, no geral, com maior renda – são os que ficam próximos das regiões central e norte da cidade.

O cosmopolitismo e a "união de etnias" fazem parte do imaginário social dessa cidade idealizada. Basta entrar em muitos grupos virtuais<sup>62</sup> de pessoas nascidas na cidade, ver reportagens, ler livros ou relatos, principalmente de pessoas mais ligadas às “tradições”, e se verificará que a negação de que existe racismo é muito comum, especialmente em espaços mais elitizados. Na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), de 2017, a professora paranaense aposentada, Diva Guimarães, teve oportunidade de falar e, em um relato emocionante, contou sobre o racismo ocorrido na infância e como sofreu para trabalhar em Curitiba, sendo negra e moradora de periferia. Expôs sua condição para todo o país:

Porque quando ela falou do racismo, eu falei para a moça aqui do meu lado, ela não está falando de Portugal. Ela está falando do Brasil. Nos dias de hoje, não é?

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>.

<sup>62</sup> Digo isso porque participo de grupos que resgatam a história da cidade e constantemente alguém posta uma foto ou comentário afirmando que em Curitiba nunca houve racismo porque conheceu uma pessoa negra em algum lugar e ela era tratada normalmente.

E porque também para eu vencer, para eu conseguir trabalhar em Curitiba... que todo mundo acha... que Curitiba, a cidade europeia de intelectuais... de coisa nenhuma, vai viver em Curitiba como negro e como morador da periferia!

Para vocês tirarem esse encanto de Curitiba disso, daquilo, não é na real, não é. Não é! É tido como uma cidade evoluída, porque é europeia... Porque é uma cidade europeia, tem as coisas boas em Curitiba, na realidade tem, mas os cotistas negros, índios, sofrem o preconceito dentro das universidades... (DIVA GUIMARÃES, 2017, transcrição de vídeo).

Além de emocionar as pessoas que estavam presentes e as que tiveram oportunidade de ver o vídeo depois, Diva Guimarães, que ganhou grande notoriedade a partir desse depoimento no evento, conseguiu, diante de um grande público, desmistificar a aura que paira sobre a cidade. A Poeta A+ também fala da sua experiência de crescer na periferia de Curitiba sendo negra e do quanto percebeu a diferença quando morou em São Paulo.

Ser negro de fato nunca foi fácil  
em Curitiba então, parece pecado [...].  
Sair do Sul pra mim foi como o paraíso. (AMANDA MARQUES, 2020).

Aqui, mais uma vez, a minha pesquisa realizada no mestrado (SANTOS, 2018) pode contribuir. Afinal, a percepção da cidade pelas crianças variava e estava relacionada tanto com a região em que elas viviam como também às condições de moradia, renda, trabalho dos pais ou responsáveis, entre outros fatores. O racismo está presente no cotidiano das relações sociais e, no caso de Amanda, sendo mulher, negra, da periferia sul da cidade, seria impossível não sentir os efeitos dessa configuração social. Para ela e outros *slammers*:

A mulher preta já nasce silenciada  
De louca é taxada,  
como feia colocada  
Cê tava ali viu, riu e não fez nada.  
Aproveitando já pra deixar meu recado  
para os nojento emocionados.  
Enfia no seu cu o 'moreninha' e 'mulata'.  
Não vou nem deixar explícito o que cê faz com o 'macaca'. (AMANDA MARQUES, 2019, transcrição de vídeo).

Kaio Garcia vai além, afirmando que a cidade é “um ninho de racistas” e que ser mulher, gay e pobre também são problemas para quem vive em Curitiba.

Curitiba, cidade modelo!  
Ah! eu chamo de ninho de racista,

cidade pesadelo! [...]  
 Estudos dizem: Curitiba melhor cidade para se viver,  
 mas se tu for mulher, gay, preto ou pobre tu vai morrer  
 Infanticídio, genocídio, feminicídio aqui já se tornou normal  
 ou vai dizer que vocês não lembram da Tainá  
 catorze anos estuprada e morta no matagal  
 Falar dessas fita realmente me entristece!  
 Mas eu não vou me calar  
 meu povo não merece. (KAIO GARCIA, 2017, transcrição de vídeo).

Questionando o título propagado, o *slammer* lista condições que não são bem-vistas numa cidade conservadora como Curitiba.

É fácil encher a boca e falar que mora na Europa do Brasil  
 se você tem agasalho e não é teu parente  
 o morador de rua que morre de frio.  
 Mas eu sei que vocês atravessam a rua quando se vê de frente com o usuário  
 de crack,  
 mas vocês já desceram na Tiradentes e perguntaram:  
 Mano, o que que te leva a dar o baque?  
 Eu já fiz isso e até hoje essa resposta me consome  
 ele falou: Irmão, às vezes dá um baque  
 é o único jeito de fazer passar a fome.  
 É! A realidade dói, mas precisa ser dita.  
 Mas, o que realmente me dói nessas fitas,  
 é ver boy engrandecer essa cidade maldita. (KAIO GARCIA, 2017,  
 transcrição de vídeo).

A poesia de Kaio antecedeu o período pandêmico, mas fala do cotidiano do centro de Curitiba, sobretudo nas adjacências da Praça Tiradentes e do Largo da Ordem, onde acontecem as Batalhas do *Slam Contrataque* e há, diariamente, uma circulação intensa de pessoas em situação de rua e dependentes químicos. Para além da romantização do clima, o jovem levanta um tema fundamental: todos os anos há notícias de pessoas que morrem de frio. As pessoas que sentem orgulho e gostam de reproduzir os slogans da cidade nem sempre compreendem essas críticas. Todavia, a entonação na voz do *slammer* mostra que seu propósito não é excomungar a cidade, mas mostrar que a realidade não corresponde ao ideal difundido, que há problemas urgentes que precisam ser resolvidos, ausência de políticas e ações de combate às desigualdades e a má gestão pública.

Em São Paulo, também surge um trecho falando da referência europeia, mas o assunto não é tão recorrente como no Sul. Trata-se de um processo diferente de construção.

São Paulo você não é meu sonho de consumo,

você é um verdadeiro agiota, **paga de Europa enquanto meninos de rua engraxam suas botas.** (MARIANA FELIX, 2018).

Na poesia de Mariana Felix, também existe crítica à cidade idealizada que esconde as desigualdades que afligem seus habitantes.

Tropeçamos nos corpos em suas calçadas  
São Paulo sua bolsa de valores não vale nada  
sua competição nos faz beirar a loucura  
Dos fones de ouvido aos orifícios vendidos na rua, seu café  
Todos os dias São Paulo nos prostitui e nada de indenização  
**Você nunca foi a terra prometida, enquanto os filhos de gringo vivem bem, seus filhos nordestinos foram jogados à margem da sua cidade cinza**<sup>63</sup>. (MARIANA FELIX, 2018, grifos meus).

O trecho da poesia de Mariana aborda as desigualdades da cidade pela crítica à pobreza, à competitividade do sistema capitalista<sup>64</sup> e às consequências desse contexto na vida das pessoas. Além disso, sugere uma reflexão importante sobre a configuração social da cidade que vem sendo construída ao longo de sua história, que é a exaltação dos estrangeiros e a exclusão dos nordestinos.

A maior metrópole do país e da América Latina nasceu no contexto de colonização. Graças à topografia privilegiada, à localização em uma colina plana e alta, e à presença dos rios Tamanduateí e Anhangabaú, o local foi escolhido pelos padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega para a construção de um colégio católico. O objetivo era catequizar os indígenas dessa região, inicialmente chamada de “São Paulo de Piratininga”. A data de celebração de sua primeira missa ficou marcada como data de fundação da cidade, dia 25 de janeiro de 1554, como consta da Biblioteca Virtual do Governo de São Paulo.

Atualmente, conhecido como “Pátio do Colégio”, o local faz parte do centro histórico de São Paulo e abriga um conjunto de espaços de preservação histórica, cultural e religiosa da cidade inaugurados na década de 1970. Também abrange os Museu Padre Anchieta, Museu de Artes Sacras dos Jesuítas, a Biblioteca Padre Antônio Vieira e o Café do Pateo, como informa o site oficial da Instituição.

---

<sup>63</sup> Também é importante analisar, neste trecho, a lembrança de São Paulo como uma cidade cinza, adjetivo que remete às construções, ao concreto e até mesmo à poluição, o que denota o seu perfil urbano, ao mesmo tempo em que se reconhece a importância dessa metrópole para o nosso país.

<sup>64</sup> Como muitos outros *slammers*, ela segue um viés mais marxista.

De acordo com o site da Biblioteca Virtual do Estado de São Paulo, a cidade atingiu o status de Vila em 1560. No entanto, não teve destaque na América portuguesa devido à distância do litoral, que dificultava as relações comerciais, e à inequação do solo, que impossibilitava o cultivo de produtos que pudessem ser destinados à exportação. Assim, somente em 1711, ascendeu à condição de Cidade. Contudo, durante o século XVIII, a região teve grande importância nas expedições bandeirantes, servindo como quartel-general de onde tais expedições tinham início com o intuito de capturar indígenas e “minerais preciosos em sertões distantes”. Apesar de não terem impacto na economia do município, essas atividades realizadas ao Sul e Sudoeste do país, resultaram tanto na expansão do território brasileiro quanto na aniquilação em massa de povos indígenas que resistiam aos ataques (BIBLIOTECA VIRTUAL, 2021).

Com a construção da Ferrovia Santos – Jundiaí, na segunda metade do século XIX, São Paulo experimentou um crescimento acelerado nos âmbitos econômico, industrial e populacional, proporcionado por sua posição entre as rotas de escoamento de café e o porto (BIBLIOTECA VIRTUAL, 2021), atingindo, posteriormente, o status de maior metrópole do país e da América Latina.

O destaque no fragmento da poesia de Mariana Felix tem mais um elemento essencial da configuração social da cidade. A visão desse território como “terra prometida” remete ao movimento migratório ocorrido, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1950, que levou uma grande quantidade de pessoas, principalmente da região nordeste do país, para São Paulo em busca de melhores condições de vida. A maioria desses migrantes e seus descendentes formaram e ainda formam parte da população residente nas periferias da metrópole, marcando presença nas redes de relações dos *slammers* e das *slammers* e em suas poesias.

A história da cidade também inclui a história dos indivíduos que habitam esse espaço e permeiam as narrativas poéticas dos sujeitos desta pesquisa. O livro de Caldeira (1984) ajuda a compreender o contexto histórico e social da região de origem da poeta Mariana Félix e dos Poetas Kenyt e Cleiton Mendes. A autora realiza a pesquisa na Zona Leste de São Paulo no Bairro São Miguel Paulista da qual fez parte a “vila” Ermelino Matarazzo até se tornar município em 1959. Bairro antigo, cujas primeiras notícias remetem ao século XVI, primeiramente habitado por indígenas Guaianazes, depois por Jesuítas e finalmente por colonos que alteraram a paisagem da região e escravizaram os indígenas. As características de um bairro

apareceram por volta do século XVIII, mas a população tinha pouco contato com a cidade (Caldeira, 1984). O bairro começou a adquirir importância no início do século XIX com o crescimento da hortifruticultura da região e o fornecimento de alimentos produzidos na região de Itaquera e Lajeado (atualmente conhecida como Guainazes) para a cidade. Essa situação, segundo a autora, resultou na independência desses bairros no início do século XX, em 1920 e 1929, respectivamente.

Em São Miguel, houve destaque para a produção de madeira, carvão vegetal e o aumento de olarias. Porém, com a falta de transporte, a região não crescia o suficiente, permanecendo como arraial até 1930, quando foi inaugurada a primeira linha de ônibus: Penha – São Miguel, incentivando a instalação de indústrias no bairro. Entre elas, a Nitroquímica Brasileira, que teve início em 1935 e impulsionou a construção de prédios, loteamentos e o aumento populacional. (CALDEIRA, 1984).

Entretanto, segundo a autora, após 1940, o crescimento de São Miguel seguiu o ritmo do resto da cidade de São Paulo. Entre os anos 1940 e 1950, recebeu remessas generosas de migrantes, não apenas para trabalhar na fábrica, mas em busca de moradia, formando o que um dos entrevistados chamou injustamente de “Bahia Nova”. De acordo com a autora, essa denominação era injusta, pois havia muitas pessoas de Minas Gerais e do interior de São Paulo vivendo ali. Para a autora, os loteamentos, mais do que a fábrica e a estação rodoviária, foram os grandes responsáveis pela expansão populacional e, principalmente, pela mudança na paisagem da região.

Nas duas décadas seguintes o ‘fenômeno das vilas’ continuou. Algumas delas adquiriram praticamente a configuração de novos bairros e a maior, Ermelino Matarazzo, que abrigava um complexo fabril dos Matarazzo acabou por transformar-se em um distrito independente em 1959. (CALDEIRA, 1984, p. 41).

Analisando a zona leste como território de rupturas e permanências, Rolnik e Frúgoli JR (2001) mostram que, entre 1980 e 1991, mudanças promovidas por reestruturação e deslocamento territorial nas indústrias, aumento das taxas de desemprego e surgimento de novos empreendimentos econômicos destinados a públicos/classes específicas alteram a paisagem da cidade que tem uma redução significativa na população, sobretudo nas regiões centrais e que abrigam pessoas com maior poder aquisitivo e maiores investimentos em infraestrutura e os, antes, maiores índices de aumento populacional. Nas periferias mais afastadas, como o bairro

chamado de Cidade Tiradentes, no extremo leste da cidade, os moradores ficam como que exilados, submetidos a situações de exclusão que se sobrepõem, como violência, condições precárias de moradia e pouco acesso à educação.

No trecho que segue, o poeta Cleiton Mendes exalta sua negritude e saúda o Nordeste que, juntamente com outros aspectos de suas redes, constituem o seu eu, a sua identidade e a de muitas pessoas das periferias paulistanas:

Sou racional, Sou negro drama  
 Eu tô pela leste, pelos loucos, nordeste, meu povo!  
 é papo reto tipo *jab* de boxeador  
 curto e direto, exijo mais respeito por favor.  
 Eu não vim para esclarecer, eu vim para ESCURECER. (Poeta Cleiton Mendes In: ALCALDE, 2016, p. 66).

Uma multiplicidade de letras reflete o contexto de migração. É sobre as vidas dos migrantes nordestinos que Kenyt<sup>65</sup> fala em sua poesia:

É pau, é pedra, esse é o caminho  
 de quem veio do sertão  
 sem lenço sem documento, sozinho  
 perdido na selva de pedra, acolhido os barracos de pau  
 ou nas ruas de barro de alguma favela  
 Infância? Não sabe nem o significado dessa palavra  
 aos dez anos de idade seu primeiro presente:  
 uma pá, uma enxada  
 Aos doze teve que tomar uma dose de cachaça  
 pra provar para o seu pai que era cabra macho  
 aos 14 foi levado ao puteiro, pois diziam que já era hora dele perder o cabaço  
 Hoje é um tiozinho que assim que o galo canta,  
 às seis ele levanta [...]  
 [...] Tá de Brincadeira! Mãos à obra,  
 Na obra ninguém tem nome, mas todos têm vulgo... É o  
**Ceará, o Bahia, o Maranhão, o Pernambuco**  
**vai dizer que o nordestino é preguiçoso? Isso sim é um insulto.**  
 (MESSIAS, 2022, p. 95-96).

Da perspectiva do *outsider*, Kenyt narra as condições de vida e trabalho desses migrantes, a dor de deixar tudo para trás em busca de sobrevivência, a coragem de tentar a vida numa cidade nova, as condições precárias de moradia e até a educação em uma cultura machista que cria homens para serem heterossexuais e trabalhadores. Com um olhar sensível, o poeta consegue resgatar parte das condições que possibilitaram a construção da identidade desses trabalhadores que,

---

<sup>65</sup> Estou apresentando o poeta Humberto Marques de Messias, com seu vulgo que também é o nome artístico atual, Kenyt, mas quando cito as poesias, uso as referências do livro MESSIAS (2022).

com frequência, atendem pelos vulgos dos seus estados de origem, porque, certamente, se orgulham de sua história, mas que também precisam lidar com os estereótipos e preconceitos que a sociedade constrói a seu respeito, como a ideia de serem preguiçosos.

A poesia mostra que, além de ocuparem uma condição *outsider* em relação à pobreza, migração, periferização e falta de acesso à educação, suas configurações sociais também são atravessadas pelo racismo, como pode ser percebido no segmento abaixo:

e já botam a mão no cimento ainda de barriga vazia  
 Vinte peão trampando numa obra, quase todos são negros  
 um só é branco e adivinha quem é o engenheiro?  
 Sem erro, engraçado é que nem sempre quem sabe mesmo é quem ganha  
 mais  
 os 'tiw' 'miliano'<sup>66</sup> de obra, fazendo história  
 e quem ganha medalha de honra ao mérito é um 'boy'  
 que cursou cinco anos de teoria, bancado pelos pais. (MESSIAS, 2022, p. 95).

O poeta destaca uma característica importante das relações de interdependência nas obras quando o conhecimento prático de anos do *outsider* vale menos que o de um jovem engenheiro recém-formado. Esse último, em razão da sua função e posição nas configurações sociais, já possui um acúmulo de poder, como os anos de escolaridade, poder aquisitivo e cor/raça, por exemplo.

Por outro lado, alguns poetas aproveitam as poesias para ironizar a “moda” crescente em torno do “estilo de vida” das pessoas moradoras das periferias. Os comportamentos, as formas de se vestir e a cultura da periferia estão ganhando outros espaços e criando tendências, provavelmente por causa dos espaços conquistados na indústria cultural por artistas, sobretudo na música, como mostram os trechos das poesias:

**Nós deixou de ser suspeito  
 para se tornar o desejo da sua filha,  
 mas tá tranquilo, fica suave fica  
 É que eu sou mais as pretinhas consciente aqui da periferia.**  
 (MESSIAS, 2022, p. 89, grifos meus).

---

<sup>66</sup> Gíria: como se fosse abreviação de mil anos, significa muito tempo.

Deixando explícita a ironia, Cleyton Mendes comenta que até os erros de português acabam se tornando gírias e sendo copiados por pessoas que pertencem a outros espaços e classes sociais.

vou ressaltar a minha cor, doa a quem doer e  
**olha que ironia, olha que ironia,**  
**os meus erros de português viram gíria e os boy copia**  
 diretamente da periferia eis aqui mais um representante do Fundão. (Poeta Cleyton Mendes In: ALCALDE, 2016, p. 66, grifos meus).

É importante pensar que nas diferentes periferias existem dialetos próprios. Dentro de cada família, existem palavras que são compreendidas apenas naquele contexto. O poeta Kenyt também demonstra um certo desconforto com isso:

Eu to boladão!  
 Porque hoje todo mundo quer ser favela  
 Quer ser malandra  
 Eu tô cansadão!  
 dessas figuras, é muita pose de quebrada  
 para quem nunca pisou em uma,  
 mas firmeza é o que digo  
 separa o joio do trigo  
 preto, pobre, poeta, periférico,  
 ESTAMOS VIVOS! (MESSIAS, 2022, p. 88).

A fala de Kenyt mostra uma reação à transformação da cultura periférica em mercadoria. Santos Drumond exalta essa cultura produzida na periferia e sua importância para os jovens que vivem nesse espaço. Além disso, fica óbvio em sua poesia que o poeta tem consciência da posição que ocupa, dos mecanismos utilizados para estigmatizá-lo e consegue reagir por meio da poesia.

São 20 anos de zona sul,  
 sobrevivendo no inferno<sup>67</sup> de uma cidade fria,  
**para os que elitizam erudições**  
**o verso marginal é exotérico,**  
**Sabota, Brown e Criolo<sup>68</sup>**  
**são clássicos gregos da nossa filosofia**  
**e a poesia é matéria na escola da vida de jovem periférico,**  
 manos e minas planejando rimas, com amor na mente,  
 eu te faço um poema, choro enquanto tu dá risada. (SANTOS DRUMOND, 2020, grifos nossos).

---

<sup>67</sup> Inspirado em disco dos Racionais MC's já citado por outro *slammer* que também foi publicado em forma de livro e indicado no Vestibular da Unicamp em 2020.

<sup>68</sup> Referências do rap nacional.

Aparentemente, a ambiguidade na expressão “cidade fria” diz respeito tanto ao clima quanto às relações sociais. Conforme o poeta, mesmo que a cultura da periferia não seja valorizada por pessoas que gostam de hierarquização, ele cita os rappers Sabotage, Mano Brown e Criolo como referências fundamentais. Os rappers falam da vida, do cotidiano e dos problemas da sociedade de uma forma que pode ser compreendida por quem veio do “mesmo lugar” que eles. Ao contrário do conhecimento erudito, essa compreensão está acessível para quem realmente interessa. Como diziam os Racionais MC’s sobre a forma de falar que usam: Gíria, não. Dialeto!<sup>69</sup>.

Santos Drummond mostra que, além de todas as desigualdades discutidas, ser poeta, preto e periférico suscita outras formas de estigmatização:

Esses dias me disseram que poesia era vagabundagem,  
que estavam cansados desses meus papos de militância,  
mas pensa comigo quem é mais vagabundo,  
eu que vivo de poesia ou esses filhos da puta que vivem de herança?  
(SANTOS DRUMMOND, 2020).

É válido comentar que, além de poeta, Mateus dos Santos Silva (Santos Drummond) realiza diversos trabalhos artísticos, participa de competições esportivas, tem formação em arte e atua como arte-terapeuta em uma unidade do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS AD). Mas ser estudante, poeta, escritor, artista ou qualquer coisa que o valha consiste num privilégio reservado para poucos e, na maior parte das vezes, não inclui jovens pretos, pobres e periféricos.

As diferenças e as desigualdades carregam estereótipos específicos. O poeta Velho Banzo cita algumas das características que o colocam na mira do racismo e também nomeia o estabelecido como “a violência estatal”:

Meu silêncio custa a minha vida  
e a violência estatal insiste em me caçar  
para eles eu sou a ferida exposta  
a doença, alvo comum  
pretinho, macumbeiro de cabelo duro,  
está fazendo tanto barulho  
que os racistas estão chamando  
de percussionista do Olodum! (VELHO BANZO, 2019, transcrição de vídeo).

---

<sup>69</sup> Referência à música Negro Drama dos Racionais MC’s.

O poeta MB do Acre também discute esse tema:

Sistema opressor só fode o brasileiro  
 Mas nunca valorizou quem trabalha o dia inteiro  
**Quando olha pro preto já chama de maconheiro**  
**Se fosse um homem branco**  
**Era médico, engenheiro.** (MATEUS BRITO MB, 2019, transcrição de vídeo).

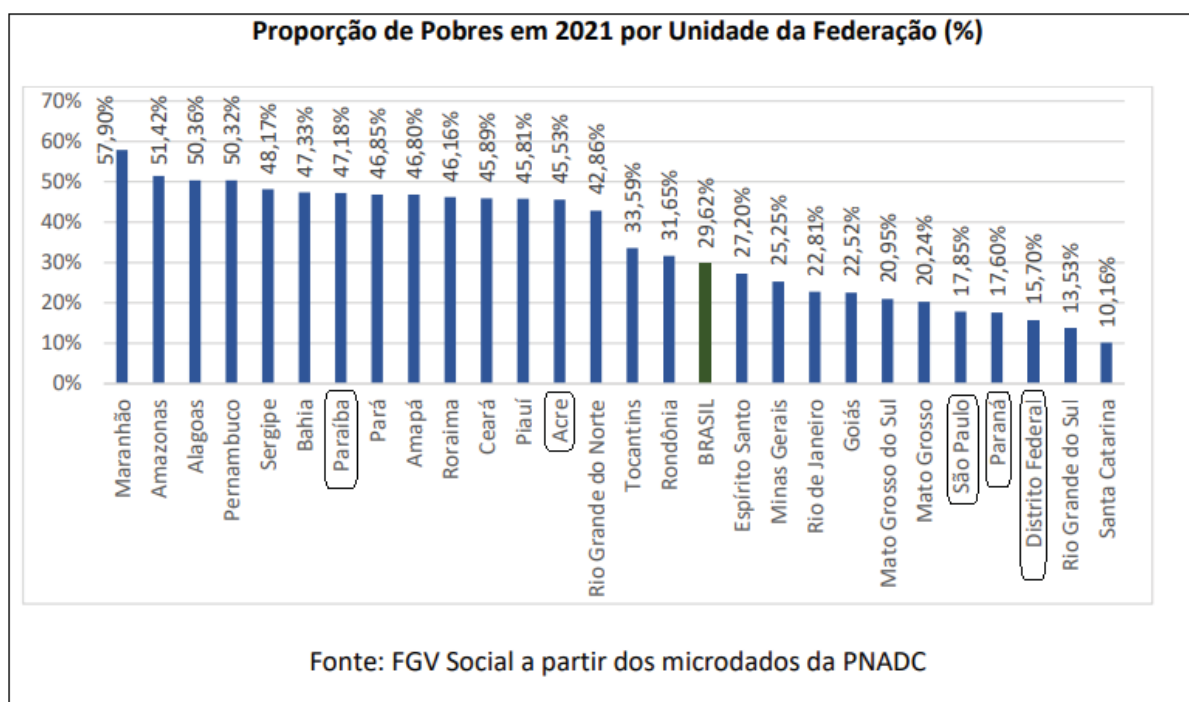
As posições e funções da população negra brasileira foram sendo delimitadas ao longo da história do país por aqueles que detinham o poder na maior parte do tempo. A pauperização, a exclusão dos espaços de poder e a negação de direitos básicos, como educação e trabalho, foram restringindo as possibilidades nas redes de relações e delimitando as possibilidades de escolhas em suas configurações sociais. Não é por acaso que a maioria da população pobre do Brasil é negra, sendo o resultado de um processo histórico iniciado na colonização e que continua em execução. Esse processo cheio de tensões apresenta resistências que têm produzido mudanças (o *slam* é sobre isso), mas ainda persiste e é reforçado pela estigmatização dos espaços ocupados pela classe trabalhadora nas cidades.

Os grupos dominantes, historicamente, produziram o inusitado: a 'estigmatização do espaço' apropriado pelas classes trabalhadoras. Em outras palavras, o favelado é considerado classe perigosa atualmente por representar o diferente, o Outro, no que se refere à ocupação do espaço urbano. Obviamente, a cor continua a ser um dos elementos fundamentais, mas a favela esconde parte dessa diferença étnica. Negros, brancos, 'paraibas', 'bairanos', entre outros atores sociais são antes de tudo pobres, mas são classificados, em geral, pelos formadores de opinião como pertencentes às 'classes perigosas'. Entretanto, sem dúvida, o estigma, apesar de ser generalizado, atinge o negro e, de modo mais virulento, o negro favelado. (CAMPOS, 2007, p. 63).

Segundo o IBGE em 2019, enquanto 70% das pessoas mais ricas do país eram brancas, 75% das pessoas mais pobres eram negras. Ainda existe um número ínfimo de pessoas negras ocupando espaços de poder e chefia sendo que, de acordo com o IBGE (2019), 68,6% dos cargos de gerência eram ocupados por pessoas brancas e apenas 29,9%, por pessoas negras. Em 2018, apenas 24,4% das deputadas e deputados federais eleitos se autodeclararam de cor preta ou parda, enquanto 75,6% se autodeclararam de cor branca. Em geral, brancos recebem, em média, 72,5% a mais que os negros (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2020).

Em junho de 2022, a Fundação Getúlio Vargas publicou a pesquisa intitulada “O mapa da nova pobreza no Brasil” (FGV, 2022), evidenciando o aprofundamento das desigualdades econômicas no país. Segundo a pesquisa, no ano de 2021, cerca de 62,9 milhões de brasileiras e brasileiros estavam vivendo com renda domiciliar *per capita* de 497 reais mensais. Isso representa aproximadamente 29,6% da população total ou 9,6 milhões a mais que em 2019 (em números absolutos), um número recorde desde que as pesquisas iniciaram em 2012. No gráfico abaixo, é possível observar a proporção de pobres por Unidade da Federação (UF). As cidades que aparecem nas poesias estão localizadas nos estados destacados:

Gráfico 3 – Proporção de Pobres por UF



Fonte: FGV (2022).

A condição de pobreza que resulta na fome também desponta na poesia de MB, do Acre:

A vida não é fácil, para quem mora na periferia,  
 quem era pra me proteger está me caçando todo dia  
 Quando vejo um preto no TV, até parece ironia,  
 tá sendo acusado de tráfico ou formação de quadrilha  
 Não caiu água, a caixa não está cheia  
 Durante um enquadro, a perna bambeia  
 Prendem meu povo, a floresta incendeia  
 só quer ajudar em tempo de cheia  
 Enquanto isso, a barriga vazia

segue roncando na várzea do rio,  
 um vaso vazio esvazia,  
 vazio é o sorriso que nunca existiu,  
 bonito que só conta mentira,  
 parece que sempre é primeiro de abril  
 e o sistema alimenta a minha ira  
 e o nosso grito ninguém nunca ouviu [...]. (MATEUS BRITO MB, 2019,  
 transcrição de vídeo).

Neste trecho pesado, o poeta trata, além do racismo e da pobreza já em discussão, de sua realidade como morador da periferia da cidade de Rio Branco, no Acre, Região Norte do país. Lá, se sobressaem as desigualdades que Costa (2019) denomina socioecológicas, como a falta d'água, os incêndios na floresta, as cheias do rio, a fome e as mazelas causadas pelas mineradoras, pelo agronegócio, pelo desmatamento, pela não demarcação de terras indígenas e pela ação do crime organizado internacional. Tudo isso se soma à uma vida miserável e ao racismo que vem, inclusive, das instituições que deveriam protegê-los. São justamente tais questões que esse jovem traz para a roda. Na sequência, a falta de luz também aparece, como consequência do roubo dos fios, situação que deve acontecer em outras periferias do Brasil e que, ao menos nas periferias que conheço de Curitiba e região metropolitana, são recorrentes.

Na quebra estão sem energia  
 na noite passada levaram os fios  
 Minha pele ainda é rejeitada,  
 se aceitar ainda é um desafio  
 E nesse mundo de portas fechadas  
 eu ando com exú para abrir os caminhos  
 Às vezes me sinto sozinho,  
 mas sou malandro que é cheio de fé.  
 Não miro e acerto sorrindo  
 na malandragem e na ginga do Zé. (MATEUS BRITO MB, 2019, transcrição  
 de vídeo)

As desigualdades econômicas são evidenciadas nas descrições do cotidiano da periferia, nas formas de se reinventar sem ter dinheiro e na esperança de proporcionar uma vida melhor para a família. A dificuldade de autoaceitação é apresentada por MB como consequência do racismo sofrido.

Afixar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem [sic]

deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24).

É muito difícil ter uma autopercepção positiva numa configuração social que condena, demoniza, ataca tudo o que tem a ver com sua ancestralidade, sua aparência e pertencimento étnico-racial. Kenyt também fala sobre isso:

Sem perceber, passei vários anos tentando me clarear,  
Pela TV aceitei padrões que eles insistem nos receber  
Mas vi tudo isso mudar quando eu vi um negão  
Pegar o microfone e dizer: Eu sou a contraindicação  
Cleyton Mendes, aquele abraço!  
Hoje amo minha cor, valorizo os meus traços  
E aos que não entenderam eu peço perdão,  
Mas é que eu já não consigo ser tão claro  
Somos o que somos e ESTAMOS VIVOS. (MESSIAS, 2022, p. 89).

Para o poeta paulistano, o *slam* ajudou na construção da autoestima, na valorização da ancestralidade e no conhecimento de sua história. Ser preto, pobre, poeta e periférico são condições que permeiam as estruturas sociais como marcadores de função e posição dos sujeitos desta pesquisa. Essas condições estão diretamente relacionadas com o balanço de poder nas redes. Olhando pelo viés das desigualdades, suas causas e consequências, a balança de poder pende, quase sempre, para o lado das elites que são, na maioria, pessoas brancas que vivem em bairros bem servidos de equipamentos públicos e privados e que desfrutam de privilégios. Todavia, quando o jovem da periferia consegue conquistar visibilidade e espaços, a possibilidade de valorização da cultura periférica e afro-brasileira faz com que este lado (*outsider*) consiga causar algum desequilíbrio na balança de poder. A letra abaixo conclama para isso:

Cada dia me sinto mais preto  
Cada dia eu me sinto melhor  
Cada dia me sinto mais vivo  
E menos dias eu me sinto só  
Vejo nos olhos das Minas  
A vontade de fazer mudança  
Vejo nos olhos dos manos  
A vontade de quebrar a banca  
E é nos olhos das crianças  
Que eu enxergo e renovo as minhas esperanças  
Preto sim, com muito amor  
Mais respeito faz favor. (MESSIAS, 2022, p. 88).

Afinal, a relação entre estabelecidos e *outsiders* não é estática e imutável, como afirmam Elias e Scotson (2000). As poesias estão nos mostrando como esses jovens poetas conseguem provocar tensões em suas redes, tirando força do desejo coletivo de mudança e da resistência contra todas as formas de opressão.

É um plano do estado, friamente calculado  
e eu faço uma lista de como isso funciona  
desde o trabalho de parto  
já está tudo planejado  
eles roubam nossos sonhos  
pra acabar com as esperanças  
Anota aí  
PRIMEIRO eles te privam da infância e roubam sua inocência,  
depois priva a informação roubando sua adolescência  
pra você chegar na fase adulta, frustrado com o resultado  
destino traçado, nas maternidades  
desesperado com a realidade  
cê fica sem perspectiva  
sem oportunidade se arrisca e cai nas armadilha de um sistema  
xeque-mate!  
o resultado, nós já sabe: ou eles te tiram a vida  
ou te privam da liberdade  
eu não posso fazer muito  
mas o que eu posso, eu não faço pela metade  
e nunca é tarde, pode acreditar  
Minha caneta não me faz um toga preta,  
mas eu boto fé que ela cede uns alvarás. (MESSIAS, 2022, p. 141).

Nesta poesia, Kenyt tenta mostrar que o contexto socioespacial e econômico da periferia limita o acesso a condições dignas de sobrevivência. De fato, ao negligenciar educação, saúde, transporte, trabalho, lazer e outros direitos, o Estado deixa de cumprir a sua função. Da mesma forma, o abuso de poder e o racismo institucional frequentemente encontram alvos nas periferias. A poesia parece conformista no início, mas tem um tom de alerta e termina demonstrando a crença do *slammer* no efeito que a sua poesia pode ter sobre os seus pares, fazendo com que tomem consciência e preservem a sua liberdade.

Bixarte também relata em seus versos a sua experiência na cidade, mostrando o posicionamento dos estabelecidos que estigmatizam, preconceituam e podem até matar:

É que pra mim sempre foi meio termo,  
meio abraço, meia oportunidade  
Se acha que é vitimismo  
troca de pele e vem ver o que eu vivo nessa cidade.  
Eles me querem morta, sem força  
e eu só pela cabeça do borão pendurada numa forca

E não confunda a reação da oprimida com a ação do opressor  
Se hoje eu tô gritando desse jeito é porque não aguento mais sentir dor.  
(BIXARTE, 2019, Transcrição de vídeo).

Neste trecho da poesia, Bixarte aborda as múltiplas faces da violência, algumas já comentadas, como a aporofobia e o racismo que, no caso dessa poeta, soma-se à violência de gênero (LGBTQIAPN+fobia, transfobia, machismo etc.).

João Pessoa, capital da Paraíba, onde vivia a poeta, assim como outras capitais que aparecem nas poesias, possui uma urbanização que reproduz preponderantemente o modelo centro X periferia. Tinha no último Censo (IBGE, 2010), uma população total de 723.515, e uma estimativa<sup>70</sup> de 825.796 (IBGE, 2021), sendo que 99,62% dessa população é urbana. Localizada em região costeira, é a cidade mais populosa do estado e a oitava mais populosa da região nordeste.

É também uma das cidades mais antigas do país e, apesar de comemorar seus 428 anos em 2023, teve o processo de produção e ocupação do espaço urbano intensificado somente a partir do século XX, quando houve investimentos em infraestrutura básica, como afirma Maia (2014). Algumas obras foram significativas para a promoção de mudanças na estrutura urbana da cidade, como a abertura da Avenida Epitácio Pessoa em 1933, que iniciou o movimento de integração das faixas litorâneas; a construção da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1955; e as intervenções públicas de órgãos federais no município na década de 1960. O crescimento nas direções sul e sudeste é explicado pela construção de conjuntos habitacionais, do Campus universitário e do Distrito Industrial, região que foi ocupada por pessoas de baixa e média renda. Nas áreas mais próximas das praias, especialmente na Avenida Epitácio Pessoa, foram construídos conjuntos habitacionais para pessoas com renda mais alta (RAFAEL et. Al., 2009). A reprodução desse modelo de urbanização refletiu na distribuição de equipamentos e serviços públicos, inclusive de segurança, como nas outras cidades que mencionei anteriormente.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), compila dados fornecidos pelas Secretarias de Segurança Pública estaduais, polícias militar, civil e federal, entre outras instituições

---

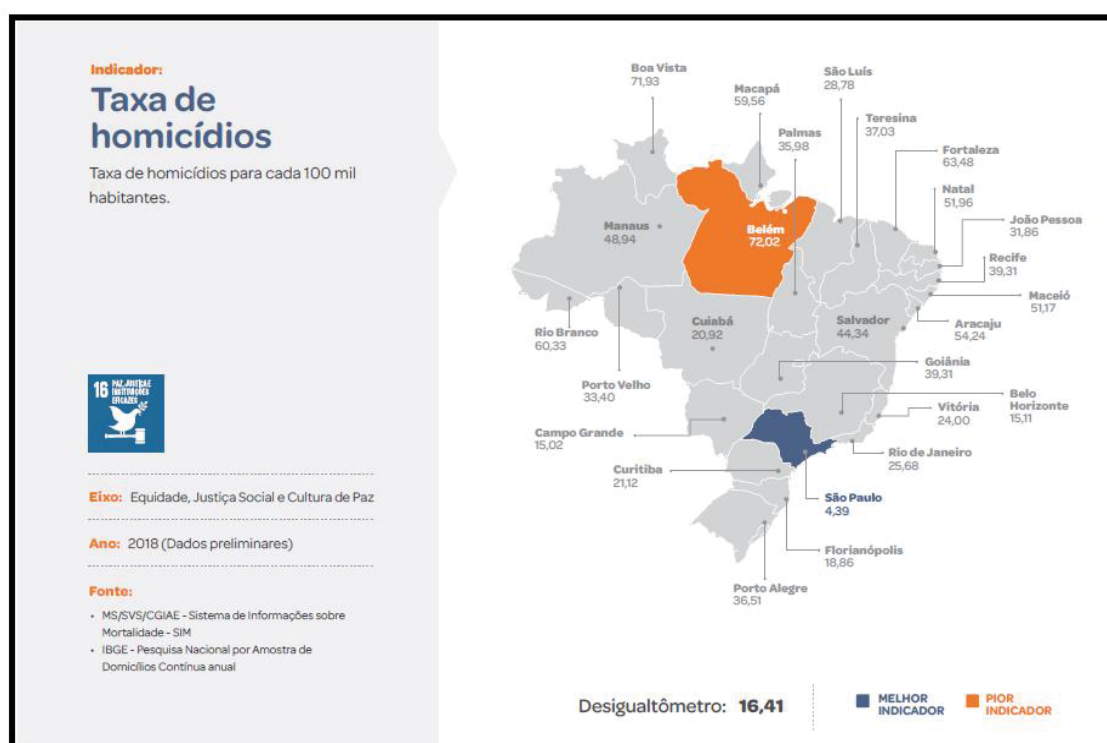
<sup>70</sup> Como o último censo foi realizado em 2010, os dados mais atuais são resultados de amostragens e estimativas.

que têm relação com essa área. Em agosto de 2022, lançou a 15ª Edição com as últimas atualizações. Esses dados vão auxiliar na compreensão da realidade denunciada nas poesias dos *slammers*.

Iniciando por um panorama nacional, conforme o FBSP (2022), comparado com outros países, o Brasil é extremamente violento, contendo 2,7% dos habitantes do planeta e 20,4% dos homicídios<sup>71</sup>. Em números absolutos, somente o México e a Índia possuem índices que se aproximam do Brasil e, em termos relativos, ocupa o 8º lugar na lista dos países mais violentos do mundo. As pessoas negras permanecem como as principais vítimas de mortes violentas intencionais (MVI), somando 77,6% das vítimas de homicídio doloso e atingindo um percentual de 84,1% quando se trata de mortes decorrentes de intervenções policiais. Além disso, aqueles que são mortos por policiais, em geral, são mais jovens que as vítimas de outros crimes fatais.

O mapa da desigualdade (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2020) organizou os dados de 2018 em um mapa que pode ser observado a seguir:

Figura 20 – Taxa de Homicídios para cada 100 mil habitantes no Brasil em 2018

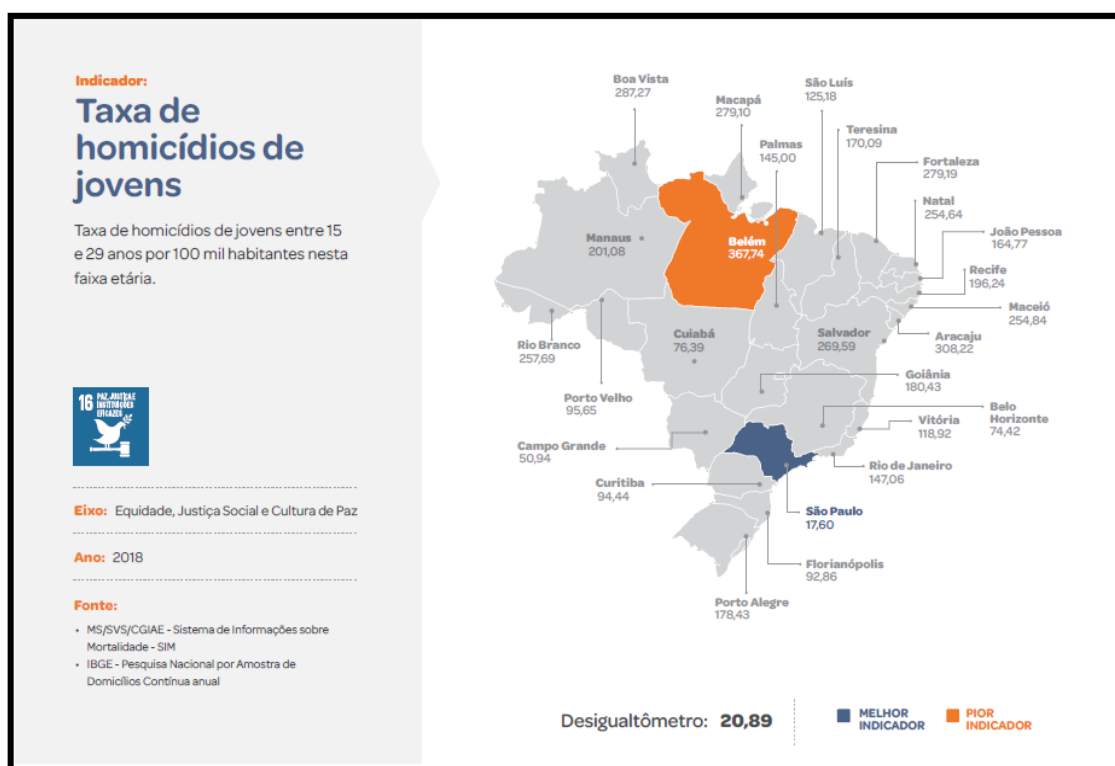


Fonte: (Cidades Sustentáveis, 2020, p. 42).

<sup>71</sup> Essa taxa em 2022, é 30,8% maior do que era em 2019.

A figura mostra taxas de homicídio para cada 100 mil habitantes no Brasil, com base em dados de 2018. Esses dados apresentam uma média nacional de 16,41, com o menor índice geral em São Paulo (4,39) e o pior índice em Rio Branco (60,33). Considerando apenas as cidades que aparecem nas poesias, há uma diferença significativa entre o maior e o menor índice. No entanto, as outras cidades ocupam lugares muito próximos em posições intermediárias.

Figura 21 – Taxa de Homicídio de Jovens das Capitais Brasileiras



Fonte: (Cidades Sustentáveis, 2020, p. 43).

As taxas de homicídio de jovens entre 15 e 29 anos são consideravelmente maiores em todas as cidades. Dentre as que aparecem nas poesias, São Paulo se mantém com o menor índice (17,60) e Rio Branco com o maior (257,69). Dessa maneira, os dados fundamentam a preocupação das/dos poetas com as vidas das/dos jovens das periferias, principalmente os pretos e pardos.

A poeta Bixarte tem o propósito de mostrar a imensidão do problema e inicia localizando-o “dos Estados Unidos ao Brasil”. Considerando o delineamento da minha pesquisa, eu diria que é do Sul ao Norte deste país que as diferenças econômicas e raciais determinam quem está mais sujeito à violência nas cidades.

A violência que grassa no tecido socioespacial urbano de algumas metrópoles brasileiras, tem como uma de suas origens a estrutura fundiária estabelecida desde o período imperial. Tal estrutura é consequência da legislação discricionária elaborada pelas elites rurais que dominavam o legislativo e os cargos chave do império, e favoreceu muito a concentração da propriedade tanto no campo quanto na cidade, proporcionando o aumento das distâncias sociais entre os grupos mais pobres e aqueles mais ricos. A concentração de terra ganha significado preocupante no sentido de que foi em sua esteira que se formaram as maiores fortunas do país. Além desse fato, ao impedir que milhares de brasileiros tivessem acesso a parte das terras, ela possibilitou a existência de um *exército* de miseráveis que vive das sobras da sociedade. (CAMPOS, 2007, p. 20).

Bixarte fala da Paraíba, mas o poeta Velho Banzo, de Brasília, também destaca essa questão em suas poesias.

Laroiê Exu! é tudo pelos preto  
Essa é por cada Pretinho que queria ser jogador de futebol,  
mas a única coisa que dominaram no peito foram as balas.  
E não importa de onde elas saiam,  
porque sempre a minha gente é a mais acertada,  
é tudo pelos pretos!  
Pela mãe preta que chora o corpo preto estirado na calçada  
quem é pago para nos proteger, nos mata.  
Então é punho cerrado, para não ter pulso algemado e dentro da jaula.  
(VELHO BANZO, 2020, transcrição de vídeo).

E não é diferente no Acre, como mostra o lamento na poesia do jovem poeta MB:

No novo ano, me lembro dos manos que se foram no ano passado  
mataram mais um jovem, esse seria um bom homem  
de novo, os homens fardados matam os favelados  
sem antes perguntar o nome.  
Porque hoje estão assim pregando a paz com um revólver  
e tem pessoas que pensam em salvar o mundo decorando o salmo 119.  
(MATEUS BRITO MB, 2019, transcrição de vídeo).

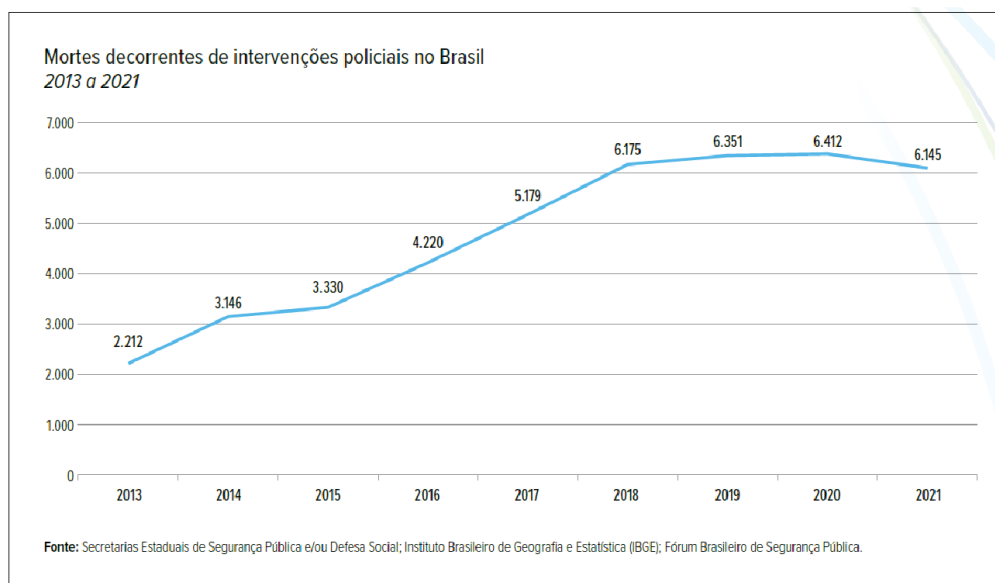
A arte também tem o papel de preservar a memória, a poesia, a música, o picho, o grafite. Os muros, as paredes, as calçadas da quebrada também são usadas para lembrar das pessoas que se foram. Para nós, que vivemos na periferia, infelizmente, assistir à morte violenta de jovens é algo que acontece com muito mais frequência do que deveria. É o que também nos conta Amanda Marques (Amais), a cidade de Curitiba:

Mas todo dia aqui uma mãe preta chora  
Vários sonhos vão embora, é mais um tiro da PM  
Só que meu povo fala disso desde sempre

Fizeram de tudo pra tornar o país embranquecido  
Falando em branqueamento eu lembro dos corais  
Corona<sup>72</sup>, polícia e poluição. Quem tá matando mais?  
(AMANDA MARQUES, 2020, transcrição de áudio).

A poeta curitibana Amanda Marques fala dessa questão e entra, especificamente, na violência policial, tema extremamente importante que também apareceu no trecho de Banzo. Os relatos de violência e abuso de autoridade por parte de alguns profissionais de segurança pública são frequentes. É muito difícil encontrar uma pessoa negra e pobre que não tenha uma ou mais histórias para contar. No entanto, a maioria dessas histórias fica na memória mesmo, pois é muito raro haver denúncias. Na relação entre as pessoas negras e pobres da periferia e a polícia, a balança de poder, na grande maioria das vezes, pende para a polícia.

Gráfico 4 – Mortes Decorrentes de Intervenções Policiais no Brasil (2013-2021)



Fonte: FBSP (2022).

Os dados de 2021 da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Paraná mostram que Curitiba está entre as cidades mais violentas do Brasil, apresentando altos índices, principalmente nos bairros Cidade Industrial, Tatuquara e Parolin, que mantiveram as posições no primeiro trimestre de 2022. Segundo a FBSP (2022), as estatísticas do estado do Paraná mostram que, no ano de 2020, do total de mortes violentas intencionais (MVI), 15,1% foram Mortes Decorrentes de Intervenções

<sup>72</sup> Coronavírus.

Policiais (MDIP). Em 2021, esse percentual subiu para 17,2%. A curitibana Poeta Gabriela denuncia a falta de assistência e a violência policial em sua vila e, como a poesia é destinada aos colegas de faculdade, ela ironiza o comportamento de alguns que escolhem apenas as redes sociais para mostrar alguma “preocupação”, como se estivessem fingindo se importar. Se manifestam nas redes sociais para mostrar preocupação ou que são politicamente corretos, mas não vão além disso (nem sabem da realidade das periferias, nunca foram e não vão lá). É uma crítica ao ativismo de fachada.

Eu vou carregando um fardo pesado  
que vocês nunca fez questão de saber  
A criançada lá na vila está perdida  
os mano e as mina tão sem assistência,  
a polícia tá descendo o cacete exterminando os mais pobres  
vocês só no hashtag resistência  
Dai-me paciência! (POETA GABRIELA, 2019, transcrição de vídeo).

O poeta Kaio Garcia, também de Curitiba, vai na mesma direção, falando da violência policial, questionando quem tem privilégios na cidade e mostrando quem são os estabelecidos na relação com os jovens negros e pobres das periferias.

Aonde o professor apanha de polícia<sup>73</sup>,  
aonde morre mais um favelado acusado de milícia,  
mas é um mendigo branco que vira a porra da notícia<sup>74</sup>  
E a revolta me consome nessa república<sup>75</sup> de Curitiba, Tiu! (KAIO GARCIA,  
2017, TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO).

A violência policial está presente nas diferentes cidades do país e os alvos sempre têm algo em comum. No trecho a seguir, o poeta Velho Banzo de Brasília relata uma experiência que vivenciou na infância junto com a mãe, que o fez temer quem deveria protegê-lo.

Contra todos que exigem respeito usando armas para impor ordem

---

<sup>73</sup> Referência ao episódio ocorrido em 29 de abril de 2015, quando sob ordens do Secretário de Segurança Pública Fernando Francischini e do, então Governador, Beto Richa, policiais militares atacaram servidores públicos estaduais, em sua maioria professores e funcionários de escolas, com bombas, balas de borracha e gás de efeito moral, deixando mais de 200 pessoas feridas.

<sup>74</sup> Curitibano que estava em situação de rua e ficou conhecido no país devido a uma postagem no *Facebook* (imagem da notícia no Anexo 2).

<sup>75</sup> Ironia. Sede da Operação Lava Jato, durante o auge dos processos foi chamada pelo então presidente Jair Bolsonaro de República de Curitiba e a partir daí virou motivo de piada.

As mesmas armas apontadas para a minha cabeça  
no auge dos meus quatro anos  
a confusão estourou “os homi” encurralou,  
Apontou a arma para a minha mãe e: Sai daqui agora,  
porque se eu ver você e o filho de novo é vocês mesmo que eu vou matar.  
E vocês ainda me pergunta porque eu não confio  
nessa máquina genocida chamada polícia militar? (VELHO BANZO, 2019,  
transcrição de vídeo).

O próximo trecho faz uma crítica social e cita um caso ocorrido em 2019 no Rio de Janeiro, no qual uma pessoa negra foi assassinada com 80 tiros pelo exército. Alegaram ter sido por engano, mas isso exemplifica bem como a violência e o racismo estão interrelacionados. Banzo também questiona a forma como os crimes são tratados no país e que tipo de situação costuma comover mais a sociedade.

No momento irracional, o conjunto de tudo isso é  
o projeto político adotado pelo governo federal  
onde oitenta tiros são ignorados  
e um placar de sete a um que é vergonha nacional.  
Aqui é o furto de uma bolsa que desperta a fúria de geral,  
enquanto isso o desemprego segue visto como algo natural. (VELHO  
BANZO, 2019, transcrição de vídeo).

Abaixo, a imagem da notícia citada, que, devido à sua gravidade, ficou muito tempo na mídia, aparecendo em outras poesias por ser um exemplo recente do racismo na sociedade brasileira, apesar da reportagem não tratar do pertencimento racial dos envolvidos.

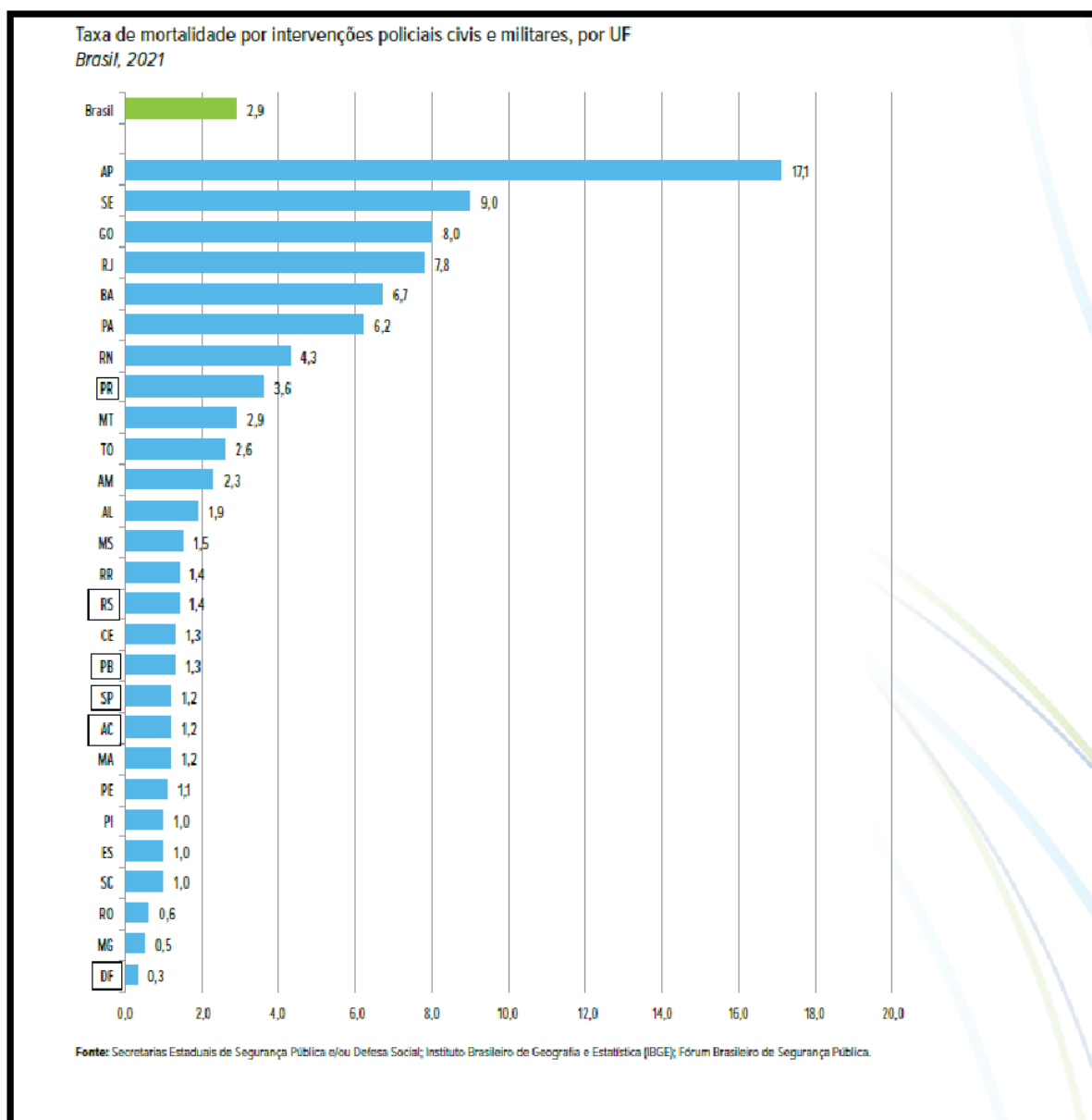
Figura 22 – Notícia do Jornal Folha de S. Paulo, 08 de abril De 2019.



Fonte: Jornal Folha de S. Paulo (2019).

Os dados mostram que o Distrito Federal possui uma das polícias menos letais do Brasil, ocupando o último lugar com a menor taxa de mortalidade por intervenções policiais civis e militares (0,3 por grupo de 100 mil habitantes). O Acre e São Paulo aparecem com taxa de 1,2, Paraíba 1,3, Rio Grande do Sul com 1,4 e Paraná com o maior índice dos estados que aparecem na pesquisa, 3,6, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Taxa de Mortalidade por Intervenção de Policiais Cívicos e Militares por UF.



Fonte: FBSP (2022).

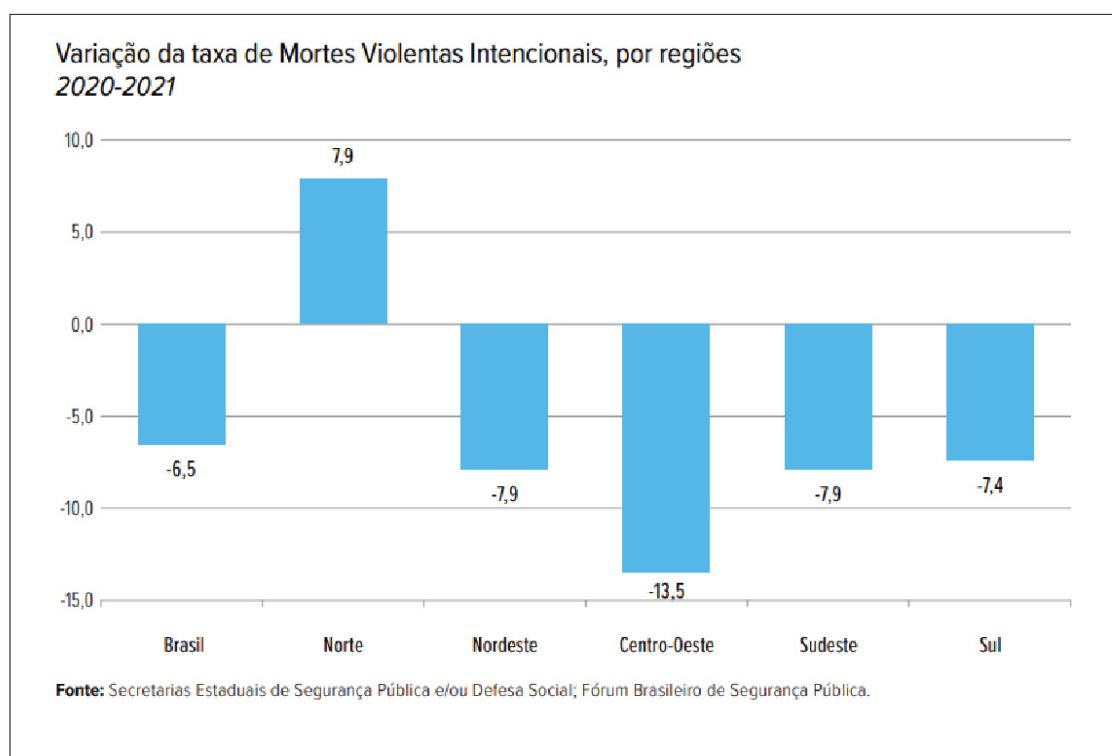
O baixo percentual não significa ausência de casos de abuso e violência, principalmente quando estamos considerando apenas o número de vítimas fatais, portanto, Brasília também apresenta situações de violência policial:

Na minha terra tem palmeiras aonde canta o sabiá,  
as aves que gorjeiam...  
Não... não é assim, na minha terra tem mãos as palmeiras,  
temos pistolas e matamos o sabiá,  
viatura te aborda aqui e te mata acolá,  
na fila do SUS você morre de tanto esperar. (VELHO BANZO, 2019,  
transcrição de vídeo).

Além de gritar contra a violência e os abusos de poder, o poeta cobra as responsabilidades do Estado na preservação da vida, não apenas na contenção da violência policial, mas também na melhoria do Sistema Único de Saúde. Imagino que, no caso de violência policial, a subnotificação também interfira nos dados, afinal, é difícil para uma pessoa preta, pobre e periférica denunciar que sofreu violência. Há uma relação de poder muito desproporcional, ou seja: como vou à polícia, denunciar a violência engendrada pela própria polícia?

Uma constatação importante do FBSP (2022) é que, num movimento oposto ao resto do país, a Região Norte apresentou um aumento significativo nas MVI em 2021, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Variação da Taxa de Mortes Violentas Intencionais por Regiões (2020-2021)



Fonte: FBSP (2022).

De acordo com o Anuário, pode haver diversas explicações para o aumento da violência na Amazônia Legal. Porém, uma situação preocupante tem sido o aumento de territórios ocupados pelo crime organizado, que quer se beneficiar da localização fronteiriça.

Assim, a complexidade que se estabelece na Amazônia envolve uma rede de criminosos que estão relacionados tanto ao narcotráfico, quanto aos crimes

ambientais, e esta dinâmica fragiliza as políticas de segurança pública afetando negativamente os povos da floresta que estão expostos a uma dinâmica de violência. O enfrentamento da mesma, portanto, deve perpassar pelo enfrentamento ao crime organizado e deve considerar as especificidades locais da região, a qual está sendo alvo de disputa. (FBSP, 2022, p. 57).

A média geral da violência letal na região é 38% maior que as outras (FBSP, 2022). Recentemente, um caso que ficou conhecido internacionalmente, evidenciando ainda mais a gravidade da situação na região, foi o da morte do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, ocorrida em junho de 2023. O crime teve como motivação o fato de eles terem registrado imagens que comprometiam uma rede do narcotráfico com financiamento de caça e pesca de animais silvestres em grande escala, durante a realização de uma reportagem. Portanto, a violência na região possui uma configuração peculiar e mais intensa.

Se liga moleque a coisa está feia,  
vejo meus manos morrendo na peia,  
sangue jorrando, o ódio na veia,  
uma mãe chorando  
e um pai na cadeia  
(MATEUS BRITO - MB, 2019, transcrição de vídeo)

Em relação à média de homicídios dolosos, a cidade de Rio Branco, no Acre, ocupou o primeiro lugar entre as cidades do Brasil entre 2018 e 2020, registrando um total de 386 mortes (IPEA, 2021). As mortes por intervenção policial colocam os municípios entre os 50 primeiros do ranking nacional, com uma taxa de 4,1 para cada 100 mil habitantes, ou seja, 17 mortes em números absolutos. (FBSP, 2022). O trecho do poeta MB retrata um pouco desse contexto.

Com psicológico abalado  
porque nosso 'desperta a dor' foi um tiro  
e mainha manda eu me abaixar: Abaixa, abaixa  
Porque não importa se é PM ou se é bandido,  
pois a minha pele sempre é o alvo certo.  
Meu anjo da guarda queria eu ter um por perto,  
mas esse aí nunca tá, por isso o meu axé é o meu lugar de fala. (BIXARTE, 2020, grifos meus, transcrição de vídeo).

Bixarte mostra que nas periferias paraibanas a violência também está presente no cotidiano e, mais uma vez, aparece vinculada ao racismo. De acordo com Guedes (2021), a região nordeste começa a aumentar os números de homicídios a partir dos anos 2000. A partir da análise de dados da Secretaria da Segurança e da

Defesa Social da Paraíba dos anos de 2014 a 2017, os casos registrados em João Pessoa atingem majoritariamente os jovens. Estes, que estão entre 53,28% do total de vítimas, eram 94,43% do sexo masculino e 92,39% deles morreram vítimas de armas de fogo. Para o autor, o fato de ocorrerem com muita frequência nos bairros que apresentam condições de vida menos adequadas para a população mostra como essa situação está relacionada com as desigualdades sociais e territoriais.

Para não perder o trecho importante, vou fazer um pequeno desvio de assunto para comentar o trecho final da poeta Bixarte e retomarei na sequência. No último trecho, a frase: “Meu anjo da guarda queria eu ter um por perto, mas esse aí nunca tá, por isso o meu axé é o meu lugar de fala”, de certa forma, vem ao encontro também do pensamento do poeta Velho Banzo, quando diz:

‘Cidadão de bem’ atira em morador de rua,  
 espanca a esposa e estupra a própria filha  
 Foi nesse meio que eu cresci, eu senti dor,  
 eu vivi comandado pelo medo  
 e eu chorei quando riram dos meus traços,  
 quando riram no meu jeito  
 Me disseram pra orar e eu orei,  
 mas seu deus europeu estava muito ocupado  
 atendendo os pedidos do Edir Macedo.  
 Então a arte, a poesia e o terreiro é tudo que eu tenho (VELHO BANZO, 2019,  
 transcrição de vídeo).

Nos dois casos, a poeta e o poeta, de certa forma, demonstram falta de acolhimento pela religião e pelas crenças da maioria. Retomando a questão da violência, o poeta Velho Banzo adentra outro tema fundamental quando ironiza que é o "cidadão de bem" quem agride a esposa e abusa da própria filha, dois dos muitos exemplos de violência contra a mulher que ocorrem diariamente na sociedade. São elas que formam o grupo que mais sofre agressões físicas e verbais, humilhações e restrições dos direitos de manifestar-se livremente e de ir e vir. Ou seja, têm seus direitos fundamentais usurpados e, em casos extremos, também são vítimas de mortes violentas. Acho importante ressaltar que as situações citadas e outras acontecem frequentemente com as mulheres, tanto nas relações públicas quanto nas privadas, e muitas vezes independe da classe social.

Eu te encerro nas cervejas quentes das praças,  
 no perigo que é voltar sozinha para a minha casa.  
 Você não me dá o respiro, falta ar entre a viela e o tiro.  
 Suas balas não são perdidas

ou se alojam em peito de pobre  
 ou por ambulantes em trens são vendidas.  
 (MARIANA FÉLIX, 2020, transcrição de vídeo).

A letra de Mariana Felix confirma os dados: quem morre em consequência da violência das cidades são as pessoas pobres. Em outra parte, a violência policial é retomada por ela de maneira implícita:

A sua falsa moral é mesquinha.  
 Suas igrejas e bares dividem esquinas  
 Seus grafites são gritos,  
 nos seus faróis são os malabares que fazem os meninos  
 e o comércio do corpo tira de suas meninas o sorriso  
 Sabe uma coisa que acontece com meu coração  
 toda vez que eu cruzo a Ipiranga com a Avenida São João?  
 Eu não sei explicar bem se é um assalto ou se é um enquadro  
 mas adivinha quem diz mãos ao alto? (Mariana Felix, 2020, grifos meus,  
 transcrição de vídeo).

Fazendo analogia com a música “Sampa” de Caetano Veloso, que também é citada por outros *slammers*, ela fala da famosa esquina localizada no centro da cidade de São Paulo e da lembrança de ser abordada pela polícia.

Juro que em cada esquina, tenho medo de virar,  
 pois na última que virei, eles tentaram me matar,  
 disse que não me amava, não me via na tv  
 que eu era muito trava e só queria me comer,  
 levantou a mão pra bater, o ferro logo puxou  
 2 tiros, foi disparado pá pá ...  
 Mais uma trava que ele matou.  
 A polícia ainda aceita, quem arranca coração  
 travesti não está segura nem na igreja, nem no busão. (BIXARTE, 2019,  
 transcrição de vídeo).

Os relatos sobre violência e vida na periferia mostram as tensões nas configurações sociais dos jovens de todas as cidades estudadas. Certamente, essas tensões fazem parte da vida de muitos outros e são agravadas pelo pertencimento racial, pela condição de gênero e/ou pela orientação sexual. O trecho de Bixarte mostra que ser travesti, por exemplo, a coloca em uma situação de vulnerabilidade tão intensa que, mesmo a igreja cristã, que diz acolher todo mundo, não lhe dá sensação de segurança.

Só violência e preconceito, pois respeito ninguém tem  
 Ouço tiros na favela, mais um corpo vai pro além  
 Vivemos num sistema onde você vale o que você tem

Vejo pessoas com a bíblia marchando e dizendo amém  
 Adolescente e entorpecente isso é coisa do Brasil  
 Onde morre um inocente, ninguém sabe, ninguém viu  
 E hoje o meu recado vai para a pátria amada imatura e insegura  
 Mais um assalto à mão armada e a polícia militar desgraçada e sem conduta  
 Bate em preto na favela, atira e depois pergunta  
 O sistema é esquisito, por isso eu não me estresso  
 Preto é preso por barra de cig<sup>76</sup> e ignoram a cocaína na fazenda do Aécio<sup>77</sup>.  
 (MATEUS BRITO, 2019, transcrição de vídeo).

MB fala da violência e da desigualdade, questionando o abuso e a violência policial nas favelas, enquanto os verdadeiros criminosos são ignorados. Ele enfatiza novamente a criminalização da pobreza e o racismo. Ainda sobre o tratamento desigual, o racismo institucionalizado e as lutas cotidianas, o jovem diz:

Acidente na periferia, chama o SAMU pra ajudar,  
 Mas se a vítima for preta, eles acabam de matar  
 Eu tenho andado muito puto com essa vida  
 E quantas barreiras eu tive que ultrapassar  
 [...]  
 Quando eu cruzo a avenida já querem me abordar  
 Enquanto um preto é coibido lá na rua  
 Dentro de casa, uma mãe está a chorar  
 Pelo filho, que foi morto pelo crime.  
 (MATEUS BRITO, 2019, transcrição de vídeo).

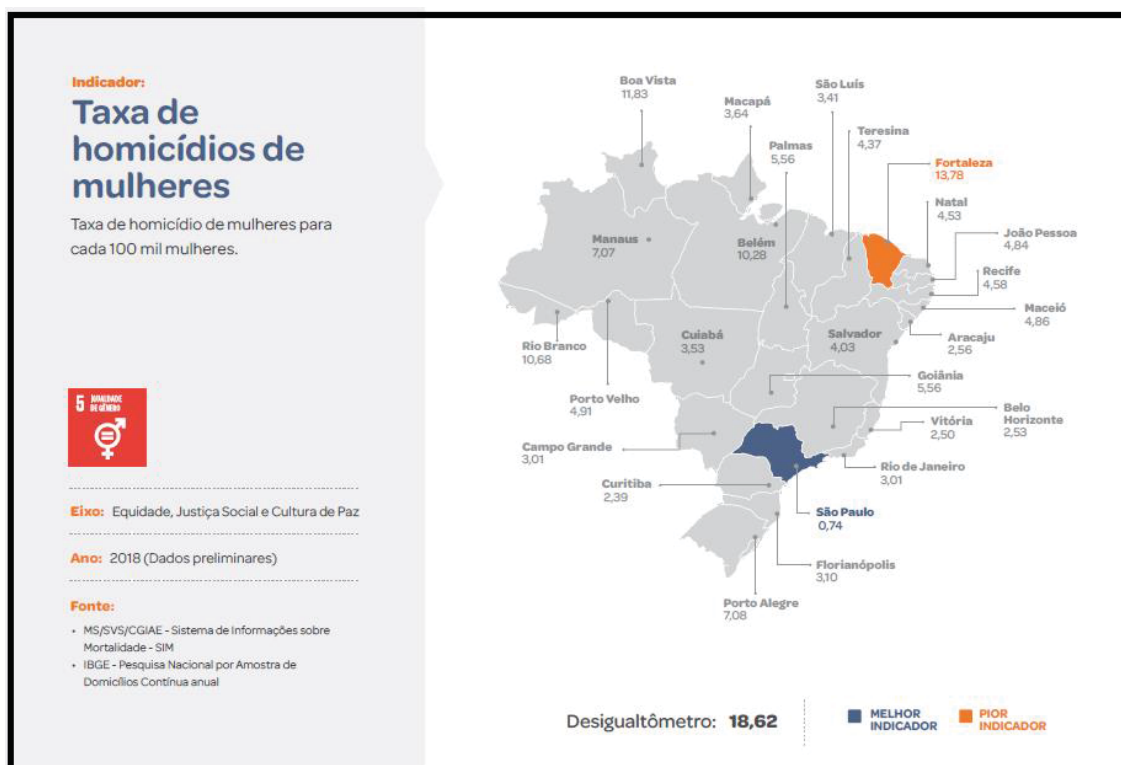
Da mesma forma que o racismo, tão presente nas poesias, o machismo, a homofobia, a transfobia e todas as possíveis formas de violência de gênero e orientação sexual também estão presentes nas cidades e nas poesias. O mapa a seguir mostra o número de homicídios de mulheres por cada 100 mil mulheres habitantes.

---

<sup>76</sup> Cigarro eletrônico a vapor.

<sup>77</sup> Político brasileiro filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Figura 23 – Taxa de homicídios de mulheres



Fonte: FBSP (2022).

Dentre as cidades, Rio Branco aparece com o pior índice (10,68) e São Paulo com o menor (0,74). Quando se trata de violência contra a mulher, é preciso lembrar que ela pode acontecer de muitas maneiras diferentes, algumas que a própria vítima demora para perceber que foi violentada. Além das mortes, existem formas de violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial, para as quais não teremos acesso a dados precisos.

Banzo mostra a desigualdade nas relações de gênero potencializada pela questão econômica e pelo poder político:

Oh, Maria! Toma, limpa a mancha de batom.  
O condomínio todo sabe que os filho do desembargador é assediador,  
mas ele já demitiu as cinco que denunciou  
aí você vai lá denuncia, é demitida  
e fica em casa com a sua filha passando fome, pô! (VELHO BANZO, 2019,  
transcrição de vídeo).

Em alguns casos, mesmo diante do assédio, da humilhação ou da falta de respeito, as mulheres se submetem a condições de trabalho e relacionamentos abusivos por dependência financeira, psicológica ou por causa dos filhos.

Em 2021, houve 1341 vítimas de feminicídio no Brasil, dentre as quais 68,7% estavam na faixa etária dos 18 aos 44 anos, 65,6% morreram dentro das próprias casas, 62% das vítimas eram mulheres negras e, em 81,7% dos casos, o assassino era o próprio companheiro (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2020).

Também em 2021, foram registrados 66.020 estupros em território nacional, um número alto, mas que possivelmente não corresponde à realidade, já que existem muitos casos subnotificados. Bixarte aborda esse tema em sua poesia.

Aqui as minhas meninas pretas não podem nascer  
Com sete anos o padrasto já quer meter.  
(BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

A maioria das vítimas, 75,5%, foram pessoas vulneráveis (incapazes de consentir o ato); 61,3% tinham até 13 anos de idade e, em 79,6% dos casos, o autor era conhecido da vítima (CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2020), sendo que, muitas vezes, vivem na mesma casa ou pertencem à mesma família, como é o caso do trecho acima.

Ao longo da última década (2012 a 2021), 583.156 pessoas foram vítimas de estupro e estupro de vulnerável no Brasil, segundo os registros policiais. Apenas no último ano, 66.020 boletins de ocorrência de estupro e estupro de vulnerável foram registrados no Brasil, taxa de 30,9 por 100 mil e crescimento de 4,2% em relação ao ano anterior. Estes dados correspondem ao total de vítimas que denunciaram o caso em uma delegacia de polícia e, portanto, a subnotificação é significativa. (FBSP, 2022)

A poeta ainda usa dados concretos para respaldar sua indignação e valorizar sua rima.

A cada 2 minutos uma mulher é vítima de violência doméstica no Brasil  
É cabelo cortado, o sangue escorrendo e o agressor, ninguém viu  
e essa negligência faz com que mais de 180 mulheres sejam estupradas por dia.  
E quando é trans, além \*\*\* (inaudível), eu tenho que conviver com a transfobia.  
Mulher gorda é engraçada na novela,  
amada, super sexualizada na tv,  
mais de 3 travestis são espancadas a cada amanhecer.  
É muita desigualdade, então pega teus privilégios e some,  
Me responde por que o salário da mulher corresponde 86,9% do salário do homem?  
E vocês dizendo que é tudo textão  
A nossa luta é de visibilidade e liberdade  
para que a gente pare de morrer

Com 22 anos eu não quero estar dentro de um caixão, não! (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

Estupro, violência doméstica, imposição de padrões de beleza, sexualização do corpo feminino e diferença salarial são alguns dos problemas apontados pela *slammer* originados numa construção social machista, patriarcal, colonial, branca, racista e heteronormativa que rejeita corpos e identidades que não se enquadram nestes padrões, subjugando-os e negando-lhes direitos. Em uma perspectiva eliasiana, seria possível pensar que a estigmatização se dá, justamente, atribuindo a esses corpos e identidades, todo tipo de defeito e falha.

O Brasil é o país que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo. O jovem Preto Rei reforça essa informação em sua poesia para incentivar as pessoas a se posicionarem contra esse tipo de violência.

O rap salvou minha, mas o desrespeito à sexualidade dos outros ainda mata  
 Pra ter respeito tem que mostrar atitude,  
 não é só ficar fazendo pose de macho alfa que diz que não é nem a favor  
 nem contra  
 Enquanto você diz isso, gays e lésbicas estão morrendo  
 Você vive num país que mais mata LGBT no mundo  
 Não se posicionar é fingir que não tá vendo  
 Pra quem dorme em cima do muro  
 Eu te derrubo agora só pra ver de que lado você deita  
 Não existe posição neutra ou você é contra a intolerância  
 Ou passa pano e aceita. (JOVEM PRETO REI, 2019, transcrição de vídeo).

O Dossiê: “*Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras*”, lançado em 2020 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), mostra que a expectativa de vida média da população trans é de 35 anos. Entre os anos de 2008 e 2022, a média de assassinatos foi de 121 ao ano, e 131 somente em 2022, com os maiores percentuais de ocorrência nas regiões nordeste e sudeste.

Aqui as minhas meninas pretas não podem nascer,  
 as minhas meninas travas não podem viver  
 e meus meninos com cinco anos vão para a escola  
 sem nem pensar em aprender  
 É que vestir farda, arrumar bolsa,  
 é sinal que na escola vai comer  
 Uma lavagem, biscoito com suco não dá sustagem. (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

A poeta Bixarte, mais uma vez, mostra que não há possibilidade de analisar uma configuração social olhando aspectos isolados. Ao voltar seu olhar para a região onde vive, ela denuncia o abuso sexual de crianças, o racismo, a homofobia, a pobreza e a fome, a ausência do Estado e ainda mostra como tudo isso se relaciona com a educação. A escola aparece como um lugar onde é possível comer, mesmo que a comida servida não seja de qualidade.

Considerando os números gerais de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+<sup>78</sup>, conforme o *Dossiê Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil* (2021), foram registrados em 2021 um total de 316 casos, sendo a maioria homicídios (285), seguido por suicídios (26) e outras causas (5); 45,89% do total de mortos eram homens gays; 44,62% travestis e mulheres trans; 3,80% lésbicas; 2,53% homens trans/pessoas trans masculinas; 0,95% bissexuais; 0,95% de outros segmentos; e 1,27% não informado. O grupo alerta para limitações na pesquisa e para a existência de subnotificação de casos, portanto, mesmo que os números sejam altos, podem ainda ser ainda maiores. O caso relatado na poesia de Jovem Preto Rei ilustra bem essa situação:

Na volta do trabalho, no terminal de ônibus?  
Um garoto usa o banheiro  
e quando sai é espancado?  
Dois caras deram chutes e socos,  
várias pessoas vendo  
nenhuma foi ajudar  
Enquanto ele implorava por ajuda, a voz perdia  
Pedia no chão, enquanto o sangue escorria.  
É! Não tinha outro motivo.  
Meu amigo foi vítima de um ato violento de homofobia  
Ei, homofóbico não vai ter pano para você  
Meu ritmo é gasolina e poesia, fósforo. (JOVEM PRETO REI, 2019,  
transcrição de vídeo).

Essa estigmatização do outro é uma construção que pode ser alterada no convívio social e o próprio *slam* ensina isso, como mostra o próximo trecho do poeta.

Mas tem mano que rebola e usa até batom porque quer  
isso não te dá o direito de julgar meu som  
Vários patrícios falam merda para todo mundo ouvir  
Mas hoje na batalha é você que vai sair vaiado  
e ninguém mais vai rir da sua piada sobre viado  
E eu falei que ia ver os LGBT recitando no *Slam*

---

<sup>78</sup> Usei esta sigla porque era a que aparecia nos documentos consultados.

e mandando Free Style nas rodas de rima  
 Sem papo de peguei sua irmã, peguei sua prima  
 Nesse dia, só papo de respeito, os mano, as mona e as Mina  
 Mas eles me perguntam, afinal, Hercules você é gay?  
 Minha alegria é ser eu mesmo no espelho toda vez que me olhei  
 E se eu falo isso é porque eu sei que posso encorajar os meus  
 a partir da coragem que eu demonstrei  
 Então aponta pra quem pagar minha conta  
 Essa é a mesma pessoa que precisa saber o que eu sou  
 E eu digo: dispenso o seu confete se pra curtir meu rap  
 você precisa saber o que eu como e o que que eu dou.  
 (JOVEM PRETO REI, 2019, transcrição de vídeo).

O poeta Kenyt compartilha, em seu livro, algo interessante sobre aprender a respeitar, quando fala da sua primeira ida ao centro de São Paulo e o primeiro contato com o *slam*.

Outra coisa que me chamou a atenção foi ver vários casais do mesmo sexo andando de mãos dadas, se beijando, demonstrando afeto em público. Isso não era comum no lugar de onde eu vim. Confesso que eu sempre fui daqueles que diziam 'eu respeito, desde que não seja na minha frente', certo dia um professor me disse na faculdade que esse pensamento nada tem a ver com respeitar, que na verdade eu estava tolerando/suportando. (MESSIAS, 2020, p. 71).

A ampliação das relações sociais e o conhecimento de novos espaços da cidade mostram outros cenários possíveis e, na sequência, a expansão das interdependências do poeta que, nesses novos espaços, passa a ter pessoas de orientações sexuais diferentes integrando suas redes e, a partir daí, muda a sua postura preconceituosa. Também é válido lembrar que o *slam* educa muito nesse sentido, já que sempre tem alguém usando a poesia para falar de temas importantes, como: homofobia, machismo, racismo e outras formas de preconceito. Nessa situação, o professor teve um papel fundamental, afinal foi ele que mostrou a diferença entre respeitar e tolerar.

No caso de Jovem Rei, em outros trechos, ele fala sobre como a sua autoestima foi afetada pelo racismo e pela configuração familiar caótica. Mas, no momento em que recita, é como se ressurgisse mais forte, com uma postura combativa. Ele deixa nítido em seu texto a crítica ao rap, que no trecho anterior ele diz que salvou a sua vida, mas que hoje tem passado por muitas mudanças provocadas pelas configurações sociais em busca da superação de posturas machistas, racistas e homofóbicas, que eram comuns em suas letras. A arte também acompanha a movimentação das estruturas sociais e tudo isso é fruto dessa

configuração ampla que permite uma variedade de relações e funções e é passível de mutabilidade e deslocamentos na balança de poder que ocorre nesses fenômenos reticulares que tem a cidade como parte fundamental e não apenas como um cenário.

Nesse mesmo caminho, Bixarte, de certa forma, além de falar sobre a vontade da mudança, aborda também de situações efetivas que estão ocorrendo neste momento histórico na cultura. Ela narra que mulheres chegam a estudos avançados, vê mudanças reais nos livros de história, mostra movimentação na balança de poder, mulheres, trans, pretas resistindo ao machismo, ao racismo, à transfobia, à gordofobia e ganhando espaços, inclusive na academia, como diz a seguir.

Nos meus livros de história só tem heroínas  
e que se fodam os heróis,  
O maior medo do macho é a mulher que se reconstrói  
O patriarcado grita quando vê uma mulher com doutorado.  
O machismo e o machista morrem  
porque eles sabem que tem que ficar calados  
Eles são totalmente sem critério  
e eu só aquieto o meu facho,  
quando mulher no Brasil for levada a sério  
Que viva todas as Mulheres pretas, gordas e trans!  
E eu vou logo te avisar que por aqui não vai parar.  
A gente está chegando com os dois pés na porta  
para a Casa Grande estourar. (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

Quando as/os poetas assumem essa postura combativa e fazem esse movimento não há só um empoderamento do EU, mas do NÓS. Nas batalhas, é como um estímulo para uma identidade de grupo, coletiva, coesa e forte.

Tô causando a revolução mundial com a caneta e com o caderno  
Meu ilé é o que me mantém de pé  
você acham mesmo que Jesus gosta de ver vocês batendo em viado  
e culpabilizando a fé  
dizendo que no Brasil não existe transfobia  
É mentira! (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

O território também pode limitar as relações sociais, definindo diferentes formas de tratamento para pessoas com diferentes perfis e, como em um jogo com diferentes regras para cada lado, influencia na maior ou menor possibilidade de acúmulo de poder, beneficiando um lado em detrimento do outro. As pontes, por exemplo, têm função de unir dois pontos da cidade, mas nos versos dos *slammers* e nas letras de rap, elas aparecem como barreiras físicas e simbólicas, limites. Por isso

a necessidade de observar atentamente cada situação, como Kenyt faz, a partir de suas próprias relações sociais:

Juliana Jesus me disse um dia: realidade que se vive é diferente de realidade assistida,  
Da ponte pra cá, tio! É outras ideia<sup>79</sup>, mano! É outra fita [...] (MESSIAS, 2022, p. 94).

Cita a amiga *slammer* para mostrar que não dá para olhar para a situação descrita com postura de julgamento, mas que é preciso fugir de generalizações. Quando fala que a realidade vivida é diferente da assistida (no sentido de assistir, ver), o autor se refere ao olhar etnocêntrico que muitas vezes é lançado para o outro, exigindo que ele tenha um comportamento que corresponda à nossa expectativa, criando uma tensão que separa, mantendo o “nós” de um lado e “os outros”, do outro. Cada situação é única dentro de uma rede e, por mais simples que pareça à primeira vista, precisa ser observada com cuidado, considerando todas as suas especificidades.

Para Elias (2012), uma análise sociológica justa deve considerar as dimensões tempo-espço. Ou seja, não tem como exigir de uma pessoa de outra geração, que foi criada numa cultura machista e conservadora e que não teve acesso à educação, a mesma visão de mundo de alguém jovem, politizado e com curso superior:

Eu não julgo, as ‘mina’ passa  
os peão comenta, eu vou fazer o quê?  
Como eu vou explicar o machismo para quem o Estado não fez nem questão  
de ensinar a escrever?  
‘Pera aê’ faz favor  
tem que gosta de fudê oprimido que já está fudido  
mas não vejo nada contra o opressor.  
Tem que ver direitinho, tem que estar vendo  
Vou cobrar sim, da minha geração, começando por mim mesmo  
valeu Zé, valeu João, valeu Chico, valeu Raimundo  
Criam seus netos, sustentam seus lares cheios de orgulho  
eu já dei um salve nas crianças poetas da rua  
hoje meu salve, vai para o tiozinho da Vila  
que, entre o cimento, o sorriso e o lamento  
nunca deixou de honrar a sua família. (MESSIAS, 2020, p. 96-97).

---

<sup>79</sup> Trecho utilizado no título da tese.

As diferenças geracionais fazem parte do processo social, em configurações sociais familiares, e sempre há a possibilidade de observar a convivência entre pessoas de diferentes gerações, permeadas por troca, aprendizado e tensão.

Observar o processo permite compreender como determinados comportamentos e vivências foram construídos e construíram as identidades. Atualmente, debates sobre machismo, racismo, homofobia, xenofobia, entre outros, são comuns em diversos meios, como a mídia e a educação, e não dá para justificar esses comportamentos nas gerações mais jovens com o argumento de falta de informação. O poeta diz que não julga os mais velhos, mas, por outro lado, ele também tem uma atitude pedagógica, diz que vai cobrar da sua geração e dele mesmo.

A preocupação com a população da periferia, especialmente com as crianças, jovens e com as pessoas mais velhas, é tema recorrente na poesia de Kenyt, que evidencia a rede de relações construída nessa posição “periférica”. Quando ele fala da necessidade de “salvar” os que seguiram outros caminhos, como o da violência e das drogas, e de mostrar outras possibilidades, deixa explícito que elas existem. Neste sentido, mesmo partindo da mesma posição na rede, duas pessoas podem construir configurações sociais totalmente diferentes, como já dizia Elias (1994). A seguir, diferentes pessoas aparecem na poesia de Kenyt, demonstrando um pouco de suas redes de interdependência:

(...) é por amor, tio, pelas crianças,  
 pelos Pretin, pelas pretinha  
 pelos nego véio, pelas tia da Vila  
 e principalmente pelos vapô<sup>80</sup>,  
 que estão a todo vapor  
 nas lojinha  
 de pés no chão descalço  
 só com a cara a coragem  
 a missão é buscar um por um  
 até que essa guerra acabe  
 É O Resgate do Soldado Ryan?  
 não, é o resgate do Alerson, do meu Mano Joe e do primo Wagner  
 realidade irmão, a rua não é Hollywood,  
 inspiração pros irmão nunca foi Peter Pan  
 Eles era fã de Robin Hood!  
 Miséria traz tristeza,  
 em excesso gera revolta. (MESSIAS, 2022, p. 60).

---

<sup>80</sup> Pessoas que vendem drogas.

Nessa poesia, ele fala de maneira solidária de pessoas que fazem parte da sua configuração social, e do que o motiva. Nas mãos das/os poetas, a caneta é uma arma contra muitas das opressões. É arte, é lazer, é luta, é resistência, é compartilhamento, é educação e aprendizado. A necessidade de resistir e lutar por direitos é consequência do desequilíbrio das relações de poder, que pode ser facilmente compreendido observando as configurações históricas, políticas e sociais do nosso país, que se conformou em reproduzir uma lógica colonial, patriarcalista, heteronormativa, branca e eurocentrada, subjugando todas as pessoas que não se encaixam minimamente nesses padrões.

O jovem recebeu essa inspiração, inclusive de pessoas que não estão mais vivas, mas ainda estão presentes em suas redes. Ele usa sua arte para compartilhar a cultura e o conhecimento.

sou Elza, sou Elis, Cidinho e Doca,  
 Drik Barbosa, Emicida, sabotage,  
 minha playlist tem Duda do Marapé até Chico Buarque  
 o mundo é um moinho  
 para nós não tem massagem  
 uma parte Zé povinho  
 faltando com as verdade,  
 eu vim para fazer alarde  
 abalar as estrutura,  
 calar a boca de quem fala  
 que funkeiro não tem cultura.  
 (MESSIAS, 2022, p. 140).

Essa poesia inicia dizendo que ele também é os artistas que escuta. Neste sentido, as identidades são construídas a partir das relações sociais, mesmo nas que acontecem de maneira menos direta, como o apreciador e um artista que não está mais vivo. Kenyt cita nomes do funk, como Daleste<sup>81</sup>, Neguinho do Kaxeta e PP da Vs, que são da periferia de São Paulo e conseguiram notoriedade nacional; cita rappers conhecidos, como Drik Barbosa, Sabotage, Emicida e a dupla Cidinho e Doca; o sambista Adoniram Barbosa, Elza Soares, Elis Regina e, para comprovar a versatilidade, finaliza dizendo que gosta de Duda do Marapé<sup>82</sup> a Chico Buarque, para mostrar que é preconceito dizer que funkeiro não tem cultura.

---

<sup>81</sup> Assassinado em 2013 durante um show. Lembrado e homenageado por muitos artistas da Zona Leste de São Paulo.

<sup>82</sup> Funkeiro do Morro do Marapé, Santos, litoral de São Paulo, assassinado em 2011.

No próximo trecho, o poeta mostra que tem esperança de que esse jogo vire, ou seja, como os artistas, principalmente do rap, que o antecederam e como os outros poetas/*slammers* que seguem nessa luta, há crença na possibilidade de reverter a balança de poder.

Mas boto fé que uma hora o jogo vira  
e é nós da rua quem vai fazer virar  
pode acreditar, nós tá no jogo  
a esperança é a última que morre,  
mas foi lá na infância onde eu aprendi  
que o último salva todos. (MESSIAS, 2022, p. 61).

A resistência é um dos traços mais sobressalientes dessas/es jovens, das crianças, das mulheres negras e do todo da periferia representado nos *slams* que usam a poesia como forma de disseminar conhecimento e reforçar a necessidade de manter um grupo coeso. Isso é implícito na ambiguidade dos últimos versos da poesia: “mas foi lá na infância onde eu aprendi que o último salva todos”.

No trecho a seguir, por exemplo, Bixarte ressignifica os termos que geralmente são usados para estigmatizá-la:

Paraparapaparapá  
é o bonde do traveco que chegou pra recitar  
Paparapapapa Paparapatibum  
dizem que tô sozinha, mas eu ando com oxum  
É que eu tô tipo predadora  
fazendo digestão de quem insiste em me atacar

E se tu achas que trava, não é mina,  
cala a boca e arreda o pé! (BIXARTE, 2019, transcrição de vídeo).

Na poesia, os termos “traveco” e “trava”, que são ofensivos e preconceituosos, parecem perder a conotação negativa, talvez porque seja ela quem esteja dizendo e de uma forma leve, sem nenhuma intenção de ofender. Percebo isso como estratégia de resistência, assim como a situação descrita a seguir:

Esta resistência também está em propagar o conhecimento adquirido, ocupar lugares sociais e espaços da cidade onde não são bem-vindos, romper com o padrão branco, heteronormativo de moda, comportamento e disseminar sua cultura:

Somos o que somos, ESTAMOS VIVOS!  
Pretas e pretos estão se amando  
Pulei de alegria quando ouvi isso  
Pulei mais alto quando eu fui à rua

E vi que era mesmo verdade  
 Os black, as tranças, os turbantes, presentes no centro da cidade  
 Acho que é por isso que aumenta o valor da passagem,  
 Dificultam que é para nós não chegar  
 Mas não importa, **nóis é Maloca e se fecharem as portas**  
**Noiz faz arrombar,**  
**eles não suportam a ideia de ter que se misturar**  
**Sabe como é, noiz fala alto,**  
**noiz fala errado, noiz é tumulto**  
 No Guarujá noiz chega com a caixinha de isopor  
 e a caixinha de som e fazendo barulho  
 E eles querem morrer quando avistam a gente de longe,  
 mas noiz é folgado, noiz fecha a cara, noiz passa e fala  
 Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde!  
 Se um elefante incomoda muita gente  
 um preto com autoestima incomoda muito mais.  
 Então, bom dia negô! levanta e anda  
 e mostra pra esses cu como é que faz.  
 e se é para incomodar, desde já  
 Eu deixo o meu grito:  
 Atura ou surta, pois nós ESTAMOS VIVOS! (MESSIAS, 2022, p. 89-

90).

Kenyt fala sobre a necessidade dos corpos negros e periféricos ocuparem as áreas centrais da cidade e não se submeterem aos padrões esperados. Ele vai além quando mostra insubmissão aos hábitos de comportamento esperados, mostra que elas/eles conhecem as “normas sociais”, sabem que devem controlar suas pulsões, mas a insubmissão também é um ato de resistência.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de conclusão, meu objetivo é o de sintetizar quais foram os aspectos das configurações das/os poetas que se relacionavam à dimensão espacial – em especial ao território e à cidade –, como também à educação. Durante este caminho, ficou nítido o quanto a dimensão espacial se intersectava com outras dimensões, como: relações étnico-raciais, condições socioeconômicas, de gênero e orientação sexual, dentre outras que influenciam nas posições e funções que as pessoas ocupam em suas redes.

Trouxe informações sobre a produção de materiais e metodologia ainda na introdução. No capítulo seguinte, trouxe detalhes sobre o *poetry slam* desde a sua origem nas periferias de Chicago, a maior metrópole do mundo, em 1980, até sua chegada em São Paulo, a maior metrópole da América Latina, em 2008, e sua popularização pelas cidades brasileiras, mostrando que se trata, portanto, de um fenômeno essencialmente urbano. Em seus mais de 40 anos de existência, os *slams* se espalharam por diversos países e adquiriram diferentes formas. No caso desta pesquisa, observei suas características no Brasil, o que não invalida características importantes da sua história pelo mundo. Os *slams* encontraram um solo fértil nas periferias brasileiras, especialmente na cidade de São Paulo, onde a cultura hip-hop e os saraus periféricos já fazem parte do cotidiano.

Surgidos como forma popularizada de fazer poesia longe das imposições e barreiras da academia e outros espaços mais formais, e produzindo justamente uma crítica a isso, essa postura ainda encontra eco nas poesias das/dos jovens brasileiras/os. Até os anos 2000, a população negra, indígena e pobre tinha um percentual quase insignificante de acesso ao Ensino Superior e boa parte das pessoas que hoje participam das batalhas são fruto das políticas de ação afirmativa criadas a partir dessa época. Tanto nas falas quanto nas poesias, a valorização da identidade é constante. As/os jovens sabem que os “eus” são fruto dos “nós” e buscam reafirmar a cultura da periferia, seja na maneira de falar, de vestir ou de se comportar.

Entendendo periferia não só como lugar afastado do centro, mas também relacionada com as oportunidades do território ligadas a educação, acesso a serviços, equipamentos públicos, entre outras coisas, os *slammers* utilizam suas posições para propor formas de lazer, cultura e educação acessíveis nesses espaços. Ao mesmo tempo, organizam eventos em locais antes inacessíveis, ocupam áreas centrais,

alteram as paisagens e ocupam espaços negados. Essa mudança na paisagem política se percebe, inclusive, na própria academia, que tem contado com um aumento significativo de pessoas negras e de escola pública, especialmente após a adoção de políticas afirmativas, com destaque especial para a Lei 12.711/12.

Além disso, foi possível perceber, principalmente nos artigos em língua inglesa, que nas escolas de vários países tem havido abertura para o *poetry slam* e os coletivos de jovens das periferias realizarem projetos e colaborarem com a educação.

No Brasil, temos vários projetos vinculando os *slams* à educação, com competições interescolares e uso da poesia marginal por professoras/es em suas aulas, considerando a relação com a cidade. Constatei que há um aumento constante de trabalhos nos últimos anos que, no geral, falam de jovens negras/os das periferias e, em sua maioria, mulheres. Com a maior parte dos trabalhos publicados na área de letras/literatura e ciências sociais, os *slams* são concebidos como espaços abertos e seguros para que sejam questionados os silenciamentos impostos por uma configuração social construída com base no desequilíbrio de poder entre diferentes grupos.

Diferente dos trabalhos localizados nas buscas dos sites de pesquisa, que possuíam objetivos diversos e, em sua maioria, usavam como metodologia a etnografia e as entrevistas, a minha pesquisa se diferencia – também pela condição imposta pela pandemia da Covid-19 – por usar as próprias letras das poesias, as batalhas online, as redes sociais e outros materiais disponíveis na internet. A partir do inventário de poesias que falavam de cidade, acessadas no período da pesquisa, tentei captar a percepção das/dos jovens sobre seus territórios e a forma como vivenciam a periferia em diferentes regiões do país, mostrando suas especificidades, mas principalmente, que suas configurações sociais individuais são tecidas nos processos sociais que resultam da construção histórica e social do país e das cidades.

A análise do corpus empírico da pesquisa deixa evidente que as/os poetas são fruto do seu tempo, dos espaços que participam e de suas configurações sociais, um conjunto de condições resultante de um processo social que passou por diversas mudanças e ainda guarda resquícios de cada uma delas na construção histórica, étnica e cultural da população. Portanto, a condição atual das periferias brasileiras decorre de um processo histórico e social que vem ocorrendo desde a colonização do país. A educação, entendida de forma ampla, é parte dos *slams* em todas as etapas,

no processo de criação das poesias, nas relações sociais que possibilitam trocas, nos conhecimentos compartilhados nas batalhas, no incentivo à leitura, à escrita, noções de arte, política, atualidades, entre outras coisas.

A invasão dos Europeus a partir do século XVI e o lugar privilegiado ocupado por eles na configuração social brasileira possibilitaram a construção de uma imagem estabelecida, ignorando a existência das populações nativas que já estavam aqui e, inclusive, as exterminando. A escravização dos povos originários e o tráfico de pessoas da África mantiveram sua posição na balança de poder, não sem resistência, como mostrei em diversos momentos do texto. A dizimação dos povos indígenas, o tráfico de pessoas da África, a desumanização desses e de seus descendentes, o processo tardio de abolição, a ausência de políticas de reparação e inclusão socioeconômica na sociedade, as políticas eugenistas, enfim, a pauperização e periferização da população negra que predomina até os dias atuais são consequências desses jogos de poder.

Portanto, cada detalhe das condições socioeconômicas, étnico-raciais, territoriais, de gênero e sexualidade foi e continua sendo tecido por esses processos e são mostrados nos materiais produzidos e analisados, nos quais as/os jovens *slammers* ocupam a posição de jogadores conscientes que se posicionam, avançam, ocupam os espaços, denunciam, reconhecem as lutas ancestrais e continuam tentando causar algum tipo de mudança nessa configuração reticular e mutável. Dessa forma, elas/es se posicionam no jogo, conhecendo sua condição de *outsider*, falam sobre os efeitos dos estigmas em suas vidas e de seus pares, mas também mostram que conhecem os pontos de tensão, as formas de resistência, como os quilombos, os movimentos negros e as associações. Também conhecem e divulgam as figuras que conquistaram espaço na educação, na política, na arte e que servem de exemplo, ainda que muitos tenham perdido suas vidas.

A força destas/es jovens é evidenciada em suas poesias quando mostram e convidam outras pessoas a ter autoestima, quando estudam e incentivam a educação, quando ocupam e convidam outras pessoas da mesma origem a ocupar os espaços negados, quando denunciam a violência e o racismo institucionalizado e quando dizem que suas canetas são arma e mostram que, com um objeto simples, travam sua luta e provocam desequilíbrio de poder. Afinal, levar conhecimento, educação, autoestima e esperança para uma pessoa já faz muita diferença. À primeira vista pode não parecer muito, mas na realidade de suas quebradas, salva vidas. Dessa maneira,

os fenômenos reticulares permitem que em contextos específicos essas pessoas não ocupem mais a condição de *outsiders* e que possuam um acúmulo maior de poder.

Um dos elementos que mais se destacam nas configurações sociais dos jovens das periferias é a solidariedade. Para compensar a ausência do Estado há um fortalecimento dos elos. Os jovens se esforçam para também ser exemplo, porque conhecem a importância da representatividade. Observei vários “eus” que formam um nós, em uma relação construída na identificação com o outro, pessoas que podem nem se conhecer, mas que se reconhecem de se olhar, ao se ouvir, de se ler, sabem que estão ligadas e resistem juntas, ainda que separadas.

As configurações territoriais, em todas as regiões, mostraram ser comum a lógica de organização centro-periferia, assim como as nítidas diferenças de investimentos entre uma área e outra, com ofertas desproporcionais de bens, serviços e equipamentos públicos, condições precárias de transporte e a violência presentes nas periferias. Com variações de uma capital para a outra e peculiaridades regionais, mas com questões comuns que precisam ser pensadas pelo poder público, apontado inúmeras vezes como o estabelecido.

Esta pesquisa desconstrói alguns estereótipos comuns sobre os jovens das periferias. As relações de trabalho ainda aparecem fortemente, mas a cultura, o lazer e a educação não deixam de ser parte do seu cotidiano e alguns fazem disso o seu trabalho. Conhecem sua condição *outsider*, mas não se resignam a ela, todavia parecem estar criando coesão com esse movimento, o que é uma parte importante para desestabilizar a balança de poder. Há casos em que estar vivo já contraria as estatísticas, mas, para esses jovens, isso não basta. Elas/eles ocupam espaços, participam ativamente da vida de suas cidades e comunidades, têm consciência social e política, empatia e solidariedade, e lutam pelos seus direitos.

A consciência social do “nós” enquanto grupo não lhes permite guardar para si o conhecimento adquirido. Transformar em poesia e, no dialeto da comunidade, é uma forma eficaz de fazer com que, no processo, as pessoas da comunidade, cada uma a seu tempo, se modifiquem e aprendam a refletir sobre suas posições e funções sociais e a compreender as relações de poder. Afinal, para Elias, construir conhecimento nas interdependências com outras pessoas faz com que se acumule poder.

Ficou muito explicitado, na pesquisa, essa consciência grupal das/os poetas e o quanto eles exercitam esse olhar multiperspectivacional, também observado por

Elias, de se colocar com mais facilidade do que outros, no lugar de pessoas oprimidas, como, por exemplo, ao se colocarem na posição dos trabalhadores das obras, ou de familiares (da mãe, do irmão, dos mais velhos), das mulheres, LGBTQIAPN+. Mesmo quando tratam de suas condições e problemas pessoais, as/os poetas conseguem perceber quem está junto e sofre mais, como a situação em que MB narra os problemas do transporte público no Acre, mas afirma que é difícil ser motorista e cobrador ao mesmo tempo; ou na poesia de Kaio Garcia, de Curitiba, quando em meio às situações narradas se solidariza com o episódio de violência sofrida pelas/os professores no “Massacre de 29 de abril de 2015”.

Na prática, essas/es jovens alteram a paisagem das cidades, expõem as condições de desigualdade que existem na sociedade, cobram ações políticas e governamentais, cobram editais de financiamento para a cultura, ocupam as escolas levando novas perspectivas e avançam nas críticas dentro e fora destes espaços. Criam uma corrente de resistência, sustentando e dando forças aos seus pares, incentivando a leitura e a educação, a valorização da ancestralidade, das identidades (de gênero, das mulheres negras, travestis, mulheres trans e outras LGBTI+ etc.) e a construção de uma autoestima positiva.

O sentimento de inferioridade e autopercepção negativa ficam evidentes em diversos trechos, mas logo as/os poetas mostram que conseguiram ou estão conseguindo mudar essa condição, sempre inspirados uns nos outros ou em outras pessoas que venceram a estigmatização, estejam elas vivas ou mortas. Suas redes são formadas por artistas, poetas, ativistas, nacionais e internacionais que não estão literalmente presentes em seu convívio diário, mas deixaram reflexões, ideais e obras que inspiram suas vivências. As mudanças também ocorrem na forma como se relacionam e percebem as outras pessoas. Kenyt, por exemplo, mostra vários momentos de mudança quando começa a valorizar sua aparência e a ancestralidade, com a inserção no Slam, ou a partir da conversa com o professor que fala sobre homossexualidade e mudança de postura, quando começa a aprender a conviver com a diferença. A rede desse jovem mostra o impacto da poesia de Cleiton Mendes sobre a vida dele, a importância das pessoas que integram suas configurações, desde os artistas que não estão mais vivos que lhe trouxeram algum ensinamento, até as relações familiares com o irmão, a mãe, a avó e a prima, especialmente. A participação no *Slam* o levou para a Ocupação Mateus Santos e aí também tem uma

rede desenhada por sua poesia que fala de quem lhe deu força, quem lhe inseriu nos projetos etc.

Olhar para o nós não elimina a presença do outro. Mesmo quando o membro do grupo *outsider* se volta para o seu universo e das pessoas que fazem parte dele, é inevitável perceber a presença do estabelecido. Nas poesias, este estabelecido nem sempre precisa ser nomeado, mas em alguns momentos, as/os poetas explicitam quem está ocupando este lugar, principalmente quando falam de racismo, de violência policial ou estatal, da má gestão pública e das características peculiares da política brasileira que abre pouco espaço para que novas pessoas ocupem espaços de poder. Assim se mantém o perfil constante do herdeiro das antigas oligarquias, formado majoritariamente por homens brancos, de classe média ou alta, conservadores que defendem um padrão heteronormativo e que possuem uma percepção específica de quais seriam os comportamentos sociais aceitáveis e dos limites de regulação dos afetos. Dessa forma, rejeitam, punem, perseguem e, em algumas situações, matam o que não se enquadra nos seus padrões. Portanto, a partir da análise dos dados empíricos, encontramos entre os indivíduos ou grupos estabelecidos, os homofóbicos, transfóbicos, machistas, racistas, aporofóbicos, classistas, que possuem alguma condição de poder e promovem ativamente a estigmatização de quem não se encaixa em seus padrões.

As desigualdades estão enraizadas na sociedade brasileira e são reproduzidas em todos os aspectos das configurações sociais, fruto de um processo social no qual o poder esteve majoritariamente nas mãos de grupos hegemônicos, cujos esforços foram direcionados para a manutenção dessa condição que os favorecia. Entretanto, apesar de ainda termos um longo caminho a percorrer, hoje as conquistas dos movimentos sociais nos permitem questionar e denunciar essa situação. Além de se configurarem como espaços culturais e educativos, os *slams* são um exemplo da possibilidade de uma população que foi silenciada por muito tempo conseguir se fazer ser ouvida. Usando as armas que têm, no caso, a caneta e a poesia, a ocupação de espaços e a rede de solidariedade, em um momento histórico em que as desigualdades sociais, raciais, econômicas, de gênero e de sexualidade estão tão extremas a ponto das letras não só falarem sobre isso, mas de serem verdadeiros manifestos que conclamam para mudanças, essas/es jovens "operam" uma outra performatividade, um outro modo de ser e estar no mundo.

As/os *slammers* usam argumentos que demonstram conhecimentos para além do senso comum, comprovados estatisticamente e presentes em debates acadêmicos. Aqueles que ainda não estão, certamente estarão em breve, devido à sua relevância. Isso mostra que, talvez ainda em pequena escala – mas algumas barreiras estão sendo reduzidas –, eles estão conseguindo acessar outros espaços, territórios, conhecimentos e informações, traduzir isso e disseminar nas quebradas. Também estão produzindo e compartilhando o conhecimento que estava fechado naquele espaço e que nunca pareceu útil, ou talvez, só parecesse importante quando se tornava fonte de alguma pesquisa, depois de passar pelo crivo do pesquisador, pela sua forma de interpretar e transmitir o que observou do outro.

Reduzir as barreiras, em certa medida, significa também reconhecer que não precisamos que alguém fale por nós o tempo todo. As/os jovens poetas mostram com suas letras que a periferia também produz conhecimento, mas, mais do que isso, conseguem captar com muito respeito a sagacidade e os modos de viver e compreender o cotidiano dos “tiozinhos” e das “tiazinhas”, dos avôs e das avós, das crianças, dos “vapô”, das “mães solo”, das travestis, das mulheres trans, e de tantos outras personagens reais que performam a vida nas periferias.

Portanto, chego ao fim desta tese satisfeita por ter conseguido identificar todos esses aspectos das configurações sociais das/os jovens poetas pretos de periferias brasileiras das cinco regiões do país, a partir do corpus empírico produzido nesta pesquisa. Isso evidencia a riqueza e o refinamento do que eles têm produzido. De Norte a Sul do Brasil, a periferia está produzindo conhecimento e poder e, mesmo numa condição *outsider*, o jogo continua! Ainda que com as especificidades das configurações de cada cidade e região, estes jovens resistem e lutam contra o racismo, a LGBTI+fobia, o machismo, o classismo, e todas as formas de estigmatização que os atingem por meio da poesia, do conhecimento, da cultura e da educação.

## REFERÊNCIAS

ALCALDE, Emerson (curadoria). **SóFáLá**. 2ª. Ed. São Paulo: RedBull Station Center, 2016.

AMAI. INSCRIÇÃO EDITAL MEMORIAL VIVÊNCIAS | A+. 1 vídeo (29:29 min). Amais, 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=97ERSXg\\_MCA&t=313s](https://www.youtube.com/watch?v=97ERSXg_MCA&t=313s) . Acesso em: 05 ago 2022.

AMANDA MARQUES. 1º Parte / 1º **Slam Alferes Poeta Online** \_ Poeta: Amanda Marques. 1 vídeo (1:44 min) *Slam Alferes Poeta* - Parolin-PR, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHPGRkyCVnw> . Acesso em: 10 fev 2021.

ANDRADE, Luciana Teixeira; SILVEIRA, Leonardo Souza. Efeito-território: explorações em torno de um conceito sociológico. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 13, p. 381-402, 2020.

ANDRADE, Marcelo Correia de. **A questão do território no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 10-135.

BARBOSA, Liége. **Entre peleia e chamego**: Um estudo de práticas, performances e ambivalências em batalhas de poesia do slam no RS. 2020. 234 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

BARBOSA, Liége. **Movimento slam no Brasil e no RS: origens**, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude. In: 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e educação, SBECE. 5º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação, ULBRA, Canoas/RS: PPGEDU, 2019. p. 1-12.

BEAN, Emanuele; BRENNAN, Kate Rybka. Vozes da Juventude: Poesia de Performance como Plataforma para Alfabetização, Criatividade e Engajamento Cívico. **Journal of Applied Research on Children**, v. 5, n. 1, p. 23, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 272 p.

BIBLIOTECA VIRTUAL. **História de São Paulo**. Disponível em: < <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/sao-paulo-historia-de-sao-paulo.php> >. Acesso em: 30 mai. 2021.

BIXARTE. Bixarte - **A paz do preto** - Poetry *Slam* Brasil. 1 vídeo (1:14 min) Abya Yala Poetry *Slam*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KoinjM1yZEc> . Acesso em 03 mar 2022

BIXARTE. *Slam* BR Campeonato Brasileiro de poesia falada. *Slam* BR, 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/watch/live/?ref=search&v=464813237509776> acesso em: 10 jan 2021.

BOUDREAU, Kathryn E. Slam poetry and cultural experience for children. **Forum on Public Policy Online**: a journal of the Oxford round table, v.2009, n.1, p.1-15, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 2017. 117 p.

BRIZOLA, Ana Claudia Antunes; LOURENSO, Bruna. Mulheres nos Slam's: de musas a poetas. **Sociologias Plurais**, v. 6, n. 1, 2020.

BRUNO NEGRÃO; CRISTAL ROCHA. TEM PRETO NO SUL | Poesia de BRUNO NEGRÃO e CRISTAL ROCHA. Bruno Santos, 2018. 1 vídeo (3:05 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EhOIX8ppnIA&t=1s> . Acesso em: 11 fev 2020.

BURGIERMAN, Denis Russo. Um incrível mapa interativo para quem quer entender raça no Brasil. **Super Interessante**, 2015. Disponível em <https://super.abril.com.br/ciencia/um-incrivel-mapa-interativo-para-quem-quer-entender-raca-no-brasil/> Acesso em: 05 abril 2023.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. 300p.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 208 p.

CARRANO, Paulo. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, p. 62-70, 2008.

CAVALCANTI, Joel. Bixarte entra em nova fase. **A União**, João Pessoa, PB. 23 dez. 2022. Cultura, s/p. Disponível em: [https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno\\_cultura/bixarte-entra-em-nova-fase](https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/bixarte-entra-em-nova-fase). Acesso em: 11 abr. 2023.

CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Mapa da desigualdade entre as capitais brasileiras**. São Paulo, 2020.

COLETIVO SLAM DA GUILHERMINA. **Das ruas para as escolas, Das escolas para as ruas**: *Slam* Interescolar SP. 1ª. Ed. São Paulo: Literarua, 2021. p. 8-271.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos Temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199- 214.

COULON. Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. 135 p.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**. V. 32, N. 6, 1991, p. 1241-1299

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: **História da educação dos negros e outras histórias**. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2005. p. 21-33.

CURWOOD, Jen Scott; JONES, Katelyn. A bridge across our fears: understanding spoken word poetry in troubled times. **Literacy**, v. 56, n. 1, p. 50-58, 2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry *slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, 2011. P. 119-126.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**, n. 10, p. 268-286, 2019.

DAYRELL, J. T. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, especial, p. 1.105-1.128, out. 2007. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em 10 mar 2022

DAYRELL, J. T. A escola como espaço sociocultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, p. 21-29, jun. 1996. Disponível em:  
<https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espa%C3%A7o-socio-cultural.pdf> . Acesso em 10 mar 2022

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Editora UFMG, 2005. 136 p.

DIAS, Helena. "O rap mais bonito que tem no Brasil hoje é no Nordeste", afirma a multiartista Bixarte. **Brasil de Fato**, Recife, PE. 20 jul. 2022. Variedades. Disponível em <https://www.brasildefatope.com.br/2022/07/20/o-rap-mais-bonito-que-tem-no-brasil-hoje-e-no-nordeste-afirma-a-multiartista-bixarte#:~:text=Bianca%20Manicongo%2C%20tamb%C3%A9m%20conhecida%20como,art%C3%ADstica%20e%20jovem%20do%20estado>. Acesso em 10 de mar 2023

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 727-759, 2006.

DURKHEIM, Émile. **AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO**. 3ª ed. - São. Paulo: Martins Fontes, 2007. 165 P.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2009. 238 p.

ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. 2008. Edições 70. 202 p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b. 204 p.

ELIAS, Norbert. **Conocimiento y poder**. La Piqueta, 1994a. 231 p.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Bertrand Brasil, 1998. 352 p.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Zahar. 2000. 230 p.

ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios 1**. Zahar, 2006. 238 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996. 639 p.

FELIX, Natália Barreto. OLIVEIRA, Talita de. ALMEIDA, Fabio Sampaio de, GIORGI, Maria Cristina. O gênero poetry slam: reexistência e construção da identidade negra como um grito das vozes do sul. **Revista da Anpoll**, v. 51, n. 2, p. 208-217, 2020.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio. **Matrizes**, v. 14, n. 2, p. 163-179, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143066518010/143066518010.pdf>. Acesso em: 10 jun 2022.

FIRKOWSKI, Olga Lucia Castreghini de Freitas; MOURA, Rosa (Org.). **Curitiba: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2014.

FOERSTE, Gerda Margit Schütz; FERREIRA, Sônia Maria de Oliveira; ULIANA, Dulcemar da Penha Pereira. Cidades e infâncias: a criança vai ao museu. **Educação**, v. 41, n. 2, p. 168-176, 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v41n2/1981-2582-reveduc-41-02-0168.pdf>. Acesso em: 15 jan 2019

FOLHA DE S. PAULO. **Brasil tem 210 grupos de slam, diz torneio nacional de poesia falada**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-molinero/2019/12/brasil-tem-210-grupos-de-slam-diz-torneio-nacional-de-poesia-falada.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Edição XV. São Paulo, 2022.

FREITAS, Daniela da Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea**. 2018. 132 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 2018

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/4tDyMX8Dtz7qnBBCTP7RsQb/?format=html> . Acesso em: 20 jan 2021.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. **Fundamentos de epidemiologia**. 2ª. Ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.

Disponível em:

[http://www2.eerp.usp.br/nepien/disponibilizararquivos/levantamento\\_bibliografico\\_cristianegalv.pdf](http://www2.eerp.usp.br/nepien/disponibilizararquivos/levantamento_bibliografico_cristianegalv.pdf). Acesso em: 10 mai 2019

GAMA, Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA**. 2019. 253 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira. 2019.

GAMA, Danielle. M. H. de Lacerda da; FERNANDES, Diogo Linhares. Slams e espaços educacionais extraescolares. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, MG, v. 19, n. 2, p. 109–122, 2020. DOI: 10.14393/REP-2020-51674. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/51674>. Acesso em: 27 maio. 2021.

GARCIA, Caio. 3º Slam Contrataque (junho 2017) - Kaio Garcia. YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlQXnwCNguU>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xq9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/>. Acesso em: 10 mai 2019.

GONÇALVES, Débora Machado. **A hora da voz é agora: poesia slam em Florianópolis**. 2021. 96 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2021.

GUEDES, Italo de Oliveira; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira; COSTA, Rafaela Rocha da. A juventude vítima de homicídios na cidade de João Pessoa. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 1, 2021.

HONEYFORD, Michelle A.; WATT, Jennifer. Burrowing and becoming: Teaching writing in uncertain times. **Pedagogies: An International Journal**, v. 13, n. 3, p. 260-279, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica**, v. 41, 2019.

IPEA. **Metodologia para a seleção dos municípios participantes do Programa Nacional de Enfrentamento de Homicídios e Roubos**. Nota Técnica nº 55. 2021.

JACCOUD, Luciana. **Racismo e república: o debate sobre o branqueamento e a discriminação no Brasil**. In: THEODORO, Mário et al. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: Ipea, p. 45-64, 2008.

JESUS, Amanda Julieta Souza de. Mulheres negras no Slam das minas BA: um espaço de insubmissão e resistência. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2021.

JESUS, Amanda Julieta Souza de; SOUZA, Florentina da Silva. Poetas negras resistem: interseccionalidade e reexistências no poetry slam. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO: Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama. (Anais) Recife/ PE: Editora Realize, 2019. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO\\_EV129\\_MD4\\_SA31\\_ID1061\\_20082019173609.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO_EV129_MD4_SA31_ID1061_20082019173609.pdf). Acesso em: 10 mai 2020.

JONES, Katelyn; CURWOOD, Jen Scott. Tell the story, speak the truth: Creating a third space through spoken word poetry. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 64, n. 3, p. 281-289, 2020.

JOVEM PRETO REI. #42 Desabafo poético com Jovem Preto Rei. 1 vídeo (3:47 min). Justiça Poética, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WyCVxu6248>

JOVEM PRETO REI. *Slam* da Guilhermina - Jovem Preto Rei "Menor não larga o estudo". 1 vídeo (2:47 min). *Slam* da Guilhermina, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yzpvbiQf-3w&t=8s>. Acesso em: 10 fev 2020.

KAIO GARCIA. 3º *Slam* Contrataque (junho 2017) - Kaio Garcia. 1 vídeo (2:45 min). *Slam* Contrataque, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlQXnwCNguU&t=90s> . Acesso em 10 fev 2020.

KOWARICK, Lucio. **Viver em risco**. Sobre a vulnerabilidade socioeconomia e civil. São Paulo: Editora 34, 2009. 320 p.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 96 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997. 179 p.

LUCAS DEALIS. *Slam* Interescolar - Seletiva - chave B. 1 vídeo (1h43min) *Slam* da Guilhermina, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6tTrH7xHLkA>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LUCAS PENTEADO. Ator da Globo, Lucas Penteado Kóka, mandando a mensagem no *Slam*. 1 vídeo (2:12 min) Daniel GTR, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86Lm7KbUI8M> .Acesso em: 10 Mar 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/vgyqN9fNjSThKjGQ4j7Hm8r/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, v. 35, p. 191-203, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616106>. Acesso em 10 mai 2019.

MAIA, Doralice Sátyro. Habitação popular e o processo de periferização e de fragmentação urbana: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB. **Geosul**, v. 29, n. 58, p. 89-114, 2014.

MARCÍLIO, Carolina Marinho. MARTINS, Elisamar Pereira. GIORGI, Maria Cristina. SILVA, Luciana de Mesquita. Da (re) existência à escrevivência da mulher negra: poesia slam como forma de resistência. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 24, p. 374-394, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8085546>. Acesso em: 30 mar 2020.

MARIANA FÉLIX. E a poesia marginal explica: Foi o Hip-Hop e não os decassílabos dos Lusíadas Que fez muito moleque que hoje escreve enfim parar de cheirar cocaína. 1 vídeo (2:28 min) Jul 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1079529665427336> Acesso em: 10 Mar 2020.

MARIANA FÉLIX. Mariana Felix - São Paulo. 1 vídeo (4:22 min) Dez, 2018. Mariana Félix. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DvFzkzt8bUE>. Acesso em: 10 fev 2020.

MARQUES, Hercules da Silva. **Jovem Preto Rei: Nascido para vencer**. 1ª. Ed. São Paulo: SB Edições, 2019. p. 7-172.

MATEUS BRITO MB. *Slam-Central - Mateus MB - Rio Branco-Acre 15-01-19*. 1 vídeo (1:21 min) CassisPlay, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=au3v8pnflrq>. Acesso em 20 mar 2022.

MELO, Carolina Nascimento de. **A encruzilhada e as possibilidades do protagonismo da juventude negra**: o caso do Slam da Guilhermina. 2021. 200 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2021.

MEYER, Dagmar Estermman. Aboradagens pós-estruturalista em pesquisa na interface educação, saúde, gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MESSIAS, Humberto Marques de. *Inté aqui pode me chamar de Kenyt*. 1. ed. São Paulo: Disparo Edições, 2022. 175 p.

MIDRIA. Eu sou a menina que nasceu sem cor. 1 vídeo (1:31 min). Manos e Minas, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ> Acesso em: 01 nov 2020.

MIDRIA. SóFáLá. São Paulo. Red Bull Station. 2019. (Folder de divulgação do Evento)

MIDRIA. Vencedores *slam* de poesia Sófálá 2018: Midria. 1 vídeo (2:28 min). SóFálá RedBull FrancaMente, 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M5aMP0dl-Oc>. Acesso em: 10 jun 2020.

MIRANDA, Claudia de Azevedo. **Aubervilliers e Cooperifa**: o olhar pósurbano da periferia sobre a cidade. 2015. 122 f. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUCRio. Rio de Janeiro. 2015.

MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro-Série Princípios. São Paulo: Editora Ática SA, 1992, 84 p.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1988. 250 p.

NASCIMENTO, Maria Aline Sabino. **“Poesia que não mata, mas salva pro outro dia”**: Performance, cotidiano e negritudes nas batalhas poéticas de slam. 2020. 128 f. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

NEIBURG, Frederico. **Sociologia nas relações de poder de Norbert Elias**. Apresentação à Edição brasileira. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Zahar. 2000. p. 7-11.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Slams*-Ietramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'água**, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê denuncia 316 mortes e violências de pessoas LGBT em 2021**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 8 abr. 2023.

OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 69-81, 2019.

ORNAT, Marcio José. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. **Espaço e cultura**, n. 27, p. 75-88, 2010.

PASSIANI, Enio. Não existe pecado abaixo do Equador? algumas considerações sobre o processo de formação da sociedade de corte no Brasil (1808-1889). **Sociedade e Estado**, v. 27, p. 571-593, 2012.

PAULA, Luciane de; LOPES, Ana Carolina Siani. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. *Revista Linguagem*, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020.

PAZINATTO, Fabrícia Bittencourt. Poetry Slam: **A poesia oral como signo de afirmação identitária e ressignificação histórica de mulheres negras**. 2021. 341 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2021.

Perfil da população carcerária brasileira. Politize! 2022, disponível em <<https://www.politize.com.br/populacao-carceraria-brasileira/>> Acesso em: 05 abril 2023

POETA GABRIELA. poetagabriela *slam* das gurias 3ª edição cwb. 1vídeo (1:49 min). Nica Chaves, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBwHxmPUg3Q> . Acesso em: 11 fev 2020.

PORTAL APRENDIZ UOL. **Slam: um manifesto poético liderado pelas juventudes das periferias**. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/08/12/slam-um-manifesto-poetico-liderado-pelas-juventudes-das-periferias/>> . Publicado em 12/08/2019 Acesso em: 31 mai. 2021. PORTO ALEGRE, v. 41, n. 02, p. 168-176, mai./ago. 2018

PRATES, Maíne Alves. Ensaio de um olhar afrocentrado sobre a juventude negra no slam de Porto Alegre. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021.

PRONI, Marcelo Weishaupt; CUNHA, E. M. G. P. D. **MAPA DA JUVENTUDE DA CIDADE DE SÃO PAULO**: Relatório Final. 1. ed. São Paulo: UNICAMP, 2014. p. 1-489.

REMY, Jean. L'espace, un objet central de la sociologie, Toulouse, Erès, coll. « **érès poche** - Sociétés urbaines et rurales », 2015, 183 p.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **A metrópole: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles: FASE: Fundação Perseu Abramo, 2004

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia**, Ribeirão Preto, p. 15-30, 1993. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR, Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**, n. 06, p. 43-66, 2001.

ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. SECAD: Brasília, 2005.

RUDD, Lynn L. Just *slammin!* Adolescents' construction of identity through performance poetry. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 55, n. 8, p. 682-691, 2012.

SABOIA, Luciana; SANDOVAL, Liz. A cidade é uma só? Luta por reconhecimento na relação centro-periferia em Brasília. **III SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS**. Anais. Salvador-BA, 2012.

SANTOS, Célio José dos. Juventude e educação não-formal: Uma análise das práticas educativas do/no hip-hop soteropolitano. **Cidades, comunidades e territórios**, n. 24, 2012. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9087>. Acesso em 10 mai 2019.

SANTOS DRUMOND. Slam da Guilhermina – agosto. 1 vídeo (2h20:03 corte: 1:41:30 – 1:44:08). Slam da Guilhermina, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l8m4kl-xzsA&list=PLR7AbFHctIFgoejTCppEkJA7Y-Rv4J5wZ&index=14>. Acesso em: 10 fev 2021.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930-1961: escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR**, n. 22, 2006. P. 131-149. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10\\_22.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf). Acesso em: 05 set 2022.

SANTOS, Marcia Cristina. **Curitiba em preto e branco**: Infância, espaço e relações étnico-raciais na cidade modelo. 2018, 185 f. Universidade Federal do Paraná - Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, Curitiba, 2018.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 95-96.

SANTOS, Natielly de Jesus. O Slam do Corpo e a representação da poesia surda. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688>. Acesso em: 05 jun 2020.

SANTOS, Tatiane Pereira dos. **Reescrevendo a vida através da poesia marginal**: juventude (s) das periferias, experiências educativas e estéticas no Sarau da Onça. 2020. 198 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC do Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Salvador. 2020.

SCOTT, W. Clayton. *Slamming Arkansas Schools!* **Teaching Artist Journal**, v. 8, n. 2, p. 88-95, 2010.

SIERRA, Jamil Cabral. Gênero, performatividade e a experiência trans. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 6, n. 21/22, p. 29-38, 2011.

SILVA, Caio Ruano da. **Slam poetry**: poesia performática, política e educação. 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2020.

SILVA, Caio Ruano da; LOSEKANN, Cristiana. SLAM POETRY COMO CONFRONTO NAS RUAS E NAS ESCOLAS. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020.

SILVA, Manuel Carlos, BESSA, Luiz Fernando Macedo. VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. MAKIUCHI, Maria de Fátima Rodrigues & RIBEIRO, Fernando Bessa. Brasília: do desenho 'utópico' de cidade 'harmoniosa' ao pesadelo de metrópole desigual e segregadora de 'periferias'. **Revista CEAM**, n. 6, v. 2, ago./dez 2020.

SILVA, Patrícia Pereira da; KLEIN, Geane Valesca da Cunha. "Da palavra à estética, a periferia é poética!": a poesia marginal de Mel Duarte enquanto uma prática de resistência e reexistência. **Travessias**, v. 14, n. 2, p. 251-266, 2020. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25525>. Acesso em: 10 mai 2021.

SLAM BR. Slam BR Campeonato Brasileiro de poesia falada. Slam BR, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=search&v=464813237509776> acesso em: 10 jan 2021.

SMPIR. IGUALDADE RACIAL EM SÃO PAULO: AVANÇOS E DESAFIOS. Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial do Município de São Paulo. 2015. 16 p. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade\\_racial/arquivos/Relatorio\\_Final\\_Virtual.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf). Acesso em 15 mar 2020.

SOARES, Cibele Moni. **A voz das ruas**: resistência negra e feminina no Poetry Slam. 2021. 124 f. (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021.

SOARES, Leandro Lopes; SILVA, Cássia da; LIMA, Cícera Janaína Rodrigues. Em apenas três minutos: o slam e literatura afrofeminina na performance de Gabz. **Revista Entrelaces**, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60988/1/2021\\_art\\_lsoares\\_csilva\\_cjrlima.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60988/1/2021_art_lsoares_csilva_cjrlima.pdf). Acesso em: 10 jun 2022.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções**. Editora Universitária UFPE, 2005. 129 P.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

SOUZA, Tiago Barbosa. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2011. 137 f.

Sposito, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação, **Revista Brasileira de Educação**, n. 05, São Paulo, 1997. p. 37-52.

SPARKS, Barbara; GROCHOWSKI, Chad. In: Seminario Científico Sobre La Calidad De La Educación. Matanzas, Cuba. 2002. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED474559.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

STELLA, Marcello Giovanni Poci. A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 17, 2015.

TAPIE, Guy. Sociologia do espaço: modelos de interpretação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 47, p. 370-391, jan./2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/79yBWq7gcd3vmrCHhShLPcB/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 8 set. 2022.

VAZ, S. **Flores de alvenaria**. 1. ed. São Paulo: Global, 2016.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**: história de um povo lindo e inteligente. São Paulo: Global Editora, 2011.

VELHO BANZO. 1. Velho Banzo – Interlúdio (Tudo Pelos Pretos). 1 vídeo (1:44 min). Hate RCT, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Wz7NH65\\_YLc](https://www.youtube.com/watch?v=Wz7NH65_YLc). Acesso em 20 mar 2022.

VELHO, Gilberto. Estranhando o familiar. In: \_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VIANA, Lidiane. **Poetry slam na escola**: embate de vozes entre tradição e resistência. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

VIEIRA, Daniela Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VOLMER, Lovani; SILVA, Suzana Souza da; CONTE, Daniel. *Slam*: poesia e performance de resistência. **Revista Desenredo**, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10348>. Acesso em: 31 maio. 2022.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. 586 p.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida** [1938]. In: VELHO, Otávio (Org.). **O Fenômeno Urbano**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 90-113.

Z MATÉRIAS. **“Eu acredito na arte como uma forma de educação”, diz Beká, o poeta funkeiro.** Disponível em: < <https://kondzilla.com/m/eu-acredito-na-arte-como-uma-forma-de-educacao-diz-beka-o-poeta-funkeiro> >. Publicado em 05 jul de 2019. Acesso em: 2 jun. 2021.

## ANEXO 1 QUADROS E TABELAS

QUADRO: QUADRO DE TEMAS ABORDADOS NAS POESIAS POR CIDADE/ESTADO/REGIÃO (GERAL)

REGIÃO	ESTADO	CIDADE	POETAS	NÚMERO DE POESIAS	PRINCIPAIS TEMAS
Sul	Paraná	Curitiba	Kaio Garcia	1	Cidade, pobreza, racismo, machismo, violência policial, homofobia, segregação
			Amanda Marques	1	Cidade, pobreza, educação, violência, violência policial, racismo, crítica ao ativismo virtual
			Gabriela	1	Cidade, periferia, pobreza, educação, machismo, violência, crítica ao ativismo virtual e acadêmico
	Rio Grande do Sul		Bruno Negrão e Cristal Rocha	1	Segregação, racismo, pobreza, violência
			Jovem Preto Rei	2	Cidade, redes de interdependência, educação, pobreza, racismo,
Centro-Oeste	Distrito Federal	Brasília	Banzo	2	Cidade, pobreza, racismo, violência policial, machismo, religião, política,
Nordeste	Paraíba		Bixarte	3	Favela, gênero, geracional, orientação sexual, falta de acesso à educação, transfobia e racismo, crítica ao ativismo virtual, machismo, pobreza
Norte	Acre	Rio Branco	MB	4	Periferia, favela, religião, pobreza, fogo na floresta, educação, política, racismo, violência policial
Sudeste	São Paulo	São Paulo	Cleyton Mendes	1	Cidade, pobreza, Ancestralidade, violência policial, racismo, educação, redes de interdependência
			Kenyt	8	Cidade, periferia, pobreza, racismo, machismo, geração,
			Santos Drumond	1	Cidade, educação, resistência, racismo, identidade, pobreza, redes de interdependência
			Midria	2	Cidade, pobreza, educação, violência, segregação,
			Mariana Felix	1	Cidade, pobreza, racismo, machismo, redes de interdependência, violência policial

ELABORADO PELA AUTORA (2021)

### ARTIGOS SELECIONADOS NA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

N	TÍTULO	ÁREA	ANO	PALAVRAS-CHAVE	QUALIS
---	--------	------	-----	----------------	--------

1	A Batalha da Poesia.... O <i>slam</i> da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo.	Antropologia urbana	2015	batalhas de poesia, literatura marginal, cultura popular, <i>slam</i> , periferia	A3
2	GAMA, Danielle MHL da. Relatos de campo em batalhas de poesia: Dinâmicas de lugar e o <i>slam</i> que (não) aconteceu.	Antropologia Urbana	2020	<i>slams</i> , batalhas de poesia, estudos de performance, Salvador, lugar	A3
3	<i>SLAM</i> : voz de levante.	Artes cênicas, artes visuais, arte Educação	2019	Voz de levante. <i>Poetry slam</i> . Poesia falada.	B3
4	Palavra, Profanar e (Re) existir no Espaço Público: Corpos Dissidentes no Centro de São Paulo	Ciências da Comunicação (Congresso)	2019	corpo; <i>poetry slam</i> ; culturas urbanas; espaço público; queer	
5	"A favela está passando a mensagem" - construções de novas narrativas no complexo do Alemão	Ciências humanas	2021	<i>Slam</i> ; Favela; Juventudes; Poesia.	NÃO POSSUI
6	O <i>Slam</i> do Corpo e a representação da poesia surda	Ciências humanas	2018	<i>Slam</i> do Corpo. Poesia surda. Arte-política.	B4
7	Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio.	Comunicação	2020	Comunicação, cultura urbana, <i>poetry slam</i> , hip hop, gênero	A1
8	<i>Slams</i> e espaços educacionais extraescolares.	Educação	2020	<i>Slam</i> . Juventude. Educação.	B1
9	<i>Slam</i> poetry como confronto nas ruas e nas escolas.	Educação	2020	<i>Slam</i> poetry. Práticas artísticas. Práticas educacionais	A1

10	Movimento <i>slam</i> no Brasil e no RS: origens, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude.	Educação (Seminário)	2019		
11	O <i>slam</i> , a juventude e a cidade: relações com a diferença e a descolonização do saber.	Educação (Seminário)	2019		
12	“Da palavra à estética, a periferia é poética!”: a poesia marginal de Mel Duarte enquanto uma prática de resistência e reexistência	Educação, cultura, linguagem e artes	2020	Poetry <i>slam</i> ; resistência e reexistência; literatura marginal-periférica; Mel Duarte	B1
13	<i>Slam</i> : poesia e performance de resistência.	Letras	2020	<i>Slam</i> . Vozes. Performance. Polifonia.	A2
14	Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry <i>slam</i> entra em cena	Letras	2011	poetry <i>slam</i> , poesia falada, performance, autorrepresentação	B3
15	Em apenas três minutos: o <i>slam</i> e literatura afrofeminina na performance de Gabz.	Letras	2021	Literatura Afro-feminina Resistência <i>Slam</i> Gabz	B1
16	Poesia feminina: considerações sobre o <i>slam</i> na cultura contemporânea	Letras	2020	Poesia; cultura; <i>Slam</i> ; poetas.	A2
17	Se a aula é de poesia, que tal uma experiência literária com o poetry <i>slam</i> ?	Letras	2020	Poetry <i>Slam</i> . Ensino de Poesia. Proposta didática.	A4
18	O gênero poetry <i>slam</i> : reexistência e construção da	Letras e linguística	2020	<i>Slam</i> ; Gênero do Discurso; Reexistência; Identidade Negra; Vozes do Sul	A2

	identidade negra como um grito das vozes do sul				
19	Das vozes insurgentes no movimento poetry <i>slam</i> à reexistência do <i>slam</i> das minas: a estética da poesia da quebrada pelas manas, monas e monstras.	Letras e linguística	2020	performance; poética. poetry; <i>slam</i> ; reexistência; voz feminina.	A4
20	<i>Slams</i> -letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo	Língua portuguesa e Ensino	2017	<i>slam</i> , <i>slammer</i> , poesia oral, poesia performática, letramentos de reexistência.	A3
21	La explosión de los <i>slams</i> de poesía hablada en Brasil.	Literatura	2020	literatura periférica; poesia brasileira; poesia falada; batidas de poesia	A3
22	<i>Slam</i> Resistência: poesia, cidadania e insurgência.	Literatura	2020	<i>slam</i> , poesia, cidadania.	A1
23	Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo.	Literatura	2016	literatura marginal; sarau; <i>slams</i> de poesia; circulação da literatura	A1
24	Da (re) existência à escrevivência da mulher negra: poesia <i>slam</i> como forma de resistência.	Literatura	2020	escrevivência, mulher negra, poesia <i>slam</i> , linguagem-intervenção, "Na ponta do abismo".	A3
25	Poetas negras resistem: interseccionalidade e reexistências no poetry <i>slam</i> .	Literatura	2019	Experiência, Literatura Negra Feminina, Poetry <i>Slam</i> , Interseccionalidade	
26	O que a juventude negra	Psicologia	2021	<i>Slam</i> ; Juventude Negra; Psicologia Social;	A1

	do <i>slam</i> tem a dizer para a psicologia social?"			Afrocentricidade; Pluriversalidade	
27	Mulheres nos <i>Slam's</i> : de musas a poetas.	Sociologia	2020	Mulheres nos <i>Slam's</i> : de musas a poetas	B4
28	<i>Slam</i> Poetry: An Artistic Resistance Toward Identity, Agency, and Activism	Equity & Excellence in Education	2016	Poetry, Activism, Self Concept, Poets, Language Role, Teaching Methods, Authors, Personal Autonomy, Dialogs (Language)	
29	<i>Slam</i> Poetry and Cultural Experience for Children	Educação	2009	Audience Participation, Poetry, Emergent Literacy, Culturally Relevant Education, Intellectual History, Course Content, Instructional Design, Literary Styles, Teaching Methods, Audience Response, Instructional Effectiveness	
30	Youth Voices: Performance Poetry as a Platform for Literacy, Creativity, and Civic Engagement	Educação	2014	Youth, Poetry, Oral Language, Performance, Competition, Writing Instruction, Creative Activities, Self Expression, Creativity, Communication Skills, Outcomes of Education	
31	Tell the Story, Speak the Truth: Creating a Third Space through Spoken Word Poetry	Literatura	2020	Poetry, Teaching Methods, Foreign Countries, Workshops, Culturally Relevant Education, Critical Literacy, Student Diversity, Literacy Education	
32	<i>Slamming</i> Arkansas Schools!	Educação	2010	Poesia, Escrita Criativa, Ensino Médio, Atividades Criativas, Competição, Interpretação Oral, Instrução de Redação	
33	Burrowing and Becoming: Teaching Writing in Uncertain Times		2018	Writing Instruction, Teaching Methods, Professional Identity, Self Concept, Authors, Poetry, Films, Story Telling, Criticism, Writing	

				Teachers, Attitudes, Language, Mapping, School Teachers, Indigenous Populations	Teacher Figurative Concept Secondary Teachers,
34	Just " <i>Slammin!</i> " Adolescents' Construction of Identity through Performance Poetry	Educação	2012	Student Poetry, Observation, Case Studies, Urban Schools, High School Students, Academic Achievement, Interviews, Group Experience	Attitudes, Participant Poets, Self Concept, Literacy, Urban Schools, High School Academic
35	A Bridge across Our Fears: Understanding Spoken Word Poetry in Troubled Times	Educação	2022	Oral Language, Activism, (Psychology), Structure, Autonomy, Countries, COVID-19, Pandemics	Poetry, Identification (Psychology), Power Personal Foreign Story Telling, COVID-19, Pandemics
36	Narratives of youth: cultural critique through spoken word	Educação	2002	Cultural Discourse, Educational, Popular Culture, Writing Workshops, Programs	Context, Communities, Educational Benefits, Youth Writing Programs

Fonte: Elaborado pela autora: 2022

#### TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

TÍTULO	AUTOR(A)	ÁREA	INSTITUIÇÃO	TIPO	ANO	PALAVRAS-CHAVE
Ensaio Sobre O Rap E O <i>Slam</i> Na São Paulo Contemporânea	Daniela Silva De Freitas	Letras	PUCRJ	Tese	2018	Hip-Hop; Rap; <i>Slam</i> ; Performance; Poesia.

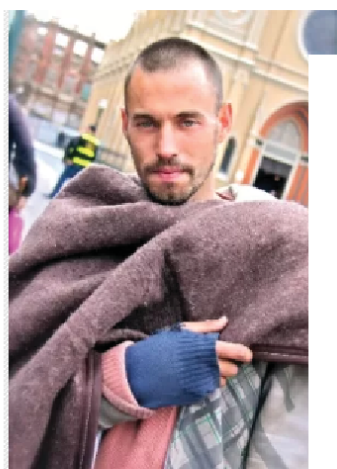
Entre Peleia E Chamego: Um Estudo De Práticas, Performances E Ambivalências Em Batalhas De Poesia Do <i>Slam</i> No Rs	Liége Freitas Barbosa	Educação	UFRGS	Tese	2019	Estudos Culturais Em Educação. Poetry <i>Slam</i> . Poesia <i>Slam</i> . Literatura Marginal. Poesia Marginal. Performance. Juventude. Ambivalência.
A Poesia Oral Como Afirmação Signo De Afirmação Identitária De Histórica De Mulheres Negras	Fabrcia Bittencourt Pazinato	Letras	UFES Vitória	Tese	2021	Feminismo Negro; Identidade; Interseccionalidade; Poesia <i>Slam</i> ; Resistência
A Hora Da Voz É Agora: Poesia <i>Slam</i> Em Florianópolis	Débora Machado Gonçalves	Literatura	UFSC Florianópolis	Tese	2021	Poesia <i>Slam</i> . Literatura Marginal. Spoken Word. Poesia Oral.
“Poesia Que Não Mata, Mas Salva Pro Outro Dia”: Performance, Cotidiano E Negritudes Nas Batalhas Poéticas De <i>Slam</i>	Maria Aline Sabino Nascimento	Antropologia Social	MUSEU NACIONAL/ UFRJ	Dissertação	2020	Negritude; Oralidade; Corporalidade; Ancestralidade; Cotidiano; Performance
A Encruzilhada E As Possibilidades Do Protagonismo Da Juventude Negra: O Caso Do <i>Slam</i> Da Guilhermina	Carolina Nascimento De Melo	Sociologia	UFSCAR/ São Carlos	Dissertação	2021	<i>Slam</i> Da Guilhermina; Circuito Da Cultura; Protagonismo Da Juventude Negra; Cultura
A Performance Na Cantoria Nordestina E No <i>Slam</i>	Tiago Barbosa Souza	Letras	UFCE/ Fortaleza	Dissertação	2011	<i>Slam</i> , Cantoria, Performance, Oralidade.
A Voz Das Ruas : Resistência Negra E Feminina No Poetry <i>Slam</i>	Cibele Moni Soares	Letras	PUCRS/ Porto Alegre	Dissertação	2021	Poetry <i>Slam</i> . Literatura Marginal. Mulheres Negras. Performance. Resistência.
A Voz E A Vez	Danielle	Ciências	UFRB/	Dissertação	2019	Batalhas De

De Dizer: Batalhas De Poesia Em Comunidades De Periferias Em Salvador/Ba	Marcia Hachmann De Lacerda Da Gama	Sociais	Cachoeira – BA			Poesia; Periferias; Salvador; Performance.
Aubervilliers E Cooperifa: O Olhar Pós-Urbano Da Periferia Sobre A Cidade	Claudia De Azevedo Miranda	Letras	PUCRJ	Dissertação	2015	<i>Slam</i> ; Saraus; Cooperifa; Literatura Marginal; Literatura Periférica; Performance; Vozes Subalternas
Mulheres Negras No <i>Slam</i> Das Minas Ba: Um Espaço De Insubmissão E Resistência	Amanda Julieta Souza De Jesus	Letras	UFBA/Salvador	Dissertação	2021	<i>Slam</i> Das Minas Ba; Escritoras Negras; Gênero/Raça; Poetry <i>Slam</i> ; Performance Literária.
Ensaio De Um Olhar Afrocentrado Sobre A Juventude Negra No <i>Slam</i> De Porto Alegre	Maíne Alves Prates	Psicologia Social	UFRGS/ Porto Alegre	Dissertação	2021	Juventude Negra; <i>Slam</i> ; Escrivivência ; Tradição Oral; Afrocentricidade.
O <i>Slam</i> No Ensino Fundamental Numa Escola Do Município De Sítio Novo Do Tocantins	Joselice Pereira Dos Santos	Letras	UFT/ Araguaína - TO	Dissertação	2021	<i>Slam</i> . Leitura. Performance. Produção De Poesia. Letramento Literário
Poetry <i>Slam</i> Na Escola: Embate De Vozes Entre Tradição E Resistência	Lidiane Viana	Letras	UNESP/Assis	Dissertação	2018	Poetry <i>Slam</i> . Batalha De Poesia. Embate De Vozes. Círculo De Bakhtin. Ensino De Língua Portuguesa.
Poetry <i>Slam</i> : Uma Experiência Com A Linguagem Poética E Seus Vínculos Com A Cultura E	Lucimar Américo Dantas	Letras	UFU/ Uberlândia – MG	Dissertação	2019	Letramento Literário. Poesia. Poetry <i>Slam</i> .

A Vida						
Reescrevendo A Vida Através Da Poesia Marginal: Juventude (S) Das Periferias, Experiências Educativas E Estéticas No Sarau Da Onça	Tatiane Pereira Dos Santos	Educação	UNEB/ Salvador	Dissertação	2020	Juventude (S). Periferia. Sarau Da Onça. Educação Popular. Estética Da Libertação.
<i>Slam</i> Poetry: Poesia Performática, Política E Educação.	Caio Ruano Da Silva	Ciências Sociais	UFES/ Vitória	Dissertação	2020	<i>Slam</i> Poetry. Política. Educação. Institucionaliz ação.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

## ANEXO 2 – IMAGEM DE NOTÍCIA CITADA



Mendigo faz sucesso em redes sociais após ser fotografado em Curitiba por internauta  
Imagem: Reprodução/Facebook

### "Mendigo de Curitiba" é conhecido por moradores do centro da cidade e seria usuário de crack

Carlos Kaspchak  
Do UOL, em Curitiba  
18/10/2012 08h52

Depois de virar um dos assuntos mais comentados do Facebook, nesta quarta-feira (17), após ter uma foto sua compartilhada cerca de 37 mil vezes, o homem que vem sendo chamado nas redes sociais de o "mendigo de Curitiba" virou alvo de especulações. A reportagem do **UOL** foi até a praça Tiradentes, local no centro da capital paranaense onde a foto foi feita, para conversar com usuários de drogas, comerciantes e integrantes do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e descobriu que o rapaz é conhecido na região.

Segundo o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), que auxilia moradores de rua, ele chegou a ser encaminhado para a Casa de Acolhimento São José. "O problema dele é o crack", afirmou Regiane da Silva Keppe, integrante da organização.